KRISHNAMURTI

A PRIMEIRA E ÚLTIMA LIBERDADE

prefácio de

ALDOUS HUXLEY

CULTRIX

J. KRISHNAMURTI

A PRIMEIRA E ÚLTIMA LIBERDADE

Prefácio de
ALDOUS HUXLEY

Tradução de
HUGO VELOSO

EDITORA CULTRIX
São Paulo

ÍNDICE

PREFÁCIO

O homem é um anfíbio que vive simultâneamente em dois mundos — o mundo da realidade e o mundo por êle próprio fabricado — o mundo da matéria, da vida e da consciência, e o mundo dos símbolos. Quando pensamos, fazemos uso de grande variedade de sistemas de símbolos: lingüísticos, matemáticos, pictóricos, musicais, ritualísticos. Sem êsses sistemas de símbolos, não teríamos arte, nem ciência, nem lei, nem filosofia, nem sequer os rudimentos da civilização; em outras palavras, seríamos animais.

Os símbolos, portanto, são indispensáveis. Como demonstra, porém, farta e claramente a história de nossa época e de tôdas as outras épocas, os símbolos também podem ser fatais. Considere-se, por exemplo, de um lado o domínio da ciência, e do outro o domínio da política e da religião. Pensando de acôrdo com um conjunto de símbolos e agindo em reação a êle, chegamos a compreender e a governar, em escala modesta, as fôrças elementares da natureza. Pensando de acôrdo com outro conjunto de símbolos e agindo em reação ao mesmo, utilizamos essas fôrças como instrumentos de massacre e de suicídio coletivo. No primeiro caso, os símbolos interpretativos foram bem selecionados, submetidos a cuidadosa análise e adaptados progressivamente aos fatos emergentes da existência física. No segundo caso, os símbolos, originàriamente mal escolhidos, nunca foram submetidos a uma análise completa e nunca reformulados para se harmonizarem com os fatos emergentes da existência humana. Pior do que isso, êsses símbolos enganosos foram sempre tratados em tôda parte com respeito totalmente injustificável, como se, por alguma razão misteriosa, fôssem mais reais do que as realidades a que se referiam. Nos contextos da religião e da política, as palavras não são consideradas como representações, mais ou menos inadequadas, de coisas

e fatos; ao contrário, coisas e fatos são considerados como ilustrações específicas de palavras.

Até agora, os símbolos só têm sido usados realìsticamente nas esferas de atividade que não nos parecem de suma importância. Em tôdas as situações em que são atingidos nossos impulsos mais profundos, estamos habituados a empregar os símbolos, não só irrealìsticamente, mas até de modo idolátrico e insano. Como resultado, temos sido capazes de cometer, a sangue-frio e por largos períodos de tempo, atos de que os irracionais só são capazes no paroxismo do furor, do desejo ou do mêdo. Porque empregam e adoram símbolos, tendem os homens a tornar-se idealistas e, como idealistas, a transformar a intermitente avidez do animal no espetacular imperialismo de um Rhodes ou de um J. P. Morgan; a intermitente ferocidade do animal, no Estalinismo ou na Inquisição Espanhola; o intermitente apêgo do animal aos seus domínios, nos frenesis planejados do nacionalismo. Por felicidade, são também capazes de transformar a intermitente ternura do animal, na caridade incansável de tôda a vida de uma Elizabeth Fry ou um Vicente de Paula; a intermitente dedicação do animal a seu companheiro e seus filhotes, naquela cooperação racional e persistente que até hoje se tem provado forte bastante para salvar o mundo das conseqüências desastrosas da outra espécie de idealismo. Conservará ela o poder de salvar o mundo? Esta pergunta não pode ser respondida. Só se pode dizer que, com os idealistas do nacionalismo na posse da bomba atômica, as probabilidades em favor dos idealistas da cooperação e da caridade têm declinado consideràvelmente.

Nem o melhor livro de cozinha pode substituir o pior dos jantares. O fato parece óbvio. E, entretanto, temos visto, através das idades, os filósofos mais profundos, os mais eruditos e penetrantes teólogos incidirem constantemente no êrro de identificarem com os fatos suas construções puramente verbais, ou no êrro mais atroz ainda, de imaginarem os símbolos mais reais do que as coisas que representam. Êsse endeusamento da palavra, não passou sem protesto. "Só o espírito", diz São Paulo, "dá vida; a letra mata". "E por que", pergunta Eckhart, "por que tagarelais tanto a respeito de Deus? Tudo o que dizeis de Deus é falso". Na outra extremidade do mundo, o autor de um dos Mahayana-Sutras *afirmava que a verdade "nunca foi pregada por Buda, porque temos de descobri-la dentro de nós mesmos". Tais asserções foram consideradas profundamente subversivas e desdenhadas pela gente respeitável.*

Essa estranha e idolátrica exageração do valor das palavras e dos emblemas perdurou irrefreada. Declinaram as religiões, mas o velho hábito de formular credos e de impor a crença em dogmas tem subsistido até entre os ateístas.

Nos últimos anos, lógicos e semânticos procederam a uma análise muito meticulosa dos símbolos em função dos quais os homens desenvolvem o pensamento. A lingüística tornou-se uma ciência e hoje se pode até estudar a matéria a que o falecido Benjamin Whorf deu o nome de metalingüística. Tudo isso constitui notável contribuição, mas não basta. A lógica e a semântica, a lingüística e metalingüística são puras disciplinas intelectuais. Analisam as várias maneiras, corretas e incorretas, significativas e não significativas, em que as palavras podem ser relacionadas com coisas, processos e fatos. Mas nenhuma orientação oferecem em referência ao problema mais fundamental das relações do homem na sua totalidade psicofísica, de um lado, e com seus dois mundos, o dos fatos e o dos símbolos, de outro lado.

Em todos os países e em todos os períodos da História, o problema tem sido resolvido repetidas vêzes por homens e mulheres, individualmente. Mesmo falando ou escrevendo, êsses indivíduos jamais criaram sistemas, porque sabiam que todo sistema representa uma tentação constante a encarar os símbolos com excesso de seriedade, a dar mais atenção às palavras do que às realidades que supostamente representam. Nunca foi seu alvo oferecer explicações e panacéias para uso geral, e sim induzir as pessoas a diagnosticarem e a curarem seus próprios males, levá-las ao ponto em que o problema humano e sua solução se apresentam diretamente à experiência.

Neste volume de seleções dos escritos e das palestras registradas de Krishnamurti, encontrará o leitor uma exposição clara e atual do básico problema humano, juntamente com um convite a resolvê-lo pela única maneira em que pode ser resolvido: pelo próprio indivíduo e em seu próprio benefício. As soluções coletivas, a que muitos se apegam com tanta fé, nunca são adequadas. "Para se compreender a miséria e a confusão existentes em nós mesmos e, portanto, no mundo, temos de encontrar dentro de nós mesmos a clareza que nasce do Pensar correto. Tal clareza não se presta à organização, pois não podemos permutá-la entre nós. O pensamento de grupo organizado é puramente maquinal. A clareza não é resul-

tudo de asserção verbal, mas de intenso autopercebimento e correto pensar. O pensamento correto não é produto ou mero cultivo do intelecto, nem é, tampouco, conforme a padrão algum, por mais digno e nobre que êste seja. Êle vem com o autoconhecimento. Se não vos compreenderdes, não tereis base para pensar; sem autoconhecimento, o que pensais não é verdadeiro."

Êste tema fundamental é desenvolvido por Krishnamurti em passagens sucessivas. "Pode-se ter esperança nos homens, mas não na sociedade nem em sistemas religiosos organizados: só em vós e em mim." As religiões organizadas, com seus intermediários, seus livros sagrados, seus dogmas, hierarquias e rituais, só podem oferecer uma solução falsa para o problema básico. "Quando citais o Bagavad-Gita, *ou a* Bíblia, *ou algum livro sagrado chinês, é bem certo que só estais repetindo, não é? E o que estais repetindo não é a verdade. É mentira, porque a verdade não pode ser repetida." A mentira pode ser ampliada, aventada, repetida, mas a verdade não. Quando se repete a verdade, ela deixa de ser verdade, e por êsse motivo os livros sagrados não têm importância. É pelo autoconhecimento, e não pela crença nos símbolos de outra pessoa, que o homem alcança a realidade eterna, na qual se alicerça seu próprio ser. A crença na perfeita eficácia e no valor superlativo de qualquer sistema de símbolos não leva à libertação, e sim à repetição da História, aos mesmos desastres passados. "A crença separa, inevitàvelmente. Se tendes uma crença, ou se buscais segurança em vossa crença particular, acabais separado daqueles que buscam a segurança noutra forma de crença. Tôdas as crenças organizadas baseiam-se na separação, ainda que preguem a fraternidade." O homem que resolveu satisfatòriamente o problema de suas relações com os dois mundos, o dos fatos e o dos símbolos, é um homem sem crenças. Em relação aos problemas da vida prática, êle se serve de uma série de hipóteses operacionais, que correspondem aos seus fins, mas não são levadas mais a sério do que qualquer outra espécie de utensílio ou instrumento. Em relação aos seus semelhantes e à realidade em que se radicam, tem êle as experiências diretas do amor e da intuição. Foi para proteger-se das crenças que Krishnamurti nunca "leu literatura sagrada, nem o* Bagavad-Gita *nem os* Upanichades". *Nós outros não lemos sequer livros sagrados; lemos nossos jornais e revistas favoritos e novelas policiais. Isto é: não queremos resolver a crise do nosso tempo com o amor e a intuição, porém com fórmulas, com sistemas — e fórmulas e sistemas bastante*

precários, por sinal. Mas "os homens de boa vontade não devem ter fórmulas", porque as fórmulas, inevitàvelmente, só levam a um pensar cego". É quase universal a submissão às fórmulas, o que é inevitável, "pois nosso sistema de educação está baseado em o que pensar, e não em como pensar". Crescemos como membros crentes e militantes de alguma organização — como comunistas, cristãos, muçulmanos, hinduístas, budistas, ou discípulos de Freud. Conseqüentemente, "vós reagis ao desafio, que é sempre nôvo, de acôrdo com um velho padrão e por êsse motivo vossa reação não tem a correspondente eficácia, originalidade, frescor. Se reagis como católico ou comunista, estais reagindo, não é verdade? — em conformidade com um pensamento padronizado. Vossa reação, por conseguinte, não tem significado. E não foi o hinduísta, o muçulmano, o budista quem criou êste problema? Assim como a nova religião é a idolatria do Estado, a velha era a idolatria de uma idéia". Se reagis a um desafio de acôrdo com o velho condicionamento, vossa reação não vos habilitará a compreender o desafio nôvo. Por conseqüência, "o que é preciso fazer, para enfrentar o nôvo desafio, é despojar-se completamente, desnudar-se de todos os conhecimentos e experiências, para enfrentar o desafio de maneira nova". Em outras palavras: os símbolos nunca deveriam ser elevados à categoria de dogmas, e nenhum sistema ser considerado como mais do que um recurso provisório. A crença nas fórmulas e a ação conforme com tais crenças, não nos podem levar à solução do nosso problema. "Só pela compreensão criadora de nós mesmos, existirá um mundo criador, um mundo feliz, um mundo sem idéias." O mundo em que não existissem idéias seria um mundo feliz, porque seria um mundo livre das poderosas fôrças condicionadoras que impelem os homens a empreenderem ações impróprias; um mundo livre dos dogmas consagrados, com que se justificam os piores crimes e se racionalizam com perfeição consumada as maiores loucuras.

A educação que não nos ensina a pensar, mas só o que pensar, é uma educação que requer uma classe governante de pastôres e senhores. Mas "a idéia de guiar alguém é anti-social e antiespiritual". Ao homem que a exerce, a liderança traz a satisfação do seu desejo de poder e aos que são guiados, a satisfação do desejo de certeza e de segurança. O guru fornece uma espécie de ópio. Mas, perguntar-se-á: "E que estais vós fazendo? Não estais atuando como nosso guru?" — "Ora", responde Krishnamurti, "eu não estou procedendo como vosso guru, porque, antes de tudo não

vos estou proporcionando nenhuma satisfação. Não vos estou prescrevendo o que deveis fazer, de momento em momento ou de dia em dia mas só vos estou mostrando uma coisa; podeis levá-la ou deixá-la aqui, e isso depende de vós e não de mim. Não vos peço coisa alguma, nem vossa veneração, nem vossa lisonja, nem vossos insultos, nem vossos deuses. Eu digo: Aqui está o fato; levai-o ou deixai-o ficar. E a maioria de vós o deixará ficar, pela razão muito óbvia de nêle não encontrardes satisfação".

Afinal, que nos oferece Krishnamurti? Que é isso que podemos levar, se quisermos, mas que muito provàvelmente preferiremos deixar? Não é, como já vimos, um sistema de crença, um catálogo de dogmas, um conjunto de ideais e noções para uso geral. Não é liderança, nem intercessão, nem orientação espiritual, nem exemplo sequer. Não é um ritual, uma igreja, um código, nem enaltecimento ou qualquer espécie de lengalenga inspirativa.

Será autodisciplina? Não, porque, na realidade, a autodisciplina não é a maneira de resolver nosso problema. Para encontrar a solução, deve a mente abrir-se à realidade, enfrentar a evidência dos mundos exterior e interior, sem preconceitos ou restrições. ("O culto de Deus é liberdade perfeita. Recìprocamente, a perfeita liberdade é culto de Deus.") Tornando-se disciplinada, a mente não sofre modificação radical; é o mesmo "eu", porém atado, mantido sob contrôle.

A autodisciplina acrescenta-se à lista das coisas que Krishnamurti não *oferece. Será a oração, o que êle oferece? Mais uma vez, a resposta tem de ser negativa. "A oração poderá trazer-nos a resposta que desejamos; mas essa resposta pode proceder do nosso inconsciente, ou do reservatório geral, do depósito de todos os nossos desejos. A resposta não é a voz silenciosa de Deus." "Considerai", continua Krishnamurti, "o que acontece quando rezais. Pela constante repetição de certas frases e pelo contrôle dos vossos pensamentos, a mente se torna tranqüila, não é exato? Pelo menos a mente consciente se torna tranqüila. Ou vos ajoelhais, como os cristãos, ou vos sentais como os hinduístas, e ficais repetindo, repetindo, e em virtude dessa repetição a mente se torna tranqüila. Nessa tranqüilidade, recebe-se uma comunicação. Essa comunicação, que rezamos para receber, pode proceder do inconsciente, ou pode ser a reação de nossas memórias. Mas, por certo, não é a voz da realidade, porque a voz da realidade tem de vir a vós; não lhe*

podemos dirigir invocações e preces. Não podemos atraí-la para nossa estreita gaiola, pela prática de puja, *de* bhajan, *por meio de propiciações, da repressão, da emulação. Uma vez aprendido o artifício de quietar a mente, pela repetição de palavras, e, nesse estado de tranqüilidade, receber sugestões, existe o perigo — a menos que estejamos plenamente vigilantes, para vermos de onde procedem essas sugestões — de ficarmos presos nessa armadilha, tornando-se a oração um substituto para a busca da verdade. O que pedis, obtereis; mas não é a verdade. Se desejais, e pedis, recebereis, mas tereis de pagar seu preço, no fim."*

Passando da oração à Ioga, vemos que ela é outra das coisas que Krishnamurti não oferece. Porque Ioga é concentração, e concentração é exclusão. "Construís uma muralha de resistência pela concentração num pensamento que escolhestes, e procurais repelir todos os outros pensamentos." O que em geral se chama meditação é mero "cultivo da resistência, da concentração exclusiva numa idéia de vossa escolha". Mas, o que vos faz escolher? "O que vos faz dizer que uma coisa é boa, verdadeira, nobre, e o resto não?" — A escolha, evidentemente, baseia-se no prazer, recompensa, ou preenchimento; ou é apenas uma reação do nosso condicionamento ou tradição. Por que escolhemos? Por que não examinamos cada pensamento? Quando muitas coisas nos interessam, por que escolhemos uma só? Por que não examinamos cada interêsse? Por que não deixamos de criar resistência, examinando cada interêsse que surge, em vez de nos concentrarmos numa só idéia, num interêsse único? Afinal, somos constituídos de muitos interêsses, temos muitas máscaras, consciente ou inconscientemente. Por que escolhemos um único interêsse, rejeitando todos os outros e consumindo tôdas as nossas energias no combatê-los, criando assim resistência, conflito e atrito? Se, ao contrário, consideramos cada pensamento que se manifesta — cada pensamento e não só uns poucos pensamentos — não haverá exclusão. É muito difícil, porém, examinar cada pensamento. Porque, enquanto o consideramos, um outro pensamento se insinua. Mas, se estivermos cônscios, sem esfôrço para dominar ou justificar, veremos que, pelo simples observar daquele pensamento, não há intrusão de nenhum outro. Só quando condenamos, comparamos, cotejamos, se insinuam outros pensamentos.

"Não julgueis, para que não sejais julgado." Êste preceito evangélico não se aplica menos a nossos atos relativos a nós mesmos

do que a nossos atos relativos aos outros. Onde há julgamento, cotejo e condenação, falta receptividade mental e nem pode haver libertação da tirania dos símbolos e dos sistemas, nem é possível a fuga ao passado e ao ambiente. A introspecção com um propósito predeterminado, o auto-exame segundo o padrão de algum código tradicional, algum sistema de postulados consagrados, nada disso pode ajudar-nos. Há uma transcendental espontaneidade da vida, uma "Realidade Criadora", como a chama Krishnamurti, a qual só se revela como imanente quando a mente do observador está em estado de "vigilante passividade", de "percebimento sem escolha". O julgamento e a comparação nos condenam irrevogàvelmente à dualidade. Só o "percebimento sem escolha" pode levar à não-dualidade, à conciliação dos opostos, numa total compreensão e num total amor. Ama et fac quod vis. *Se amais, podeis fazer o que quiserdes. Mas se começais por fazer o que quereis ou o que não quereis, em obediência a algum tradicional sistema de noções, ideais e proibições, nunca chegareis a amar. O processo libertador deve começar com o "percebimento sem escolha" daquilo que desejais e das vossas reações ao sistema de símbolos que vos diz se deveis ou se não deveis querê-lo. Graças a êsse "percebimento sem escolha", ao penetrar êle as sucessivas camadas do "ego" e do seu aliado subconsciente, virá o amor e a compreensão, mas de uma ordem diferente da que em geral conhecemos. Êsse percebimento sem escolha — a cada momento e em tôdas as circunstâncias da vida — é a única meditação eficaz. Tôdas as outras formas da Ioga conduzem ao "pensamento cego" que resulta da autodisciplina, ou a uma certa espécie de transporte, provocado pela pessoa, uma determinada forma de falso* samadhi. *A verdadeira libertação é "uma liberdade interior da realidade criadora". "Ela não é um dom", tem de ser descoberta e experimentada. Não é uma aquisição que se acrescentará à pessoa, para sua glorificação. É um "estado de ser" silencioso, em que não há "vir a ser", onde há existência completa. Essa potência criadora pode não buscar, necessàriamente, expressão; não é um talento que exige manifestação externa. Não é preciso ser grande artista ou ter muitos ouvintes; se buscais tais objetivos, deixareis de encontrar a realidade interior.*

Ela não é nem um dom, nem produto do talento. Êle pode ser encontrado, êsse tesouro imperecível, quando o pensamento se liberta da avidez, da malevolência e da ignorância, quando se liberta da mundanidade e da ânsia pessoal de ser. Pode ser experimentado

pelo pensar correto e pela meditação correta. O percebimento de si mesmo, sem escolha, leva à realidade criadora, que se oculta debaixo de nossos destrutivos embustes; leva à tranqüila sabedoria, sempre existente, apesar de nosso saber, que é apenas ignorância, sob outra forma. O saber é um conjunto de símbolos e, na maioria das vêzes, um obstáculo à sabedoria, ao descobrimento do "eu", de momento em momento. A mente que alcançou a serenidade da sabedoria "conhecerá o ser, saberá o que é amar. O amor não é pessoal nem impessoal. Amor é amor, que não pode ser definido ou descrito pela mente como exclusivo ou inclusivo. O amor é sua própria eternidade; é o real, o supremo, o imensurável".

ALDOUS HUXLEY

Primeira Parte

CAPITULO I

INTRODUÇÃO

É EXTREMAMENTE difícil, mesmo quando nos conhecemos muito bem, comunicarmos uns aos outros nossos pensamentos. As palavras que emprego podem ter para vós significação diferente da que têm para mim. Vem a compreensão quando nós, vós e eu, nos encontramos no mesmo nível, ao mesmo tempo. Isso só pode acontecer quando há real afeição entre as pessoas, entre marido e mulher, entre amigos íntimos. Esta é a verdadeira comunhão. É instantânea a compreensão quando nos encontramos no mesmo nível, ao mesmo tempo.

É dificílimo nos entendermos, sem esfôrço e de maneira eficaz. Estou empregando palavras que são simples, que não são técnicas, pois julgo que nenhum padrão técnico de expressão poderá ajudar-nos a resolver nossos difíceis problemas. Por conseguinte, não vou usar têrmos técnicos de psicologia ou de ciência. Nunca li livros de psicologia, nem livros religiosos, felizmente. Desejo transmitir-vos, com as palavras muito simples que empregamos na vida diária, algo de significação mais profunda; mas será muito difícil isso, se não souberdes escutar.

Escutar é uma arte. Para sermos capazes de escutar verdadeiramente, temos de abandonar ou esquecer todos os preconceitos, formulações prévias e atividades diárias. Quando nos achamos num estado mental receptivo, as coisas podem ser compreendidas fàcilmente; estais escutando quando estais dando real atenção a uma coisa. Mas, infelizmente, costumamos ouvir através de uma cortina de resistência. Protegemo-nos com nossos preconceitos, religiosos ou espirituais, psicológicos ou científicos, com nossas preocupações,

desejos e temores de todos os dias. Tudo isso constitui uma cortina, atrás da qual escutamos as coisas. Por conseguinte, de fato, só estamos dando atenção às nossas próprias vozes e não ao que se está dizendo. É sobremodo difícil pormos de parte a instrução, os preconceitos, nossas inclinações, nossa resistência, e transcendermos a expressão verbal para escutar de modo que compreendamos instantâneamente. Esta vai ser uma das nossas dificuldades.

Se, durante estas palestras, algo se disser que contrarie vossa maneira de pensar e vossa crença, dai-lhe atenção, assim mesmo; não resistais. Podeis ter razão, e eu não; escutando, porém, e pensando juntos, podemos descobrir o que é a verdade. A verdade não vos pode ser dada por ninguém. Vós mesmos tendes de descobri-la e para descobri-la é preciso um estado mental de percepção direta. Não há percepção direta quando há resistência, ressalva, proteção. A compreensão vem com o percebimento do que *é*. Conhecer exatamente *o que é*, o fato real, o fato positivo, — sem interpretá-lo, sem condená-lo ou justificá-lo — tal é, por certo, o comêço da sabedoria. É só quando começamos a interpretar, a traduzir em conformidade com nosso condicionamento e preconceito, que a verdade nos foge. Devemos proceder como quando investigamos um fato. Quando queremos conhecer uma coisa, saber exatamente como é ela, temos de examiná-la bem; não podemos interpretá-la ao sabor dos nossos caprichos. Anàlogamente, se sabemos olhar, observar, "escutar", reconhecer *o que é, o* problema está então resolvido. É o que vamos tentar em tôdas estas palestras. Vou mostrar-vos *o que é,* sem traduzi-lo de acôrdo com minha fantasia. E vós, tampouco, não deveis traduzi-lo ou interpretá-lo segundo vossa própria experiência ou cultura.

Não é possível têrmos conhecimento das coisas, tais como são? Partindo dêste ponto não há dúvida que resultará compreensão. Reconhecer, perceber, alcançar *o que é,* põe fim à luta. Se sei que sou mentiroso, se é um fato que reconheço, está acabada a luta. O reconhecimento e a percepção do que somos já é o comêço da sabedoria, o comêço da compreensão, que nos liberta do tempo. Introduzir o elemento tempo — tempo, não no sentido cronológico, mas entendido como veículo, como processo psicológico, processo mental — é de efeito destrutivo, e gera confusão.

Assim sendo, pode-se ter compreensão do que *é,* quando o reconhecemos sem condenação, sem justificação, sem identificação. Saber

que nos achamos numa certa condição, num certo estado, é já um processo de libertação; mas o homem, sem ter conhecimento da sua condição, da sua luta, procura ser diferente do que *é,* o que gera hábito. Tenhamos, pois, presente no espírito que precisamos examinar o *que* é, observar e conhecer exatamente o que tem existência real, sem lhe dar nenhuma tendência, nenhuma interpretação. É preciso ter a mente sobremodo penetrante, um coração altamente flexível, para conhecer e acompanhar *o que é.* Pois *o que é* está em movimento constante, em constante transformação, e se a mente se refreia pela crença, pelo conhecimento, não pode acompanhar o célere movimento do que *é.* *O que é* não é estático, por certo: move-se constantemente, como vereis se o observardes bem de perto. Para o seguirmos, necessitamos de mente muito ágil e coração flexível e não podemos tê-los, se nossa mente é estática, se está fixada numa crença, num preconceito, numa identificação. A mente e o coração áridos não podem seguir com facilidade e rapidez aquilo que *é.*

Julgo desnecessária muita discussão, muita expressão verbal, para reconhecer que existe um caos, tanto individual como coletivo, que existe confusão e sofrimento. Isso não se observa só na Índia, mas pelo mundo todo: na China, na América, na Inglaterra, na Alemanha; no mundo inteiro vemos confusão e uma angústia crescente. Não é só um fenômeno nacional, localizado especialmente aqui, mas que se observa no mundo inteiro. Há sofrimento em grau agudíssimo, não apenas individual mas também coletivo. É portanto uma catástrofe mundial, e circunscrevê-la a uma área geográfica, uma seção colorida do mapa, é absurdo, porque, então, não poderemos compreender o significado pleno dêste sofrimento universal e individual. Cônscios dessa confusão, qual é nossa reação, atualmente? Como reagimos?

Existe o sofrimento, tanto do ponto de vista político, como social, como religioso; todo nosso ser psicológico está confuso, todos os nossos guias políticos e religiosos falharam e todos os livros perderam sua importância. Abri o *Bagavad-Gita* ou a *Bíblia* ou o mais nôvo tratado de política ou psicologia, e não encontrareis nêle ressonância, autenticidade; encontrareis meras palavras. E vós, que sois o repetidor dessas palavras, estais confuso e incerto, e a simples repetição de palavras nada significa. As palavras, pois, e os livros perderam todo o valor, isto é, se estais incertos e confusos quando citais a *Bíblia* ou Marx ou o *Bagavad-Gita,*

vossa citação se torna uma mentira, porque o que ali está escrito se transforma em mera propaganda, e propaganda não é a verdade. Assim, pois, a repetição denota que desististes de compreender vosso próprio "estado de ser". Estais apenas acobertando com palavras de pêso vossa própria confusão. O que porém aqui estamos tentando é compreender a confusão, e *não* escondê-la debaixo de citações. Assim, pois, como reagis a ela? Qual é vossa reação, ante êste caos extraordinário, esta confusão, esta incerteza da existência? Tomai conhecimento dos fatos, enquanto vou falando, acompanhai, não minhas palavras, mas o pensamento que está ativo em vós. Quase todos estamos acostumados a ser espectadores e a não tomar parte no jôgo. Lemos livros, mas nunca escrevemos livros. Tornou-se tradição nossa, tornou-se nosso hábito nacional e universal sermos os espectadores, assistirmos à partida de futebol, observarmos os políticos e os oradores públicos. Somos meros estranhos, meros assistentes, perdemos a capacidade criadora. Precisamos, pois, compenetrar-nos dos fatos e tomar parte ativa na ação.

Mas, se ficardes apenas observando, se fordes meros espectadores, perdereis inteiramente o alcance desta palestra, que não é apenas uma conferência, a que viestes assistir por fôrça de hábito. Não vou transmitir-vos conhecimentos que qualquer pessoa pode colhêr numa enciclopédia. O que vamos tentar aqui é acompanhar nossos respectivos pensamentos, seguir até onde pudermos, o mais profundamente possível, as sugestões, as reações de nossos próprios sentimentos. Averiguai, pois, qual é vossa reação ante essa causa, ante êsse sofrimento; não procureis interpretar as palavras de outrem e sim conhecer a maneira como vós mesmos reagis. Vossa reação é de indiferença, se vos beneficiais do sofrimento, do caos, se lucrais com êle, econômica, social, política ou psicològicamente. Nesse caso, não vos desgostará a continuação do caos. É bem certo que, quanto mais perturbação, quanto mais caos existe no mundo, tanto mais se busca a segurança. Não o tendes notado? Quando há confusão no mundo, psicològicamente e em todos os aspectos, nós nos fechamos em alguma espécie de segurança — um depósito no banco, uma ideologia ou, ainda, recorremos à oração, entramos no templo. Em verdade, esta atitude significa fugir ao que está acontecendo no mundo. Vemos formarem-se seitas e mais seitas, nascerem "ismos" e mais "ismos", no mundo inteiro. Porque, quanto mais confusão existe, tanto mais desejamos um guia, alguém que nos

salve desta desordem; por isso apelamos para os livros religiosos ou para um dos instrutores mais em moda ou, então, agimos e reagimos de acôrdo com um sistema que promete resolver o problema, um sistema da esquerda ou da direita. É exatamente o que está acontecendo.

No momento em que vos tornais cônscios da confusão, em que conheceis exatamente *o que é,* procurais evitá-lo. As seitas que vos oferecem um sistema para a solução do problema do sofrimento econômico, social ou religioso, são as piores; por que então o sistema se torna mais importante do que o homem — quer se trate de um sistema religioso ou de um sistema da esquerda ou da direita. O sistema ganha importância, a filosofia e a idéia também; o homem não; e por causa da idéia, da ideologia, estamos prontos a sacrificar tôda a Humanidade, como está, justamente, acontecendo no mundo. Não se trata de simples interpretação minha. Se observardes, vereis que é isso, exatamente, o que está sucedendo. O sistema se tornou importante. Por conseguinte, os homens, vós e eu, ficam sem importância e os que manejam o sistema, religioso ou social, da esquerda ou da direita,assumem a autoridade, o poder e, portanto, sacrificam o indivíduo. É o que acontece, exatamente.

Ora, qual a causa desta confusão, desta miséria? Como apareceu esta miséria, êste sofrimento que nos aflige, tanto interiormente como exteriormente, êste mêdo a esta expectativa de guerra, da Terceira Guerra Mundial, que ameaça explodir? Qual a sua causa? Sem dúvida, ela pode ser encontrada na derrocada de todos os valôres morais e espirituais e na glorificação dos valôres sensuais, do valor das coisas feitas pela mão ou pela mente. Que acontece, quando não possuímos nenhum outro valor, senão o das coisas dos sentidos, o dos produtos da mente, da mão ou da máquina? Quanto maior importância atribuímos ao valor sensorial das coisas, tanto maior a confusão, não é verdade? Mais uma vez, não é uma teoria minha. Não é preciso citar livros, para descobrir que vossos valôres, vossas riquezas, vossa existência econômica e social, repousam nas coisas feitas pela mão ou pela mente. Vivemos e funcionamos com o nosso ser entranhado de valôres sensoriais, o que significa que as coisas, as coisas da mente, as coisas da mão e da máquina, se tornaram importantes; e quando tal acontece a crença se torna predominantemente significativa, como está ocorrendo atualmente, não é verdade?

Assim, pois, atribuir significação cada vez maior aos valôres dos sentidos, gera confusão; vendo-nos na confusão, procuramos fugir dela por vários meios — religiosos, econômicos, sociais — pela ambição, pelo poder, pela busca da realidade. Mas o real está perto, não precisamos procurá-lo; o homem que procura a verdade, nunca a encontrará. A verdade se acha no *que é* — e nisso consiste sua beleza. Mas no momento em que a concebeis e começais a procurá-la, começais a lutar; e o homem que luta não pode compreender. Eis por que é necessário que estejamos quietos, observando, passivamente vigilantes. Vemos que nosso viver, nossa ação, se desenvolve sempre dentro do campo da destruição, dentro do campo do sofrimento; qual uma onda, a confusão e os caos nos submergem constantemente; não há trégua na confusão da existência.

Tudo o que fazemos atualmente parece levar-nos ao caos, ao sofrimento e à infelicidade. Observai vossa própria vida, e vereis que vosso viver está sempre na orla do sofrimento. Nosso trabalho, nossa atividade social, nossa política, os vários agrupamentos de nações destinados a pôr têrmo à guerra, tudo só produz mais guerra. A destruição vem sempre na esteira do viver; tudo o que fazemos leva à morte. É o que está sucedendo, inegàvelmente.

Pode-se pôr côbro a esta miséria, imediatamente, e não mais continuarmos a ser colhidos pela onda de confusão e de sofrimento? Grandes instrutores, como o Buda, como o Cristo, têm vindo ao mundo. Aceitaram a fé, libertando-se, talvez, de tôda confusão e angústia. Mas não impediram que continuasse a existir a angústia, não puseram têrmo à confusão. A confusão continua, a angústia continua. Se, reconhecendo tanta confusão social e econômica, tanto caos e sofrimento, vos retirais para o que se chama a vida religiosa e abandonais o mundo, podeis ter um sentimento de união com aquêles grandes Mestres; o mundo, porém, continuará com o seu caos, com suas misérias, suas devastações, e o perene sofrimento dos seus ricos e pobres. Por conseguinte, nosso problema — vosso e meu — é de saber se podemos sair instantâneamente desta miséria. Se, vivendo no mundo, nos recusarmos a dêle fazer parte, ajudaremos outros a sair dêste caos, não no futuro, não amanhã, mas *agora.* É êste sem dúvida, o nosso problema. Aproxima-se a guerra, mais devastadora e mais terrível do que nunca. Não podemos, decerto, evitá-la, porque os acontecimentos são fortes demais e estão próximos demais. Mas vós e eu podemos perceber imediatamente a confusão e o sofrimento, não po-

demos? Devemos percebê-los, para nos tornarmos aptos a despertar em outrem igual compreensão da verdade. Em outras palavras: pode-se ser livre instantâneamente? — pois é a única maneira de sair desta tribulação. Só há percebimento no presente; mas se dizeis: "fá-lo-ei amanhã", a onda de confusão vos colherá, e vivereis sempre envoltos em confusão.

Ora, é possível alcançar aquêle estado em que se pode perceber a verdade, instantâneamente, e pôr têrmo à confusão? Digo que é possível e que êste é o único caminho. Digo que isso pode e deve ser feito, sem basear-me em suposição ou crença alguma. Produzir esta revolução extraordinária — que não é a revolução destinada a libertar-nos dos capitalistas e a instalar outro grupo no poder — produzir esta maravilhosa transformação, que constitui a única revolução verdadeira, eis o problema. O que em geral se chama revolução, é apenas uma mudança ou continuação da direita, de acôrdo com as idéias da esquerda. A esquerda, afinal de contas, é a continuação da direita, sob forma modificada. Se a direita tem seus fundamentos nos valôres sensoriais, a esquerda não é mais do que uma continuação dos mesmos valôres com diferença apenas de grau ou de expressão. Por conseguinte, a verdadeira revolução só poderá realizar-se quando vós, o indivíduo, vos tornardes bem cônscio das coisas, em vossas relações com outrem. Por certo, o que sois em vossas relações com outra pessoa, com vossa espôsa, vosso filho, vosso patrão, vosso vizinho, é que forma a sociedade. A sociedade, por si só, não existe. A sociedade é aquilo que vós e eu criamos, em nossas relações, é a projeção exterior de todos os nossos estados psicológicos interiores. Portanto, se vós e eu não nos compreendermos, a simples mudança do exterior, que é a projeção do interior, não tem significação, absolutamente; isto é, não pode haver alteração ou modificação significativa da sociedade, enquanto eu não compreender a mim mesmo, nas relações convosco. Se estou confuso, nas minhas relações, crio uma sociedade que é a réplica, a expressão exterior daquilo que sou. É um fato óbvio, susceptível de investigação. Podemos investigar se a sociedade, a expressão exterior, me produziram ou se eu produzi a sociedade.

Não é, pois, um fato evidente que aquilo que eu sou, nas relações com meus semelhantes, cria a sociedade e que, se eu não me transformar radicalmente, não pode haver transformação alguma da função essencial da sociedade? Quando dependemos de um

sistema, para a transformação da sociedade, estamos simplesmente evitando o problema, porquanto sistema algum pode transformar o homem; o homem sempre transforma o sistema, como prova a História. Enquanto eu não compreender a mim mesmo, em minhas relações convosco, sou eu a causa do caos, da miséria, da destruição, do mêdo, da brutalidade. A compreensão de mim mesmo não depende do tempo; posso compreender-me neste momento exato. Se digo "compreender-me-ei amanhã", estou atraindo o caos e o sofrimento, minha ação é destrutiva. Quando digo que *haverei* de compreender, introduzo o elemento tempo e, portanto, já estou envolvido na onda de confusão e de ruína. A compreensão existe agora, não amanhã. O amanhã é para a mente preguiçosa, a mente que não tem interêsse. Quando estais interessados numa coisa, e a fazeis instantâneamente, há compreensão imediata, transformação imediata. Se não vos transformardes hoje, nunca mais vos transformareis, porque a transformação que fica para amanhã é simples modificação. A transformação só se realiza imediatamente; a revolução só pode ser agora, e não amanhã. — Quando ela acontece, vós vos libertais completamente de problemas, porque então o "eu" já não está preocupado consigo mesmo e estais a salvo da onda de destruição.

CAPÍTULO II

QUE ESTAMOS BUSCANDO?

QUE ESTAMOS buscando, quase todos nós? Que é isso que cada um de nós deseja alcançar? Sobretudo neste mundo inquieto, onde todos procuram alguma espécie de paz, alguma espécie de felicidade, um refúgio, importa, sem dúvida, averiguar o que tentamos alcançar, o que tentamos descobrir. Provàvelmente a maioria dos homens está em busca de alguma espécie de felicidade, alguma espécie de paz; num mundo atormentado por agitações, guerras, competições, luta, deseja um refúgio, onde encontre um pouco de paz. Penso ser isso o que quase todos nós desejamos. E, assim, empenhamo-nos na procura, passamos de um guia para outro, de uma organização para outra, de um instrutor para outro.

Ora bem, estamos procurando a felicidade ou estamos buscando alguma espécie de satisfação, da qual esperamos obter a felicidade? Há diferença entre felicidade e satisfação. Pode-se *procurar* a felicidade? Talvez se possa achar a satisfação, mas, por certo, não se pode *achar* a felicidade. A felicidade é um derivado, um subproduto de outra coisa. Nessas condições, antes de aplicarmos nossa mente e nosso coração a uma coisa que exige muito interêsse, muito estudo, reflexão e aplicação, precisamos saber o que estamos buscando, se a felicidade, se a satisfação. Parece-me que a maoiria de nós procura a satisfação. Queremos estar satisfeitos, encontrar um sentimento de plenitude, no fim de nossa busca.

Afinal, se estamos procurando a paz, podemos achá-la com muita facilidade. Basta devotarmo-nos cegamente a uma causa qualquer, uma idéia qualquer, e aí ficarmos abrigados. Decididamente, êste não é o meio de resolver o problema. Isolar-se na clausura de uma idéia não é a maneira de nos libertarmos do conflito. Precisamos verificar, tanto interior como exteriormente, o que cada um de nós deseja alcançar, não achais? Se nos esclarecermos a êsse respeito, não teremos mais necessidade de ir a parte alguma, a nenhum guia, a nenhuma igreja, nenhuma organização. Nosso problema, por conseguinte, é o de fazermos luz em nós mesmos sôbre nossa intenção, não achais? Podemos ter essa clareza? Vem-nos ela como resultado de busca e de ouvirmos o que dizem outras pessoas, do mais sublime instrutor ao medíocre pregador da igreja da esquina? Precisais de alguém, para serdes capazes de descobrir? Entretanto, é isso que estamos fazendo, não é? Lemos inúmeros livros, vamos a muitas reuniões, ingressamos em várias organizações, em busca de um remédio para nosso conflito, para as misérias da nossa vida. Ou, se assim não procedemos, é porque julgamos ter descoberto o que buscávamos. Dizemos que determinada organização, determinado instrutor, determinado livro nos satisfaz; encontramos nêle o que desejávamos; e aí nos deixamos ficar, cristalizados e fechados.

No meio de tôda esta confusão, não estamos buscando alguma coisa que seja permanente, perdurável, uma coisa que chamamos o real, Deus, a Verdade, ou como quiserdes? — o nome não importa, pois a palavra não é a coisa. Não nos deixemos, pois, enredar pelas palavras. Deixemos isso para os conferencistas profissionais. Há, em quase todos nós, o desejo de atingir algo permanente, não

é verdade? — algo a que nos possamos apegar, que nos dê segurança, esperança, entusiasmo e certeza perenes, já que, dentro de nós mesmos estamos tão incertos. Não conhecemos a nós mesmos. Conhecemos muitos fatos e o que disseram os livros, porém nada sabemos por nós mesmos, não temos uma experiência direta.

Que é isso a que chamamos permanente? Que é isso que estamos buscando e que esperamos nos dará a permanência? Não buscamos a felicidade permanente, a satisfação permanente, a certeza permanente? Queremos algo que dure eternamente, e que nos dê satisfação. Se nos desnudarmos de tôdas as palavras e frases, e olharmos a realidade, veremos que não desejamos outra coisa. Queremos prazer permanente, satisfação permanente — que chamamos a Verdade, Deus, ou o que quiserdes.

Muito bem, queremos prazer. Talvez seja uma maneira rude de dizê-lo, mas é o que queremos de fato: conhecimento que nos dê prazer, experiência que nos dê prazer, satisfação que não definhe de hoje para amanhã. Já experimentamos satisfações variadas e tôdas elas se desvaneceram. Queremos encontrar agora a satisfação permanente na realidade, em Deus. Positivamente, é isto o que todos nós estamos procurando, tanto os inteligentes como os estúpidos, tanto o teórico como o prático que luta pela obtenção de uma coisa. Há, de fato, satisfação permanente? Existe alguma coisa perdurável?

Se estais em busca da satisfação permanente, a que chamais Deus, ou a Verdade, ou como quer que seja — o nome não importa — é óbvio que deveis compreender a coisa que estais buscando. Quando dizeis "busco a felicidade permanente" — Deus, ou a verdade, ou o que fôr — não deveis compreender também a entidade que busca? Porque é bem possível que a segurança e a felicidade permanentes não existam. A Verdade pode ser uma coisa completamente diferente e, acho eu, ela é totalmente diferente daquilo que se pode ver, conceber, formular. Por conseguinte, antes de nos pormos em busca de uma coisa permanente, não é bem óbvia a necessidade de compreendermos a entidade que busca? A entidade que busca é diferente da coisa que se busca? Quando dizeis "Estou buscando a felicidade" — êsse ente que está empenhado na busca é diferente do objeto de sua busca? O pensador é diferente do seu pensamento? Não constituem os dois um fenômeno conjunto, e não dois processos separados? Conseqüentemente, é es-

sencial que se compreenda o empreendedor da busca, antes de procurar compreender aquilo que êle está buscando.

Chegamos, assim, ao ponto em que nos perguntamos muito séria e profundamente, se a paz, a felicidade, a realidade, Deus, ou o que quer que seja, nos pode ser dado por outra pessoa. Pode esta busca incessante, esta ânsia, dar-nos aquêle extraordinário sentimento da realidade, aquêle "modo de ser" criador, que surge quando compreendemos verdadeiramente a nós mesmos? Vem o autoconhecimento como resultado de busca, como resultado de seguirmos outra pessoa, como resultado de pertencermos a uma determinada organização, de lermos livros, etc.? Afinal de contas, o ponto mais importante é êste, isto é, enquanto eu não compreender a mim mesmo, não tenho base para o pensamento, e tôda minha busca será em vão. Posso refugiar-me em ilusões, fugir da competição, da luta, do conflito; posso venerar uma pessoa; posso buscar minha salvação através de outrem. Mas enquanto eu desconhecer a mim mesmo, enquanto desconhecer o processo total de mim mesmo, não tenho base para o pensamento, para o afeto, para a ação.

Esta é porém a coisa que menos desejamos: conhecer a nós mesmos. Ela é, no entanto, decididamente, a única base sôbre que podemos edificar. Mas antes de podermos construir, antes de podermos transformar, antes de podermos condenar ou destruir, precisamos saber o que somos. Pôr-nos a procurar, a trocar de instrutores, de *gurus,* a praticar a Ioga, disciplinar a respiração, observar rituais, seguir Mestres, e o que mais seja, é inteiramente inútil, não achais? Não tem significação alguma, mesmo admitindo que as pessoas que seguimos digam: "Estudai-vos!" — porque o que nós somos, o mundo é. Se somos mesquinhos, invejosos, vãos, gananciosos — *isso* é o que criamos ao redor de nós, *isso* é a sociedade em que vivemos.

Creio que, antes de nos pormos a caminho para achar a realidade, para achar Deus, antes de podermos agir, ter relações uns com os outros, as quais constituem a sociedade, é essencial comecemos pela compreensão de nós mesmos. Creio que a pessoa séria é aquela que está tôda interessada neste fato, *em primeiro lugar,* e não em como atingir um determinado alvo, porque, se vós e eu não nos compreendemos a nós mesmos, como podemos, com nossa ação, promover uma mudança na sociedade, na vida de relação, em qualquer coisa que fazemos? Mas isso, é claro, não implica que

o autoconhecimento seja uma coisa oposta à vida ou um isolamento da vida de relação. Não significa, por certo, a exaltação do indivíduo, do "eu", como oposto da massa, como oposto de outro indivíduo.

Pois bem, se não conheceis a vós mesmos, se não conheceis vossa própria maneira de pensar e por que pensais certas coisas; se não conheceis o fundo do vosso condicionamento e não sabeis por que tendes certas crenças relativas à arte e à religião, relativas à pátria, ao vosso próximo e a vós mesmos, como podeis pensar de modo correto a respeito de qualquer coisa? Se não conheceis vosso íntimo, se não conheceis a substância do vosso pensamento e de onde provém êle, vossa busca, sem dúvida alguma, é de todo fútil, vossa ação nenhum significado tem, não é verdade? E, também, nenhuma significação tem o fato de serdes americano, hindu, ou de pertencerdes a qualquer outra religião.

Antes que possamos esclarecer-nos sôbre a finalidade da vida, descobrir o que significa tudo isso — guerras, antagonismos nacionais, conflitos, enfim tôda esta confusão, temos de começar por nós mesmos, não achais? Isso parece muitos simples, mas é *extremamente* difícil.

Para que sejamos capazes de observar a nós mesmos, de ver como opera nosso pensamento, precisamos estar sobremodo vigilantes. Assim, começando a perceber cada vez melhor as complexidades do nosso pensar e das nossas reações e sentimentos, teremos uma compreensão mais clara, não só de nós mesmos como dos outros, com quem estamos em relação. Conhecer a si mesmo é estudar a si mesmo em ação, que é relação. O mal é que somos muito impacientes; queremos "tocar para a frente", chegar à meta, e por isso não há tempo nem oportunidade para estudarmos e observarmos. Estamos empenhados em várias atividades, alternadamente — ganhar a vida, criar filhos; ou assumimos certas responsabilidades perante várias organizações; estamos tão cheios de compromissos, de diferentes espécies, que dificilmente encontramos tempo para a reflexão sôbre nós mesmos, para observarmos e estudarmos. Assim, com efeito, a responsabilidade da reação é nossa, e de mais ninguém. Andar pelo mundo em busca de *gurus* e de seus sistemas, ler os livros mais recentes sôbre esta ou aquela matéria, etc., parece-me completamente vão, completamente fútil. Podemos percorrer tôda a Terra, mas teremos de voltar a nós mesmos. E, visto que em

geral nos desconhecemos totalmente, é dificílimo começarmos a ver com clareza o processo do nosso pensar, sentir e agir.

Quanto mais uma pessoa se conhece, tanto mais clareza existe. O autoconhecimento é infinito; nunca se chega a um remate, nunca se chega a uma conclusão. É um rio sem fim. Estudando-o e penetrando-o mais e mais, encontramos a paz. Só quando a mente está tranqüila — em virtude do autoconhecimento e não de autodisciplina — só então, nessa tranqüilidade, nesse silêncio, pode manifestar-se a realidade. Só então pode haver bem-aventurança, ação criadora. E se, sem têrmos esta compreensão, esta experiência, pomo-nos a ler livros, a assistir a conferências, a fazer propaganda, isto me parece extremamente infantil, uma simples atividade sem muita significação. Mas se, ao contrário, o indivíduo fôr capaz de compreender a si mesmo e, por conseguinte, de fazer nascer aquela felicidade criadora, aquêle experimentar de algo não produzido pela mente, então talvez possa haver uma transformação imediata das relações, ao redor de nós, e, por conseguinte, no mundo em que vivemos.

CAPÍTULO III

O INDIVÍDUO E A SOCIEDADE

UM PROBLEMA se oferece à maioria de nós: se o indivíduo é simples instrumento ou fim da sociedade. Vós e eu, como indivíduos, existiremos para sermos utilizados, dirigidos, educados, controlados, ajustados a um certo padrão pela sociedade e pelo govêrno, ou a sociedade, o Estado, existirão para o indivíduo? O indivíduo é o fim da sociedade; ou apenas um títere, que existe para ser ensinado, explorado, massacrado como instrumento de guerra? Eis o problema que está nos desafiando. É o problema do mundo: se o indivíduo é mero instrumento da sociedade, um brinquedo à mercê de influências, pelas quais é moldado, ou se a sociedade existe para o indivíduo.

Como esclarecer-nos a tal respeito? É um problema sério, não é? Se o indivíduo é mero instrumento da sociedade, a sociedade, nesse caso, é muito mais importante que o indivíduo. A ser verdadeira tal afirmação, o que devemos fazer, então, é aban-

donar a individualidade e trabalhar para a sociedade; todo nosso sistema educativo terá de ser revolucionado de alto a baixo e o indivíduo convertido num instrumento para ser usado e destruído. liquidado, eliminado. Mas se a sociedade existe para o indivíduo, a função da sociedade não é então a de obrigá-lo a ajustar-se a algum padrão e sim de dar-lhe o senso da liberdade, o impulso para a liberdade. Cumpre-nos, pois, averiguar qual das duas coisas é falsa.

Como poderíamos investigar êste problema? É um problema vital, não é? Êste problema não depende de nenhuma ideologia, seja da esquerda, seja da direita; e se é dependente de qualquer ideologia, passará a ser apenas matéria de opinião. As idéias geram sempre inimizade, confusão, conflito. Se dependeis de livros da esquerda ou da direita, ou de livros sagrados, dependeis, nesse caso, da mera opinião — de Buda, de Cristo, do capitalismo, do comunismo, ou do que quer que seja. São idéias, e não a verdade. Um fato nunca pode ser negado. Uma opinião *a respeito* do fato pode ser negada. Se pudermos descobrir a verdade concernente a êste problema, estaremos aptos a agir independentemente da opinião. Não é necessário, por conseguinte, que nos desembaracemos do que tem sido dito por outros? A opinião do esquerdista ou de outros líderes é produto do seu condicionamento, e, por conseguinte, se dependerdes, para o descobrimento de vós mesmos, daquilo que se encontra nos livros, ficareis, simplesmente, na dependência de uma opinião. Não é uma questão de conhecimento, de saber.

Como descobrir a verdade, a êste respeito? Agiremos partindo dêste ponto. Para se achar a verdade relativa à questão, é preciso estarmos livres de tudo quanto é propaganda, o que significa estarmos habilitados a estudar o problema independentemente da opinião. A tarefa da educação se cifra, tôda ela, no despertar o indivíduo. Para perceberdes tal verdade, precisais estar perfeitamente lúcidos, isto é, não deveis depender de guia algum. Quando escolheis um guia, o fazeis porque estais em confusão, e portanto, vossos guias acham-se também confusos, como estamos vendo acontecer, no mundo. Conseqüentemente não podeis esperar orientação ou ajuda do vosso guia.

A mente que deseja compreender um problema deve, não só compreendê-lo de maneira completa e integral, mas também ser capaz de segui-lo velozmente, visto que o problema nunca é está-

tico. O problema é sempre nôvo, seja o suscitado pela penúria, seja psicológico, ou outro qualquer. Tôda crise é sempre nova; por conseguinte, para compreendê-la, deve a mente ser nova, lúcida, e ser muito veloz no acompanhá-la. Creio que quase todos nós reconhecemos a urgência de uma revolução interior, pois só ela pode operar uma transformação radical do exterior, da sociedade. Êste é o problema com que eu próprio e tôdas as pessoas sèriamente intencionadas estamos ocupados. Como produzir uma transformação fundamental, básica, na sociedade — êste é o nosso problema; e esta transformação do exterior não pode efetuar-se sem a revolução interior. Uma vez que a sociedade é sempre estática, tôda ação, tôda reforma que se efetue sem esta revolução interior se torna igualmente estática. Nessas condições, não há esperanças, a menos que haja esta constante revolução interior, porquanto, sem ela, a ação exterior se torna maquinal, torna-se um hábito. A ação resultante das relações entre vós e outrem, entre vós e mim, é a sociedade, e essa sociedade se tornará estática, não terá qualidade vivificante alguma, enquanto não se verificar esta constante revolução interior, uma transformação psicológica criadora. Uma vez que esta constante revolução interior não existe, a sociedade se está tornando sempre estática, cristalizada e, em conseqüência, tem que se desagregar constantemente.

Qual a relação que há entre vós e a angústia, a confusão existente em vós e em redor de vós? Ora, esta confusão, esta angústia, não apareceu por si mesma. Ela foi criada por nós — por vós e por mim — e não por uma sociedade capitalista, ou comunista, ou fascista. Nós a criamos, em nossas mútuas relações. O que sois interiormente se "projetou" no exterior, no mundo. O que sois, o que pensais e sentis, o que fazeis na vossa existência de cada dia, "projetando-se" exteriormente, constitui o mundo em que vivemos. Se somos infelizes, se estamos confusos, num estado de caos interior, isso, por projeção, se torna o mundo, se torna a sociedade, porque as relações existentes entre vós e mim, entre mim e outrem, são a sociedade. A sociedade é o produto de nossas relações e, se estas são confusas, egocêntricas, interesseiras, limitadas, nacionais, "projetamos" tudo isso e produzimos caos no mundo.

O que sois o mundo é. Vosso problema, pois, é o problema do mundo. Ora, êste é um fato simples e fundamental, não é verdade? Em nossas relações com uma só pessoa ou com muitas, parecemos estar sempre esquecidos dêste ponto. Desejamos pro-

duzir alteração por meio de um sistema ou de uma revolução das idéias e dos valôres, baseada num sistema, esquecendo-nos de que sois vós e sou eu quem cria a sociedade, quem produz a confusão ou a ordem, conforme nossa maneira de viver. Por conseguinte, temos de começar com o que está perto, isto é, dar atenção à nossa existência diária, nossos pensamentos e sentimentos e ações de todos os dias, que se revelam na maneira como ganhamos nosso sustento em nossas relações com idéias e crenças. Assim é a nossa existência cotidiana, não é verdade? Estamos muito interessados em nosso sustento, em obter empregos, em ganhar dinheiro; estamos muito interessados em nossas relações com a família, com os vizinhos; e estamos muito interessados em idéias e crenças. Ora, se examinarmos bem nossa ocupação, veremos que ela se baseia fundamentalmente na inveja, não sendo apenas um meio de ganhar a vida. A sociedade está construída de tal maneira, que é um processo de constante conflito, constante "vir a ser". Funda-se na ganância, na inveja, na inveja ao superior. Quando o escriturário deseja tornar-se gerente, isso denota que não está interessado sòmente em ganhar seu sustento, em ter um meio de subsistência, mas em alcançar posição e prestígio. Tal atitude provoca, naturalmente, devastações na sociedade, nas relações. Mas se vós e eu estivéssemos interessados ùnicamente no ganho do nosso sustento, em ter um meio de subsistência, haveríamos de achar a maneira correta de ganhar a vida, um meio não baseado na inveja. A inveja é um dos fatôres mais destrutivos nas relações, porquanto a inveja indica desejo de poderio, de posição, e conduz, por último, às atividades políticas. As duas coisas estão ìntimamente relacionadas. O escriturário, esforçando-se para chegar a gerente, transforma-se em um fator na criação da política de fôrça, que produz a guerra. É, portanto, diretamente responsável pela guerra.

Em que estão baseadas nossas relações? As relações entre vós e mim, entre vós e outrem — e isso é a sociedade — em que se baseia? Certamente, não no amor, embora falemos de amor. Não se baseiam no amor, porque se houvesse amor, haveria ordem, haveria paz, felicidade, entre vós e mim. Mas nas relações entre vós e mim, há grande soma de malevolência, que assume a forma de respeito. Se fôssemos ambos iguais, no pensamento, no sentimento, não haveria respeito, não haveria malevolência, porque seríamos dois indivíduos associados não como discípulo e mestre, não como marido escravizador da espôsa, ou espôsa escravizadora do

marido. Havendo malevolência, há também o desejo de domínio, que suscita inveja, irritação, paixão. Daí, um constante conflito em nossas relações, do qual procuramos escapar, produzindo mais caos e mais sofrimento.

Agora, no que concerne às idéias que fazem parte de nossa existência diária, às crenças e formulações — não estão elas corrompendo nossa mente? Pois, que é estupidez? Estupidez é atribuir valôres falsos às coisas que a mente cria, ou às coisas que a mão produz. A maioria dos nossos pensamentos brota do instinto de autoproteção, não é verdade? Nossas idéias — quantas delas! — não recebem um valor falso, um valor que não têm em si mesmas? Por conseguinte, quando cremos de um modo qualquer — religioso, econômico ou social — quando cremos em Deus, em idéias, num sistema social que separa o homem do homem, no nacionalismo, etc., estamos sem dúvida atribuindo um falso valor à crença, o que denota estupidez, uma vez que a crença divide os homens, não une os homens. Vemos, pois, que conforme nossa maneira de viver, produzimos a ordem ou o caos, a paz ou o conflito, a felicidade ou a desdita.

O problema a enfrentar, por conseguinte, é se pode existir uma sociedade de natureza estática e ao mesmo tempo um indivíduo no qual se processe essa constante revolução. Isto é, a revolução na sociedade deve começar pela transformação interior, a transformação psicológica do indivíduo. Quase todos nós desejamos ver uma transformação radical na estrutura social. Nisso se cifra tôda a batalha que se trava no mundo, para operar uma revolução social pelos métodos comunistas ou outros. Ora, se há uma revolução social, isto é, uma ação visando a estrutura exterior do homem, por mais radical que seja esta revolução social, sua verdadeira natureza é estática, se não houver a revolução interior do indivíduo, sua transformação psicológica. Por conseguinte, para se criar uma sociedade não repetitiva, não estática, não sujeita à desintegração, uma sociedade sempre viva, é imprescindível que haja uma revolução na estrutura psicológica do indivíduo; porque, sem a revolução interior — a revolução psicológica — a mera transformação do exterior tem muito pouco sentido. Isto é, a sociedade se está tornando sempre cristalizada, estática, e, por isso, desintegrando-se, constantemente. Por mais leis que se promulguem, e por mais sábias que elas sejam, a sociedade continua sempre no

processo de decomposição, porque a revolução deve operar-se interiormente, e não, apenas, no exterior.

Julgo importante se compreenda isso, em vez de lhe saltarmos por cima. A ação exterior, uma vez consumada, acaba-se, torna-se estática. Se as relações entre os indivíduos, que é a sociedade, não resultarem da revolução interior, então, a estrutura social, uma vez que é estática, absorve o indivíduo e o torna estático, repetitivo. Percebendo e reconhecendo a extraordinária significação dêsse fato, não há mais questão de concordar ou de discordar. O fato é que a sociedade está sempre a cristalizar-se e a absorver o indivíduo, e que a revolução constante, a revolução criadora, só pode realizar-se no indivíduo, e não na sociedade, no exterior. Quer dizer, a revolução criadora só pode realizar-se nas relações individuais, que constituem a sociedade. Vemos como a estrutura da sociedade atual, na Índia, na Europa, na América, em tôdas as partes do mundo, está a desintegrar-se ràpidamente. E temos conhecimento disso dentro da esfera do nosso viver. Podemos observá-do, quando percorremos as ruas. Não necessitamos de grandes historiadores que demonstrem a ruína da nossa sociedade. São precisos novos arquitetos, novos construtores, para criar uma sociedade nova. A estrutura tem de ser edificada sôbre alicerces novos, sôbre fatos e valôres novos, que cumpre descobrir. Êsses arquitetos não existem ainda. Não há construtores, não há ninguém que, observando, tomando conhecimento do fato de que a estrutura está desabando, esteja se transformando em arquiteto. Tal é o nosso problema. Vemos que a sociedade está ruindo e se desintegrando, e somos nós — vós e eu — que temos de ser os arquitetos. Êste problema é nosso. Cumpre-nos descobrir de nôvo os valôres e construir sôbre bases mais profundas e duradouras. Porque, se ficarmos contando com os arquitetos profissionais, os construtores políticos e religiosos, continuaremos exatamente na mesma situação de antes.

Porque vós e eu não somos criadores, reduzimos a sociedade ao presente caos. Por conseguinte, temos de ser criadores, pois o problema é urgente. Vós e eu devemos perceber claramente as causas do colapso da sociedade, e criar uma nova estrutura, não baseada na simples imitação, e, sim, em nossa compreensão criadora. Ora, isso subentende o pensar negativo, não é verdade? O pensar negativo é a forma mais elevada da compreensão. Para que possamos compreender o que é pensar criador, temos de aplicar-nos ao problema negativamente, porque o estudo positivo do pro-

blema — que é o de vós e eu têrmos de nos tornar criadores, para edificarmos uma nova estrutura social — será necessàriamente imitativo. Para compreendermos o que está ruindo, temos de investigar, temos de examinar negativamente, e não com um sistema positivo, uma fórmula positiva, uma conclusão positiva.

Por que está ruindo a sociedade, desmoronando, como não há dúvida que está? Uma das razões fundamentais é que o indivíduo — vós — deixou de ser criador. Já vos explico o que quero dizer. Vós e eu nos tornamos imitadores, estamos copiando, exterior e interiormente. Exteriormente, quando aprendemos uma técnica, quando nos comunicamos uns com os outros, no plano verbal, tem de haver, é natural, imitação, um pouco de cópia. Eu copio palavras. Para me tornar engenheiro, tenho de aprender, em primeiro lugar, a técnica, para depois empregar essa técnica na construção de uma ponte. Torna-se necessário uma certa soma de imitação, de cópia, no que se refere à técnica exterior; mas, quando há imitação interior, imitação psicológica, deixamos certamente de ser criadores. Nossa educação, nossa estrutura social, nossa pretensa vida religiosa, está tôda baseada na imitação. Quer dizer, estou ajustado a uma determinada fórmula social ou religiosa. Deixei de ser um verdadeiro indivíduo, e, psicològicamente, tornei-me simples máquina repetitiva, com certas reações condicionadas, de hinduísta, de cristão, budista, alemão, ou inglês. Nossas reações são condicionadas segundo o padrão da sociedade, seja oriental, seja ocidental, religioso ou materialista.

Uma das causas fundamentais da desintegração da sociedade é, pois, a imitação, e um dos fatôres desintegradores é o guia, o líder, cuja essência mesma é a imitação.

Para se compreender, por conseguinte, a natureza da sociedade que está a se desintegrar, não é importante investigarmos se vós e eu, isto é, se o indivíduo pode ser criador? Pode-se ver que, quando há imitação, é inevitável a desintegração; quando há autoridade é inevitável a cópia. E já que tôda a nossa estrutura mental, psicológica, está baseada na autoridade, faz-se necessário que nos libertemos de autoridades, para podermos ser criadores. Já não notastes que, nos momentos criadores, nesses raros momentos felizes e de vital interêsse, não há senso de repetição, não há senso de cópia? Êsses momentos são sempre novos, fecundos, felizes. Vê-se pois que uma das causas fundamentais da desintegração da sociedade é o copiar, que significa: veneração da autoridade.

CAPÍTULO IV

AUTOCONHECIMENTO

São tão colossais os problemas do mundo, tão extremamente complexos, que para compreendê-los e resolvê-los temos de estudá-los de maneira muito simples e direta; e a simplicidade, a ação direta não depende de circunstâncias exteriores nem de nossos preconceitos e caprichos pessoais. Como tenho apontado, a solução não se encontra em conferências e em projetos, nem na substituição de velhos por novos líderes, etc. A solução encontra-se evidentemente no criador do problema, no criador de malefícios, do ódio e da enorme incompreensão existente entre os sêres humanos. O criador dêste mal, dêstes problemas, é o indivíduo, vós e eu, não o mundo, tal como o concebemos. O mundo são vossas relações com outrem, não é uma coisa separada de vós e de mim; o mundo, a sociedade, são as relações que estabelecemos ou procuramos estabelecer entre nós.

Vós e eu, por conseguinte, somos o problema, e não o mundo, porque o mundo é a "projeção" de nós mesmos, e para compreendê-lo precisamos compreender a nós mesmos. O mundo não está separado de nós; nós somos o mundo, e nossos problemas são os problemas do mundo. Nunca é demais repisar isso; porque temos uma mentalidade tão indolente, pensamos que os problemas do mundo não nos dizem respeito e têm de ser resolvidos pelas Nações Unidas ou pela substituição dos velhos por novos líderes. Denotamos uma mentalidade muito elementar ao pensar dessa maneira, porque nós somos os responsáveis por essa aterradora miséria e pela confusão que vai no mundo, por êste constante perigo de guerra. Para transformarmos o mundo, precisamos começar por nós mesmos; e o que é relevante no começar por nós mesmos, é a intenção. A intenção deve ser a de compreendermos a nós mesmos e não de esperarmos que outros se transformem ou realizem uma alteração superficial pela revolução da esquerda ou da direita. Importa compreendermos que esta obrigação é nossa, vossa e minha. Porque, por mais insignificante que seja o mundo em que vivemos, se nos pudermos transformar, introduzir na existência diária um ponto de vista radicalmente diferente, então talvez venhamos a

influir no mundo como um todo, o qual é as nossas relações com outros, em escala ampliada.

Como disse, vamos tentar descobrir o processo da compreensão de nós mesmos, que não é um processo isolante. Não implica êle a retirada para longe do mundo, porquanto não se pode viver no isolamento. Ser é estar em relação e não existe uma coisa tal como viver no isolamento. É a falta de relações corretas que gera conflitos, angústias e lutas. Por menor que seja nosso mundo, se pudermos transformar nossas relações dentro dêsse pequeno mundo, essa transformação, qual onda sonora, ir-se-á dilatando constantemente, no mundo exterior. Julgo importante compreender bem êste ponto, isto é, que o mundo são nossas relações, por mais limitadas que sejam; e que, se pudermos operar uma transformação aí, não uma transformação superficial, porém radical, começaremos a transformar o mundo. A verdadeira revolução não se relaciona com um padrão especial, quer da esquerda, quer da direita; é uma revolução de valôres, uma revolução em que passamos dos valôres sensuais aos valôres que não são sensuais nem criados por influências ambientes. Para descobrir êsses valôres verdadeiros, que devem produzir uma revolução radical, uma transformação ou regeneração, é imprescindível que compreendamos a nós mesmos. O autoconhecimento é o comêço da sabedoria e por conseguinte o comêço da transformação ou regeneração. Para compreendermos a nós mesmos, é necessária a intenção de compreender, e aí reside nossa dificuldade. Embora descontentes, quase todos nós desejamos realizar uma alteração súbita; nosso descontentamento é canalizado no sentido da consecução de certo resultado. Quando estamos descontentes, procuramos uma ocupação diferente, ou então sucumbimos ao ambiente. Nosso descontentamento, ao invés de inflamar-nos de entusiasmo, fazendo-nos investigar a vida, o processo inteiro da existência, canaliza-se, e, em conseqüência disso, tornamo-nos medíocres, perdendo aquêle ímpeto, aquela intensidade necessária para compreender o significado total da existência. Por esta razão, é importante descobrirmos estas coisas por nós mesmos, visto que o autoconhecimento não nos pode ser dado por outrem e não se encontra com a ajuda de livro algum. Devemos descobrir, e para descobrir é necessária a intenção, a busca, a pesquisa. Enquanto fôr débil ou inexistente essa intenção de descobrir, de investigar profundamente, a mera asserção ou o desejo esporádico de nos esclarecermos sôbre nós mesmos, será de pequeníssima importância.

Assim, a transformação do mundo se efetua pela transformação do indivíduo, porque o indivíduo é o produto e uma parte do processo total da existência humana. Para nos transformarmos é essencial o autoconhecimento; se não sabemos o que somos, não há base para o pensamento correto; se não nos conhecemos não pode haver transformação. Deve o indivíduo conhecer a si mesmo tal como é, e não como deseja ser, pois isso é apenas um ideal e, portanto, fictício, imaginário. Só *o que é* pode ser transformado, e não aquilo que desejamos ser. Para um indivíduo conhecer a si mesmo tal como é, precisa de extraordinária vigilância, por parte da mente, porquanto *o que é* está sujeito a transformação constante, constante mudança, e para o acompanhar com presteza não deve a mente estar restringida por nenhum dogma ou crença, nenhuma norma particular de ação. Se desejamos seguir uma coisa, não há vantagem alguma em estarmos amarrados. Para o indivíduo conhecer-se a si mesmo, deve ter lucidez, vigilância, por parte da mente, com inteira independência de tôdas as crenças, de tôda idealização, uma vez que as crenças e os ideais só nos oferecem uma côr, pervertendo o exato percebimento. Se desejais saber o que sois, não podeis imaginar ou ter uma crença numa coisa que não sois. Se sou ganancioso, invejoso, violento, o simples fato de nutrir um ideal de não-violência, de não-ganância, é de pouco valor. Saber, porém, que somos gananciosos ou violentos, sabê-lo e compreendê-lo, requer um percebimento extraordinário, não é verdade? Requer honestidade, lucidez de pensamento, ao passo que seguir um ideal apartado do que *é*, representa uma fuga, que nos impede de descobrir e de atuar diretamente sôbre o que somos.

A compreensão do que somos, não importa como somos — feios, belos, perversos, malignos — a compreensão do que somos, sem disfarce, é o comêço da virtude. A virtude é essencial, porque dá liberdade. É só na virtude que se pode descobrir, que se pode viver — não no *cultivo* da virtude, que leva só à respeitabilidade, e *não* dá compreensão e liberdade. Há diferença entre ser virtuoso e "vir a ser" virtuoso. O ser virtuoso vem com a compreensão do que *é*, ao passo que o "vir a ser" virtuoso é adiamento, ocultação do que *é* com o que desejaríamos ser. Por conseguinte, no "vir a ser" virtuoso evita-se a ação direta sôbre o que *é*. Êsse processo de evitar *o que é*, pelo cultivo do ideal, é considerado virtuoso; se o observarmos, porém, muito atenta e diretamente, veremos que não tem esta qualidade. É um mero adiamento do nosso encontro com

o que é. Virtude não é "vir a ser" o que *não é;* virtude é compreensão do que *é,* portanto o estado em que estamos livres do que *é.* A virtude é essencial numa sociedade que se está desintegrando ràpidamente. Para criar um nôvo mundo, uma nova estrutura, diversa da velha, é preciso liberdade para descobrir; e para ser livre, é indispensável a virtude, porque sem virtude não há liberdade. Pode o homem imoral que luta para se tornar virtuoso, chegar a conhecer a virtude? O homem que não é moral nunca pode ser livre e por conseguinte nunca descobrirá o que é a realidade. A realidade só se encontra na compreensão do que *é;* e para compreender *o que é,* deve haver liberdade, libertação do mêdo do *que é.*

Para compreender êsse processo, deve haver a intenção de conhecer *o que é,* de seguir cada pensamento, cada sentimento, cada ação. É dificílimo compreender *o que é,* porquanto *o que é* nunca está em repouso, nunca é estático, está sempre em movimento. *O que é* é o que sois, e não o que desejaríeis ser; não é o ideal, porque o ideal é fictício; é aquilo que fazeis, que pensais e sentis, momento por momento. *O que é* é o fato real, e a compreensão do fato real requer vigilância, requer mente muito atenta e veloz. Mas se começamos condenando *o que é,* se começamos reprovando-o ou resistindo-lhe, não compreenderemos seu movimento. Se desejo compreender alguém, não devo condená-lo; devo observá-lo, estudá-lo. Devo amar a coisa que estou estudando. Se desejamos compreender uma criança, devemos amá-la e não condená-la. Devemos brincar com ela, observar-lhe os movimentos, as idiossincrasias, os modos de conduta; se apenas a condenamos, se lhe resistimos ou a reprovamos, não pode haver compreensão da criança. Da mesma forma, para compreendermos *o que é,* temos de observar o que pensamos, sentimos e fazemos momento por momento. É isto que tem existência real. Qualquer outra ação, qualquer ideal ou ação ideológica, não tem existência real; é um simples desejo, desejo fictício de sermos diferentes do que *é.*

Para compreender *o que é* é preciso um estado mental em que não haja identificação ou condenação, o que requer um espírito ao mesmo tempo alertado e passivo. Achamo-nos nesse estado, quando desejamos realmente compreender uma coisa; quando há intensidade de interêsse, êsse estado mental se torna existente. Quando estamos interessados em compreender o que *é,* o real estado da mente, não precisamos forçá-la, disciplina-la ou controlá-

la; pelo contrário, há uma vigilância, um alertamento passivo. Êsse estado de vigilância vem quando existe o interêsse, quando existe a intenção de compreender.

A compreensão fundamental de si mesmo não resulta da aquisição de conhecimentos ou da acumulação de experiências, pois isso é só cultivo da memória. A compreensão de si mesmo acontece momento por momento; se apenas acumulamos conhecimento do "eu", êsse conhecimento impede a compreensão mais profunda, porque o conhecimento e a experiência acumulados se tornam o centro que permite ao pensamento focalizar-se e ter existência. O mundo não é diferente de nós e de nossas atividades, porque o que somos é que cria os problemas do mundo; a dificuldade, no que respeita à maioria de nós, é que não nos conhecemos diretamente, mas queremos um sistema, um método, um meio de ação, pelo qual possam ser resolvidos os numerosos problemas humanos.

Ora, existe algum meio, algum sistema de nos conhecermos? Qualquer pessoa talentosa, qualquer filósofo pode inventar um sistema, um método; mas, naturalmente, a observância de um sistema só produzirá um resultado criado por êsse sistema, não é verdade? Se sigo um determinado método de conhecer a mim mesmo, terei o resultado que êsse sistema necessàriamente produz; mas o resultado, é evidente, não será a compreensão de mim mesmo. Isto é, se sigo um método, um sistema, um meio de me conhecer, estou moldando meu pensar, minhas atividades segundo um padrão, e a observância de um padrão não é compreensão de si mesmo.

Por conseguinte, não há método para alcançar o autoconhecimento. A busca de método implica invariàvelmente o desejo de alcançar algum resultado, e é isso justamente o que todos nós queremos. Seguimos a autoridade, se não a de uma pessoa, pelo menos a de um sistema, de uma ideologia, porque desejamos um resultado que seja satisfatório, que nos dê segurança. Na realidade não desejamos compreender a nós mesmos, nossos impulsos e reações, o inteiro processo do nosso pensar, tanto consciente como inconsciente. Preferimos seguir um sistema que nos garanta um resultado.

Seguir um sistema é invariàvelmente o resultado do nosso desejo de segurança, de certeza, e daí, é claro, não resulta a compreensão de nós mesmos. Quando seguimos um método, necessita-

mos de autoridades — o instrutor, o *guru,* o salvador, o Mestre — para nos garantirem o que desejamos; e êste, por certo, não é o caminho do autoconhecimento.

A autoridade impede a compreensão de nós mesmos, não é verdade? Sob a égide de uma autoridade, de um guia, podemos ter, por algum tempo, um sentimento de segurança, um sentimento de bem-estar, que não é a compreensão do processo total de nós mesmos. A autoridade, por sua própria natureza, impede o pleno conhecimento de nós mesmos; por conseguinte, acaba destruindo a liberdade; e só na liberdade pode haver criação. Só pode haver criação através do autoconhecimento. A maioria dentre nós não é criadora; somos relógios de repetição, meros gramofones a tocar e a retocar certas cantigas da experiência, certas conclusões e lembranças, nossas próprias ou de outrem. Essa repetição não constitui um existir criador — mas é o que desejamos. Desejando estar interiormente seguros, vivemos em busca de métodos e meios para alcançar essa segurança e criamos, assim, a autoridade, a veneração por outrem, que destrói a compreensão, que destrói aquela espontânea tranqüilidade da mente, em que existe a única possibilidade do estado de criação.

Nosso problema resulta, sem dúvida, de têrmos perdido o senso criador. Ser criador não significa pintar quadros ou escrever poesias e tornar-se famoso. Tal ação não é criadora, mas simples capacidade de expressar uma idéia, que o público aplaude ou despreza. Não se devem confundir capacidade e potência criadora. Capacidade não é criação. A potência criadora é um "estado de ser" inteiramente diferente, não é? É um estado em que o "eu" está ausente, em que a mente já não é o foco de nossa experiência, de nossas ambições, de nossos apetites e desejos. A criação não é um estado contínuo, renova-se a cada momento, é um movimento em que não existe ou "eu", o "meu", em que a mente não se foca em nenhuma experiência particular, em nenhuma ambição, realização, fim e incentivo. Só quando não existe o "eu", pode haver criação — êsse único estado de ser em que pode existir a realidade, a criadora de tôdas as coisas. Êsse estado não se concebe nem se imagina, não se formula nem se copia, não se alcança por meio de sistema, de filosofia ou de disciplina alguma; ao contrário, só pode nascer da compreensão do processo total de nós mesmos.

A compreensão de nós mesmos não é um resultado, uma culminação; é o nos vermos a cada momento, no espelho das relações — em nossas relações com a propriedade, as coisas, as pessoas e às idéias. Mas achamos difícil estar alertados, estar vigilantes, e por isso preferimos amortecer nossas mentes seguindo um método, aceitando autoridades, superstições e teorias que nos dêem satisfação. Dêsse modo, nossas mentes se tornam lassas, exaustas, insensíveis. A mente em tais condições nunca se achará em estado de criação. Só vem êsse estado de criação quando o "eu", que é o processo de reconhecimento e acumulação, deixa de existir; porque, afinal de contas, a consciência, como "eu", é o centro do reconhecimento, e reconhecimento é mero processo de acumulação de experiência. Todos temos mêdo de "ser nada", porque todos desejamos "ser alguma coisa". O homem pequeno quer tornar-se um grande homem, o não virtuoso quer ser virtuoso, o fraco e obscuro anseia pelo poder, por posição e autoridade. É esta a incessante atividade da mente, que nunca pode estar quieta, para compreender o estado de criação.

Para que se possa transformar o mundo que nos rodeia, êsse mundo de angústias, guerras, desemprêgo, fome, divisões de classes e confusão extrema, urge operar uma transformação em nós mesmos. A revolução deve começar dentro em nós mesmos, mas não de acôrdo com alguma crença ou ideologia, porque revolução baseada em idéia ou na observância de determinado padrão, não é, em absoluto, e òbviamente, revolução. Para que se possa operar uma revolução fundamental em nós mesmos, temos de compreender o processo integral do nosso pensamento e do nosso sentimento, nas relações. Esta é a única solução para todos os nossos problemas, pois não é solução o fato de têrmos mais disciplinas, mais crenças, mais ideologias e mais instrutores. Se pudermos compreender a nós mesmos, tais como somos de momento em momento, sem processo de acumulação, ganharemos uma tranqüilidade que não é produto da mente, uma tranqüilidade não imaginada e não cultivada. Só neste estado de tranqüilidade pode haver criação.

CAPÍTULO V

AÇÃO E IDÉIA

DESEJO discorrer sôbre o problema da ação. Parecerá êle um tanto complicado e difícil, no princípio, mas espero que, nêle refletindo, estaremos aptos a perceber claramente seu significado, porquanto tôda nossa existência, tôda nossa vida, é um processo de ação.

Vivemos, quase todos nós, numa série de ações, aparentemente desconexas, discordantes, e conducentes à desintegração, à frustração. É um problema que atinge cada um de nós, porque vivemos pela ação, e sem ação não há vida, não há experiência, não há pensar. Pensamento é ação; o mero exercer da ação num determinado nível da consciência, no nível exterior, o simples devotamento à ação exterior, sem se compreender o inteiro processo da própria ação, levar-nos-á, inevitàvelmente, à frustração, ao sofrimento.

Nossa vida é uma série de ações, um "processo" de ação, em diferentes níveis da consciência. Consciência é experimentar, dar nome e registrar. Isto é, a consciência se constitui de desafio e reação, ou seja, experimentar, em seguida dar nome, e por fim registrar na memória. Êste processo é ação, não é? A consciência é ação. Sem o desafio e a reação, sem o experimentar e o dar nome, aplicar um têrmo, sem o registrar, que é memória, não há ação.

Ora, a ação cria o agente. Isto é, o agente começa a existir quando a ação visa a um resultado, um fim. Se não se visa a um resultado na ação, não há agente; mas se há um fim ou um resultado em vista, a ação cria então o agente. Assim, agente, ação e fim ou resultado, é um processo unitário, um processo único, que se inicia quando a ação tem um fim em vista. A ação dirigida para um resultado é vontade; de outro modo, não existe vontade. O desejo de conseguir um resultado faz nascer a vontade, o agente: quero realizar uma coisa, quero escrever um livro, quero ser um homem rico, quero pintar um quadro.

Conhecemos muito bem êstes três estados: o agente, a ação, e o fim. Tal é a nossa existência de cada dia. Estou explicando *o*

que é, mas só começaremos a compreender a maneira de transformar *o que é,* quando o examinarmos claramente, de modo que não haja ilusão, nem preconceito, nem tendência, com relação a êle. Ora, êstes três estados que constituem a experiência — o agente, a ação, e o resultado — são, por certo, um processo de "vir a ser". De outro modo não há "vir a ser". Se não há agente e se não há ação dirigida para um fim, não há "vir a ser". A vida, porém, como a conhecemos, a nossa vida diária, é um processo de "vir a ser". Sou pobre e atuo com um fim em vista, isto é, tornar-me rico. Sou feio e desejo tornar-me belo. Minha vida, por conseguinte, é um processo de "vir a ser" alguma coisa. O desejo de ser é desejo de "vir a ser", em diferentes níveis da consciência, em estados diferentes, e compreende sempre desafio, reação, denominação e registro. Ora, êste "vir a ser" é luta, êste "vir a ser" é dor, não é? É uma luta constante: sou *isto* e desejo tornar-me *aquilo.*

Nessas condições, o problema é êste: não haverá ação sem "vir a ser"? Não haverá ação sem esta dor, esta batalha constante? Se não há fim, não há agente, porque é a ação com um fim em vista que cria o agente. Mas pode haver ação sem fim em vista, e portanto sem agente, isto é, sem desejo de resultado? Tal ação não é "vir a ser" e portanto não é luta. Há um estado de ação, um estado de experimentar, sem "experimentador e experiência". Isto parece um pouco filosófico, mas é na realidade muito simples.

No momento de experimentar não estais cônscios de vós mesmos, como "experimentadores" separados da experiência: estais num "estado de experimentar". Tomemos um exemplo muito simples: estais irritados; no momento da irritação não há "experimentador" e experiência, só há experimentar. Mas, no instante em que saís dêsse estado, uma fração de segundo após o experimentar, surge o experimentador e a experiência, o agente e a ação com um fim em vista, que é o de libertar-vos da irritação ou reprimi-la. Vemo-nos repetidamente nesse estado, no estado de experimentar, mas assim que saímos dêle, aplicamos-lhe um têrmo, um nome, e o registramos, conferindo, assim, continuidade ao "vir a ser".

Se pudermos compreender a ação, no sentido fundamental da palavra, essa compreensão atingirá também nossas atividades superficiais. Em primeiro lugar, no entanto, temos de compreender a natureza fundamental da ação. Ora, é a ação produzida por uma

idéia? Tendes primeiro um idéia, e depois agis? Ou a ação vem antes e, após, visto que a ação gera conflito, construís uma idéia em tôrno dela? A ação cria o agente, ou o agente vem antes da ação?

É muito importante descobrir qual dos dois vem primeiro. Se a idéia vem primeiro, nesse caso a ação se ajusta apenas a uma idéia e, por conseguinte, já não é ação, mas imitação, compulsão de acôrdo com uma idéia. É importantíssimo compreender tal processo, porque, uma vez que nossa sociedade está, em grande parte, construída sôbre o nível intelectual ou verbal, a idéia vem primeiro, em relação à maioria de nós, seguindo-se-lhe a ação. A ação se torna, assim, a ancila de uma idéia, e a mera armação de idéias é, òbviamente, prejudicial à ação. As idéias geram outras idéias, e quando só há geração de idéias, há antagonismo e a sociedade se torna instável, por causa do processo intelectual de ideação. Nossa estrutura social é muito intelectual, estamos cultivando o intelecto em detrimento de todos os demais fatôres do nosso ser, e por êsse motivo estamos sufocados por idéias.

Podem as idéias, em algum tempo, produzir ação, ou as idéias moldam apenas o pensamento e, por conseguinte, limitam a ação? Quando a ação é imposta por uma idéia, ela não liberta o homem. É sumamente importante compreender êste ponto. Se uma idéia molda a ação, a ação, nesse caso, nunca pode trazer a solução dos nossos sofrimentos, porque, antes que possa ser convertida em ação, precisamos descobrir como a idéia se origina. A pesquisa da ideação, da formação das idéias, seja as dos socialistas, dos capitalistas, dos comunistas, seja as das várias religiões, é de máxima importância, principalmente tendo-se em vista que nossa sociedade se acha à beira de um precipício, atraindo sôbre si outra catástrofe, outra mutilação. Os que têm intenção realmente séria de descobrir a solução humana de nossos numerosos problemas, devem em primeiro lugar compreender o processo de ideação.

Que se entende por idéia? Como se origina a idéia? Podem unir-se a idéia e a ação? Suponhamos que eu tenha uma idéia e deseje pô-la em execução. Busco um método de levar a efeito tal idéia, e ficamos conjeturando, dissipando tempo e energias, numa disputa sôbre como a idéia deve ser posta em execução. É, portanto, de muita importância descobrir como as idéias nascem. Depois de descobrir a verdade a êsse respeito, pode-se discutir o problema da

ação. A menos que procuremos compreender as idéias, nenhuma significação tem a descoberta de como agir.

Ora, como adquirimos uma idéia? Uma idéia muito simples, não precisa ser uma idéia filosófica, religiosa ou econômica. Evidentemente, trata-se de um processo de pensamento, não? A idéia é o produto de um processo de pensamento. Sem processo de pensamento, não pode haver idéia. Devo, pois, compreender êsse processo de pensamento, antes de poder compreender seu produto, a idéia. Que entendemos por pensamento? Quando é que pensamos? O pensamento, sem dúvida, é o resultado de uma reação, neurológica ou psicológica, não é? É a reação imediata dos sentidos a uma sensação; ou é de natureza psicológica, isto é, reação da memória acumulada. Há imediata reação dos nervos à sensação e há a reação psicológica da memória acumulada, a influência da raça, do grupo, do *guru,* da família, da tradição, etc. — a tudo isso se chama pensamento. O processo de pensamento, por conseguinte, é reação da memória. Não teríamos pensamentos, se não tivéssemos memória; e a reação da memória a uma certa experiência põe em ação o processo de pensamento. Digamos, por exemplo, que tenho as memórias acumuladas do nacionalismo e me intitulo hindu. Êsse reservatório das memórias de antigas reações, ações, ilações, tradições, costumes, reage ao desafio de um muçulmano, um budista, um cristão, e a reação de memória ao desafio provoca, inevitàvelmente, um processo de pensamento. Observai o processo de pensamento que opera em vós mesmos e tirareis diretamente a prova disso. Fôstes insultados por uma pessoa, e êsse insulto fica-vos na memória, constituindo parte do vosso íntimo. Quando vos encontrais com a pessoa, que é o desafio, a reação é a lembrança do insulto. A reação da memória, pois, que é o processo de pensamento, gera uma idéia. A idéia pois é sempre condicionada. É importante que se compreenda esta afirmação, isto é, a idéia é o resultado do processo de pensamento, o processo de pensamento é reação da memória, e a memória é sempre condicionada. A memória tem sua existência sempre no passado, e a essa memória se insufla vida no presente, por efeito de um desafio. A memória, em si, não tem vida, vem à vida no presente, quando posta à frente de um desafio. Tôda lembrança, quer latente, quer ativa, é condicionada, não é verdade?

Por conseguinte, temos de proceder de maneira de todo diversa. Temos de descobrir por nós mesmos, interiormente, se esta-

mos agindo com base numa idéia, e se pode haver ação sem ideação. Averigüemos o que é isto: ação não baseada em idéia.

Quando agimos sem ideação? Quando há ação não resultante de experiência? Ação baseada em experiência é, como temos dito, limitante e portanto, um obstáculo. A ação que não resulta de idéia é espontânea, quando o processo de pensamento, que se baseia na experiência, não está controlando a ação; o que significa que há ação independente da experiência, quando a mente não está controlando a ação. É êste o único estado em que há compreensão: quando a mente, que se baseia na experiência, não está guiando a ação, quando o pensamento, que se baseia na experiência, não está moldando a ação. Que é ação, quando não há processo de pensamento? Pode haver ação sem processo de pensamento? Isto é, desejo construir uma ponte, uma casa, sei a técnica, e a técnica me diz como devo construí-la. Chamamos a isso ação. Temos a ação de escrever um poema, de pintar um quadro, das atribuições governamentais, das reações sociais e ambientes. Tôdas elas baseadas numa idéia ou em experiência prévia, as quais moldam a ação. Mas existe ação, quando não há ideação?

Tal ação existe, por certo, quando a idéia deixa de existir, e a idéia só deixa de existir quando há amor. O amor não é memória. O amor não é experiência. Não é amor pensarmos na pessoa que amamos, pois isso é apenas pensamento. Não se pode *pensar* o amor. Podemos pensar na pessoa que amamos ou a que somos devotados — o *guru,* a imagem, a espôsa, o marido; mas o pensamento, o símbolo, não é a coisa real, que é o amor. O amor, por conseguinte, não é uma experiência.

Quando há amor, há ação, — e não é libertadora esta ação? Ela não é resultado de atividade mental e não há intervalo entre o amor e a ação, como se verifica entre a idéia e a ação. A idéia, que é sempre velha, projeta sua sombra no presente, e nós vivemos tentando lançar uma ponte entre a ação e a idéia. Quando há amor, que não é produto da mente, que não é produto de idéia, que não é memória, que não é resultado de experiência, de uma disciplina em que nos exercitamos — então êsse amor mesmo é ação. Êle é a única coisa que liberta. Enquanto houver atividade mental, enquanto a ação fôr moldada por uma idéia, que é experiência, não haverá libertação, e enquanto existir êsse processo, tôda ação será limitada. Uma vez percebida tal verdade,

aquêle amor, que não resulta da mente, que não pode ser pensado, se torna existente.

Temos de estar cônscios dêsse processo total, de como as idéias se originam, de como a ação resulta das idéias e de como as idéias controlam e, portanto, limitam a ação, visto que dependem da sensação. Não importa *de quem* sejam as idéias, ou que sejam da esquerda ou da extrema direita. Enquanto vivermos apegados às idéias, encontrar-nos-emos num estado em que não existe nenhuma possibilidade de experimentar. Estaremos vivendo simplesmente na esfera do tempo; no passado, que fornece mais sensações, ou no futuro, que é outra forma de sensação. Só quando a mente está livre da idéia pode haver experimentar.

As idéias não são a verdade. A verdade é algo que tem de ser experimentado diretamente, de momento a momento. Não é uma experiência *desejada,* que é pura sensação. Só quando somos capazes de transcender o feixe de idéias, que é o "eu", que é a mente, que tem uma continuidade parcial ou integral; só quando somos capazes de ultrapassá-lo, quando o pensamento está em absoluto silêncio, só então existe um "estado de experimentar". Pode-se então saber o que é a verdade.

CAPÍTULO VI

A CRENÇA

A CRENÇA e o conhecimento estão intimamente relacionados com o desejo e, talvez, se chegarmos a compreender estas duas questões, possamos perceber como funciona o desejo e compreender suas complexidades.

Uma das coisas — assim me parece — que em geral aceitamos sôfregamente, que em geral reconhecemos sem discussão, é a questão das crenças. Não vou atacar as crenças. O que vamos tentar é descobrir por que aceitamos crenças. Se pudermos compreender os motivos, as causas da aceitação, estaremos, então, talvez aptos, não só a compreender por que o fazemos, senão também a nos livrarmos das crenças. Pode-se ver como as crenças políticas e religiosas, nacionais e de vários outros tipos, separam os homens, geram con-

flitos, confusão e antagonismo. É um fato óbvio. Entretanto, não temos vontade de abandoná-las. Há a crença hinduísta, a cristã, a budista, inúmeras crenças sectárias e nacionais, várias ideologias políticas, tôdas em luta entre si e procurando converter-se recìprocamente. Pode-se ver muito claramente que a crença está separando os homens, fomentando a intolerância. É possível viver sem crença? Só podemos responder estudando a nós mesmos em relação a uma crença. É possível vivermos neste mundo, sem crença, isto é, sem trocarmos de crença, sem substituir uma crença por outra, e sim, inteiramente livres de *tôdas* as crenças, encontrando-nos com a vida, a cada minuto, de maneira nova? Afinal, a verdade é isto: têrmos a capacidade de nos encontrar com tôdas as coisas de maneira nova, de momento em momento, sem a reação condicionadora do passado, de modo que não haja efeito cumulativo atuando como barreira entre nós e aquilo que *é*.

Se refletirdes, vereis que o temor é uma das razões do desejo de aceitar uma crença. Se nenhuma crença tivéssemos, que nos aconteceria? Não ficaríamos aterrorizados com o que poderia acontecer? Se não tivéssemos nenhum padrão de ação, baseado em crença — crença em Deus, ou no comunismo, ou no socialismo, no imperialismo, ou em alguma espécie de fórmula religiosa, algum dogma pelo qual somos condicionados — sentir-nos-íamos perdidos, não? Essa aceitação de uma crença não é uma das maneiras de encobrirmos o nosso temor — o temor de sermos nada absolutamente, de estarmos vazios? Afinal, uma taça só tem utilidade quando vazia e a mente que anda cheia de crenças, de dogmas, de asserções, de citações, é, com efeito, estéril; é, apenas, mente repetitiva, maquinal. O desejo de fugirmos àquele temor — o temor do vazio, o temor da solidão, o temor da estagnação, o temor de não atingirmos nossos objetivos, de não têrmos bom êxito, de não nos preenchermos, não sermos algo, não nos tornarmos algo — é certamente uma das razões por que aceitamos as crenças com tanto interêsse e sofreguidão. Não achais? Pela aceitação de crença compreendemos a nós mesmos? Ao contrário. Uma crença, religiosa ou política, impede-nos, òbviamente, a compreensão de nós mesmos. É como que uma cortina, através da qual nos olhamos, a nós mesmos. E podemos olhar-nos sem têrmos crenças? Se afastarmos essas crenças, as muitas crenças que temos, resta ainda alguma coisa para ser olhada? Se não tivermos crenças com que a mente esteja identificada, então, livre dessa identificação, ela é

capaz de olhar a si mesma tal como é; começa aí, sem dúvida, a compreensão de nós mesmos.

Êste é um problema, na realidade, interessantíssimo, a questão da crença e do conhecimento. Que papel extraordinário ela tem em nossa vida! Quantas crenças temos! Positivamente, quanto mais intelectual uma pessoa é, quanto mais culta, quanto mais espiritual, se posso empregar esta palavra, tanto menor sua capacidade de compreender. Os selvagens têm inúmeras superstições, em plenos tempos modernos. Os indivíduos mais ponderados, mais despertos, mais alertados, são talvez os que menos crêem. Pois a crença limita, isola. E é exatamente o que está acontecendo no mundo inteiro, no mundo econômico, no mundo político, e bem assim no mundo dito espiritual. Credes que *há* Deus, e talvez eu *creia* que *não há* Deus; ou tendes fé no contrôle absoluto de tôdas as coisas e de todos os indivíduos pelo Estado, e eu creio na iniciativa privada, etc.; credes que só há um Salvador e que por êle alcançaremos a nossa meta, e eu não creio tal coisa. De maneira que, vós com vossa crença e eu com a minha, estamo-nos impondo um ao outro. Todavia, ambos falamos de amor, de paz, de unidade humana, de uma só vida — o que nada significa, em absoluto. Porque, com efeito, a crença mesma é um processo de isolamento. Vós sois brâmanes, eu sou não-brâmane; sois cristãos, eu muçulmano, etc. Falais de fraternidade, e eu também falo desta mesma fraternidade, de amor, de paz. Na realidade, porém, estamos separados, estamos divididos. Um homem que deseja a paz, que deseja criar um mundo nôvo, um mundo feliz, não pode, decerto, isolar-se numa forma qualquer de crença. Está claro? Talvez esteja, verbalmente, mas, se perceberdes o significado, e a validade, e a verdade desta afirmação, êsse percebimento começará a atuar.

Vemos que, onde há processo de desejo, tem de haver processo de isolamento pela crença, porque é bem óbvio que nós cremos para ter segurança, econômica, espiritual e também interior. Não estou falando das pessoas que crêem por razões econômicas, uma vez que elas foram criadas para dependerem de seus empregos, e por conseguinte serão católicas, ou hinduístas, ou o que seja, enquanto houver emprêgo para elas. Não estamos tampouco tratando das pessoas que se apegam a uma crença por conveniência. Talvez quase todos nós estejamos neste caso. Por conveniência cremos em certas coisas. Pondo de parte estas razões econômicas, temos de penetrar a questão mais a fundo. Consideremos as pessoas

que crêem fortemente em alguma coisa, de ordem econômica, social ou espiritual; o processo que ocasiona essa crença é o desejo psicológico de estar seguro, não é? E há, ainda, o desejo de continuidade. Não estamos discutindo sôbre se há ou não continuidade, estamos tratando apenas do impulso constante para crer. Um homem amante de paz, um homem que deseja realmente compreender o processo integral da existência humana, não pode ficar dependente de uma crença, não achais? Êle percebe que seu desejo trabalha no sentido de alcançar a segurança. Por favor, não vos ponhais no campo oposto, dizendo que estou pregando a irreligião. Não é isto absolutamente o que me interessa. O ponto que me interessa é que, enquanto não compreendermos o processo do desejo, sob a forma de crença, tem de haver luta, tem de haver conflito, tem de haver sofrimento, e o homem estará sempre contra o homem. Êste é um fato que se pode observar todos os dias. Nessas condições, se percebo, se reconheço que êsse processo assume a forma de crença, a qual é uma expressão da ânsia de segurança interior, meu problema não é, então, se devo crer nisso ou naquilo, mais, sim, que devo libertar-me do desejo de estar em segurança. Pode a mente estar livre do desejo de segurança? O problema é êste, e não o de sabermos o que devemos crer e quanto devemos crer. Estas coisas são, apenas, expressões da ânsia interior de estarmos seguros psicològicamente, de estarmos certos a respeito de alguma coisa, quando tudo anda incerto neste mundo.

Pode a mente, a mente consciente, a personalidade, estar livre do desejo de segurança? Queremos estar protegidos e por isso necessitamos de nossos patrimônios, nossas propriedades, nossas famílias. Queremos alcançar segurança, interior e espiritual, e por isso erigimos essas muralhas de crença, que são uma prova desta ânsia de estar seguros. Pode alguém, como indivíduo, estar livre dêsse impulso, dessa ânsia de segurança, a qual se expressa no desejo de crer em alguma coisa? A menos que estejamos livres de tudo isso, seremos sempre uma fonte de conflito; não seremos agentes da paz; não teremos amor em nossos corações. A crença destrói, como se pode ver em nossa vida de cada dia. Posso ver-me a mim mesmo, quando estou prêso a êsse processo de desejo, que se expressa no apêgo a uma crença? Pode a mente libertar-se da crença — isto é, sem procurar-lhe um substituto e sim, ser inteiramente livre dela? Não se pode responder verbalmente — "sim" ou "não — a esta pergunta. Pode-se, entretanto, dar uma

resposta peremptória, se a intenção fôr a de nos livrarmos da crença. Chega-se então inevitàvelmente ao ponto em que se busca o meio de libertar-se da ânsia de segurança. Não há, òbviamente, segurança interior, uma segurança que tenha continuidade, como gostais de crer que haja. Gostais de crer que há um Deus, que está cuidando muito desveladamente das vossas pequeninas coisas, indicando-vos a quem deveis procurar, o que deveis fazer e como o deveis fazer. É um modo de pensar infantil, sem maturidade. Pensais que o Pai Supremo está velando por cada um de nós. É mera projeção de vosso gôsto pessoal. Não é verdadeiro, sem dúvida. A verdade deve ser uma coisa de todo diferente.

Temos, a seguir, o problema do conhecimento. É necessário o conhecimento, para a compreensão da verdade? Quando digo "Eu sei", isso subentende conhecimento. É a mente assim constituída capaz de investigar e de descobrir o que é a realidade? Além disso, o que sabemos nós e de que tanto nos orgulhamos? Que sabemos, com efeito, atualmente? Temos instrução, estamos cheios de conhecimentos e de experiências baseadas em nosso condicionamento, nossa memória e nossas capacidades. Quando dizeis "sei", o que entendeis com isso? O reconhecimento de que sabeis, ou é reconhecimento de um fato, de uma coisa aprendida, ou é reconhecimento de uma experiência que tivestes. A constante acumulação de conhecimentos, a aquisição de várias formas de saber, tudo isso constitui a asserção "eu sei"; e começais a traduzir o que lêstes, de acôrdo com vosso próprio passado, vosso desejo, vossa experiência. Vosso saber é algo em que se encontra em atividade um processo semelhante ao processo do desejo. No lugar da crença pomos o saber. "Eu sei, tive experiência; isto não pode ser refutado; minha experiência é "tal" e posso confiar nela, completamente." Tudo isso denota conhecimento. Mas se penetrardes a coisa profundamente, se a analisardes, se a observardes mais inteligente e cuidadosamente, vereis que a própria asserção "eu sei" representa mais uma muralha posta entre vós e mim. Atrás dessa muralha vós vos refugiais buscando confôrto e segurança. Por conseguinte, quanto maior a carga de conhecimentos da mente, tanto menos capaz ela é de compreensão.

Não sei se já pensastes alguma vez neste problema relativo à aquisição de conhecimento, se já pensastes sôbre se o conhecimento nos ajuda, afinal, a amar, a ser livres daquelas qualidades gerado-

ras de conflito em nós mesmos e com nossos semelhantes; se o conhecimento pode em algum tempo libertar a mente da ambição. Porque a ambição, afinal de contas, é uma das qualidades que destroem as relações, que lançam o homem contra o homem. Se desejamos viver em paz uns com os outros, é claro que a ambição deve deixar de existir completamente, não só a ambição política, econômica, social, mas também aquela outra ambição mais sutil e mais perniciosa, que é a ambição espiritual: *ser* alguma coisa. É possível, afinal, a mente libertar-se do processo acumulador de conhecimento, do desejo de saber?

É muito interessante observar a extraordinária influência que têm em nossa vida êstes dois elementos: — o conhecimento e a crença. Como veneramos os que possuem saber imenso, imensa erudição! Compreendeis a significação disso? Se desejais descobrir uma coisa nova, experimentar algo que não seja projetado pela vossa imaginação, vossa mente deve ser livre, não achais? Deve ser capaz de ver o que é nôvo. Infelizmente, sempre que vemos uma coisa nova, pomos em jôgo todos os conhecimentos que já possuímos, todo nosso saber, tôdas as memórias antigas e, como é obvio, tornamo-nos incapazes de observar, incapazes de receber qualquer coisa que seja nova, que não proceda do "velho". Tende a bondade de não traduzir isto literalmente. Se não sei voltar à minha casa, perder-me-ei; se não sei movimentar uma máquina, pouca utilidade terei. Trata-se de coisa completamente diferente. Não estamos discutindo aqui tal tema. Estamos conversando sôbre o conhecimento que é usado como meio para a obtenção de segurança, sôbre o desejo psicológico e interior de sermos alguma coisa. Que obtendes por meio do conhecimento? A autoridade do saber, o pêso do saber, o sentimento de importância, de dignidade, o sentimento de vitalidade, etc. Um homem que diz "eu sei", "há...", "não há...", por certo já deixou de pensar, já deixou de observar o processo do desejo.

Nosso problema, por conseguinte, conforme o vejo, resulta de estarmos limitados, oprimidos pela crença, pelo saber. É possível à mente estar livre do "ontem" e das crenças adquiridas pelo processo do "ontem"? Entendeis esta pergunta? É possível a mim, como indivíduo, e a vós, como indivíduo, vivermos nesta sociedade e apesar disso estarmos livres das crenças nas quais fomos criados? É possível à mente ser livre de todo aquêle saber, de

tôda aquela autoridade? Lemos as várias escrituras e livros religiosos. Nêles está descrito com tôdas as minúcias o que se deve fazer, o que se não deve fazer, como se atinge o alvo, qual é o alvo, e o que é Deus. Sabeis tudo isso de cor e o tendes seguido. Isso é vosso saber, o que tendes adquirido, o que tendes aprendido e por êsse caminho buscais o alvo. É óbvio que o que buscais, achareis. Mas será a realidade? Não será a projeção de vosso próprio conhecimento? Não é a realidade. É possível compreendermos isso *agora* — não amanhã, mas agora — e dizermos "vejo a verdade contida aqui" — e abandoná-lo, para que nossa mente não fique inibida por êsse processo de imaginação, de projeção?

É capaz a mente de ser livre da crença? Só podemos estar livres dela quando compreendemos a natureza intrínseca das causas que nos fazem persistir aferrados a ela; não só os motivos conscientes, mas também os motivos inconscientes que nos fazem crer. Afinal de contas, não somos mera entidade superficial a funcionar no nível consciente. Podemos compreender as atividades mais profundas, conscientes e inconscientes, se dermos à mente inconsciente uma oportunidade, pois ela é muito mais pronta na reação do que a mente consciente. Enquanto a vossa mente consciente está pensando, ouvindo e observando, com tôda a calma, a mente inconsciente está muito ativa, muito mais vigilante e muito mais receptiva; pode, por conseguinte, obter uma resposta. Pode a mente que foi subjugada, intimidada, forçada, obrigada a crer, pode essa mente ser livre para pensar? Pode ela olhar as coisas de maneira nova e eliminar o processo de isolamento existente entre vós e outrem? Por favor, não digais que a crença une as pessoas. Não une. Isto é óbvio. Nenhuma religião organizada jamais o conseguiu. Observai a vós mesmos, em vosso próprio país. Sois todos crentes, mas estais coesos? Estais unidos? Bem sabeis que não. Estais divididos em tantos partidos e castas insignificantes! Sabeis como são numerosas as divisões. O processo é o mesmo pelo mundo todo, seja no Oriente, seja no Ocidente — cristãos a destruir cristãos, a assassinarem uns aos outros por causa de insignificâncias, homens lançados em campos de concentração, etc. — todos os horrores da guerra. Está visto, pois, que a crença não une os homens. Isto é perfeitamente claro. Se é claro e verdadeiro, e vós o percebeis, cumpre-vos então estudá-lo. Mas a questão é que quase todos nós não vemos, porque somos incapazes de fazer frente àquela insegurança interior, àquele sentimento interior de solidão.

Queremos alguma coisa a que nos encostarmos — o Estado, a casta, o nacionalismo, um Mestre, um Salvador, qualquer coisa. E ao perceber a falsidade de tudo isso, a mente se torna capaz, momentâneamente, por um segundo, de perceber a verdade respectiva, embora essa verdade possa parecer-lhe assustadora, fazendo-a recuar. Mas vê-la momentâneamente já é suficiente; se puderdes vê-la por um segundo, tanto basta; porque acontece então uma coisa extraordinária. O inconsciente está em ação, embora o consciente esteja rejeitando. Não é um segundo progressivo, êsse, mas é o único, e terá seus resultados próprios, apesar de a mente consciente pôr-se em luta contra êle.

Nossa questão, por conseguinte, é esta: é possível à mente tornar-se livre do conhecimento e da crença? Não é a mente constituída de conhecimento e de crença? A estrutura da mente não é de crença e conhecimento? A crença e o conhecimento são os processos do reconhecimento, o centro da mente. Êsse processo é enclausurante, êsse processo tanto é consciente como inconsciente. Pode a mente tornar-se livre de sua própria estrutura? Pode a mente deixar de existir? Êste é o problema. A mente, tal como a conhecemos, tem na sua base a crença, o desejo, o impulso, para estar em segurança, o conhecimento e a acumulação de energia. Se, com todo o seu poder e superioridade, não somos capazes de pensar por nós mesmos, não pode haver paz no mundo. Pode-se falar de paz, podem-se organizar partidos políticos, pode-se bradar do alto das casas, mas não se pode ter paz, porque na mente se acha a base mesma que cria a contradição, que isola e separa. Um homem pacífico, um homem de propósitos sérios, não pode isolar-se e ao mesmo tempo falar de fraternidade e paz. Isso é mero jôgo político ou religioso, espírito de realização e de ambição. O homem que sente realmente um sério interêsse a êsse respeito, que deseja descobrir, tem de enfrentar o problema do conhecimento e da crença; tem de estudá-lo a fundo, a fim de descobrir todo o processo do desejo, do desejo de estar seguro, do desejo de estar certo.

A mente que deseja atingir o estado em que se possa manifestar o nôvo — ou a verdade, Deus, ou o que quiserdes — deve por certo deixar de adquirir, de acumular; deve abandonar todo o conhecimento. Aquela mente carregada de conhecimento não pode de modo nenhum compreender o que é real, imensurável.

CAPÍTULO VII

ESFÔRÇO

PARA A MAIORIA de nós, tôda a vida está baseada no esfôrço, em alguma espécie de volição. Não podemos conceber ação sem volição, sem esfôrço; nisso está baseada nossa vida. A vida social, econômica, e a chamada vida espiritual são uma série de esforços, culminando sempre em certo resultado. E pensamos que o esfôrço é essencial, necessário.

Por que fazemos esfôrço? Não é, falando com simplicidade, com o fim de alcançarmos um resultado, de nos tornarmos alguma coisa, de alcançarmos um objetivo? Se nenhum esfôrço fazemos, pensamos cair na estagnação. Temos uma idéia a respeito do alvo que estamos lutando para alcançar e esta luta se tornou parte da nossa vida. Se desejamos modificar-nos, mudar radicalmente, fazemos um esfôrço tremendo para eliminar os velhos hábitos, resistir às influências ambientes, etc. Estamos, pois, habituados a essa série de esforços no sentido de encontrar ou realizar alguma coisa, para vivermos de alguma maneira.

Todo êsse esfôrço não representa atividade do "ego"? Esfôrço não significa atividade egocêntrica? Se fazemos um esfôrço, procedente do centro do "eu", êsse esforço inevitàvelmente produzirá mais conflito, mais confusão e amargura. Entretanto, continuamos, obstinadamente, a fazer esfôrço sôbre esfôrço. Pouquíssimos dentre nós compreendem que a atividade egocêntrica do esfôrço não nos livra de nenhum dos nossos problemas. Pelo contrário, aumenta nossa confusão, nossa amargura, nosso sofrimento. Sabemo-lo, e entretanto continuamos a nutrir a esperança de nos libertarmos, de algum modo, dessa atividade egocêntrica do esfôrço, da ação da vontade.

Penso que chegaremos a compreender o significado da vida, se entendermos o que quer dizer fazer um esfôrço. Vem a felicidade como resultado do esfôrço? Já tentastes alguma vez ser felizes? É impossível isso, não achais? Lutais para ser felizes, e não há felicidade, há? A alegria não vem como resultado de coerção, de refreamento ou transigência. Podeis ceder, mas no fim encontrareis amargura. Podeis refrear ou controlar, mas há sempre

luta, subterrâneamente. A felicidade, pois, não se consegue pelo esfôrço, nem a alegria pelo contrôle e refreamento. Entretanto, tôda nossa vida é uma série de esforços, de refreamento, de contrôle, e uma série de lamentáveis capitulações. Há também um constante esfôrço de domínio, uma luta constante com nossas paixões, nossa ganância e estupidez. Não é certo que estamos lutando, agitando-nos, esforçando-nos, na esperança de acharmos a felicidade, de acharmos alguma coisa que nos dê um sentimento de paz, um sentimento de amor? Mas o amor ou a compreensão resulta de luta? Julgo importantíssimo compreender o que se entende por luta ou esfôrço.

Esfôrço não significa luta para transformar o que *é* no que *não é,* ou no que deveria ser ou deveria "vir a ser"? Porque não queremos enfrentar *o que é,* vivemos em luta constante, tentando fugir ou transformar, modificar *o que é.* O homem que tem em si o verdadeiro contentamento é aquêle que compreende *o que é,* dando ao que *é* sua exata significação. Êste é o verdadeiro contentamento. Nêle, não há preocupação de ter poucas posses ou muitas posses, mas só interêsse pela compreensão do total significado do que *é.* E êsse contentamento só pode vir quando reconhecemos *o que* é, quando o percebemos lùcidamente, e não quando estamos tentando modificá-lo ou transformá-lo.

Vemos, pois, que o esfôrço é uma luta para transformar o que *é,* noutra coisa que desejais que êle seja. Estou me referindo apenas à luta psicológica, e não à luta com um problema físico, como um problema de engenharia ou qualquer problema atinente a algum descobrimento ou transformação de ordem puramente técnica. Estou falando, apenas, daquela luta que é psicológica e que sempre se sobrepõe ao que é técnico. Podemos edificar com todo o esmêro uma sociedade maravilhosa, com o emprêgo do saber imenso que a ciência nos deu. Mas enquanto não fôr compreendido o esfôrço e a luta e a batalha psicológica, e não forem superadas tôdas as sobrecargas e correntes psicológicas, a estrutura da sociedade, por mais soberbamente edificada, está condenada a desabar, como tem acontecido tantas e tantas vêzes.

O esfôrço é uma distração do que *é.* No momento em que aceito *o que é,* não há mais luta. Tôda forma de luta ou de esfôrço é um indício de distração, e a distração, que é esfôrço, existe necessàriamente, enquanto, psicològicamente, desejo transformar *o que é* em alguma coisa que *não é.*

Temos primeiro de ser livres, para vermos que a alegria e a felicidade não resultam de esfôrço. Há criação pelo esfôrço, ou só há criação com a cessação do esfôrço? Quando é que escreveis, pintais ou cantais? Quando é que criais? Sem dúvida, quando não há esfôrço, quando estais completamente abertos, quando em todos os níveis há comunhão completa entre vós, completa integração. Há então alegria, e começais a cantar, ou a escrever um poema, ou a modelar alguma coisa. O momento criador não nasce da luta.

Talvez, se compreendermos o problema da criação, estejamos aptos a entender o que significa esfôrço. Criação é produto de esfôrço, e temos consciência dos momentos em que somos criadores? Ou a criação é um estado de completo auto-esquecimento, aquêle estado em que não há agitação, em que estamos por completo inconscientes do movimento do pensamento, quando só há *Ser,* completo, pleno, rico? Êsse estado resulta de labor, luta, conflito, esfôrço? Não sei se já tendes notado que quando executais uma coisa com facilidade, com destreza, não há esfôrço e sim uma ausência completa de luta; mas, visto que nossas vidas são, pela maior parte, uma série de batalhas, conflitos e lutas, não podemos imaginar uma vida, um "estado de ser" em que haja cessado completamente a luta.

Para compreendermos o "estado de ser" em que não há luta, o estado de existência criadora, é claro que temos de investigar integralmente o problema do esfôrço. Por esfôrço entendemos a luta para nos preenchermos, para nos tornarmos alguma coisa, não é isso? Sou *isto* e quero tornar-me *aquilo;* não sou tal coisa e devo tornar-me tal coisa. No vir a ser tal coisa há emulação, batalha, conflito, luta. Nesta luta, estamos necessàriamente interessados no preenchimento pela consecução de um fim; buscamos preenchimento pessoal num objetivo, numa pessoa, numa idéia, o que exige uma batalha, uma luta constante, um constante esfôrço para "vir a ser", realizar. Nessas condições, aceitamos o esfôrço como inevitável; e eu tenho minhas dúvidas sôbre se êle é inevitável, se é inevitável essa luta para "vir a ser" alguma coisa. Por que há essa luta? Onde há o desejo de preenchimento, em qualquer grau e em qualquer nível que seja, tem de haver luta. O preenchimento é o motor, a mola impulsora do esfôrço; quer se trate do chefe todo-poderoso, da simples dona de casa, ou do mendigo, há em todos esta batalha para "vir a ser", realizar.

Ora, por que existe êsse desejo de nos preenchermos? Evidentemente, o desejo de nos preenchermos, de nos tornarmos alguma coisa, surge quando percebemos que nada somos. Porque sou nada, porque sou insuficiente, vazio, interiormente pobre, luto por "vir a ser" alguma coisa; exterior ou interiormente, luto por me preencher numa pessoa, numa coisa, numa idéia. Preencher êsse vazio — nisso consiste todo o processo da nossa existência. Tendo consciência de que estamos vazios, de que somos pobres interiormente, lutamos com o fim de acumular coisas, exteriormente, ou de cultivar riquezas interiores. Só há esfôrço quando há a fuga ao vazio interior, pela ação, pela contemplação, pela aquisição, pela realização, pelo poder, etc. Tal é nossa existência de cada dia. Estou cônscio de minha insuficiência, de minha pobreza interior, e luto para dela fugir ou preenchê-la. Esta fuga, êste esfôrço para evitar, para tapar o vazio, acarreta luta, agitação, desgaste.

Pois bem, se não fazemos esfôrço para fugir, que acontece? Ficamos "vivendo com aquela solidão", com aquêle vazio; e, no aceitar êsse vazio, ver-se-á que surge um estado criador que nada tem a ver com a luta, com o esfôrço. Só existe esfôrço quando procuramos evitar a solidão e o vazio interior; mas se encararmos o fato, se o observarmos, se aceitarmos o que *é,* sem tentar evitá-lo, veremos surgir um "estado de ser", em que cessou de todo a luta. Aquêle "estado de ser" é criação, e não resulta de luta.

Quando há compreensão do que *é,* que é o vazio, a insuficiência interior, quando "vivemos com essa insuficiência" e a compreendemos integralmente, surge a realidade criadora, a inteligência criadora, a qual, e só ela, pode trazer-nos a felicidade.

A ação, por conseguinte, tal como a conhecemos, é, com efeito, reação, incessante "vir a ser", quer dizer, negação, fuga do que *é.* Mas, quando temos conhecimento do vazio, sem escolher, condenar nem justificar, nesse entendimento do que *é,* há ação, e esta ação é existência criadora. Compreendereis isso, se observardes a vós mesmos, na ação. Observai-vos, quando agis, não só exteriormente, mas observai também o movimento de vosso pensar e sentir. Quando estiverdes cônscios dêsse movimento, vereis que o processo do pensamento, que é também sentimento e ação, está baseado na idéia de "vir a ser". A idéia de "vir a ser" só se apresenta quando há sentimento de insegurança, e êste se manifesta quando estamos cônscios do vazio interior. Se estiverdes cônscios dêsse processo

do pensamento e sentimento, vereis que há uma batalha constante, um esfôrço contínuo, para transformar modificar, alterar *o que é.* É êste o esfôrço de "vir a ser", e o "vir a ser" é uma maneira direta de evitar *o que é.* Pelo autoconhecimento, pelo constante percebimento, vereis que a luta, a batalha, o conflito de "vir a ser", conduz à dor, ao sofrimento, e à ignorância. Só se estiverdes cônscios da insuficiência interior e "viverdes com ela", sem tentardes fugir, mas aceitando-a inteiramente, descobrireis uma extraordinária tranqüilidade, uma tranqüilidade não arranjada, não ajustada, mas uma tranqüilidade que vem com a compreensão do que *é.* Só nesse estado de tranqüilidade é possível a existência criadora.

CAPÍTULO VIII

A CONTRADIÇÃO

VEMOS a contradição, em nós e ao redor de nós; porque estamos em contradição, há falta de paz em nós e, por conseguinte, fora de nós. Existe em nós um estado constante de negação e asserção — o que desejamos ser e o que somos. O estado de contradição gera conflito e êsse conflito não produz paz — o que é um fato simples e óbvio. Esta contradição interior não deve ser interpretada como alguma espécie de dualismo filosófico, porquanto êste representa uma fuga muito cômoda. Isto é, quando dizemos que a contradição é um estado de dualismo, pensamos tê-la dissolvido — o que não passa de simples convenção, uma contribuição para nossa fuga à realidade.

Pois bem, que entendemos por conflito, por contradição? Por que existe contradição em mim — esta luta constante para ser algo diferente daquilo que sou? Sou *isto* e quero ser *aquilo.* Esta contradição em nós existente é um fato, e não um dualismo metafísico. A metafísica nada significa, na compreensão do que *é.* Pode-se discutir a respeito do dualismo, dizer o que êle é, se êle existe, etc.; mas que valor tem isso se não sabemos que em nós existem contradição, desejos opostos, interêsses opostos, objetivos opostos? Desejo ser bom e não consigo sê-lo. Esta contradição, esta oposição existente em nós, tem de ser compreendida, porquanto ela gera conflito e se estamos em conflito, em luta, não podemos criar

individualmente. Devemos estar bem esclarecidos sôbre o estado em que nos achamos. Há contradição, e por isso tem de haver luta; e luta é destruição, desperdício. Em tal estado, nada se pode produzir, salvo antagonismo, luta, mais amarguras e sofrimentos. Se pudermos compreender êste estado de modo completo e, conseqüentemente, livrarmo-nos da contradição, haverá, sem dúvida, paz interior que trará compreensão mútua entre nós.

O problema é êste. Visto que o conflito é destrutivo e causador de desperdício, por que razão existe em cada um de nós a contradição? Para compreendermos tal coisa, temos de ir um pouco mais além. Por que existe o estado de desejos opostos? Não sei se estamos bem cônscios dêsse estado, dessa contradição em nós mesmos, dêsse estado de querer e não querer, de nos lembrarmos de uma coisa e desejarmos esquecê-la, para achar alguma coisa nova. Observai o fato. Êle é muito simples e muito normal. Não é nada extraordinário. O fato é a contradição. Ora, por que surge a contradição?

Que significa contradição? Não significa um estado impermanente ao qual se opõe um outro estado impermanente? Penso que tenho um desejo permanente e logo surge outro desejo que o contradiz; essa contradição produz conflito, que é desperdício. Quer dizer, há a constante negação de um desejo por outro desejo, um objetivo que supera outro objetivo. Pois bem, existe tal coisa, como seja, um desejo permanente? Ora, todo desejo é impermanente — não metafìsicamente, mas de fato. Desejo um emprêgo. Isto é, considero um certo emprêgo como elemento de felicidade; entretanto, quando o obtenho, sinto-me insatisfeito. Quero tornar-me gerente, depois proprietário da firma, etc. A mesma coisa se observa no chamado mundo espiritual: o lente quer tornar-se diretor; o vigário, bispo; o discípulo, mestre.

Êste constante "vir a ser", alcançar um estado após outro, gera contradição, não é verdade? Por que então, em vez de encararmos a vida como um desejo permanente, não a encaramos como uma série de desejos transitórios em oposição entre si? A mente não tem necessidade de viver em estado de contradição. Se considero a vida, não como um desejo permanente, mas como uma série de desejos temporários, que variam constantemente, não há mais contradição.

A contradição surge apenas quando a mente tem um ponto fixo de desejo, isto é, quando a mente não considera todos os dese-

jos como passageiros, transitórios, mas se apega a um certo desejo e lhe dá caráter de permanência; só então, ao surgirem outros desejos, há contradição. Mas todos os desejos estão em movimento constante, não há fixação do desejo. Não há ponto fixo no desejo. A mente, porém, estabelece um ponto fixo, porque considera tôdas as coisas como meio de alcançar seus objetivos, como meio de ganho; e tem de haver contradição, conflito, enquanto estamos alcançando objetivos. Quereis alcançar vossos alvos, quereis lograr bom êxito na vida, quereis encontrar, no fim de vossa busca, um Deus ou a verdade, para vossa satisfação permanente. Por conseguinte, não estais buscando a verdade, não estais buscando a Deus. O que estais buscando é satisfação permanente, a qual disfarçais sob a capa de uma idéia, de uma palavra respeitável, como "Deus", "a verdade". De fato, porém, todos andamos em busca de satisfação e, pondo essa satisfação no mais alto nível, chamamo-la Deus. O nível mais baixo é a bebida. Enquanto a mente está em busca da satisfação, não há muita diferença entre Deus e a embriaguez. Do ponto de vista social, o alcoolismo pode ser um mal, mas o desejo interior de satisfação, de ganho, é mais nocivo ainda, não achais? Se desejais deveras encontrar a verdade, deveis ser extremamente sincero, não só por palavras mas de maneira total. Deveis estar lúcidos, num grau extraordinário, e não o podeis quando não quereis encarar os fatos.

Ora, o que faz nascer a contradição em cada um de nós? Evidentemente é o desejo de nos tornarmos alguma coisa, não é? Todos queremos tornar-nos alguma coisa, ter bom êxito na vida, e, interiormente, alcançar certo resultado. Enquanto pensarmos em têrmos relativos ao tempo, ao nosso desejo de êxito, tem de haver contradição. Afinal de contas, a mente é produto do tempo. O pensamento está baseado no ontem, no passado, e enquanto o pensamento estiver funcionando na esfera do tempo, em têrmos de futuro, de "vir a ser", de ganho, realização, tem de haver contradição, porque somos incapazes de encarar *o que é,* no seu exato especto. Só percebendo, compreendendo, estando cônscio do que *é,* sem escolha, teremos a possibilidade de nos livrarmos daquele fator desintegrante que é a contradição.

Por conseguinte, é essencial compreender o processo total do nosso pensar, porque é nêle que se encontra a contradição. O próprio pensamento se tornou uma contradição, porque não compreendemos o processo total de nós mesmos, e só é possível essa

compreensão quando estamos plenamente cônscios do nosso pensamento, não na qualidade de observador que opera sôbre êle, mas integralmente e sem escolha — o que é muito difícil. A partir dêste momento pode dar-se o desaparecimento daquela contradição, tão prejudicial e dolorosa.

Enquanto lutamos por alcançar um resultado psicológico, enquanto estamos desejando a segurança interior, tem de haver contradição em nossa vida. Parece-me que, em geral, não estamos cônscios dessa contradição, ou, se estamos, não lhe percebemos o verdadeiro significado. Pelo contrário, a contradição nos dá incentivo para viver; seu próprio elemento de atrito faz-nos sentir que estamos vivos. O esfôrço, a luta da contradição, dá-nos um sentimento de vitalidade. Essa a razão por que amamos as guerras, por que gostamos da batalha das frustrações. Enquanto existir o desejo de alcançar resultado, que é o desejo de estar psicològicamente seguro, tem de haver contradição. E quando existe contradição não pode estar a mente tranqüila. A tranqüilidade da mente é imprescindível para a compreensão do significado total da vida. O pensamento nunca pode estar tranqüilo; o pensamento, que é produto do tempo, nunca pode encontrar o que é atemporal, nunca pode conhecer o que está além do tempo. A natureza mesma do nosso pensar é uma contradição, porque estamos sempre pensando em têrmos do passado ou do futuro; por essa razão nunca temos um conhecimento completo do presente, nunca estamos perfeitamente cônscios do presente.

É dificílimo estar plenamente cônscio do presente, visto que a mente é incapaz de encarar um fato diretamente, sem ilusão. O pensamento é produto do passado e, por conseguinte, só pode funcionar em têrmos relativos ao passado ou ao futuro, não pode estar perfeitamente cônscio de um fato no presente. Enquanto o pensamento, que é produto do passado, estiver tentando eliminar a contradição e todos os seus problemas, estará buscando, apenas, um resultado, um fim, e tal maneira de pensar só cria mais contradição e, portanto, conflito, amargura e confusão, em nós e, por conseguinte, ao redor de nós.

Para estarmos livres da contradição, temos de estar cônscios do presente, sem escolha. Como pode haver escolha, quando nos vemos frente a frente com um fato? Por certo, a compreensão do fato se torna impossível, enquanto o pensamento está tentando

operar sôbre o fato em têrmos de "vir a ser", modificar, alterar. O autoconhecimento, por conseguinte, é o comêço da compreensão. Sem autoconhecimento, continuará a existir o conflito e a contradição. Para conhecer o processo integral, a totalidade de nós mesmos, não é precisa a ajuda de especialista, ou de autoridade alguma. Seguir uma autoridade só pode gerar temor. Nenhum técnico, nenhum especialista, pode ensinar-nos a compreender o processo do "eu". Temos de estudá-lo por nós mesmos. Vós e eu podemos ajudar-nos mùtuamente, conversando a seu respeito; ninguém, porém, no-lo pode revelar, nenhum especialista, nenhum instrutor pode explorá-lo, em nosso lugar. Dêle só podemos estar cônscios, em nossas relações, relações com as coisas, com a propriedade, pessoas, idéias. Nas relações, descobriremos que a contradição aparece quando a ação procura corresponder a uma idéia. A idéia é a simples cristalização do pensamento num símbolo, e o esfôrço para vivermos de acôrdo com o símbolo faz nascer a contradição.

Nessas condições, enquanto houver algum padrão de pensamento, continuará a existir contradição. Para que se possa pôr fim ao padrão e, portanto, à contradição, é indispensável o autoconhecimento. Essa compreensão do "eu" não representa um "processo" reservado a uns poucos privilegiados. O "eu" tem de ser compreendido no falar de cada dia, na maneira como pensamos e sentimos, na maneira como nos olhamos uns aos outros. Se pudermos estar cônscios de cada pensamento, de cada sentimento, de minuto a minuto, veremos então que, nas relações, pode-se compreender o modo de ser do "eu". Só então se torna possível aquela tranqüilidade da mente, na qual, tão-só, se pode manifestar a realidade fundamental.

CAPÍTULO IX

QUE É O "EU"?

SABEMOS o que se entende por "eu"? Por êsse têrmo, entende-se a idéia, a memória, a conclusão, a experiência, as várias formas de intenções exprimíveis e inexprimíveis, o esfôrço consciente para ser ou não ser, a memória acumulada do inconsciente, da raça, do grupo, do indivíduo, do clã. Todo êsse conjunto de coisas, quer

projetado exteriormente como ação, quer espiritualmente projetado, como virtude, o esfôrço que visa a tudo isso é o "eu". Nessa luta se inclui a competição, o desejo de ser. Êsse processo, na sua totalidade, é o "eu". Sabemos positivamente, quando o encaramos de frente, que êle é uma coisa má. Uso propositadamente a palavra "má", porque o "eu" é fator de separação. O "eu" é egotista, suas atividades, por mais nobres que sejam, são separativas e geram isolamento. Sabemos de tudo isso. Conhecemos também aquêles momentos extraordinários em que o "eu" é inexistente, em que não há tendência para esfôrço ou luta, e que ocorrem quando existe o amor.

Parece-me importante compreender como a experiência fortalece o "eu". Se sentimos verdadeiro interêsse, deveríamos compreender êsse problema da experiência. Ora, que se entende por "experiência"? Temos impressões a tôdas as horas, e traduzimos essas impressões e reagimos ou agimos em conformidade com elas; somos calculistas, astutos, etc. Há constante correlação entre o que vemos objetivamente e nossa maneira de reagir a isso, correlação entre o consciente e as memórias do inconsciente.

De acôrdo com minhas memórias, reajo a tudo o que vejo, a tudo o que sinto. Nesse processo de reação ao que vejo, ao que sinto, que sei, que creio, está ocorrendo experiência. A reação ao que se vê, é experiência. Quando vos vejo, reajo; dar nome a essa reação é experiência. Se não dou nome a essa reação, ela não constitui experiência. Observai vossas próprias reações e o que está ocorrendo em vós. Não há experiência, quando não há simultâneamente processo de dar nome. Se não vos reconheço, como posso ter a experiência do meu encontro convosco? Isso parece simples e exato, não é um fato? Isto é, se não reajo de conformidade com minhas memórias, meu condicionamento, meus preconceitos, como posso saber que tive uma experiência?

E há também a projeção de desejos vários. Desejo estar protegido, ter segurança interior, ou desejo ter um Mestre, um *guru,* um instrutor, um Deus. E experimento aquilo que projetei. Isto é, projetei um desejo, que tomou forma, a que dei nome; a êsse nome eu reajo. Êsse nome é uma "projeção" de mim mesmo. É produto meu. Êsse desejo que me proporciona uma experiência, faz-me dizer: "Estou tendo uma experiência; encontrei-me com o Mestre; não me encontrei com o Mestre". Conheceis bem todo o

processo de dar nome à experiência. É ao desejo que chamamos experiência, não é verdade?

Quando desejo o silêncio da mente, que ocorre? Que acontece? Reconheço a importância de ter a mente silenciosa, tranqüila, por várias razões; porque os *Upanichades* assim falaram, porque assim o disseram as escrituras religiosas, assim o disseram os santos, e também porque, em certas ocasiões, eu próprio sinto como é bom estar tranqüilo, já que minha mente tagarela tanto, o dia inteiro. Sinto por vêzes, quanto é agradável, quanto é deleitável ter a mente tranqüila, em silêncio. Meu desejo é "experimentar" o silêncio. Desejo ter a mente silenciosa, e por isso pergunto. "Como consegui-lo?" Sei o que disse êste ou aquêle livro acêrca da meditação e das várias formas de disciplina. Nessas condições, procuro, através da disciplina, "experimentar" o silêncio. O "eu", o "ego", por conseguinte, fixou-se na experiência do silêncio.

Quero compreender o que é a verdade; êsse é meu desejo, minha aspiração. Vem em seguida minha projeção daquilo que considero ser a verdade, pois li muito a seu respeito, ouvi muitas pessoas falarem dela, as escrituras religiosas a descreveram. Desejo-a, tal qual. Que acontece? O próprio desejo é "projetado", e tenho a experiência, porque reconheço êsse estado "projetado". Se eu não reconhecesse êsse estado, não o chamaria "a verdade". Reconheço-o e o experimento e essa experiência reforça o "eu", o "ego", não é verdade? Dêsse modo, o "eu" se entrincheira na experiência, e dizeis, então: "Eu sei", "Existe o Mestre", "Existe Deus", ou, "Não existe Deus"; dizeis que determinado partido político tem razão e nenhum dos outros a tem.

A experiência, pois, está sempre reforçando o "eu". Quanto mais entrincheirados estamos em nossa experiência, tanto mais forte se torna o "eu". Como resultado disso, tendes certa fôrça de caráter, certa fôrça de conhecimento, de crença, e gostais de ostentar essa fôrça diante daqueles que não são tão talentosos como vós, mostrar-lhes que tendes dotes literários ou oratórios e sois muito sagaz. Visto que o "eu" está ainda em ação, vossas crenças, vossos Mestres, vossas castas, vosso sistema econômico, tudo constitui um processo de isolamento e por conseguinte gera discórdia. Deveis, se tendes muito empenho e interêsse, dissolver êste centro completamente, em vez de justificá-lo. Essa a razão por que devemos compreender o processo da experiência.

É possível à mente, ao "eu", deixar de "projetar", de desejar, de experimentar? Vemos que tôdas as experiências do "eu" representam uma negação, uma destruição, e todavia chamamo-las ação positiva, não é assim? É a isso que chamamos a conduta positiva da vida. Desfazer todo êsse processo significa, para vós, negação. Tendes razão? Podemos, vós e eu, como indivíduos, atingir a raiz do "eu" e compreender-lhe o processo? Ora, o que determina a dissolução do "eu"? Os grupos religiosos, bem como outros, têm oferecido a identificação, não é verdade? Identificai-vos com uma coisa superior, e o "eu" desaparecerá — dizem êles. Mas, positivamente, a identificação é ainda o processo do "eu"; a coisa superior é, simplesmente, projeção do "eu", a qual experimento, e ela, por conseguinte, fortalece o "eu".

Não há dúvida de que tôdas as diferentes formas de disciplina, de crença e de conhecimento só têm o efeito de fortalecer o "eu". Pode-se achar um elemento capaz de dissolver o "eu"? Ou está errada esta pergunta? Bàsicamente, é isso que queremos. Queremos encontrar algo que dissolva o "eu", não é verdade? Pensamos que existem vários meios, tais sejam, a identificação, a crença, etc., mas todos êles estão situados no mesmo nível; nenhum é superior ao outro, porque todos são igualmente poderosos no fortalecer o "eu", o ego". Posso, pois, ver o "eu", eu qualquer nível que esteja funcionando, e perceber sua fôrça e sua energia destrutiva? Qualquer que seja o nome que lhe dê, êle é uma fôrça que isola, uma fôrça destrutiva, e desejo encontrar um modo de dissolvê-lo. Já vos deveis ter perguntado isto: "Percebo o "eu" em função, a tôdas as horas, e sempre produzindo ansiedade, temor, frustração, desespêro, amargura, não só em mim mas em todos os que me cercam. Pode êsse "eu" ser dissolvido, não parcial, mas completamente?" Podemos atingir-lhe a raiz, destruí-lo? Tal é a única maneira de funcionarmos verdadeiramente, não achais? Não desejo ser parcialmente inteligente, mas inteligente de maneira integral. Quase todos nós somos inteligentes "em camadas", vós provàvelmente num sentido, eu em outro. Alguns de vós sois inteligentes nas atividades comerciais, outros nas atividades de escritório, etc. As pessoas são inteligentes de diferentes maneiras, mas não somos integralmente inteligentes. *Ser integralmente inteligente significa existir sem o "eu"*. É possível tal estado?

Será possível o "eu" ficar de todo ausente, agora? Sabeis que é possível. Quais os ingredientes, os requisitos necessários?

Qual o elemento que produz êsse efeito? Posso encontrá-lo? Quando faço esta pergunta — "posso encontrá-lo?" — estou, sem dúvida, convencido de que é possível encontrá-lo; já criei, pois, uma experiência, na qual o "eu" vai se fortalecer, não é verdade? A compreensão do "eu" requer grande soma de inteligência, grande soma de vigilância, de atenção, incessante observação, para que não nos escape. Eu, que sinto muito interêsse, desejo dissolver o "eu". Quando digo "quero disolver o "eu", sei que é possível dissolvê-lo. Quando digo: "quero dissolver isto", esta é também experiência do "eu", que, dêsse modo, se fortalece. Como é possível o "eu" não experimentar? Pode-se ver que o "estado de criação" não é, em absoluto, experiência do "eu". Há criação, quando o "eu" não está presente, porque a criação não é intelectual, não é autoprojeção, e sim uma coisa que transcende tôda a experiência. É posível, então, achar-se a mente de todo tranqüila, num estado de não-reconhecimento, ou de não-experimentar, num estado em que possa se verificar a criação, isto é, um estado de inexistência, de ausência do "eu"? É êste o problema, não achais? Todo movimento da mente, positivo ou negativo, é uma experiência, que, com efeito, fortalece o "eu". É possível a mente deixar de reconhecer? Isso só pode acontecer quando há silêncio completo, mas não o silêncio que é experiência do "eu" e que, por conseguinte, fortalece o "eu".

Existe uma entidade separada do "eu", que observa o "eu" e dissolve o "eu"? Existe uma entidade espiritual capaz de superar e de destruir o "eu"? Pensamos que existe, não é exato? A maioria das pessoas religiosas pensa que existe tal elemento. Mas o materialista diz: "É impossível destruir o "eu"; êle só pode ser condicionado, refreado, política, econômica, socialmente; podemos prendê-lo firmemente dentro de um certo padrão, podemos dobrá-lo; e assim levá-lo a viver uma vida elevada, uma vida moral, sem interferir em coisa alguma, só seguindo o padrão social, funcionando qual uma máquina." Sabemos disso. Outras pessoas há, tidas como religiosas — religiosas não são realmente, embora assim as chamemos — que dizem: "Fundamentalmente, existe êsse elemento. Se pudermos atingi-lo, êle dissolverá o eu".

Existe êsse elemento capaz de dissolver o "eu"? Vêde bem o que estamos fazendo. Estamos pondo o "eu", à fôrça, em um canto. Se vos deixais empurrar para um canto, vereis o que

acontece. Gostaríamos que existisse um elemento atemporal, independente do "eu", o qual, temos esperança, pudesse intervir e destruir o "eu", elemento a que chamamos "Deus". Ora, existe tal coisa, concebível pela mente? Pode ser que exista e pode ser que não. Não é disso que se trata. Mas quando a mente busca um estado espiritual, atemporal, que entrará em ação para destruir o "eu", não constitui isso uma outra forma de experiência, outra maneira de fortificar o "eu"? Quando credes, não é isso, com efeito, o que está acontecendo? Quando credes que há a verdade, que há Deus, o estado atemporal, a imortalidade, não é êste o proceso que fortalece o "eu"? O "eu" projetou a coisa que sentis e credes que há de vir para destruir o "eu". Tendo projetado essa idéia de continuidade num estado atemporal, como entidade espiritual, tendes uma experiência e essa experiência só tem o efeito de fortalecer o "eu". Por conseguinte, que fizestes? Não destruístes verdadeiramente o "eu", e sim lhe destes apenas um nome diferente, uma qualidade diferente; o "eu" continua a existir, visto que tivestes aquela experiência. Assim, nossa ação, do começo ao fim, é a mesma ação, mas nós pensamos que ela está evolvendo, crescendo, tornando-se mais e mais bela. Se observardes interiormente, porém, vereis que é a mesma ação, o mesmo "eu" a funcionar, em diferentes níveis, com etiquêtas diferentes, nomes diferentes.

Ao perceberdes o processo na sua inteireza, as invenções astuciosas e extraordinárias, a inteligência do "eu", como êle se protege por meio da identificação, da virtude, da experiência, da crença, do conhecimento; ao perceberdes como a mente se move em círculo, numa gaiola por ela mesma fabricada, que acontece? Percebendo êsse fato, tomando pleno conhecimento dêle, não ficais, então, extraordinàriamente tranqüilos — não em virtude de compulsão, de recompensa, de temor? Ao reconhecerdes que todo movimento da mente é simples maneira de fortalecer o "eu", ao observardes êsse fato, ao vê-lo, tendo plena consciência dêle, na ação — ao atingirdes êsse ponto, não ideológica ou verbalmente, não pelo experimentar de projeções, mas achando-vos de verdade nesse estado, vereis então que a mente, de todo tranqüila, não tem mais o poder de criar. Tudo o que a mente cria se acha dentro de um círculo, dentro da esfera do "eu". Quando a mente não cria, há criação, e esta não é um processo reconhecível.

À realidade, a verdade, não é reconhecível. Para que a verdade surja, a crença, o conhecimento, o experimentar, o cultivo da virtude — tudo isso tem de desaparecer. A pessoa virtuosa, que tem consciência de estar cultivando a virtude, nunca encontrará a realidade. Pode ser uma pessoa muito honrada; mas isso é muito diferente de ser um "homem da verdade", um homem que compreende. Para o "homem da verdade", a verdade surgiu na existência. Um homem virtuoso é um homem muito austero, e um homem muito austero não pode compreender o que é a verdade, porque, no seu caso, a virtude é um disfarce do "eu", um meio de fortalecer o "eu", já que êle está cultivando a virtude. Quando diz "não devo ter ganância", o estado de "não-ganância" que êle experimenta só tem o efeito de fortificar o "eu". Eis por que é tão importante ser pobre, não só das coisas do mundo, mas também de crença e de conhecimento. O homem cheio de riquezas mundanas, ou o homem rico de saber e de crença, jamais conhecerá nada, senão a escuridão, e será um foco de malefícios e tribulações. Mas se vós e eu, como indivíduos, pudermos perceber todo êsse trabalho do "eu", saberemos então o que é o amor. Asseguro-vos que esta é a única reforma capaz de transformar o mundo. O amor não nasce do "eu". O "eu" não pode reconhecer o amor. Dizeis "amo"; mas no próprio fato de o dizerdes, no seu próprio experimentar, não há amor. Quando, porém, conheceis o amor, então o "eu" se tornou inexistente. Quando há amor, não há "eu".

CAPÍTULO X

O MÊDO

QUE É O MÊDO? Só pode existir mêdo em relação a alguma coisa, nunca no isolamento. Como posso ter mêdo da morte, como posso ter mêdo de uma coisa que não conheço? Só posso ter mêdo do que conheço. Quando digo que temo a morte, estarei realmente com mêdo do desconhecido, que é a morte, ou estarei com mêdo de perder as coisas que conheço? Não tenho mêdo da morte e sim de perder a associação com as coisas que me pertencem. Meu mêdo está sempre em relação com o conhecido, não com o desconhecido.

O que agora desejo investigar é como livrar-me do mêdo do conhecido, que é o mêdo de perder minha família, minha repu-

tação, meu caráter, minha conta no banco, meus desejos, etc. Podeis dizer que o mêdo nasce da consciência; vossa consciência, porém, é formada pelo vosso condicionamento, e portanto a consciência é ainda o resultado do conhecido. Que conheço eu? Conhecimento é ter idéias, é ter opiniões a respeito de coisas, é ter um sentimento de continuidade, em relação ao conhecido, e nada mais. As idéias são lembranças, resultados de experiência que é reação ao desafio. Tenho mêdo do conhecido, o que significa que tenho mêdo de perder pessoas, coisas ou idéias, tenho mêdo de descobrir o que sou, mêdo de me ver em confusão, mêdo da dor, que poderia resultar da perda ou da não obtenção de alguma coisa ou da privação de prazeres.

Há o mêdo à dor. A dor física é uma reação nervosa, mas a dor psicológica se manifesta quando estou apegado às coisas que me dão satisfação, porque tenho mêdo de qualquer pessoa ou qualquer coisa que mas possa roubar. As acumulações psicológicas impedem a dor psicológica, enquanto não são perturbadas, isto é, sou um feixe de acumulações, de experiências, as quais impedem qualquer perturbação séria — pois eu não desejo ser perturbado. Por conseguinte, tenho mêdo de qualquer pessoa que possa perturbá-las. Assim sendo, meu mêdo está em relação com o conhecido; tenho mêdo, por causa das acumulações físicas ou psicológicas que representam o meio que me resguarda da dor e do sofrimento. Mas existe sofrimento no próprio processo de acumular com o fim de obstar ao sofrimento. Assim, como a ciência médica concorre para evitar a dor física, do mesmo modo concorrem as crenças para evitar o sofrimento psicológico; e é por isso que tenho mêdo de perder minhas crenças, embora não tenha conhecimento perfeito nem prova concreta da realidade de tais crenças. Posso rejeitar algumas das crenças tradicionais que me foram inculcadas, porque minha experiência pessoal me dá fôrça, confiança, compreensão; essas crenças, porém, e o conhecimento por mim adquirido são bàsicamente a mesma coisa — um meio de resguardar-me da dor.

Existe mêdo enquanto há acumulação do "conhecido", a qual cria o mêdo de perder. O mêdo ao desconhecido, por conseguinte, é mêdo de perder o "conhecido" acumulado. Acumulação implica, invariàvelmente, temor; e no momento em que digo "não devo perder", há temor. Embora minha intenção, acumulando, seja a

de resguardar-me da dor, a dor é inerente ao processo de acumulação. As próprias coisas que possuo criam temor, que é dor.

A defesa contém o germe do ataque. Desejo a segurança física; crio, por conseguinte, um govêrno soberano, o qual torna necessárias fôrças armadas, o que significa guerra, que destrói a segurança. Onde quer que haja o desejo de autoproteção, há temor. Quando percebo a falácia da exigência de segurança, não acumulo mais. Se dizeis que percebeis isso, mas que não podeis deixar de acumular, então não percebeis realmente que, inerente à acumulação, há dor. Há mêdo no processo de acumulação, e a crença em alguma coisa faz parte do processo acumulativo. Morre meu filho, e eu creio na reencarnação, para proteger-me psicològicamente da dor; mas o próprio processo de crer encerra também a dúvida. Exteriormente, acumulo coisas e faço vir a guerra; interiormente, acumulo crenças e produzo dor. Enquanto desejo estar em segurança, ter depósitos nos bancos, prazeres, etc., enquanto desejo tornar-me alguma coisa, fisiológica ou psicològicamente, tem de haver dor. As próprias coisas que estou fazendo para proteger-me da dor, trazem-me pena e dor.

O temor começa a existir quando desejo viver segundo determinado padrão. Viver sem mêdo significa viver sem determinado padrão. Quando desejo uma certa maneira de viver, isso em si é uma fonte de temor. Meu problema é êsse desejo de viver dentro de uma certa fôrma. Não posso quebrar a fôrma? Só posso quebrá-la, quando percebo esta verdade: que a fôrma está causando temor e que êste temor está tornando mais forte a fôrma. Se digo que devo quebrar a fôrma porque desejo livrar-me do mêdo, estou apenas seguindo um outro padrão, que acarretará mais temor. Qualquer ação da minha parte, baseada no desejo de quebrar a fôrma só criará outro padrão, e por conseguinte temor. Como posso quebrar a fôrma sem causar temor, isto é, sem nenhuma ação consciente ou inconsciente de minha parte, com relação à fôrma? Isso significa que não devo agir, que nenhum movimento devo fazer, para quebrar a fôrma. Que acontece quando fico simplesmente observando a fôrma, sem fazer coisa alguma em relação a ela? Vejo que a própria mente é a fôrma, o padrão, que ela vive no padrão "habitual" que para si própria criou. Por conseguinte, a própria mente é o mêdo. Tudo o que a mente faz, visa fortalecer um padrão antigo ou favorecer um padrão nôvo. Isso significa que tudo o que a mente faz para livrar-se do temor, gera temor.

O temor encontra vários meios de fuga. A variedade mais comum é a identificação, não é? — identificação com a pátria, a sociedade, uma idéia. Já não notastes a maneira como reagis, quando assistis a um desfile militar ou a uma procissão religiosa, ou quando a pátria está ameaçada de invasão? Vós vos identificais, então, com a pátria, com uma entidade, com uma ideologia. Em outras ocasiões vos identificais com vosso filho, vossa espôsa, com determinada forma de ação ou de inação. A identificação é um processo de auto-esquecimento. Enquanto estou cônscio do "eu", sei que há dor, luta, mêdo constante. Mas se posso identificar-me, ao menos temporàriamente, com algo maior, algo vantajoso, — a beleza, a vida, a verdade, a crença, o conhecimento — nisso há fuga do "eu", não é verdade? Falando de "minha pátria", esqueço-me de mim mesmo temporàriamente. Se posso dizer algo a respeito de Deus, esqueço-me de mim mesmo. Se posso identificar-me com minha família, com um grupo, com determinado partido, certa ideologia, há então uma fuga temporária.

A identificação, pois, é uma das maneiras de fuga do "eu", exatamente como a virtude é uma das maneiras de fuga do "eu". O homem que cultiva a virtude, está fugindo do "eu" e tem uma mentalidade estreita. Isso não indica uma mente virtuosa, porque a virtude é coisa que não pode ser cultivada. Quanto mais vos esforçais por vos tornardes virtuosos, tanto mais fôrça dais ao "eu", ao "ego". O mêdo que, sob diferentes formas, é comum à generalidade dos homens, tem sempre de encontrar um substituto e por conseguinte aumentar a luta. Quanto mais vos identificais com um substituto, tanto mais fortemente vos apegais àquilo por cuja causa estais disposto a lutar, a morrer, porque atrás de tudo isso está o temor.

Sabemos o que é o mêdo? Não é êle a "não-aceitação do que *é*"? Temos de compreender a palavra "aceitação". Não estou empregando esta palavra no sentido do esfôrço feito para aceitar. Não há problema de aceitação, quando percebo *o que é*. Quando não percebo claramente *o que é*, ponho em movimento o processo da aceitação. O mêdo, pois, é a "não-aceitação do que *é*". Como posso eu, que sou um feixe de tôdas essas reações, memórias, esperanças, depressões, frustrações, que sou o resultado do movimento da conciência, embargado por um obstáculo, passar além? Pode a mente, sem essas obstruções e obstáculos, estar cônscia? Quando não existe obstáculo, sabemos a extraordinária alegria que isso oca-

siona. Não sabeis que, quando o corpo está em perfeito estado de saúde, há certa alegria, certo bem-estar? E não sabeis que quando a mente está completamente livre de obstáculos, quando não existe o centro de reconhecimento, que é o "eu", não sabeis que se experimenta então certa alegria? Já não experimentastes êste estado em que o "eu" está ausente? Por certo, todos nós já o experimentamos.

Só há compreensão e isenção do "eu", quando posso encará-lo completa e integralmente, como um todo; e isso só posso fazer quando compreendo o processo integral de tôda atividade nascida dc desejo, que é pura expressão do pensamento — pois o pensamento não é diferente do desejo — sem justificá-lo, condená-lo nem reprimi-lo. Se o compreendo, saberei então se há possibilidade de transcender as limitações do "eu".

CAPÍTULO XI

SIMPLICIDADE

DESEJO discorrer sôbre o que é simplicidade, pois é possível que, daí, cheguemos à compreensão da simplicidade. Parecemos pensar que a simplicidade é pura expressão exterior, uma renúncia: ter poucas posses, andar de tanga, não ter morada, ter poucas roupas, ter pouco dinheiro no banco. Ora, sem dúvida, isto não é simplicidade: é mera ostentação. A simplicidade me parece essencial, mas só pode existir quando começamos a compreender a importância do autoconhecimento.

Simplicidade não significa mero ajustamento a um padrão. Requer-se muita inteligência para sermos simples, e não apenas que nos ajustemos a determinado padrão, por mais nobre que êle se nos afigure, exteriormente. A maioria de nós, infelizmente, começa a ser simples nas coisas exteriores. É bem fácil ter escassas posses e estar satisfeito com poucas coisas; contentar-se com pouco e talvez dividir êste pouco com outros. Porém, uma simples manifestação exterior de simplicidade, nas coisas, nas posses, não implica, por certo, simplicidade interior. Porque, nas condições atuais do mundo, estão-nos sendo impostas cada vez mais coisas, exteriormente. A vida se está tornando cada vez mais complexa. Para fugir de tal situação, procuramos renunciar às coisas ou desa-

pegar-nos delas — de automóveis, casas, organizações, cinemas, e das inumeráveis circunstâncias que nos assaltam do exterior. Pensamos que, pela renúncia, seremos simples. Já houve muitos santos e muitos instrutores que renunciaram ao mundo; parece-me, no entanto, que tal renúncia, por parte de qualquer de nós, não resolve o problema. A simplicidade fundamental, real, só pode vir à existência interiormente, e daí manifestar-se, exteriormente, como expressão. Como ser simples — eis o problema: porque a simplicidade nos torna mais e mais sensíveis. A mente sensível, o coração sensível, é essencial, porque capaz de rápido percebimento, rápida receptividade.

Sem dúvida, só podemos ser interiormente simples, quando compreendemos os inumeráveis empecilhos, apegos, temores, em que estamos aprisionados. Entretanto, de modo geral, gostamos de estar presos a pessoas, posses, idéias. Gostamos de ser prisioneiros. Interiormente, *somos* prisioneiros, embora exteriormente peraçamos muito simples. Interiormente somos prisioneiros dos nossos desejos, das nossas necessidades, de nossos ideais, de inumeráveis impulsos. A simplicidade não pode ser achada, se não somos livres interiormente. Por conseguinte, ela deve começar de dentro, e não de fora.

Há uma liberdade extraordinária, quando compreendemos, no seu todo, o processo da crença, quando compreendemos a razão por que a mente está apegada à crença. Quando estamos livres das crenças, há simplicidade. Mas essa simplicidade requer inteligência, e para sermos inteligentes, devemos estar cônscios dos nossos próprios empecilhos. Para estarmos cônscios dêles, devemos estar constantemente vigilantes, não estabilizados em rotina alguma, nem em padrão de pensamento ou de ação. Afinal, o que somos interiormente influi no exterior. A sociedade, ou qualquer forma de ação, é "projeção" de nós mesmos, e se não nos transformamos interiormente, a mera legislação terá muito pouca importância, exteriormente; poderá realizar certas reformas, certos ajustamentos, mas o que somos interiormente, supera sempre o exterior. Se interiormente somos gananciosos, ambiciosos, se perseguimos certos ideais, esta complexidade interior acaba subvertendo a sociedade exterior, por mais cuidadosamente que ela tenha sido planejada.

Por conseguinte, temos de começar dentro de nós mesmos, mas não de maneira exclusiva, repelindo o exterior. O interior se atinge, por certo, pela compreensão do exterior, pelo interêsse

em descobrir por que existe conflito, luta, dor, exteriormente. Investigando-o mais e mais profundamente, chegamos, por fôrça, aos estados psicológicos que produzem conflitos e tribulações exteriores. A expressão exterior é apenas um índice do nosso estado interior; para compreendermos, porém, o estado interior, temos de chegar-nos a êle através do exterior. Quase todos nós fazemos isso. Com a compreensão do interior — não de maneira exclusiva, não pela rejeição do exterior, e sim, compreendendo o exterior e dêsse modo atingindo o interior — veremos que, quanto mais nos aprofundamos na investigação das complexidades interiores do nosso ser, tanto mais sensíveis e livres nos tornamos. Esta simplicidade interior é essencial, porquanto cria sensibilidade. A mente que não é sensível, que não está desperta, vigilante, é incapaz de qualquer receptividade e de qualquer ação criadora. O ajustamento a padrões, como meio de nos fazer simples, torna a mente e o coração embotados, insensíveis. Tôda forma de compulsão autoritária, imposta pelo govêrno, por nós mesmos, pelo ideal de preenchimento, etc., tôda forma de ajustamento, só produzirá insensibilidade, visto que não somos simples interiormente. Exteriormente, podemos observar padrões e dar-nos a aparência de simplicidade, como o fazem muitas pessoas religiosas. Essas pessoas praticam várias disciplinas, ingressam em organizações religiosas, meditam de certa maneira, etc., resultando, daí, uma aparência de simplicidade. Através dêste ajustamento, no entanto, não se alcança a simplicidade. Nenhuma espécie de compulsão conduz à simplicidade. Pelo contrário, quanto mais reprimimos, quanto mais substituímos, sublimamos, tanto menos simplicidade existe; quanto mais compreendemos o processo da sublimação, da repressão, da substituição, tanto mais possibilidades temos de ser simples.

Nossos problemas — sociais, ambientais, políticos, religiosos — são tão complexos, que só poderemos resolvê-los se formos simples, e *não* se nos tornarmos extraordinàriamente eruditos e hábeis. A pessoa simples vê as coisas muito mais diretamente, tem uma experiência muito mais direta do que a pessoa complexa. Tão repletas estão nossas mentes, com uma infinidade de conhecimentos de fatos, de coisas ditas por outrem, que nós mesmos já nos tornamos incapazes de ser simples e de ter qualquer experiência direta. Êstes problemas precisam ser atacados de maneira nova; e só o poderemos fazer se formos simples, se formos de fato interiormente simples. Esta simplicidade só pode vir com o autoconheci-

mento, com a compreensão de nós mesmos, com a compreensão das maneiras do nosso pensar e do nosso sentir; dos movimentos dos nossos pensamentos, das nossas reações; com a compreensão de como o temor nos leva a ajustar-nos à opinião pública, ao que os outros dizem, ao que disseram Buda, Cristo, os grandes santos — o que demonstra nossa natural tendência à adaptação, à busca de proteção e segurança. Quando buscamos a segurança, é evidente que nos achamos em estado de temor e por isso não existe simplicidade.

Se não somos simples, não podemos ser sensíveis — às árvores, aos pássaros, às montanhas, aos ventos, a tôdas as coisas que sucedem ao redor de nós, no mundo; se não somos simples não podemos ser sensíveis às mensagens interiores das coisas. Quase todos nós vivemos muito superficialmente, no nível exterior da nossa consciência. Aí procuramos ser sensatos ou inteligentes, o que é sinônimo de ser religioso; aí tentamos tornar simples nossas mentes, por meio de compulsão e disciplina. Mas isso não é simplicidade. Quando obrigamos a mente superficial a ser simples, essa compulsão só pode endurecê-la e *não* torná-la flexível, clara, ágil. Ser simples, no processo total da consciência, é muito difícil; pois não deve haver ressalva alguma interior, e sim um interêsse muito sério de compreender, de investigar o processo do nosso ser, o que significa estarmos despertos para tôdas as mensagens e sugestões; estarmos cônscios de nossos temores, de nossas esperanças, para que possamos investigá-los e nos tornarmos cada vez mais livres dêles. Só então, com a mente e o coração realmente simples, não encrostados, estamos aptos a resolver os numerosos problemas que nos desafiam.

O conhecimento não resolverá nossos problemas. Podeis saber, por exemplo, que existe a reencarnação, que há continuidade depois da morte. *Podeis* saber — não estou dizendo que o sabeis; podeis estar convencidos disso. Mas isso não resolve o problema. A morte não pode ser "despachada" com uma teoria, com um conhecimento, uma convicção. Ela é muito mais misteriosa, muito mais profunda, muito mais criadora que isto.

É necessário ter capacidade, para investigar tôdas essas coisas de maneira nova; porque só pela *experiência direta* serão nossos problemas resolvidos, e para têrmos experiência direta precisamos de simplicidade, o que significa que precisamos de sensibilidade. A mente se embota sob o pêso do conhecimento. A mente se embota pela influência do passado e do futuro. Só a mente que

é capaz de ajustar-se ao presente, de maneira contínua, momento por momento, pode enfrentar as poderosas influências e pressões com que o ambiente nos assalta a cada instante.

O homem religioso, por conseqüência, não é aquêle que veste um manto simples ou uma tanga ou só toma uma refeição por dia, nem aquêle que fêz uma infinidade de votos para ser *isto* e não ser *aquilo*. O homem religioso é aquêle que é interiormente simples e não está interessado em "vir a ser" alguma coisa. Sua mente é capaz de extraordinária receptividade, porque nela não existem barreiras, não há temores, não há movimento em direção a um alvo; ela, por conseguinte, é capaz de receber a graça, receber a Deus, a verdade, etc.. Mas a mente que está perseguindo a realidade, não é simples. A mente que procura, que busca, que tateia, que se agita, não é simples. A mente que se sujeita a qualquer padrão de autoridade, interior ou exterior, não pode ser sensível. Só quando a mente é deveras sensível, vigilante, e percebe tudo o que se passa em si própria, suas reações, seus pensamentos; só quando a mente não está mais interessada em "vir a ser", não mais se está moldando, com o fim de ser alguma coisa — só então está apta a receber aquilo que é a verdade. Só então pode haver felicidade. Porque a felicidade não é um fim: é o resultado da realidade. Quando a mente e o coração se tiverem tornado simples e, por conseguinte, sensíveis — não sob compulsão, contrôle ou imposição, de qualquer espécie — veremos então que nossos problemas podem ser resolvidos de maneira muito simples. Por mais complexos que sejas êles, estaremos aptos a considerá-los de maneira nova e a vê-los sob outro prisma. É o que se necessita na atualidade: homens capazes de enfrentar tôda esta confusão, agitação e antagonismo exteriores de maneira nova, criadoramente, com simplicidade, e *não* com teorias ou fórmulas, quer da esquerda, quer da direita. *Não podeis* enfrentar um problema de maneira nova, se não sois simples.

Um problema só pode ser resolvido, quando a êle nos aplicamos dessa maneira. Não podemos considerá-lo de maneira nova, se estamos pensando em têrmos relativos a certos padrões de pensamento, religiosos, políticos, ou de outra ordem qualquer. É, pois, necessário que estejamos livres de tôdas essas coisas, para sermos simples. Eis por que é tão importante estarmos vigilantes, têrmos a capacidade de compreender o processo do nosso próprio pensamento, conhecermos a nós mesmos, totalmente. Daí nasce uma

simplicidade, uma humildade, que não é virtude ou disciplina. Humildade conquistada deixa de ser humildade. A mente que se impõe a humildade, já não é humilde. É só quando temos humildade, não humildade cultivada, que somos capazes de enfrentar as premências da vida; porque então o indivíduo não é importante e não olha as coisas através dos seus próprios impulsos e do sentimento de sua própria importância. Considera então o problema em si, e é capaz de resolvê-lo.

CAPÍTULO XII

PERCEBIMENTO

CONHECER a nós mesmos significa conhecer nossas relações com o mundo — não só com o mundo das idéias e das pessoas, mas também com a natureza, com as coisas que possuímos. Tal é nossa vida — pois a vida é nossas relações com o todo. Para compreender essas relações é necessária a especialização? Evidentemente não. O percebimento é que é necessário para enfrentar a vida como um todo. Como podemos ter êsse percebimento? Eis o problema. Como podemos ter êsse percebimento — se posso empregar esta palavra sem lhe dar o sentido de especialização? Como pode um indivíduo tornar-se capaz de enfrentar a vida como um todo? — o que implica não só as relações pessoais com os semelhantes, mas também com a natureza, com as coisas que possui, com as idéias, e com as coisas que a mente fabrica, como a ilusão, o desejo, etc. Como podemos estar cônscios de todo êsse processo de relação? Ora, tal é a nossa vida. Não há vida sem relações, e a compreensão dessas relações não implica isolamento. Pelo contrário, é preciso um reconhecimento ou percepção completa do processo total das relações.

Como se pode ter percebimento? Como estamos cônscios de uma coisa? Como estais cônscios das vossas relações com uma pessoa? Como estais cônscios das árvores, do grito de uma ave? Como estais cônscios de vossas reações, quando ledes um jornal? Estamos cônscios tanto das reações superficiais da mente como das reações interiores? Como estamos cônscios de qualquer coisa? Percebemos primeiro — não é verdade? — uma reação a um estímulo, o que constitui um fato óbvio; vejo as árvores, e há uma

reação; em seguida, vem a sensação, o contato, a identificação e o desejo. É êste o processo ordinário, não é? Pode-se observar o que realmente ocorre, sem estudar em livro algum.

Através da identificação, portanto, temos o prazer e a dor. E nossa capacidade resulta do interêse pelo prazer e da aversão à dor, não é verdade? Se sentis interêsse por uma coisa, se ela vos proporciona prazer, a capacidade aparece imediatamente, há o imediato percebimento do fato. Se a coisa é dolorosa cria-se a capacidade para evitá-la. Enquanto dependermos da capacidade, para compreendermos a nós mesmos, creio que não lograremos êxito, porque a compreensão de nós mesmos não depende de capacidade. Não é uma técnica, que se cria, cultiva e desenvolve através do tempo, através de constante aperfeiçoamento. Êsse percebimento de nós mesmos, pode sem dúvida ser pôsto à prova na ação que se desenvolve nas relações; pode ser pôsto à prova na maneira como falamos, na maneira como procedemos. Observai-vos sem identificação, sem comparação, sem condenação; observai-vos, simplesmente, e vereis acontecer uma coisa extraordinária. Não só se põe fim a uma atividade que é inconsciente — visto que a maioria das nossas atividades são inconscientes — não só se põe fim a essa atividade, mas também são percebidos os motivos que a determinam, sem necessidade de indagação ou de investigação.

Quando se tem percebimento, pode-se ver o inteiro processo do pensar e da ação; mas isso só acontece quando não há condenação. Se condeno uma coisa, não a compreendo, e condenar é uma forma de evitar qualquer espécie de compreensão. Parece que a maioria de nós assim age propositadamente; condenamos, de início, e pensamos ter compreendido. Se, ao invés de condenarmos a ação, observamo-la e nos tornamos cônscios dela, começará a ser-nos revelado o conteúdo, o significado dessa ação. Fazei esta experiência, e verificareis por vós mesmos. Mantende-vos cônscios, simplesmente, e sem nenhuma tendência para a justificação. Isso pode parecer um tanto negativo, mas não o é. Pelo contrário, êsse percebimento tem o caráter da passividade, que é ação direta — o que só podeis verificar, se o experimentardes.

Além de tudo, se desejamos compreender uma coisa, precisamos estar em atitude passiva, não achais? Não podemos ficar pensando nela contìnuamente, fazendo conjeturas ou discutindo a seu respeito. Devemos ser suficientemente sensíveis, para receber sua significação intrínseca. Temos de ser sensíveis qual uma

chapa fotográfica. Se desejo compreender-vos, tenho de manter-me passivamente vigilante e começais, então, a revelar-me vosso retrato. Por certo, que não se trata aqui de capacidade, nem de especialização. Nesse processo começamos a compreender a nós mesmos, não só as camadas superficiais da nossa consciência, mas também — o que é muito mais importante — as camadas mais profundas; porque *aí* se encontram todos os nossos motivos ou intenções, todos os nossos ocultos e confusos reclamos, ânsias, temores, apetites. Exteriormente, podemos manter tôdas as coisas sob contrôle, mas interiormente elas estão em efervescência. Enquanto não forem elas plenamente compreendidas, através do percebimento, não pode, é evidente, haver liberdade, não pode haver felicidade, nem inteligência.

É a inteligência matéria de especialização? A inteligência, que é o percebimento total do nosso processo? Pode-se cultivar essa inteligência mediante qualquer forma de especialização? porque é isso que está acontecendo, não é verdade? O sacerdote, o médico, o engenheiro, o industrial, o negociante, o professor — todos temos a mentalidade da especialização.

Para alcançar a forma suprema da inteligência — que é a verdade, que é Deus, que não se pode descrever — para alcançar tal coisa pensamos que seja necessário tornar-nos especialistas. Estudamos, tateamos e investigamos; e com a mentalidade do especialista ou dependendo do especialista, estudamos a nós mesmos, com o fim de desenvolver uma capacidade que nos possibilite solucionar nossos conflitos e tribulações.

Se estamos bem cônscios, veremos que nosso problema consiste em saber se os conflitos, tribulações e sofrimentos da nossa existência de cada dia podem ser resolvidos por outra pessoa. Se não o podem, como faremos para resolvê-los? Para compreender um problema, é necessária, evidentemente, certa inteligência, e essa inteligência não se alcança nem se cultiva através da especialização. Ela só aparece quando estamos passivamente cônscios do processo total da nossa consciência, isto é, cônscios de nós mesmos, sem escolha, sem separarmos o que é correto e o que é errado. Quando vos achardes passivamente cônscios, vereis que, em virtude dessa passividade — que não é indolência, que não é sono, mas vigilância extrema — o problema terá um significado inteiramente diferente, isto é, não havendo mais identificação com o problema, desaparece o julgamento e, por conseguinte, o problema começa a reve-

lar seu conteúdo. Se fordes capazes de fazer isso constante e continuamente, todos os problemas poderão ser resolvidos de maneira fundamental e não superficialmente. A dificuldade é esta, pois em geral, somos incapazes de estar passivamente vigilantes, deixando que o problema se nos revele, sem interpretação de nossa parte. Não sabemos considerar um problema desapaixonadamente. Somos incapazes disso, infelizmente, porque desejamos extrair um resultado do problema, desejamos uma solução, estamos interessados num fim; ou queremos traduzir o problema segundo nossa própria conveniência, ou já temos uma solução pronta e sabemos como tratá-lo. Por conseguinte, abeiramo-nos do problema, que é sempre nôvo, com o padrão antigo. O desafio é sempre nôvo, mas nossa reação é sempre a velha reação; e o problema consiste em fazermos frente ao desafio de maneira adequada, isto é, integralmente. O problema é sempre o de relação — com coisas, com pessoas e com idéias; não existe outro problema. E para o enfrentarmos, com suas sempre variadas exigências, para o enfrentarmos direta e adequadamente, temos de estar passivamente cônscios. Essa passividade não depende de determinação, de vontade, de disciplina; para começar, devemos estar cônscios de que *não* estamos passivos; estar cônscios de que desejamos certa solução para determinado problema. Êste é o comêço, por certo: conhecermos a nós mesmos, em relação ao problema, e percebermos a maneira como o consideramos. Quando começamos a conhecer-nos em relação a êste problema — como reagimos, quais são nossos vários preconceitos, exigências, apetites, em face dêle — então, êsse percebimento revelará a evolução do nosso próprio pensamento, de nossa própria natureza interior; e nisso há uma libertação.

O importante, sem dúvida, é estarmos cônscios sem escolha, uma vez que a escolha produz conflito. Quem escolhe está em confusão, é por isso que escolhe; se não está em confusão, não há escolha. Só a pessoa que se acha confusa escolhe o que deverá fazer e o que não deverá fazer. O homem esclarecido e simples nunca escolhe; *o que é*, é. A ação baseada em idéia é òbviamente ação baseada em escolha e não é libertadora, ao contrário, ela só gera mais resistência, mais conflito, em conformidade com aquêle pensar condicionado.

O importante, por conseguinte, é que estejamos cônscios, momento por momento, sem acumularmos a experiência que o percebimento nos traz; porque, se acumulamos, só estamos cônscios em

conformidade com essa acumulação, êsse padrão, essa experiência. Isto é, nosso percebimento se torna condicionado pela acumulação e, por conseguinte, não há mais exame e sim, apenas, tradução. Onde há tradução, há escolha; a escolha gera conflito e no conflito não pode haver compreensão.

A vida é um processo de relação; e para compreender as relações, que não são estáticas, é necessária uma percepção flexível, vigilantemente passiva, e não agressivamente ativa. Como disse, esta vigilância passiva não resulta de disciplina ou exercício algum. Consiste, simplesmente, em estarmos cônscios, momento por momento, do nosso pensar e sentir, não só quando estamos despertos, pois, à medida que nos formos aprofundando, começaremos a sonhar, a criar símbolos de tôda espécie, que traduzimos em sonhos. Dessa maneira, abrimos a porta do oculto, que se torna o conhecido; para acharmos "o desconhecido", porém, precisamos transpor a porta — e aí, sem dúvida, reside a nossa dificuldade. A realidade não é cognoscível pela mente, porque a mente resulta do conhecido, do passado; por êsse motivo deve a mente compreender a si própria, compreender seu funcionamento, sua verdade, pois só então pode *existir* o desconhecido.

CAPÍTULO XIII

O DESEJO

Para a maioria de nós, o desejo é um verdadeiro problema: desejo de propriedade, de posição, de poderio, de confôrto, de imortalidade, de continuidade; desejo de ser amado, de ter alguma coisa permanente, satisfatória, perdurável, alguma coisa que transcenda os limites do tempo. Pois bem, que é o desejo? Que é essa coisa que nos estimula e impele? Não estou sugerindo que nos satisfaçamos com aquilo que temos ou com o que somos, o que é simplesmente o oposto de desejar. Estamos procurando compreender o desejo, e se pudermos investigar o problema por meio de tentativas, com prudência, creio que promoveremos uma transformação que não constituirá apenas a substituição de um objeto de desejo por outro objeto. É isso o que em geral entendemos por "mudança", não é? Sentindo-nos insatisfeitos com determinado objeto de desejo, procuramos um substituto para êle. Estamos perenemente

passando de um objeto de desejo para outro, que consideramos superior, mais nobre, mais requintado; mas, por mais requintado, que seja, o desejo é sempre desejo, e nesse movimento do desejo há uma luta infindável, que é o conflito dos opostos.

Não achais, pois, importante descobrir o que é o desejo, e ver se êle pode ser transformado? Que é o desejo? Não é o símbolo e a respectiva sensação? O desejo é sensação, ligada ao objeto que se quer alcançar. Existe desejo sem nenhum símbolo e a respectiva sensação? Não existe, evidentemente. O símbolo pode ser um retrato, uma pessoa, uma palavra, um nome, uma imagem, uma idéia, que me dá uma sensação que me faz gostar ou desgostar. Se a sensação é agradável, desejo alcançar, possuir, conservar o respectivo símbolo, e continuar a fruir êsse prazer. De vez em quando, segundo minhas inclinações e intensidades, troco de imagem, de objeto. Se estou farto, cansado de uma forma de divertimento, busco nova sensação, nova idéia, nôvo símbolo. Rejeito a velha sensação e adoto um nova, com palavras novas, novos significados, novas experiências. Resisto à velha e cedo à nova, que considero superior, mais nobre, mais satisfatória. Há, assim, no desejo, resistência e transigência, que implica tentação, e, naturalmente, no transigir, no ceder a determinado símbolo de desejo, há sempre temor à frustração.

Se observo em mim mesmo o processo do desejo, percebo que há sempre um objeto para o qual a mente se dirige, em busca de novas sensações, e que êste processo subentende resistência, tentação e disciplina. Há a percepção, a sensação, o contato e o desejo, e a mente se torna o instrumento mecânico dêsse processo, cujos símbolos, palavras, objetos, constituem o centro em tôrno do qual se formam todos os desejos, apetites e ambições; êste centro é o "eu". Poderei dissolver êsse centro de desejo — não um determinado desejo, um determinado apetite ou anseio, mas tôda a estrutura de desejos, anseios, esperanças, onde está sempre o mêdo da frustração? Quanto mais frustrado me sinto, tanto mais fôrça dou ao "eu". Enquanto houver esperança, anseio, haverá sempre o fundo de temor, o qual, por sua vez, reforça aquêle centro. E uma revolução só é possível naquele centro, não à superfície, pois aí só pode haver processo de distração, mudança periférica, que conduz à ação maléfica.

Quando estou consciente de tôda a estrutura do desejo, percebo que minha mente se torna um centro morto, um processo mecânico

de memória. Cansando-me de um desejo, passo automàticamente a preencher-me noutro desejo. Minha mente está sempre experimentando, dentro dos limites da sensação; ela é o instrumento da sensação. Quando me enfastia determinada sensação, busco uma nova, a que posso chamar "conhecimento de Deus", mas que é sempre sensação. Já estou farto do mundo e das suas tribulações e agora quero paz, paz perene; por conseguinte, medito, controlo e moldo minha mente, a fim de experimentar aquela paz. O experimentar daquela paz é ainda sensação. Minha mente, pois, é o instrumento mecânico da sensação, da memória, um centro morto, de onde procedem meus atos e pensamentos. Os objetivos que persigo são projeções da minha mente, sob a forma de símbolos, dos quais a mente deriva sensações. A palavra "Deus", a palavra "amor", a palavra "comunismo", a palavra "democracia", a palavra "nacionalismo", tôdas elas são símbolos que proporcionam sensações à mente, e por essa razão a mente se apega a elas. Como vós e eu sabemos, tôdas as sensações têm fim, e por isso passamos sempre de uma sensação para outra; e tôda sensação reforça o hábito de buscar novas sensações. Nessas condições, a mente se torna apenas um instrumento de sensação e memória, e nesse processo nos vemos colhidos. Enquanto a mente estiver em busca de novas experiências, só será capaz de pensar em têrmos relativos à sensação; e qualquer experiência — que poderia ser uma experiência espontânea, criadora, vital, singularmente nova — ela a reduz imediatamente à sensação e se põe a buscar essa sensação, que se torna então memória. A experiência, por conseguinte, está morta, e a mente se torna simples reservatório estagnado do passado.

Êsse processo nos é bem familiar, ainda que o tenhamos examinado pouco profundamente; mas parecemos incapazes de passar além. *Queremos* passar além, porque estamos cansados desta rotina interminável, desta busca mecânica de sensações; e a mente, por isso, projeta a idéia da verdade, de Deus; sonha com uma transformação vital em que ela desempenhe o primeiro papel, etc. Por êsse motivo, nunca há um estado criador. Observo em mim mesmo êsse processo de desejo, êsse processo mecânico, repetitivo, que conserva a mente numa rotina, transformando-a num centro morto do passado, sem espontaneidade criadora. Há também, momentos súbitos de criação, dessa criação que não procede da mente, que não procede da memória, que nada tem em comum com a sensação ou o desejo.

Nosso problema, por conseguinte, é o de compreender o desejo — não até que ponto êle deve chegar ou em que ponto deve parar, mas compreender o inteiro processo do desejo, das ânsias e anelos e apetites ardentes. Quase todos nós pensamos que a posse de poucas coisas denota ausência de desejo — e como veneramos aquêles que possuem poucas coisas! Uma tanga, um simples manto, simbolizam nosso desejo de estarmos livres do desejo; mas é também uma reação muito superficial. Por que começarmos no plano superficial, renunciando às posses exteriores, quando nossa mente está atravancada por inumeráveis necessidades e desejos, crenças e lutas? Por certo, é *aí* que se deve operar a revolução, não no quanto possuímos, ou que roupas vestimos, ou quantos refeições fazemos. Mas tais coisas nos causam impressão, porque nossas mentes são muito superficiais.

Vosso problema e o meu problema, consistem em ver se a mente pode libertar-se do desejo, da sensação. A criação, por certo, nada tem em comum com a sensação; a realidade, Deus, ou o que quiserdes, não é um estado susceptível de ser experimentado como sensação. Quando tendes uma experiência, que acontece? Ela vos deu certa sensação, um sentimento de exaltação ou depressão. Como é natural, procurais evitar o estado de depressão; se no entanto, é uma alegria, um sentimento de exaltação, vós o buscais. Vossa experiência produziu uma sensação aprazível e quereis "mais"; e êsse "mais" fortalece o centro morto da mente, que está sempre ansiando por novas experiências. A mente, por conseguinte, nada pode experimentar de nôvo; é *incapaz* de experimentar uma coisa nova, porque seu acesso a coisas é sempre através da memória, do reconhecimento; e o que pode ser reconhecido pela memória não é a verdade, a criação, a realidade. Essa mente não pode experimentar a realidade; só pode experimentar sensações, e a criação não é sensação, é algo eternamente nôvo, a cada momento.

Reconheço agora o estado de minha própria mente; vejo que ela é o instrumento da sensação e do desejo, ou melhor, que ela é sensação e desejo e está mecânicamente absorvida na rotina. Nestas condições a mente é incapaz de receber ou de sentir o que é nôvo; pois é bem óbvio que o nôvo tem de ser algo que está acima da sensação, que é sempre coisa velha. Êsse processo mecânico, com suas sensações, tem de acabar, não achais? O desejo de "mais", a busca de símbolos, de palavras, de imagens, com suas respectivas sensações — tudo isso tem de acabar . Só então é possível à mente

encontrar-se naquele estado de criação em que o nôvo sempre se manifesta. Se quiserdes compreender, sem ser hipnotizados por palavras, por hábitos, por idéias, e puderdes ver quanto é importante deixar que o nôvo se manifeste constantemente em nossa mente, então talvez compreendais o processo do desejo, da rotina, do tédio, da constante ânsia de experiência. Creio que começaremos então a perceber que o desejo tem muito pouca significação na vida de um homem que está realmente buscando. Sem dúvida, há certas necessidades físicas, necessidade de alimento, de roupa, de morada, etc. Mas essas necessidades nunca se tornam apetites psicológicos, sôbre os quais a mente possa construir-se como centro de desejo. Além das necessidades físicas, tôda forma de desejo — desejo de grandeza, de verdade, de virtude — se torna um processo psicológico com o qual a mente constrói a idéia do "eu" e se fortalece nesse centro.

Ao perceberdes êsse processo, ao vos tornardes verdadeiramente cônscios dêle, sem oposição, sem nenhum sentimento de tentação, sem resistência, sem justificativas, ou julgamento, descobrireis que a mente é capaz de receber o nôvo, e que o nôvo nunca é sensação e por conseguinte não pode ser reconhecido, re-experimentado. Êle é um "estado de ser" no qual a criação se manifesta, sem chamado, sem interferência da memória. Isso é a realidade.

CAPÍTULO XIV

RELAÇÕES E ISOLAMENTO

A VIDA é experiência, experiência em relação. Não se pode viver no isolamento; a vida, portanto, é relação, e relação é ação. E como adquirir a capacidade de compreender as relações, que é a vida? Não significam as relações, não só comunhão com pessoas, mas também intimidade com coisas e idéias? A vida são relações, que se expressam no contato com coisas, pessoas, idéias. Compreendendo as relações, teremos capacidade para enfrentar a vida de maneira completa, adequada. Nosso problema, portanto, não é ter capacidade — pois esta não é independente das relações — porém, antes, compreender as relações, o que naturalmente produzirá a capacidade de pronta flexibilidade, pronto ajustamento, pronta reação.

As relações, sem dúvida, são um espelho em que nos descobrimos. Sem relações não existimos. Ser é estar em relação, estar em relação é existir. Só existis em relação, de outro modo não existis, a existência nada significa. Não é porque *pensais*, que existis, que vos tornais existentes. (1) Existis porque estais em relação, e é a falta de compreensão das relações que causa conflito.

Ora, não há compreensão das relações porque nos servimos delas apenas como meio de promover alguma realização, promover transformação, promover o "vir a ser". Mas as relações são um meio de autodescobrimento, porque estar em relação é *ser*, é existência. Sem relações, não existo. Para compreender a mim mesmo, preciso compreender as relações. As relações são um espelho, em que posso ver-me, a mim mesmo. Êsse espelho pode deformar ou refletir fielmente *o que é*. Mas a maioria de nós vê nas relações as coisas que *prefere* ver; não vê *o que é*. Preferimos idealizar, fugir, preferimos viver no futuro, a compreender aquelas relações no presente imediato.

Ora, se examinarmos nossa vida, as relações existentes entre nós, veremos que elas constituem um processo de isolamento. Não estamos verdadeiramente interessados uns nos outros; embora falemos muito a êsse respeito, não estamos de fato interessados. Só estamos em relação com alguém enquanto essas relações nos agradam, enquanto nos proporcionam um refúgio, enquanto nos satisfazem. No momento em que ocorre qualquer perturbação, causadora de desconfôrto para nós, abandonamos essas relações. Em outras palavras, só há relações enquanto estamos satisfeitos. Isso pode parecer uma maneira rude de falar, mas se examinardes realmente vossa vida, com muita atenção, vereis que é um fato. Evitar um fato é viver na ignorância, que nunca pode produzir relações corretas. Se examinarmos nossas vidas e observarmos nossas relações, veremos que elas são um processo de criação de mútua resistência, de uma muralha por sôbre a qual nos olhamos e observamos, uns aos outros. Conservamos sempre a muralha e permanecemos atrás dela, quer seja da muralha psicológica, quer seja da material, da muralha econômica, da muralha nacional. Enquanto vivermos no isolamento, atrás da muralha, não há relações entre nós. Vivemos fechados, porque achamos muito mais agradável,

---

(1) Foi o que disse Descartes: Penso, logo existo" *(cogito ergo sum)* (N. do T.)

muito mais seguro. O mundo está tão fracionado, há tanto sofrimento, tanta dor, guerra, destruição, miséria, que desejamos fugir e viver dentro das muralhas protetoras de nosso ser psicológico. As relações, pois, no caso de quase todos nós, são, de fato, um processo de isolamento, e é bem óbvio que tais relações criam uma sociedade, também causadora de isolamento. É isso, exatamente, o que está acontecendo no mundo inteiro: vós permaneceis nc vosso isolamento, e estendeis a mão por cima da muralha, chamando a isso nacionalismo, fraternidade, ou o que quiserdes, mas o fato é que continuam a existir os governos soberanos, com seus exércitos. Enquanto apegados às vossas limitações, pensais poder criar a unidade mundial, a paz mundial — coisa de todo impossível. Enquanto tiverdes uma fronteira nacional, econômica, religiosa, ou social, é bem claro que não pode haver paz no mundo.

O processo de isolamento está ligado à busca de poder. Quer estejamos buscando o poder individualmente, quer para um grupo racial ou nacional, haverá isolamento, porque o próprio desejo de poder, de posição, é separatismo. Afinal, é isso o que cada um deseja, não é verdade? Cada um quer ocupar uma posição poderosa, uma posição de domínio, seja no lar, seja no escritório, seja num regime burocrático. Procura cada um o poder e nessa busca de poder fundará uma sociedade baseada no poder — militar, industrial, econômico, etc. — o que também é evidente. O desejo de poder não é, por sua própria natureza, causador de isolamento? Julgo muito importante compreender isso, porque o homem que deseja um mundo pacífico, um mundo em que não haja guerras, não haja destruição e miséria, em escala aterradora, imensurável, deve compreender esta questão fundamental. Um homem afetuoso, benevolente, não tem espírito de poderio e portanto não está ligado a nacionalidade nem a bandeira alguma. Êsse homem não tem bandeira.

Não há coisa tal como viver no isolamento; nenhum país, nenhum povo, nenhum indivíduo pode viver no isolamento. Entretanto, porque estais em busca de poder, de tantas maneiras diferentes, criais o isolamento. O nacionalista é uma praga, porque, com seu espírito nacionalista, patriótico, está construindo uma muralha de isolamento. Tão identificado está com seus país, que erguê uma muralha contra outro país. Que acontece quando construís uma muralha contra alguma coisa? Essa coisa fica a chocar-se constantemente contra vossa muralha. Quando resistis a uma

coisa, essa própria resistência indica que estais em conflito com ela. O nacionalismo, por conseqüência, que é um processo de isolamento, que é um resultado da busca de poder, não pode trazer paz ao mundo. O homem que é nacionalista e fala de fraternidade, está mentindo, está vivendo em estado de contradição.

Pode-se viver no mundo sem o desejo de poder, de posição, de autoridade? Pode-se, é claro. Vivemos assim quando não nos identificamos com uma coisa "maior". Esta identificação com uma coisa "maior" — o partido, a pátria, a raça, a religião, Deus — é busca de poder. Porque vós mesmos sois vazios, embotados, sois fracos, gostais de identificar-vos com uma coisa maior. Êsse desejo de identificação com uma coisa maior é desejo de poder.

As relações são um processo de auto-revelação e se, desconhecendo a nós mesmos, desconhecendo as tendências da nossa mente e do nosso coração, procuramos apenas estabelecer uma ordem externa, um sistema, uma fórmula engenhosa, o que estabelecermos terá muito pouca significação. O importante é que compreendamos a nós mesmos em relação com outros. As relações se tornam, assim, não um processo de isolamento, mas um processo no qual descobrimos nossos próprios "motivos", nossos próprios pensamentos, nossos próprios desígnios; e esta descoberta é o comêço da libertação, o comêço da transformação.

CAPÍTULO XV

O PENSADOR E O PENSAMENTO

Em tôdas as nossas experiências há sempre o experimentador, o observador que acumula contìnuamente, ou que renuncia a si mesmo. Não será errôneo êsse processo, e não estamos aí empenhados numa atividade que não faz vir o estado criador? Se é errôneo o processo, será possível eliminá-lo de todo, abandoná-lo? Só é possível quando experimento, não como "pensador", mas estando bem cônscio do processo falso e percebendo que só existe um estado único, no qual o pensador é o pensamento.

Enquanto estou experimentando, enquanto estou no estado de "vir a ser", tem de haver essa ação dualista, tem de haver pensante e pensamento, dois processos distintos. Não há integração e, sim, sempre, um centro que opera através da vontade de agir no sentido de ser ou de não ser — coletivamente, individualmente, nacio-

nalmente, etc. Êsse o processo universalmente observado. Enquanto o esfôrço estiver dividido entre o experimentador e a experiência, tem de haver deterioração. Só é possível a integração, quando o pensador já não é observador. Isto é, sabemos que há o pensador e o pensamento, observador e objeto observado, experimentador e experiência; dois estados diferentes. Nosso esfôrço se faz para unir êsses dois estados.

A vontade de agir é sempre dualista. Será possível transcender a vontade separativa e descobrir um estado em que não exista ação dualista? Só é possível, se experimentarmos diretamente o estado em que o pensador é o pensamento. Pensamos agora que o pensador está separado do pensamento; mas é exato isso? Agrada-nos pensar que sim, porque o pensador pode então explicar as coisas através do seu pensamento. O esfôrço do pensador é feito no sentido de se tornar *mais* ou de se tornar *menos;* e, por conseguinte, nessa luta, nessa ação da vontade, no "vir a ser", existe sempre o fator da deterioração. Estamos empenhados num processo falso e não num processo verdadeiro.

Há separação entre o pensador e o pensamento? Enquanto êles estiverem separados, divididos, será vão o nosso esfôrço, estaremos empenhados num processo falso e destrutivo, causador de deterioração. Pensamos que o pensador é separado do seu pensamento. Reconhecendo que sou ambicioso, ganancioso, brutal, julgo que não deveria ser assim. Procura então o pensador alterar seus pensamentos e, por conseguinte, faz um esfôrço com o fim de "vir a ser". Nesse processo de esfôrço, nutre-se a falsa ilusão de que existem dois estados diferentes, quando de fato só existe um único processo. Penso que aí se encontra o fator fundamental da deterioração.

Será possível experimentar aquêle estado em que só existe uma única entidade e não dois processos separados — o experimentador e a experiência? Se o experimentarmos, talvez possamos descobrir o que é ser criador e conhecer um estado em que nunca há deterioração, em quaisquer relações em que se encontre o homem.

Sou ambicioso. Eu e a ambição não somos dois estados diferentes; só há uma única coisa, que é a ambição. Se estou cônscio de que sou ambicioso, que acontece? Faço um esfôrço para não ser ambicioso, atendendo a razões sociais ou religiosas; êste esfôrço estará sempre dentro de um círculo limitado. Posso dilatar o círculo, mas êle será sempre limitado. Por conseguinte, nêle

está presente o fator da deterioração. Mas, se investigo um pouco mais profunda e atentamente, vejo que a entidade que faz esfôrço é a causa da ambição, ela própria é ambição. E percebo também que não há "eu" e ambição, separados, e sim apenas ambição. Se reconheço que sou ambicioso, que não há o observador que é ambicioso, mas que eu mesmo sou a ambição, o problema se torna então muito diferente; nossa reação a êle é de todo diferente e nosso esfôrço não é mais destrutivo.

Que fareis, ao reconhecer que todo o vosso ser é ambição e que tôda ação que executais é ambição? Infelizmente, não estamos acostumados a pensar nessa direção. Há o "eu", a entidade superior, o soldado que controla e domina. Para mim, êsse processo é destrutivo. É uma ilusão e sabemos por que assim procedemos. Divido-me em "superior" e "inferior", com o fim de subsistir. Se eu sou a ambição, completamente, se não há um "eu" atuando sôbre a ambição; se eu sou todo ambição, que acontece, então? Por certo, há então um processo inteiramente diverso, nasce um problema diferente. Êste problema, sim, é criador, porque nêle não há sentimento do "eu" que domina e que "vem a ser", positiva ou negativamente. Devemos alcançar êsse estado, se queremos ser criadores. Nesse estado, não há entidade que faz esfôrço. Esta questão não exige "verbalização", ou que se procure descobrir o que é aquêle estado; se vos aplicardes a ela dessa maneira, saireis perdendo e nada achareis. O importante é perceber que a entidade que faz esfôrço e o objeto para o qual o esfôrço é dirigido, são a mesma coisa. São necessárias uma compreensão e uma vigilância extraordinárias, para ver como a mente se divide em "superior" e "inferior" — sendo que a parte "superior" é a segurança, a entidade permanente, que continua, todavia, a ser um processo de pensamento e por conseguinte uma coisa do tempo. Se pudermos compreender isso, como experiência direta, veremos então surgir um fator inteiramente diferente.

CAPÍTULO XVI

PODE O PENSAR RESOLVER OS NOSSOS PROBLEMAS?

O PENSAMENTO não resolveu nossos problemas, nem eu creio que possa resolvê-los jamais. Temos confiado no intelecto, pen-

sando que êle pode mostrar-nos o caminho por onde nos livraremos de nossas numerosas complicações. Quanto mais astucioso, quanto mais depravado, quanto mais sutil o intelecto, tanto maior a variedade de sistemas, teorias, e idéias. E as idéias não resolvem nenhum dos problemas humanos; nunca o fizeram, nunca o farão. A mente não é a solução; a ação do pensamento, evidentemente, não é a ação que nos libertará da nossa dificuldade. Parece-me que deveríamos em primeiro lugar compreender êsse processo do pensar, para podermos então, talvez, passar além. Porque, deixando de existir o pensamento, estaremos, provàvelmente, aptos a encontrar um modo de ação que nos possibilite resolver nossos problemas, tanto individuais como coletivos.

O pensar não resolveu nossos problemas. Os homens talentosos, os filósofos, os eruditos, os líderes políticos, não resolveram de fato nenhum dos problemas humanos — que são as relações entre vós e outra pessoa, entre vós e mim. Temos, até agora, feito uso da mente, do intelecto, como meio de investigar o problema, esperando, por essa maneira, encontrar uma solução. Pode o pensamento dissolver nossos problemas? O pensamento, salvo quando entregue a pesquisas científicas ou atividades técnicas, não está sempre interessado na autoproteção, na autoperpetuação, sempre condicionado? Sua atividade não é egocêntrica? E pode êsse pensamento resolver em algum tempo qualquer dos problemas que o próprio pensamento criou? Pode a mente, que criou os problemas, resolver as coisas que ela mesma produziu?

Ora, sem dúvida, pensar é uma reação. Se vos faço uma pergunta, reagis a ela — reagis de acôrdo com a memória, os preconceitos, a educação, o clima, enfim, todo o fundo do vosso condicionamento; reagis e pensais de acôrdo com êsse fundo. O centro dêsse fundo é o "eu", no processo da ação. Enquanto não compreendermos êsse fundo, enquanto não compreendermos e sustarmos o processo de pensamento, o "eu", que cria o problema, teremos o inevitável conflito, interior e exteriormente, no pensamento, na emoção, na ação. Não há solução, por mais engenhosa, por melhor concebida que seja, capaz de pôr fim ao conflito entre o homem e o homem, entre vós e mim. Reconhecendo êsse fato, percebendo como o pensamento brota e de que fonte brota, perguntamos: "Pode o pensamento terminar?"

Êste é um dos problemas, não é verdade? Pode o pensamento resolver nossos problemas? Pensando-se a respeito de um problema,

êle fica resolvido? Já houve problema, de qualquer espécie — econômico, social, religioso — que pudesse ser resolvido pelo pensar? Na vida diária, quanto mais pensamos a respeito de um problema, tanto mais complexo, tanto mais insolúvel, tanto mais incerto êle se torna. Não é isso que acontece, na vida real, na vida de cada dia? Pode-se, refletindo sôbre certas facêtas do problema, perceber mais claramente o ponto de vista de outra pessoa; o pensamento, entretanto, não pode ver o problema na sua inteireza, na sua plenitude; só pode vê-lo parcialmente, e uma solução parcial não é uma solução completa, e, portanto, não é solução alguma.

Quanto mais pensamos a respeito de um problema, quanto mais o investigamos e analisamos e discutimos, tanto mais complexo êle se torna. É possível, pois, olhar o problema globalmente, de maneira total? Como é possível isso? Porque esta parece ser nossa principal dificuldade. Nossos problemas se estão multiplicando, há iminente perigo de guerra, tôda sorte de perturbações, em nossas relações. Como se pode compreender tudo isso globalmente, como um todo? É claro que o problema só pode ser resolvido quando sabemos olhá-lo como um todo — e *não* por seções, *não dividido*. Quando é possível isso? Ora, isso só é possível quando o processo do pensar — que tem sua fonte no "eu", no "ego", no fundo de tradição, de condicionamento, de preconceito, de esperanças, de desespêro — deixou de existir. Pode-se compreender êsse "eu", não por meio de análise, mas pelo percebimento da coisa tal como é, pelo percebimento da coisa como um fato e não como uma teoria? — sem procurar dissolver o "eu", com o fim de obter um resultado, mas observando a atividade do "eu", do "ego", sua ação constante? Podemos *olhá-lo,* sem fazer nenhum movimento no sentido de o destruir o de o estimular? Êste é o problema, não é verdade? Se, em cada um de nós, se tornar inexistente o centro do "eu", com seu desejo de domínio, posição, autoridade, subsistência, autoperpetuação, não há dúvida de que nossos problemas deixarão de existir!

O "eu" é um problema que o pensamento não pode resolver. Requer uma percepção que não vem do pensamento. Estar cônscio, sem condenação ou justificação, das atividades do "eu" — estar simplesmente cônscio — tanto basta. Se estais cônscios com o fim de descobrir *como* resolver o problema, com o fim de transformá-lo, com o fim de produzir um resultado, êsse percebimento está ainda

dentro da esfera do "eu", do "ego". Enquanto estamos em busca de resultado, seja pela análise, seja pelo percebimento, pelo exame constante de cada pensamento, continuamos dentro da esfera dêste, isto é, dentro da esfera do "eu", do "ego", ou como quiserdes chamá-lo.

Enquanto houver atividade da mente, não pode haver amor. Quando houver amor, não existirão problemas sociais. O amor não é coisa adquirível. A mente pode procurar adquiri-lo como uma nova idéia, um nôvo utensílio, uma nova maneira de pensar, mas não pode achar-se em estado de amor, enquanto o pensamento estiver tentando adquirir o amor. Enquanto a mente está tentando alcançar um estado de não-avidez, ela continua a ser ávida, não é verdade? De modo idêntico, enquanto a mente quer, deseja e age para alcançar o estado em que exista o amor, estará negando êsse estado, não é exato?

Percebendo êste problema, êste complexo problema do viver, tornando-nos cônscios do processo do nosso pensar, percebendo que de fato êle não conduz a parte alguma — ao compreendermos isso profundamente, por certo aparecerá um estado de inteligência que não é individual nem coletivo. Então o problema das relações do indivíduo com a sociedade, com a comunidade, com a realidade, deixa de existir, porque então só há inteligência, que não é pessoal nem impessoal. Só esta inteligência, a meu ver, pode resolver nossos imensos problemas. A inteligência não pode ser um resultado: ela nasce quando compreendemos, na sua totalidade, o processo do nosso pensar, não só no plano consciente mas também nos planos mais profundos e ocultos da consciência.

Para compreender qualquer dêsses problemas, é preciso que a mente esteja muito tranqüila, muito silenciosa, para encarar o problema sem interpor idéias ou teorias, sem distração alguma. Esta é uma das nossas dificuldades, pois o pensamento se tornou uma distração. Quando desejo compreender, observar uma coisa, não tenho de pensar a respeito dela — devo *olhá-la.* No momento em que começo a pensar, a ter idéias, opiniões a seu respeito, já me acho num estado de distração, desviando a vista da coisa que preciso compreender. O pensamento, portanto, quando temos um problema, se torna uma distração; o pensamento sendo idéia, opinião, julgamento, comparação — uma distração que me impede de observar o problema e, assim, compreendê-lo e resolvê-lo. Infelizmente, para a maioria de nós, o pensamento se tornou demasiado importante. Dizeis: "Como posso existir, ser, sem

pensar?" "Como posso ter a mente vazia?" Ter a mente vazia equivale a ficar em estado de estupor, de idiotia, ou coisa parecida, e vossa reação instintiva é de rejeitar tal estado. Mas, sem dúvida, a mente que é muito tranqüila, a mente que não está sendo destruída pelo próprio pensamento, a mente que é aberta, pode encarar o problema de maneira muito direta e muito simples. É essa capacidade de olharmos nossos problemas sem nenhuma distração, que representa a única solução. Para tanto, é preciso que a mente seja muito tranqüila, muito serena.

Essa mente não é resultado, não é produto do exercício, de meditação, de contrôle. Ela não nasce de qualquer espécie de disciplina, constrangimento ou sublimação; nasce sem esfôrço algum por parte do "eu", do pensamento; nasce quando compreendo o processo total do pensar, quando posso ver um fato sem distração alguma. Nesse estado de tranqüilidade, da mente que se acha verdadeiramente silenciosa, existe o amor. E só o amor pode resolver todos os problemas humanos.

CAPÍTULO XVII

A FUNÇÃO DA MENTE

Quando observais vossa mente, estais observando não só os chamados níveis superficiais, mas também o inconsciente; estais vendo o que a mente de fato faz, não é verdade? Esta é a única maneira em que se pode investigar. Não acrescenteis o que a mente *deveria* fazer, como deveria pensar ou agir, etc., pois seria fazer meras asserções. Isto é, se dizeis que a mente deveria ser *isto* ou não deveria ser *aquilo,* estais sustando tôda investigação e todo o pensar; ou, se citais alguma autoridade eminente, parais igualmente de pensar, não é exato? Se citais Buda, Cristo, ou XYZ, cessou a busca, cessou todo pensar e investigação. Temos, pois, de nos precaver a êsse respeito. Tendes de abandonar tôdas essas sutilezas da mente, se desejais investigar comigo êste problema do "eu".

Qual é a função da mente? Para o averiguarmos, precisamos saber o que a mente está de fato fazendo. Que faz vossa mente? Ela é apenas um processo de pensar, não? De outro modo, a

mente não existe. Se a mente não está pensando, consciente ou inconscientemente, não há consciência. Temos de averiguar o que faz, em relação aos nossos problemas, a mente de que nos servimos na vida diária e bem assim aquela mente de que a maioria de nós está inconsciente. Temos de considerar a mente tal qual é, e não como deveria ser.

Pois bem, que é a mente, tal como está funcionando? Ela é, com efeito, um processo de isolamento, não achais? Fundamentalmente, nisto consiste o processo do pensamento. Êle é pensar sob forma isolada, conservando, todavia, o caráter coletivo. Observando vosso pensar, vereis que êle é um processo isolado, fragmentário. Estais pensando em conformidade com vossas reações, as reações de vossa memória, de vossa experiência, de vosso saber, de vossa crença. Estais reagindo a tudo isso, não estais? Se digo que se faz necessária uma revolução fundamental, logo reagis. Fareis objeção à palavra "revolução", se tiverdes interêsses para proteger, espirituais ou de outra natureza. Vossa reação, pois, depende do vosso saber, da vossa crença, da vossa experiência. É um fato óbvio. Há várias formas de reação. Dizeis: "Devo ser fraternal, devo cooperar, devo ser amigável, devo ser benevolente", etc. Que é isso? São reações. Mas a reação fundamental do pensar é um processo de isolamento. Estais observando o processo da vossa mente, cada um de vós, o que significa que estais observando vossa própria ação, crença, conhecimento, experiências. Tôdas essas coisas oferecem segurança, não é verdade? Oferecem segurança, dão fôrça ao processo do pensar. Êsse processo só serve para reforçar o "eu", a mente, o "ego" — quer chamemos êsse ego "superior", quer o chamemos "inferior". Tôdas as religiões, tôdas as sanções sociais, tôdas as leis, existem para proteger o indivíduo, o "ego" individual, a ação separativa. Em oposição a isso, temos o Estado totalitário. Se penetrardes mais profundamente o inconsciente, encontrareis, também aí, o mesmo processo. Aí também somos o coletivo, influenciado pelo ambiente, pelo clima, pela sociedade, pelo pai, pela mãe, pelo avô. Aí também se encontra o desejo de nos impormos, de dominarmos, como indivíduo, como "eu".

A função da mente, tal como a conhecemos e como agimos todos os dias, não é um processo de isolamento? Não estais em busca da salvação individual? Sereis *alguém*, no futuro; ou nesta

mesma vida sereis um grande homem, um grande escritor. Tôda a nossa tendência é para existirmos separados. Pode a mente fazer alguma coisa além disso? É possível à mente não pensar de maneira separativa, egocêntrica, fragmentária? É impossível. Nós endeusamos a mente: a mente é de extraordinária importância. Não sabeis — quando tendes um pouco de habilidade, um pouco de vivacidade de espírito, um pouco de conhecimentos e de informações acumuladas — como vos tornais importante na sociedade? Bem sabeis como venerais os que são intelectualmente superiores, os advogados, os professôres, os oradores, os grandes escritores, os intérpretes e expositores! Tendes cultivado o intelecto e a mente.

A função da mente é existir separada: de outro modo a mente não existe. Cultivando êsse processo há tantos séculos, vemos que é impossível cooperarmos; só podemos ser impelidos, forçados, tangidos, pela autoridade, pelo temor, econômico ou religioso. Se é êste o estado real, não só conscientemente, mas também nos níveis mais profundos, em nossos "motivos", intenções, buscas, como pode haver cooperação? Como pode haver união inteligente, para fazer alguma coisa em cooperação? Sendo isso quase impossível, as religiões e os partidos sociais organizados forçam o indivíduo a praticar certas formas de disciplina. A disciplina se torna, então, imprescindível, se desejamos unir-nos, para cooperar.

Enquanto não compreendermos a maneira de transcender êsse pensar separativo, êsse "processo" que dá tôda a importância ao "eu" e ao "meu", seja na forma coletiva, seja na forma individual, não teremos paz; teremos conflitos e guerras constantes. Nosso problema consiste em pôr fim a êsse processo separativo de pensamento. Pode o pensamento destruir o "eu", o pensamento que é processo de "verbalização" e reação? O pensamento nada mais é que reação; o pensamento não é criador. Pode o pensamento pôr fim a si mesmo? É o que estamos procurando averiguar. Quando penso: "devo disciplinar-me, devo pensar de maneira correta, devo ser *isto* ou *aquilo*" — o pensamento está-se obrigando, impelindo, disciplinando, para ser ou não ser alguma coisa. Isto não é um processo de isolamento? Não é aquela inteligência integrada, que funciona como um todo, da qual tão-sòmente pode advir a cooperação.

Como conseguir o fim do pensamento? Ou, melhor, como pode o pensamento, que é isolado, fragmentário, parcial, chegar a um fim? Como empreender êsse trabalho? Vossa chamada dis-

ciplina destruirá o pensamento? É bem evidente que não lograstes bons resultados com ela, em todos êstes longos anos, pois do contrário não estaríeis aqui. Tende a bondade de examinar o processo de disciplinamento, que é tão-só um processo de pensamento em que há sujeição, repressão, contrôle, domínio. Tudo isso atinge o inconsciente, que mais tarde, ao vos tornardes mais velhos, quer impor sua voz. Depois de a terdes tentado por tanto tempo, infrutìferamente, deveis ter reconhecido que a disciplina não constitui, por certo, o processo de destruir o "eu". O "eu" não pode ser destruído pela disciplina, porque disciplina é processo de fortalecer o "eu". Entretanto, tôdas as vossas religiões recomendam a disciplina; tôdas as vossas meditações, tôdas as vossas asserções se baseiam nela. O conhecimento pode destruir o "eu"? A crença pode destruí-lo? Em outras palavras, pode qualquer das coisas que estamos fazendo atualmente, qualquer das atividades em que estamos presentemente empenhados, com o fim de atingir as raízes do "eu", lograr tal resultado? Tudo isso não é um desperdício fundamental, um processo de pensamento, processo de isolamento, de reação? Que fazeis, ao reconhecer, fundamental ou profundamente, que o pensamento não pode pôr fim a si mesmo? Que acontece, então? Observai-vos. Ao vos tornardes plenamente cônscios dêsse fato, que acontece? Compreendeis que tôda reação é condicionada e que, através de condicionamento, não há liberdade possível, nem no comêço nem no fim — e a liberdade está sempre no comêço, e não no fim.

Ao reconhecerdes que tôda reação é uma forma de condicionamento, que dá continuidade ao "eu", de diferentes maneiras, que acontece realmente? Deveis esclarecer-vos bem a êste respeito. A crença, o conhecimento, a disciplina, a experiência, todo o processo de alcançar um resultado ou alvo, a ambição, o "vir a ser" alguma coisa nesta vida ou numa vida futura — tudo é processo de isolamento, processo causador de destruição, amarguras, guerras, do qual não há possibilidade de fuga pela ação coletiva, mesmo que sejais ameaçados com campos de concentração, etc. Estais bem cônscios dêsse fato? Qual é o estado da mente que diz: "assim é, de fato, êste é meu problema, esta é exatamente a minha situação; vejo o que o conhecimento e a disciplina podem fazer, o que a ambição pode fazer" — qual é o estado dessa mente? Por certo, se percebeis tudo isso, já está em função um processo diferente.

Conhecemos os caminhos do intelecto, mas não conhecemos o caminho do amor. O caminho do amor não pode ser achado pelo intelecto. O intelecto, com tôdas as suas ramificações, seus desejos, ambições, buscas, tem de terminar, para que o amor possa ter existência.

Não sabeis que quando amais, cooperais, não estais pensando em vós mesmo? Esta é a mais elevada forma da inteligência — e *não* quando amamos como uma entidade superior, ou quando nos achamos em boa situação, o que nada mais é que temor. Enquanto tiverdes interêsses para defender, não pode haver amor, mas só processo de exploração, nascido do temor. O amor, por conseguinte, só pode ter existência quando a mente já não existe. Por conseguinte, deveis compreender o processo integral da mente, a função da mente.

Só quando sabemos amar-nos uns aos outros, pode haver cooperação, pode haver um funcionar inteligente, pode haver união a respeito de qualquer problema. Só então é possível saber o que é Deus, o que é verdade. Nós, porém, estamos procurando a verdade através do intelecto, através da imitação — o que significa idolatria. Só depois de abandonardes completamente, pela compreensão, tôda a estrutura do "eu", pode manifestar-se aquilo que é eterno, atemporal, imensurável. Não podeis ir a êle; êle vem a vós.

CAPÍTULO XVIII

A ILUSÃO

DESEJO discutir ou considerar o problema de autodecepção, das ilusões em que a mente gosta de embalar-se, e que a si mesma e a outrem impõe. Êste assunto é muito sério, sobretudo numa crise da natureza que o mundo está enfrentando atualmente. Para que possamos compreender no seu todo o problema da ilusão, não devemos investigar só no nível verbal, mas intrínseca, fundamental, profundamente. Satisfazemos-nos muito fàcilmente com palavras e "contrapalavras"; temos uma mentalidade mundana e com essa mentalidade, nada mais podemos fazer senão esperar que algo aconteça. Sabemos que a explicação da guerra não põe fim à guerra. Inúme-

ros historiadores, teólogos e homens religiosos nos têm explicado a guerra e sua origem; entretanto continuamos a ter guerras, cada vez mais destrutivas. Todos os que sentimos verdadeiro e sério interêsse, devemos transcender a palavra e buscar, dentro de nós mesmos, esta revolução fundamental. É ela o único remédio que pode trazer à Humanidade uma redenção duradoura e fundamental.

De modo idêntico, ao tratarmos desta espécie de autodecepção, creio que devemos prevenir-nos contra explicações e respostas superficiais; devemos, não só ouvir atentamente o que se nos diz, mas também investigar o problema, tal como o conhecemos na vida diária. Isto é, devemos observar-nos, a nós mesmos, em nosso pensar a agir, observar a maneira como influenciamos os outros, e o modo como passamos à ação, partindo de nós mesmos.

Qual é a razão, qual é a base da ilusão? Quantos de nós estão realmente cônscios de que se enganam a si mesmos? Antes de podermos responder à pergunta "Que é a ilusão e como nasce ela?", não devemos estar cônscios de que nos estamos enganando, a nós mesmos? Sabemos que nos estamos enganando? Que queremos, com essas ilusões? Julgo muito importante sabê-lo, porque, quanto mais enganamos a nós mesmos, tanto maior se torna a fôrça da ilusão, porque a ilusão nos infunde certa vitalidade, certa energia, certa capacidade para impormos a outrem nossas ilusões. Assim, estamos, gradualmente, não só impondo ilusões a nós mesmos, mas a outros também. Há um processo recíproco de autodecepção. Estais cônscios dêsse processo? Julgamo-nos capazes de pensar com muita clareza, com objetivos definidos e de modo direto. Estamos cônscios, porém, de que nesse proceso de pensar há autodecepção?

Não é o pensamento, em si, um processo de busca, uma procura de justificação, de segurança, de autoproteção, desejo de ter boa reputação, desejo de posição, prestígio, poder? Êsse desejo de *ser,* política, religiosa ou sociològicamente, não constitui justamente a causa da autodecepção? No momento em que desejo algo além das necessidades puramente materiais, não produzo, não faço nascer um estado de espírito que aceita com facilidade as coisas? Consideremos, por exemplo, isto: muitos de nós estamos interessados em saber o que acontece depois da morte; quanto mais velhos ficamos, tanto mais interessados. Queremos saber a verdade a tal respeito. Como a encontraremos? Decerto, não a encontraremos por meio de leituras ou de diferentes explicações.

Como podeis esclarecer-vos a êsse respeito? Tendes em primeiro lugar de purgar vossa mente de todos os fatôres que barram o caminho — tôda experiência, todo desejo de subsistir, todo desejo de descobrir o que existe "do outro lado". Visto que está em constante busca de segurança, a mente tem o desejo de subsistir e a esperança de encontrar um meio de preenchimento, a esperança de uma existência futura. Essa mente, conquanto em busca da verdade relativa à vida após a morte, à reencarnação, ou ao que quer que seja, é incapaz de descobrir essa verdade, não é? O importante não é saber se a reencarnação é verdadeira ou não, mas, sim, por que a mente busca, por meio da ilusão, a justificativa de um fato que pode ser ou não verdadeiro. O importante é a maneira como consideramos o problema, o motivo, o impulso, o desejo com que o fazemos.

O pesquisador está sempre impondo a si mesmo esta ilusão; ninguém pode impor-lhe: é êle próprio que o faz. Criamos ilusões e nos tornamos seus escravos. O fator fundamental da autodecepção é êsse desejo constante de sermos alguma coisa neste e no outro mundo. Conhecemos o resultado do desejo de ser algo neste mundo: confusão, a mais extrema, em que todos competem entre si, todos se entredestroem, em nome da paz. Conheceis bem todo êsse jôgo que jogamos uns com os outros, o qual constitui uma forma extraordinária de autodecepção. Semelhantemente, desejamos a segurança no outro mundo, queremos um lugar lá.

Começamos, pois, a enganar a nós mesmos, no momento em que existe o impulso para ser, "vir a ser", ou realizar. Esta é uma coisa de que a mente com muita dificuldade pode livrar-se. É um dos problemas básicos da nossa vida. Será possível viver neste mundo e ser "nada"? Só então podemos estar livres de tôda ilusão, porque só então, a mente não buscará uma resposta satisfatória, não procurará forma alguma de justificação, a mente não estará buscando segurança, sob forma alguma, em nenhuma espécie de relação. Isso só acontece quando a mente percebe as possibilidades e sutilezas da ilusão, e, em conseqüência, pela compreensão, abandona tôda espécie de justificativas e de segurança — o que significa que a mente é então capaz de ser, completamente, *nada*. Será possível?

Enquanto nos estivermos enganando, de qualquer maneira que seja, não pode haver amor. Enquanto a mente fôr capaz de criar e impor a si própria uma ilusão, é claro que ela se separa da

compreensão coletiva ou integrada. Eis aqui uma das nossas dificuldades; não sabemos cooperar. Sabemos apenas que procuramos trabalhar juntos, para um fim que nós dois criamos. Só pode haver cooperação quando vós e eu não temos um alvo comum, criado pelo pensamento. Importa compreender que a cooperação só é possível quando vós e eu não desejamos ser coisa alguma. Quando vós e eu desejamos ser algo, torna-se necessária a crença, etc., torna-se necessária uma "utopia", de nós mesmos "projetada". Mas se vós e eu estivermos criando anônimamente, sem autodecepção, sem barreiras de crença e de conhecimento, sem desejo de segurança, existe então a verdadeira cooperação.

É possível cooperarmos, mantermo-nos coesos, sem têrmos um fim em vista? Podemos trabalhar juntos, sem estar em busca de um resultado? Positivamente, esta é a verdadeirta cooperação, não achais? Mas, se vós e eu ideamos, elaboramos, planejamos um resultado e começamos a trabalhar para a consecução dêsse resultado, qual o processo aí compreendido? Nossos pensamentos, nossas mentes intelectuais, estão naturalmente de acôrdo entre si; emocionalmente, porém, todo nosso ser pode estar resistindo, do que resulta a ilusão, do que resulta conflito entre vós e mim. É um fato óbvio e freqüente em nossa vida diária. Vós e eu concordamos, no plano intelectual, em executar certo trabalho juntos, mas inconscientemente, profundamente, estamos em luta um contra o outro. Quero um resultado que me satisfaça, quero dominar, quero que meu nome sobressaia ao vosso, embora conste que estou cooperando convosco. Assim, nós dois, que somos os criadores do tal plano, estamos, na realidade, em oposição um ao outro, embora exteriormente estejamos de acôrdo quanto ao plano.

Não é importante averiguar se vós e eu podemos cooperar, comungar, viver juntos, num mundo em que vós e eu sejamos como *nada?* Em que possamos cooperar real e verdadeiramente, não no nível superficial, porém fundamentalmente? Êste é um dos nossos maiores problemas, se não o maior. Identifico-me com um objetivo e vós vos identificais com o mesmo objetivo; ambos estamos interessados nêle, os dois temos intenção de realizá-lo. Ora, sem dúvida, êsse processo de pensar é muito superficial, visto que pela identificação criamos a separação — o que é um fato evidente, na vida diária. Vós sois hinduísta e eu católico; pregamos ambos a fraternidade, e estamos em luta um com o outro. Por quê? Êste é um dos nossos problemas, não? Inconsciente e

profundamente, vós tendes vossas crenças, e eu as minhas. Falando de fraternidade, não resolvemos o problema das crenças, apenas concordamos teórica e intelectualmente que êle deve ser resolvido: interior e profundamente estamos um contra o outro. Não pode haver cooperação entre mim e vós, enquanto não desfizermos aquelas barreiras que são uma autodecepção, que nos infundem uma certa vitalidade. Através da identificação com um grupo, com uma idéia particular ou com uma certa nação, jamais atingiremos o estado de cooperação.

A crença não produz cooperação: ao contrário, a crença separa. Vemos os partidos políticos uns contra os outros, cada um acreditando em certa maneira de resolver os problemas econômicos e, em conseqüência, todos em guerra entre si. Não ficam resolvidos êsses problemas, se por exemplo, resolvermos o problema da fome. Todos estão interessados nas teorias que irão resolver êsse problema. Não estão interessados verdadeiramente no próprio problema, e sim no método pelo qual o problema será resolvido. Por conseqüência, tem de haver luta, visto que todos estão interessados na idéia e não no problema. De modo idêntico, os indivíduos religiosos estão uns contra os outros, embora, verbalmente, afirmem que todos temos uma só vida, um só Deus. Conheceis bem isso, Interiormente, suas crenças, sua opiniões, suas experiências, os estão destruindo e os mantendo separados.

A experiência se torna um fator separativo, em nossas relações humanas; a experiência é uma das maneiras de nos iludirmos. Se experimento uma coisa, apego-me a ela; não procuro penetrar o problema relativo ao processo de experimentar, pois, visto que experimentei, julgo suficiente, e a isso me agarro; assim, imponho-me, através daquela experiência, uma ilusão.

Nossa dificuldade consiste em que cada um de nós está tão identificado com determinada crença, com determinada forma ou método de criar a felicidade, o ajustamento econômico, que nossa mente está cativa nisso e somos incapazes de penetrar o problema mais profundamente. Por êsse motivo, desejamos permanecer apartados, individualmente, na maneira pessoal de agir, nas crenças e experiências. Enquanto não dissolvermos essas coisas pela compreensão — dissolvê-las não só no nível superficial, mas também no nível mais profundo — não haverá paz no mundo. Eis por que é importante para os que se sentem sèriamente interessados, compreender bem êste problema — o desejo de "vir a ser", de

realizar, de ganhar — não só no nível superficial mas também fundamental e profundamente. Do contrário, não haverá possibilidade de paz no mundo.

A verdade não é coisa conquistável. O amor não pode vir àqueles que estão desejosos de apegar-se a êle ou identificar-se com êle. Essas coisas, por certo, só podem vir quando a mente não está buscando, quando a mente está de todo tranqüila, não mais criando movimentos e crenças em que se apoiar ou de que lhe advenha uma certa fôrça, o que constitui indício de autodecepção. Só quando a mente compreende na sua inteireza o processo do desejo, pode estar tranqüila. Só então não está a mente em movimento para ser ou para não ser; só então existe a possibilidade de um estado em que não há ilusão de espécie alguma.

CAPÍTULO XIX

A ATIVIDADE EGOCÊNTRICA

QUASE TODOS nós sabemos — assim me parece — que já nos têm sido oferecidas tôdas as formas de persuasão, tôda espécie de estímulo para resistirmos às atividades egocêntricas. As religiões, por meio de promessas, pelo temor do infermo e de tôda espécie de condenação, já tentaram, de diferentes maneiras, dissuadir o homem desta atividade constante, nascida do centro do "eu". Tendo elas falhado, as organizações políticas tomaram a si êsse encargo. Aqui vemos mais uma vez a persuasão, mais uma vez a esperança utópica final. Tôda forma de lesgislação — da mais moderada à mais extrema, inclusive campos de concentração — tem sido empregada e posta em vigor, contra qualquer forma de resistência. Entretanto, continuamos nossa atividade egocêntrica, que parece ser a única espécie de ação que conhecemos. Se pensamos um pouco a seu respeito, procuramos fazer uma modificação; se estamos cônscios dela, procuramos alterar seu curso, mas fundamentalmente, profundamente, não há mudança, não há a cessação radical daquela atividade. Os homens refletidos estão bem cônscios disso, estão igualmente cônscios de que só quando cessa tal atividade procedente do centro, é possível haver felicidade. A maioria de nós tem como certo que a atividade

egocêntrica é natural e que só se pode modificar, moldar e controlar a inevitável ação conseqüente. Ora, aquêles que têm intenções um pouco mais sérias — não digo sinceras, porque a sinceridade é caminho para a autodecepção — devem averiguar se, estando cônscios dêsse extraordinário processo total de atividade egocêntrica, é possível transcendê-lo.

Para compreendermos o que é essa atividade egocêntrica, é claro que devemos examiná-la, observá-la, estar cônscios do processo total. Uma vez cônscios dêle, torna-se possível a sua dissolução; mas, para ter esta consciência é preciso ter certa compreensão, certa intenção de enfrentar a coisa tal como é, sem a interpretar, modificar, condenar. Temos de estar cônscios do que estamos fazendo, de tôdas as atividades que emanam daquele estado egocêntrico; temos de estar cônscios de tudo isso. Uma das nossas principais dificuldades é que, no momento em que ficamos cônscios de tal atividade, queremos moldá-la, controlá-la, condená-la, queremos modificá-la, e por isso raras vêzes somos capazes de examiná-la diretamente. E quando o somos, bem poucos de nós sabemos o que cumpre fazer.

Reconhecemos que as atividades egocêntricas são prejudiciais, destrutivas e que tôda espécie de identificação — identificação com um país, com determinado grupo, com um desejo, a busca de um resultado, no presente ou no futuro, a glorificação de uma idéia, o seguimento de um exemplo, o cultivo da virtude, etc. — constitui, essencialmente, atividade de uma pessoa egocêntrica. Tôdas as nossas relações, com a natureza, com pessoas, com idéias, são produto dessa atividade. Sabendo tudo isso, que se deve fazer? Tôda atividade dessa espécie tem de cessar por si — não por impossição própria ou por efeito de influência ou de orientação.

Quase todos sabem que essa atividade egocêntrica produz malefícios e caos, mas só estão cônscios disso em certas direções. Ou a observamos noutras pessoas, ignorando deliberadamente nossas próprias atividades, ou, se estamos cônscios, nas relações com outros, da nossa atividade egocêntrica, queremos transformá-la, substituí-la, transcendê-la. Antes de nos ocupar com êste processo, precisamos saber como êle se origina, não achais? Para poder compreender qualquer coisa, temos de ser capazes de observá-la, e para observá-la precisamos conhecer suas várias atividades, em diferentes níveis, tanto conscientes como inconscientes — e as diretri-

zes conscientes, bem como os movimentos egocêntricos dos nossos impulsos e intenções inconscientes.

Só tenho consciência dessa atividade do "eu", quando estou em oposição, quando a consciência é contrariada, quando o "eu" está desejoso de alcançar um resultado, não é verdade? Ou estou cônscio dêsse centro, quando o prazer termina e desejo repeti-lo. Há, então, resistência e um propositado moldar da mente a um determinado fim que me dará deleite, satisfação. Estou cônscio de mim mesmo e de minhas atividades, quando estou cultivando a virtude conscientemente. Sem dúvida, o homem que cultiva a virtude conscientemente não é virtuoso. A humildade não pode ser cultivada — esta a sua beleza.

Êsse processo egocêntrico é resultado do tempo, não é? Enquanto existir êsse centro de atividade, em qualquer direção, consciente ou inconsciente, tem de haver o movimento do tempo, e estou cônscio do passado e do presente, em conjunção com o futuro. A atividade egocêntrica do "eu" é um processo temporal. É a memória que dá continuidade à atividade do centro, que é o "eu". Se observardes a vós mesmos, e vos tornardes cônscios dêsse centro de atividade, vereis que êle é só processo de tempo, de memória, de experiência, e de tradução de cada experiência, de acôrdo com a memória. Vereis também que a atividade do "eu" é reconhecimento, o qual constitui, da mesma forma, o processo da mente.

Pode a mente livrar-se de tudo isso? Tal coisa é possível em raros momentos; pode dar-se com a maioria de nós, quando executamos um ato inconscientemente, não intencionalmente, sem um fim em vista. Será possível à mente livrar-se, de todo, da atividade egocêntrica? Eis uma pergunta muito importante que nos devemos fazer, porquanto, justamente ao fazê-la, encontraremos uma resposta. Se estais cônscios do processo total dessa atividade egocêntrica, plenamente cônscios das suas atividades em diferentes níveis da vossa consciência, então, por certo, deveis perguntar-vos se é possível essa atividade terminar. É possível não pensar em têrmos relativos ao tempo, não pensar em têrmos relativos ao que serei, ao que fui, ao que sou? Porque, é partindo de uma tal ordem de pensamento que começa todo o processo da atividade egocêntrica. Aí também nasce a determinação de "vir a ser", a determinação de escolher e de evitar, constituindo tudo isso um processo temporal. Nesse processo observam-se in-

terimináveis malefícios, aflições, tribulações, confusão, desfiguração, deterioração.

Positivamente, o processo do tempo não é revolucionário. No processo do tempo não há nenhuma transformação, há sòmente uma continuidade e nenhum findar, há apenas reconhecimento. Só com a completa cessação do processo do tempo, da atividade do "ego", vem uma revolução, uma transformação, o nascimento do nôvo.

Uma vez cônscia da totalidade dêsse processo do "eu", na sua atividade, que deve a mente fazer? Só com a renovação, só com a revolução — *não pela evolução,* não pelo "vir a ser" do "eu", mas pela completa extinção do "eu" — só assim o nôvo se apresenta. O processo do tempo não pode trazer-nos o nôvo, pois o tempo não é o caminho da criação.

Não sei se alguém dentre vós já teve um momento de criação. Não falo do pôr em execução uma certa visão; refiro-me àquele momento de criação em que não há reconhecimento. Em tal momento, ocorre um estado extraordinário, em que o "eu", como atividade resultante do reconhecimento, cessou de todo. Se estamos vigilantes, podemos ver que nesse estado não há experimentador que se lembre, que traduza, reconheça, e depois identifique; não há processo de pensamento, que faz parte do tempo. Nesse estado de criação, nessa potência criadora dada pelo nôvo, que é atemporal, não há, absolutamente, qualquer ação por parte do "eu".

Sem dúvida, nossa questão é esta: é possível à mente achar-se naquele estado, não momentâneamente, não em raros momentos, mas — prefiro não usar as palavras "eternamente" ou "para sempre", que subentendem o tempo — mas achar-se naquele estado, sem estar em relação com o tempo? Sem dúvida, êste é um descobrimento importante que cada um de nós deve fazer, porque esta é a porta do amor; tôdas as outras portas são atividades do "eu". Onde há ação por parte do "eu", não há amor. O amor não pertence ao tempo. Não podemos exercitar-nos no amor. Se o fazemos, passa a ser, então, uma atividade consciente do "eu", que espera, pelo amor, obter um resultado.

O amor não pertence ao tempo; não é alcançável por meio de esfôrço consciente, por meio de disciplina, de identificação, pois tudo isso faz parte do processo do tempo. A mente, que só conhece o processo do tempo, não pode reconhecer o amor. O amor é a única coisa eternamente nova. Visto que a maioria de nós tem cultivado a mente, que é resultado do tempo, não sabe o que

é o amor. Falamos a respeito do amor, dizemos que amamos pessoas, que amamos nossos filhos, nossa espôsa, nosso próximo, a natureza. Mas quando estamos cônscios de que amamos, torna-se existente a atividade do "ego", por conseguinte, já não há amor.

Êste processo da mente só pode ser compreendido através das relações — relações com a natureza, com pessoas, com nossas próprias "projeções", com tudo o que nos cerca. A vida é só relações. Embora tentemos isolar-nos das relações, não podemos existir sem elas. Ainda que as relações sejam dolorosas, não podemos fugir para o isolamento, tornar-nos eremitas, etc. Todos êstes métodos são indicativos da atividade do "eu". Percebendo o quadro na sua inteireza, estando cônscios de todo o processo do tempo, como consciência, — sem escolha, sem intenção determinada, positiva, sem o desejo de resultado — vereis que o processo do tempo termina automàticamente, e não por efeito de persuasão, não como resultado de desejo. Só quando termina êsse processo, existe o amor, que é eternamente nôvo.

Não precisamos procurar a verdade. A verdade não é uma coisa que está muito longe de nós. Ela é a verdade da mente, a verdade das suas atividades, momento por momento. Se estamos cônscios dessa verdade, que existe momento por momento, cônscios de todo aquêle processo de tempo, tal percebimento liberta a consciência ou a energia que é inteligência, amor. Enquanto a mente se servir da consciência como atividade do "eu", o tempo tem de existir, com tôdas as suas tribulações, todos os seus conflitos, aflições, malefícios, ilusões. Só quando a mente, compreendendo êsse processo total, deixa de existir, pode nascer o amor.

CAPÍTULO XX

TEMPO E TRANSFORMAÇÃO

DESEJO falar um pouco a respeito do tempo, porque acredito que a riqueza, a beleza e significação daquilo que é atemporal, daquilo que é verdadeiro, só podem ser experimentadas quando compreendemos integralmente o processo do tempo. Afinal de contas, estamos buscando, cada um à sua maneira, um sentimento de felicidade, de enriquecimento. Ora, uma vida que tem significado, que tem as

riquezas da verdadeira felicidade, não está em relação com o tempo. Qual o amor, essa vida é atemporal e para compreendermos o que é atemporal, não devemos considerá-lo através do tempo, porém antes, compreender o tempo. Não devemos utilizar o tempo como meio de alcançar, compreender, apreender o atemporal. No entanto, é o que estamos fazendo, na maior parte da nossa vida: consumindo tempo, procurando aprender o que é atemporal — e por isso é importante compreender o que se entende por "tempo", pois creio que é possível ser livre do tempo. É importantíssimo compreender o tempo como um todo e não por partes.

É interessante compreender que quase tôda nossa vida se consome no tempo — tempo, não no sentido de seqüência cronológica de minutos, horas, dias e anos, mas no sentido de memória psicológica. Vivemos pelo tempo, somos resultado do tempo. Nossas mentes são o produto de muitos dias passados, e o presente é apenas a passagem do passado para o futuro. Nossas mentes, nossas atividades, nosso ser, fundam-se no tempo. Sem o tempo, não podemos pensar, porque o pensamento é resultado do tempo, o produto de muitos dias passados, e não há pensamento sem memória. Memória é tempo, pois há duas espécies de tempo: o cronológico e o psicológico. Há o tempo, o ontem do relógio, e o ontem da memória. Não se pode rejeitar o tempo cronológico, pois seria absurdo: poderíamos perder o trem. Existirá realmente tempo, fora do tempo cronológico? É claro que há o tempo, o ontem, mas existe o tempo tal como a mente o concebe? Existe tempo, separado da mente? Não há dúvida que o tempo, o tempo psicológico é produto da mente. Sem a base do pensamento, não existe o tempo — sendo "tempo" apenas a memória do dia de ontem em conjunção com o de hoje, moldando o amanhã. Quer dizer, a memória da experiência de ontem, em reação ao presente, está criando o futuro — o que constitui ainda um processo de pensamento, uma senda da mente. O processo de pensamento determina progresso psicológico no tempo, mas êsse tempo será real, tão real como o tempo cronológico? Podemos utilizar êsse tempo produzido pela mente, como meio de compreender o eterno, o atemporal? Como disse, a felicidade não é produto de ontem, a felicidade não é produto do tempo, a felicidade está sempre no presente, é um estado atemporal. Não sei se já notastes, que quando tendes um êxtase, uma alegria criadora — uma série de nuvens radiosas cercadas de nuvens negras — nesse momento não

existe o tempo: só há o presente imediato. A mente, interferindo depois dêsse experimentar, do presente, lembra-se dêle e deseja continuá lo, acrescentando-se a si mesma, mais e mais, e criando assim o tempo. O tempo é criado pelo "mais"; o tempo é aquisição e, também, renúncia, que é por sua vez uma aquisição da mente. Logo, disciplinar apenas a mente no tempo, condicionar o pensamento dentro da estrutura do tempo, que é memória, por certo não nos revela o que é atemporal.

A transformação depende do tempo? Quase todos estamos acostumados a pensar que o tempo é necessário para a transformação: sou "tal coisa", e para modificar o que sou e transformá-lo naquilo que deveria ser, é preciso tempo. Sou ambicioso, e dessa ambição resulta confusão, antagonismo, conflito, aflição. Para realizar a transformação, que é a não-ambição, pensamos ser necessário o tempo. Isto é, consideramos o tempo como meio de evolvermos para algo superior, como meio de nos tornarmos alguma coisa. O problema é êste: sou violento, ambicioso, invejoso, irascível, vicioso, ou apaixonado. Para transformar *o que é,* há necessidade de tempo? Em primeiro lugar, por que desejamos modificar *o que é,* efetuar uma transformação? Por quê? Porque *o que é* não nos satisfaz, *o que é* cria conflito, perturbações, e, como não gostamos dêsse estado, desejamos algo que seja melhor, mais nobre, mais idealístico. Assim, desejamos a transformação porque existe sofrimento, desconfôrto, conflito. O conflito pode ser dominado pelo tempo? Se dizeis que sim, continuais em conflito. Podemos dizer que bastarão vinte dias, ou vinte anos, para nos livrarmos do conflito, para modificarmos o que somos, mas durante êsse tempo continuaremos em conflito, e por conseguinte, o tempo não efetua transformação alguma. Quando nos servimos do tempo como meio de adquirir uma qualidade, uma virtude, ou um "estado de ser", estamos apenas adiando, estamos evitando *o que é.* Julgo importante compreender êste ponto. A ambição, ou a violência, causam sofrimento e perturbações no mundo das nossas relações, que constituem a sociedade; cônscios dêste estado de perturbação, que denominamos ambição ou violência, dizemos para nós mesmos: "sairei dêle com o tempo; praticarei a não-violência, praticarei a não-inveja; praticarei a paz". Ora, desejais praticar a não-violência, porque a violência é um estado de perturbação, de conflito, e pensais que com o tempo alcançareis a não-violência e dominareis o conflito. Que está realmente acontecendo? Achando-vos em estado de con-

flito, desejais alcançar um estado em que não haja conflito. Ora, êsse estado de não-conflito é resultado do tempo, de uma duração? evidentemente não é; porque enquanto estais alcançando o estado de não-violência, continuais violentos e, por conseguinte, em conflito.

Nosso problema é: pode um conflito, uma perturbação ser superada num período de tempo — de dias, de anos, de vidas? Que acontece quando dizeis: "vou praticar a não-violência durante certo período de tempo"? O praticar, em si mesmo, indica que estais em conflito, não é verdade? Não praticaríeis se não estivésseis resistindo ao conflito; dizeis que a resistência ao conflito é necessária, para que se possa dominar o conflito, e para essa resistência necessitais de tempo. Mas a própria resistência ao conflito é ainda uma forma de conflito. Estais consumindo vossa energia resistindo ao conflito, sob a forma que chamais ambição, inveja ou violência, mas vossa mente continua em conflito, e por isso importa perceber a falsidade do processo de dependência do tempo, como meio de dominarmos a violência e de nos livrarmos daquele processo. Podeis então ser o que sois: uma perturbação psicológica, a própria violência.

Para compreender qualquer coisa, qualquer problema humano ou científico, o que é importante, o que é essencial? Ter a mente tranqüila, não é verdade? — ter a mente tôda aberta à compreensão. Esta não é mente exclusiva, mente que procura concentrar-se, pois isto é, também, esfôrço de resistência. Se desejo, na realidade, compreender uma coisa, apresenta-se logo um estado mental tranqüilo. Quando desejais ouvir música, ou contemplar um quadro que amais, um quadro que apreciais, qual é o estado de vossa mente? Há imediata tranqüilidade, não há? Quando escutais música, vossa mente não está divagando em tôdas as direções; está *escutando*. Idênticamente, quando desejais compreender o conflito, já não estais na dependência do tempo, mas apenas em presença do que *é, do conflito*. Vem então, de pronto, a tranqüilidade, a serenidade da mente. Quando não mais dependeis do tempo como meio de transformar *o que é,* por verdes a falsidade dêsse processo, estais então frente a frente com *o que* é, e visto que estais interessados em compreender *o que é,* tendes naturalmente a mente tranqüila. Nesse estado mental vigilante, e ao mesmo tempo passivo, há compreensão. Enquanto a mente está em conflito, reprovando, resistindo, condenando, não haverá compreensão. Se desejo com-

preender-vos, não posso condenar-vos, é claro. É essa mente quieta, essa mente tranqüila, que efetua a transformação. Quando a mente já não está resistindo, evitando, rejeitando, ou reprovando *o que é*, mas se acha simplesmente, passivamente, vigilante, então, nessa passividade da mente vereis — se de fato examinardes o problema — vereis como vem a transformação.

A revolução só é possível *agora*, e não no futuro; a regeneração é hoje, e não amanhã. Se experimentardes o que estou dizendo, vereis que há regeneração imediata, um estado nôvo, uma qualidade nova, porque a mente está sempre tranqüila quando está interessada, quando tem o desejo ou a intenção de compreender. A dificuldade, no que respeita à maioria de nós, é que não temos a intenção de compreender, pois receamos que a compreensão produza uma ação revolucionária em nossa vida, e por isso resistimos. Está em ação o mecanismo de defesa, quando empregamos o tempo ou um ideal como meio de gradativa transformação.

A regeneração, pois, só é possível agora, e não no futuro, não amanhã. O homem que conta com o tempo como meio de alcançar a felicidade ou de conhecer a verdade ou Deus, está simplesmente enganando a si mesmo, está vivendo na ignorância e, por conseguinte, em conflito. O homem que reconhece não ser o tempo o caminho por onde sairá de suas dificuldades e que, por conseguinte, está livre do falso, êsse homem, naturalmente, tem a intenção de compreender. Sua mente, portanto, está espontâneamente tranqüila, sem compulsão, sem disciplina. Quando a mente está tranqüila, serena, quando não está buscando resposta ou solução alguma, quando não está resistindo nem evitando, só então pode haver regeneração, porque a mente é assim capaz de perceber o que é verdadeiro. A verdade é que liberta, não o esfôrço que fazemos para libertar-nos.

CAPÍTULO XXI

PODER E REALIZAÇÃO

PERCEBEMOS a necessidade de uma transformação radical na sociedade, em nós mesmos, em nossas relações individuais e coletivas; como levá-la a efeito? Se a transformação fôr operada através da

obediência a um padrão projetado pela mente, ou por meio de um plano racional e bem estudado, ela estará ainda compreendida na esfera da mente; e o que a mente planeja se torna o fim, a visão, em prol da qual estamos dispostos a sacrificar-nos e a outrem. Se defendeis tal coisa, daí se segue que nós, como entes humanos, somos mera criação da mente, o que inplica submissão, compulsão, brutalidade, ditaduras, campos de concentração — tôda essa coisa que conhecemos. Quando endeusamos a mente, são de esperar tôdas estas conseqüências, não achais? Se compreendo isso, se percebo a futilidade da disciplina, do contrôle, se reconheço que as várias formas de coerção só servem para fortalecer o "eu", que devo fazer?

Para considerar de maneira completa êsse problema, temos de examinar a questão da consciência. Já refletistes sôbre esta questão, vós mesmos, ou costumais apenas citar o que as autoridades têm dito a respeito da consciência? Não sei se, como resultado de vossa própria experiência, do estudo de vós mesmos, chegastes a compreender o que a consciência implica — não só a consciência das atividades e ocupações de cada dia, mas também a consciência que está oculta, mais profunda, mais rica, e muito mais difícil de atingir. Se queremos estudar esta questão da transformação fundamental de nós mesmos, e portanto do mundo, transformação em que se abra uma certa perspectiva, um entusiasmo, um zêlo, uma fé, uma esperança, uma certeza que nos dê o ímpeto necessário para a ação — se desejamos compreender êste problema, não é necessário examinarmos a questão da consciência?

Sabemos o que é "consciência" no nível superficial da mente. Ela é, evidentemente, o processo pensante, o pensamento. O pensamento é resultado da memória, "verbalização", é dar nome, registrar e armazenar certas experiências, para fins de comunicação. Nesse nível existem também várias inibições, contrôles, sanções, disciplinas. Tudo isso nos é familiar. Aprofundando-nos um pouco mais, encontramos as acumulações da raça, os incentivos ocultos, as ambições coletivas e pessoais, os preconceitos — que são o resultado da percepção, do contato e do desejo. Esta consciência total — a oculta e a patente — está concentrada em tôrno da idéia de "mim", do "eu".

Quando discutimos sôbre como efetuar uma transformação, o que em geral entendemos é uma transformação no nível superficial, não é verdade? À fôrça de determinação, de conclusões, crenças, contrôles, inibições, lutamos por alcançar um fim superficial, que

desejamos, pelo qual ansiamos, e que esperamos alcançar com a ajuda do inconsciente, das camadas mais profundas da mente; por conseguinte, julgamos necessário explorar as profundezas de nós mesmos. Há, porém, um conflito perene entre os níveis superficiais e os chamados níveis mais profundos. Todos os psicólogos, todos os que têm cultivado o autoconhecimento, conhecem muito bem êste fato.

Pode êste conflito interior produzir transformação? Não será esta a questão mais fundamental e mais importante da nossa vida de cada dia: como efetuar uma transformação radical em nós mesmos? Pode a mera alteração produzida no nível superficial efetuá-la? Pode a compreensão das diferentes camadas da consciência do "eu", a exploração do passado, as várias experiências pessoais, da infância até hoje, o exame, em mim mesmo, das experiências coletivas, de meu pai, minha mãe, meus ancestrais, minha raça, do condicionamento da sociedade em que vivo — pode a análise de tudo isso operar uma transformação que não seja simples ajustamento?

Percebo, e vós também com certeza percebeis, que é essencialmente necessária uma transformação fundamental em nossa vida — uma transformação que não seja apenas reação, que não seja produto da pressão das exigências ambientais. Como se pode operar uma transformação desta natureza? Minha consciência representa a soma de tôda a experiência humana, *mais* o meu contato pessoal com o presente; pode ela operar a transformação? O estudo de minha consciência, de minhas atividades, a percepção de meus pensamentos e sentimentos, o quietar da mente para observar, sem condenação, tal processo produzirá alguma mudança? Pode haver transformação por meio da crença, da identificação com uma imagem "projetada", chamada ideal? Não envolverá, tudo isto, certo conflito entre o que sou e o que deveria ser? O conflito pode produzir a transformação fundamental? Vivo numa batalha constante, dentro de mim mesmo e com a sociedade, não é exato? Há um conflito incessante entre o que sou e o que desejo ser. Êste conflito, esta luta, operará a transformação? Reconheço que a transformação é essencial. Posso produzi-la pelo exame de todo o processo de minha consciência, pelo lutar e disciplinar, pela prática de várias formas de repressão? Sinto que êste processo não pode produzir uma transformação radical. Devemos estar *perfeitamente* certos disso. E se êsse processo não pode produzir a transformação fundamental, a revolução interior, profunda, o que a produzirá?

Como se pode realizar a verdadeira revolução? Qual a fôrça, qual a energia criadora que operará aquela revolução, e como libertar essa fôrça? Já tendes experimentado disciplinas, já tendes experimentado o cultivo de ideais, e várias teorias especulativas: que sois Deus, e que se somos capazes de "realizar" o estado de divindade ou experimentar o *Atman*, o Supremo, ou como quiserdes chamá-lo, então essa própria "realização" produzirá a transformação fundamental. Produzirá? Primeiro adotais o postulado de que há uma realidade de que sois uma parte, e em tôrno dêste postulado construís várias teorias, conjeturas, crenças, doutrinas, suposições, e viveis de acôrdo com elas; pensando e agindo de conformidade com êste padrão, esperais operar uma transformação fundamental. Podeis operá-la?

Suponhamos que, como a maioria das pessoas chamadas "religiosas", admitais que existe em vós, fundamentalmente, profundamente, a essência da realidade, e que se, pelo cultivo da virtude, de várias formas de disciplina, contrôle, repressão, renúncia, sacrifício, puderdes entrar em contato com esta realidade, ocorrerá a desejada transformação. Esta suposição não faz parte ainda do pensamento? Não é ela o produto da mente condicionada, da mente que foi educada para pensar de certa maneira, de acôrdo com certos padrões? Tendo criado a imagem, a idéia, a teoria, a crença, a esperança, contais que estas coisas, por vós criadas, produzam aquela transformação radical.

Devemos, em primeiro lugar, perceber as atividades sobremodo sutis do "eu", da mente, tornar-nos cônscios das idéias, crenças, especulações, e abandoná-las tôdas, porque são ilusões, não é verdade? Outros poderão ter experimentado a realidade; mas se *vós* não a experimentastes, que vantagem há em especulardes a seu respeito ou em imaginardes que sois, essencialmente, algo real, imortal, divino? Tudo isso está compreendido na esfera do pensamento, e tudo o que nasce do pensamento é condicionado, produto do tempo, da memória; por conseqüência, não é o real. Se reconhecermos isso, de maneira positiva, *não* especulativamente, *não* imaginária ou insensatamente, se de fato percebemos a verdade de que tôda atividade da mente, na sua busca especulativa, no seu tatear filosófico, que tôda hipótese, tôda imaginação ou esperança é só ilusão — então, qual é a fôrça, a energia criadora que operará aquela mudança fundamental?

Talvez até aqui tenhamos usado a mente consciente; tenhamos seguido a argumentação, a ela nos opondo ou aceitando-a; tenhamos compreendido claramente ou só vagamente. Para ir mais longe, e experimentar mais profundamente, é preciso que a mente esteja tranqüila e vigilante, para descobrir, não achais? — Não se trata mais de seguir idéias, porque,se seguis uma idéia aí está o pensador, seguindo o que está sendo dito e, assim imediatamente criais uma dualidade. Se desejais ir mais longe, nesta questão da transformação fundamental, não é necessário que a mente ativa, se torne quieta? Por certo, só quando a mente está quieta pode compreender a enorme dificuldade, as complexas conseqüências, do considerarmos o pensador e o pensamento como dois processos separados, o "experimentador e a experiência", o observador e a coisa observada. A revolução, a revolução psicológica criadora, em que não existe o "eu", só é possível quando o pensador e o pensamento são um só, quando não há essa dualidade do pensador que controla o pensamento; e eu diria que só essa experiência pode libertar a energia criadora que, por sua vez, realiza a revolução fundamental, a quebra completa do "eu" psicológico.

Conhecemos o caminho do poder — poder, pelo domínio, pela disciplina, pela compulsão. Com o poder político, esperamos efetuar transformações fundamentais, mas êsse poder só serve para gerar mais escuridão, desintegração, malefícios, e fortalecer o "eu". São-nos bem familiares as várias formas de aquisição, tanto de ordem individual como coletiva, mas nunca tentamos seguir o caminho do amor, e não sabemos sequer o que significa amor. Não é possível o amor, enquanto existir o "pensador", o centro do "eu". Compreendendo tudo isso, que devemos fazer?

Sem dúvida, a única coisa capaz de operar transformação fundamental, libertação psicológica criadora, é a vigilância cotidiana, é estarmos cônscios, momento por momento, dos nossos motivos conscientes e inconscientes. Compreendendo que as disciplinas, as crenças, os ideais só servem para fortalecer o "eu" e são, por conseguinte, totalmente fúteis — percebendo isso, dia por dia, reconhecendo a verdade aí contida, não alcançamos o ponto central em que o pensador está sempre a separar-se do seu pensamento, das suas observações, das suas experiências? Enquanto o pensador estiver separado do seu pensamento, que êle procura dominar, não pode haver transformação fundamental. Enquanto o "eu" fôr o observador, que acumula experiência e se fortalece pela

experiência, não pode haver transformação radical, não pode haver a libertação criadora. Só pode vir a libertação criadora quando o pensador *é* o pensamento; mas a distância não pode ser anulada por meio de esfôrço. Reconhecendo a mente que tôda especulação, tôda verbalização, tôda forma de pensamento só dá mais fôrça ao "eu; reconhecendo que, enquanto existir o pensante separado do pensamento, tem de haver limitação, o conflito da dualidade; percebendo tudo isso, a mente se torna vigilante, sempre cônscia de como está a separar-se da experiência, a impor-se, a buscar o poder. Nesse percebimento — se com êle a mente penetrar mais e mais a fundo, mais e mais extensamente, sem visar um fim, um alvo — nesse percebimento surge um estado em que o pensador e o pensamento são um só. Neste estado não há esfôrço, não há "vir a ser", não há desejo de transformação, o "eu" não existe, porque nesse estado opera-se uma transformação não produzida pela mente.

Só quando a mente está vazia, existe a possibilidade de criação; mas não me refiro a êsse vazio superficial que quase todos conhecemos. Em geral estamos vazios, superficialmente, e daí o nosso desejo de distração. Queremos distrair-nos e apelamos para os livros, o rádio, corremos a ouvir conferências e autoridades; a mente está sempre a encher-se. Não é dêste vazio que estou falando, o qual é falta de reflexão. Pelo contrário, refiro-me ao vazio que resulta de uma extraordinária atividade pensante, em que a mente percebe seu poder de criar ilusões e passa além.

Não pode haver criação quando existe o "pensador", sempre expectante e vigilante, com o fim de acumular experiência e fortalecer a si mesmo. Pode a mente esvaziar-se de todos os seus símbolos, de tôdas as palavras, com as respectivas sensações, de modo que não haja experimentador empenhado em acumular? É possível à mente abandonar, *por completo,* todos os raciocínios, experiências, imposições, autoridades, e pôr-se num estado de vazio? Não podeis responder a esta pergunta, é natural; não podeis responder, porque não sabeis, porque nunca o tentastes. Mas deixai-me sugerir-vos que a *escuteis,* que deixeis que se vos faça esta pergunta, que a semente seja lançada; e ela dará frutos, se realmente *escutardes,* se lhe não resistirdes.

Só o nôvo pode produzir a transformação, e não o velho. Se seguis o padrão do velho, tôda alteração será sempre uma continuidade modificada do velho; não há, aí, nada nôvo, nada que seja

criador. A ação criadora só pode surgir quando a mente é nova e só pode a mente renovar-se, quando capaz de perceber tôdas as suas atividades, não só no nível superficial, mas também nas profundezas. Quando a mente percebe suas próprias atividades, seus desejos, exigência, ânsias, buscas, a criação de suas próprias autoridades, temores; quando a mente observa em si mesma a resistência criada pela disciplina, pelo contrôle e a esperança, que "projeta" crenças, ideais; quando a mente penetra tudo isso, a fundo, percebe todo o processo, pode ela abandoná-lo e tornar-se nova, criadoramente vazia? Só descobrireis se pode ou se não pode, se "experimentardes" sem ter uma opinião a respeito do estado criador, sem desejardes conhecê-lo. Se *desejais* conhecer, conhecereis, mas não será o vazio criador e, sim, sòmente uma "projeção" do desejo. Se desejais experimentar, conhecer o nôvo, vos estais apenas entregando à ilusão; mas se começardes a observar, a estar cônscios de vossas próprias atividades, dia por dia, momento por momento, observando todo o processo de vós mesmos, como que refletido num espelho, então, se vos aprofundardes mais e mais, chegareis à questão fundamental relativa a êste vazio em que, tão-só, pode existir o nôvo.

A verdade, Deus, ou o que quiserdes, não é coisa passível de experiência, porque o experimentador é resultado do tempo, resultado da memória, do passado, e enquanto houver êsse experimentador não pode existir a realidade. Só existe a realidade quando a mente está completamente livre do analista, do experimentador e coisa experimentada. Encontrareis então a resposta, vereis que a transformação vem sem ter sido pedida, que o estado de vazio criador não é coisa que se possa cultivar; êle surge, no escuro, sem convite. Só nesse estado há a possibilidade de renovação, de uma existência nova, de revolução.

Segunda Parte

1. SÔBRE A CRISE ATUAL

PERGUNTA: Dizeis que a crise atual é sem precedentes. Em que sentido ela é excepcional?

KRISHNAMURTI: É evidente que a crise que atualmente assola o mundo inteiro é excepcional, sem precedentes. Crises tem havido, de tôda ordem, em diferentes períodos, através da História: crises sociais, nacionais, políticas. As crises surgem e se vão; retrocessos econômicos, depressões, soem aparecer, modificar-se a continuar sob forma diferente. Isso nós sabemos, pois estamos bem familiarizados com êsse processo. Sem dúvida, a crise atual é diferente, não achais? É diferente, porque agora não se trata de dinheiro nem de coisas tangíveis, mas de idéias; é excepcional, porque situada no terreno da ideação. Estamos disputando, armados de idéias, estamos justificando o assassínio; em tôdas as partes do mundo justifica-se o assassínio, como meio de alcançar um fim justo, o que, por si só, é coisa inédita. Antigamente, o mal era reconhecido como coisa má, o assassínio como assassínio, mas hoje o assassínio é meio de alcançar um resultado nobre. O assassínio, seja de uma pessoa, seja de um grupo de pessoas, vem sendo justificado, pois o assassino, ou o grupo que o assassino representa, justifica-o como meio de alcançar um resultado benéfico para o homem. Quer dizer, sacrificamos o presente ao futuro, e pouco importam os meios de que nos servimos, desde que nosso propósito expresso seja o de produzir um resultado que, dizemos, trará benefícios ao homem. Daí se infere que um meio injusto produzirá um fim justo, e justificamos o meio injusto com idéias. Nas várias crises anteriores, tratou-se sempre da exploração das coisas ou da exploração do homem; hoje, cuidamos da exploração das idéias, muito mais perniciosa, muito mais perigosa, uma vez que a exploração de idéias é de efeitos tão devastadores e destrutivos. Conhecemos agora o poder da propaganda, e esta é uma das maiores calamidades que podem acontecer: empregar idéias como meio de transformar o

homem. É o que está ocorrendo no mundo de hoje. O homem perdeu tôda a importância; os sistemas, as idéias tornaram-se importantes. O homem já não tem nenhuma significação. Pode-se destruir milhões de homens, desde que se produza certo resultado, êsse resultado se justifica por meio de idéias. Temos uma soberba estrutura de idéias para justificar o mal, e isso, sem dúvida alguma, é fato inédito. O mal é o mal; nunca pode produzir coisa boa. A guerra não é meio de alcançar a paz. Pode a guerra trazer certos benefícios secundários, aeroplanos mais eficientes, por exemplo, mas não trará a paz ao homem. E a guerra está sendo justificada, intelectualmente, como meio de produzir a paz. Quando o intelecto tem a primazia, na vida humana, produz-se uma crise sem precedentes.

Outras causas há, também, indicativas de uma crise sem precedentes. Uma delas é a extraordinária importância que se está atribuindo aos valôres dos sentidos, à propriedade, ao nome, à casta, à nação, à etiquêta que usamos. Sois maometano ou hinduísta, cristão ou comunista. O nome e a propriedade, a casta e a nação, tornaram-se predominantemente importantes, vale dizer, o homem está prêso ao valor sensorial, ao valor das coisas feitas pela mente ou pela mão. Tão importantes se tornaram as coisas fabricadas pela mão ou pela mente, que, por causa delas, estamos matando, destruindo, massacrando, liquidando. Estamos-nos abeirando de um precipício; cada uma de nossas ações está nos levando para lá; tôda ação política, tôda ação econômica, está fatalmente nos conduzindo para o precipício, arrastando-nos para aquêle abismo caótico. A crise, por conseguinte, é sem precedentes e requer ação sem precedentes. Para afastar-nos dessa crise, para sairmos dela, é necessária uma ação atemporal, ação não baseada em nenhuma idéia, em nenhum sistema, porque a ação que se baseia em sistema ou idéia levará inevitàvelmente à frustração. Uma ação desta ordem só nos levará de volta ao abismo, por outro caminho. Sendo extraordinária a crise, requer-se também uma ação extraordinária, e isso significa que a regeneração do indivíduo tem de ser instantânea, e não um processo de tempo. Ela tem de se verificar agora, e não amanhã, porque amanhã é um processo de desintegração. Se penso em transformar-me amanhã, estou atraindo a confusão, e continuo dentro do terreno da destruição. Podemos modificar-nos agora? Podemos transformar-nos completamente no momento imediato, no agora? Digo que isso é possível.

O ponto a considerar é que, tratando-se de uma crise de caráter excepcional, faz-se necessária, para enfrentá-la, uma revolução no pensar; e esta revolução não pode realizar-se por meio de outra pessoa, de um livro, de uma organização. Ela tem de vir através de nós, cada um de nós. Só então poderemos criar uma nova sociedade, uma nova estrutura, longe de todo êste horror, longe destas fôrças extraordinàriamente destrutivas, que se estão acumulando, empilhando. E essa transformação se realizará quando vós, como indivíduo, começardes a conhecer-vos em cada pensamento, cada ação, cada sentimento.

2. SÔBRE O NACIONALISMO

PERGUNTA: Que virá, quando desaparecer o nacionalismo?

KRISHNAMURTI: A inteligência, sem dúvida. Mas me parece que não é isso que a pergunta está sugerindo. Ela implica: que é que pode substituir o nacionalismo? — Tôda substituição representa um ato destituído de inteligência. Se abandono uma religião para abraçar outra, se deixo um partido político e mais tarde vou ligar-me a outra coisa qualquer, esta substituição constante denuncia um estado destituído de inteligência.

Como abolir o nacionalismo? Isso só acontecerá depois de compreendermos tôdas as suas conseqüências, de o examinarmos, de nos comprenetrarmos do seu significado nas ações exteriores e interiores. Exteriormente, êle é fator de discórdias, classificações, guerras e destruição, o que é evidente a qualquer observador. Interiormente, psicològicamente, esta identificação com uma coisa maior, com a nação, com uma idéia, constitui, sem dúvida, uma forma de auto-expansão. Se vivo numa aldeia insignificante, numa grande cidade, ou onde quer que seja, não sou ninguém; mas, se me identifico com o que é maior, com a nação, se me intitulo "hindu", isso me envaidece, dá-me satisfação, prestígio, um sentimento de bem-estar; e a identificação com uma coisa maior, que é uma uma necessidade psicológica para aquêles que consideram essencial esta auto-expansão, gera também conflito e luta entre os homens. O nacionalismo, portanto, não só causa conflito exterior, mas também frustrações interiores. Quando compreendermos o nacionalismo, seu processo total, êle se extinguirá por si. A compreensão do nacionalismo resulta da inteligência, da observação atenta,

do exame profundo do processo total do nacionalismo, do patriotismo. Dêsse exame nasce a inteligência, e não há então a substituição do nacionalismo por outra coisa. Se recorremos à religião, como substituto do nacionalismo, a religião torna-se outro meio de auto-expansão, outra fonte de ansiedade psicológica, e um meio de nos nutrirmos numa crença. Assim, tôda espécie de substituição, ainda que nobre, é uma forma de ignorância. É o mesmo que mascar goma, ou pastilhas de bétel, ou coisa parecida, para substituir o uso do fumo; mas, se se compreender, na sua inteireza, o problema do fumar, dos hábitos das sensações, das exigências psicológicas, etc., desaparecerá por si o hábito de fumar. Só é possível a compreensão quando há desenvolvimento da inteligência, quando ela está funcionando; e a inteligência não está funcionando quando há substituição. A substituição é apenas uma espécie de auto-subôrno, com o qual nos tentamos a deixar de fazer uma coisa, para fazer outra. O nacionalismo, com seu veneno, suas misérias e a luta que provoca no mundo, só desaparecerá quando houver inteligência, que não nasce do simples fato de passarmos em exames e estudarmos livros. A inteligência nasce quando compreendemos os problemas, à medida que surgem. Quando há compreensão do problema, nos seus diferentes níveis, não só no aspecto exterior, mas também nos aspectos interiores, psicológicos, então, nesse processo, surge a inteligência. Assim, quando houver inteligência, não haverá mais substituições; e quando houver inteligência desaparecerá o nacionalismo, o patriotismo, que é uma forma de estultícia.

3. POR QUE NECESSITAMOS DE INSTRUTORES ESPIRITUAIS?

PERGUNTA: Dizeis que os *gurus* são desnecessários; mas como posso achar a verdade sem a sábia ajuda e orientação que só um *guru* pode dar?

KRISHNAMURTI: A questão se resume nisto: se o *guru* é ou não é necessário. Pode a verdade ser encontrada com a ajuda de outrem? Uns dizem que pode, outros dizem que não pode. Precisamos saber a verdade a êste respeito, e não a minha opinião, oposta à opinião de outro. Eu não tenho *opinião* neste assunto. Ou o *guru* é, ou não é necessário. Não se trata de opinar se o *guru* é indispensável

ou não. A verdade, nesta matéria, não depende de opinião, por mais profunda, erudita, popular ou universal que seja. Ela tem de ser descoberta, como fato.

Em primeiro lugar, por que precisamos de *guru?* Dizemos que necessitamos de um *guru,* porque estamos confusos e o *guru* nos ajuda. Êle nos mostrará o que é a verdade, ajudar-nos-á a compreender; sabe muito mais do que nós sôbre a vida, e atuará com um pai, como um instrutor que nos guiará na vida; êle tem vasta experiência, e nós muito pouca, e com essa experiência nos ajudará, etc. Afinal, bàsicamente, procuramos um instrutor porque estamos confusos. Se percebêsseis as coisas com clareza, não procuraríeis nenhum *guru.* É óbvio que se fôsseis profundamente feliz, se não houvesse problemas, se compreendêsseis completamente a vida, não procuraríeis *guru.* Espero que percebais a importância disso. Porque estais confuso, buscais um instrutor. Ides a êle para que vos dê um sentido à vida, dissipe a vossa confusão, vos faça achar a verdade. Escolheis o vosso *guru* porque estais confuso e esperais que êle vos dê o que desejais. Isto é, escolheis um *guru* que possa satisfazer a vossa pretensão. Escolheis o *guru* conforme a satisfação que êle vos dará, e vossa escolha depende dessa satisfação. Não escolheis um *guru* que diga: "Confia em ti mesmo"; só o escolheis de acôrdo com vossas inclinações. Visto que escolheis vosso *guru* por causa da satisfação que esperais dêle, não estais buscando a verdade, mas, sim, uma saída de vossa confusão; e a essa saída da confusão chamais, errôneamente, a verdade.

Examinemos primeiro a idéia de que o *guru* pode dissipar a nossa confusão. Pode alguém dissipar nossa confusão, sendo a confusão um produto de nossas relações? Nós a criamos. Pensais que *outra* pessoa criou tudo isto — esta miséria, esta batalha que se trava em todos os níveis da existência, interior e exteriormente? Ela é o resultado de nossa falta de conhecimento de nós mesmos. Porque não compreendemos a nós mesmos, nossos conflitos, nossas reações, nossas tribulações, procuramos um *guru,* pensando que êle pode ajudar-nos a nos livrarmos de tal confusão. Só podemos compreender a nós mesmos em relação com o presente; é essa relação que deve ser o nosso *guru,* e não uma entidade externa. Se eu não compreender essa relação, tudo o que um *guru* disser será sem utilidade, porque, se não compreendo as relações — minha relação com a propriedade, com as pessoas, com as idéias, — quem poderá resolver o conflito existente em mim mesmo? Para dissolver êsse

conflito, eu próprio tenho de compreendê-lo o que significa que tenho de estar cônscio de mim mesmo, nas relações. Para estar cônscio, não preciso de nenhum *guru*. Se não conheço a mim mesmo, que utilidade pode ter um *guru?* Assim como um guia político é escolhido pelos que estão confusos, e por conseguinte só pode ser escolhido confusamente, assim também escolho o meu *guru*. Só posso escolhê-lo confusamente; êle, portanto, tal como o guia político, é confuso.

Não importa saber quem tem razão, se eu ou os que dizem que o *guru* é necessário; o que importa é averiguar por que razão necessitamos de *guru*. Os *gurus* existem para a exploração de diferentes formas, mas não é disto que estamos tratando. Sentis satisfação quando alguém vos diz que estais progredindo; mas no descobrir o motivo por que *necessitais* de um *guru* — aí é que se encontra a solução. Outro poderá mostrar-vos o caminho, mas *vós* tendes de percorrê-lo sòzinho, mesmo que tenhais um *guru*. Porque não desejais tal coisa, passais a responsabilidade ao *guru*. O *guru* torna-se uma inutilidade, quando existe um pouco de autoconhecimento. Nenhum *guru,* nenhum livro ou texto sagrado pode dar-vos o autoconhecimento. Só pode vir o autoconhecimento quando estais cônscios de vós mesmos, nas relações. Ser é estar em relação. Não compreender as relações significa sofrimento, luta. O desconhecimento das vossas relações com a propriedade é uma das causas da confusão. Se ignorais a relação correta com a propriedade, há em vós necessàriamente conflito, o que aumenta o conflito na sociedade. Se não compreendeis as relações entre vós e vossa espôsa, entre vós e vosso filho, como pode outra pessoa resolver o conflito resultante dessas relações? Coisa idêntica acontece com as idéias, as crenças, etc. Estando confusos, nas vossas relações com as pessoas, com a propriedade, com as idéias, buscais um *guru*. Se êle fôr um verdadeiro *guru,* dir-vos-á que deveis compreender a vós mesmos. *Vós* sois a fonte de tôda a incompreensão e de tôda a confusão; e só podeis resolver êste conflito quando compreendeis a vós mesmos, em relação.

Não se pode achar a verdade por intermédio de outra pessoa. Como se poderia? A verdade não é estática, não tem morada fixa, não é um fim, um alvo. Pelo contrário, é viva, dinâmica, muito enérgica e ativa. Como pode ser um fim? Se a verdade fôsse um ponto fixo, já não seria verdade: seria uma simples opi-

nião. A verdade é o desconhecido, e a mente que está em busca da verdade, nunca a encontrará, porquanto a mente é constituída do conhecido, é o resultado do passado, produto do tempo — o que podeis observar por vós mesmos. A mente é o instrumento do conhecido, e portanto não pode achar o desconhecido; só pode mover-se do conhecido para o conhecido. Quando a mente busca a verdade de que falam os livros, essa "verdade" é projetada da própria mente, porque, então, a mente só está em busca do conhecido, de um conhecido mais satisfatório do que o anterior. Quando a mente procura a verdade, está em busca de sua autoprojeção, e não da verdade. Afinal de contas, todo ideal é autoprojeção, coisa fictícia, irreal. O real, é *o que é,* não o seu oposto. A mente que está buscando a realidade, procurando Deus, está buscando o conhecido. Quando pensais em Deus, vosso Deus é a projeção do próprio pensamento, o resultado de influências sociais. Só podeis pensar no conhecido; não podeis pensar no desconhecido, não podeis concentrar-vos na verdade. No momento em que pensais no desconhecido, êle é apenas o conhecido, que projetastes. Deus, ou a verdade, é impensável. Se pensais na verdade, isso não é a verdade. Não se pode procurar a verdade: ela é que vem. Só se pode procurar o que é conhecido. Quando a mente não está sendo torturada pelo conhecido, pelos efeitos do conhecido, só então pode a verdade revelar-se. A verdade se acha em cada fôlha, em cada lágrima; só pode ser conhecida de momento a momento. Ninguém pode guiar-vos à verdade e se alguém vos guia, só pode levar-vos ao conhecido.

A verdade só pode manifestar-se à mente que está vazia do conhecido. Ela só se apresenta quando há um estado de ausência do conhecido, de não-funcionamento do conhecido. A mente é o depósito do conhecido, o resíduo do conhecido; para que a mente se encontre no estado em que o desconhecido se manifesta, deve ela estar cônscia de si mesma, de suas experiências anteriores, tanto conscientes como inconscientes, de suas reações e de sua estrutura. Quando há autoconhecimento integral, então a mente está vazia, de todo, do conhecido. É só assim que a verdade pode *vir a vós,* sem chamado. A verdade não vos pertence, nem a mim. Não podeis adorá-la. No momento em que ela se torna conhecida, é irreal. O símbolo não é real, a imagem não é real. Mas quando há compreensão do "eu", e a cessação do "eu", começamos a conhecer a eternidade.

4. SÔBRE O CONHECIMENTO

PERGUNTA: Do que dizeis, concluo claramente que a cultura e o saber são empecilhos. Empecilhos a quê?

KRISHNAMURTI: É bem óbvio que o saber e a cultura constituem um empecilho à compreensão do nôvo, do atemporal, do eterno. O desenvolvimento de uma técnica perfeita não vos torna criador. Podeis saber pintar maravilhosamente, possuir a técnica, mas podeis não ser um pintor criador. Podeis saber escrever poemas, tècnicamente perfeitíssimos, mas podeis, no entanto, não ser poeta. Ser poeta implica — não é verdade? — capacidade para receber o nôvo, sensibilidade para reagir às coisas novas. Para a maioria de nós o saber e a cultura se tornaram uma paixão, e pensamos que o *saber* nos fará criadores. A mente que está abarrotada de fatos, de conhecimentos, será capaz de receber qualquer coisa nova, inesperada, espontânea? Se a vossa mente está repleta do conhecido, haverá nela espaço para receber alguma coisa procedente do desconhecido? Não há dúvida que o saber se refere sempre ao conhecido e com o conhecido tentamos compreender o desconhecido, essa coisa que ultrapassa tôdas as medidas.

Tomemos para exemplo uma coisa muito comum, que ocorre à maioria de nós: os indivíduos religiosos — não importa, por ora, o significado que possa ter esta palavra — procuram imaginar o que é Deus, ou procuram pensar a respeito do que seja Deus. Leram muitos livros, leram relatos das experiências de vários santos, dos Mertres, dos *Mahatmas*, etc., e procuram imaginar ou sentir o que foi experiência alheia, isto é, com o conhecido procuram alcançar o desconhecido. Isto é possível? Pode-se pensar o incognoscível? Só se pode pensar sôbre coisa que se conhece. Mas, atualmente, prevalece no mundo inteiro esta estranha incoerência: pensamos estar aptos para compreender, quando tivermos mais conhecimentos, mais livros, mais fatos, mais matéria impressa.

Para estarmos cônscios de algo que não seja projeção do conhecido, torna-se necessária a eliminação, por meio da compreensão, do processo do conhecido. Por que a mente está sempre apegada ao conhecido? Não é porque a mente está sempre em busca da certeza, da segurança? Sua natureza intrínseca é o conhecido, o tempo. Como pode esta mente, que está alicerçada justamente no passado, no tempo, conhecer o atemporal?

Ela pode conceber, formular, imaginar o desconhecido, mas tudo isso é absurdo. O desconhecido só pode se manifestar quando o conhecido é compreendido, dissolvido, abandonado. Isto é extremamente difícil porque quando experimentamos algo, traduzimos esta experiência em têrmos do conhecido e a reduzimos ao passado. Não sei se já tendes notado que tôda experiência é imediatamente traduzida para o conhecido, denominada, classificada e registrada. Assim, o movimento do conhecido é o saber, e òbviamente tal saber, a cultura, constituem um obstáculo.

Suponhamos que nunca tivésseis lido um livro religioso ou de psicologia e tivésseis de achar o significado da vida. De que maneira começaríeis? Suponhamos que não houvesse Mestres, nem organizações religiosas, nem Buda, nem Cristo, e vos vísseis forçados a começar do comêço. Como começaríeis? Primeiramente, teríeis de compreender vosso processo de pensar, não é verdade? — em vez de projetardes a vós mesmos, vossos pensamentos, para o futuro, e criardes um Deus do vosso agrado. Seria muito infantil. Teríeis, pois, em primeiro lugar, de compreender o processo do vosso pensar. Esta é a única maneira de descobrir qualquer coisa nova, não achais?

Quando dizemos que a cultura, o saber, é um empecilho, um obstáculo, não estamos incluindo o conhecimento técnico — saber guiar um carro, operar uma máquina — ou a eficiência resultante dêsse conhecimento. Temos em mente coisa muito diversa: o sentimento da felicidade criadora, que nenhuma soma de saber e de cultura nos pode dar. Ser criador, na acepção mais exata da palavra, é ser livre do passado, momento por momento, porque é o passado que está sempre ensombrando o presente. Estar apegado, apenas, ao que se aprendeu, às experiências de outrem, ao que foi dito por outrem, por importante que êle seja, e procurar harmonizar a própria ação com êsse conhecimento — isso tudo é saber, não é? Mas, para poder descobrir qualquer coisa nova, tendes de começar com vossos próprios recursos; tendes de iniciar a jornada despojado de tudo, principalmente do vosso saber. Porque é muito fácil, pelo saber e pela crença, ter experiências, mas essas experiências são meros produtos de auto-projeção e, por conseguinte, totalmente irreais, falsas. Se desejais descobrir por vós mesmos o que é "o nôvo", de nada serve levardes a carga do "velho", principalmente do saber — o saber de outrem, por grande que seja. Costumais servir-vos do conhe-

cimento como meio de autoproteção, de segurança, e desejais estar bem certos de ter as mesmas experiências de Buda, de Cristo, ou de X... Mas aquêle que constantemente se protege com o saber, não é, por certo, um homem que busca a verdade.

Para descobrir a verdade, não há caminho algum. Tendes de entrar no mar desconhecido — o que não é desanimador nem emprêsa aventurosa. Quando desejais achar algo de nôvo, quando estais investigando qualquer coisa, vossa mente tem de estar muito tranqüila, não é? Se vossa mente está repleta de fatos, de saber, êles atuam como empecilhos ao que é nôvo. A dificuldade está em que, para a maioria de nós, a mente se tornou tão importante, de tão preeminente significação que está sempre intervindo em tudo o que é nôvo, em tudo o que existe simultâneamente com o conhecido. Assim, o saber e a cultura são empecilhos, para aquêles que desejam investigar, que desejam compreender o que é atemporal.

5. SÔBRE A DISCIPLINA

PERGUNTA: Tôdas as religiões acentuam a importância da disciplina, para moderar os instintos do bruto, no homem. Por meio da autodisciplina, afirmam os santos e os místicos terem alcançado a divindade. Ora, pareceis dar a entender que essas disciplinas constituem um obstáculo ao conhecimento de Deus. Estou confuso. Quem tem razão, nesta matéria?

KRISHNAMURTI: Não importa quem tenha razão. O que importa é descobrir a verdade relativa à questão, por nós mesmos e não de acôrdo com certo santo ou com uma pessoa que veio da Índia, ou de outro lugar mais exótico.

Ficais enleado entre as duas coisas: um recomenda a disciplina, outro a desaconselha. E o que geralmente acontece é que escolheis o que mais vos convém, o que mais vos agrada: simpatizais com a pessoa, gostais de sua aparência, de suas peculiaridades, seu temperamento, sua popularidade, etc. Pondo de parte tudo isto, examinemos esta questão diretamente, para descobrirmos, por nós mesmos, a verdade respectiva. Esta questão supõe muitas coisas, e temos de considerá-la com bastante precaução e de modo experimental.

Quase todos nós desejamos encontrar uma pessoa autorizada que nos ensine o que devemos fazer. Procuramos uma linha de conduta, porque o instinto nos leva a buscar a segurança e não sofrer mais. Consta que certa pessoa alcançou a felicidade, a bem-aventurança ou como quiserdes chamá-lo e esperamos que essa pessoa nos diga o que devemos fazer, para chegar a êsse ponto. É isso o que desejamos: queremos aquela mesma felicidade, aquela mesma tranqüilidade, aquela mesma alegria interior e, no meio de tôda esta insana confusão, desejamos que alguém nos ensine o que fazer. Tal é realmente o instinto básico de quase todos nós, e a êsse instinto formamos o nosso padrão de ação. Ora, pode-se chegar a Deus — essa entidade suprema, inefável, indefinível — pode-se chegar a Deus pela disciplina, pela observância de um determinado padrão de ação? Queremos alcançar determinado alvo, determinado fim, e pensamos que pelo exercício, pela disciplina, reprimindo ou soltando, sublimando ou substituindo, nos tornaremos aptos a encontrar o que buscamos.

Que implica a disciplina? Por que nos disciplinamos, se o fazemos? Podem coexistir a disciplina e a inteligência? A maioria das pessoas crê que podemos, por meio de certa disciplina, subjugar ou controlar o bruto, o monstro que em nós reside. Êsse bruto, êsse monstro pode ser controlado pela disciplina? Que se entende por disciplina? Um método que promete recompensa, um método que, seguido, nos dará o que desejamos, alguma coisa de ordem positiva ou negativa; um padrão de conduta que, praticado diligentemente, infatigàvelmente, fervorosamente, dar-me-á, no fim, aquilo que desejo. Pode o método ser laborioso, mas estou disposto a submeter-me a êle, para alcançar tal fim. O "eu", a entidade agressiva, egoísta, hipócrita, inquieta medrosa — vós bem o conheceis — êsse "eu", que gerou o bruto em nós, queremos transformá-lo, subjugá-lo, destruí-lo. Como consegui-lo? Pode-se conseguir isso por meio de disciplina, ou só pela compreensão inteligente do passado do "eu", da natureza do "eu", sua origem, etc.? Será destruído o bruto que existe no homem, pela compulsão, ou só pela inteligência? Inteligência é questão de disciplina? Esqueçamos, por ora, o que disseram os santos e outros mais, e examinemos a questão por nós mesmos, como se estivéssemos considerando êste problema pela primeira vez; dêsse modo, pode ser que, no fim, tenhamos algo de criador e não

apenas citações do que outras pessoas disseram — coisa tão vã e tão fútil!

Dizemos, primeiro, que há conflito em nós: o prêto contra o branco, a avidez contra a não-avidez, etc. Sou ávido, e isso me faz sofrer; para livrar-me desta avidez, devo disciplinar-me. Isto é, devo resistir a tôda espécie de conflito que me cause dor, conflito que, no presente caso, se chama avidez. Digo então que ela é anti-social, contrária à ética, ímpia, etc. — as várias razões sócio-religiosas, para resistir-lhe. Pode-se destruir ou afastar de nós a avidez, por meio de compulsão? Examinemos, primeiro, o processo que se subentende na ação de reprimir, coagir, afastar, resistir. Que acontece, quando assim procedeis, quando resistis à avidez? Qual a coisa que está resistindo à ambição? Esta é a primeira questão, não é? Por que resistis à avidez, e quem é que diz: "Devo libertar-me da avidez"? A entidade que diz "devo libertar-me" *é* a avidez, pois não? Até agora a avidez convinha, mas agora se tornou dolorosa e por isso digo: "preciso libertar-me dela". O motivo que me impele a libertar-me da avidez é ainda um processo de avidez, pois há o desejo de ser uma coisa que *não sou.* A não-avidez é agora mais vantajosa, por isso vou cultivar a não-avidez. Mas o motivo, a intenção, continua a de *ser alguma coisa,* não-ávido — e isso decerto é ainda avidez. Temos, aí, mais uma forma, uma forma negativa, de encarecimento do "eu".

Concluímos que ser ávido é doloroso, por várias e óbvias razões. Enquanto isso nos satisfaz, enquanto há vantagem em sermos ávidos, não há problema algum. A sociedade nos estimula, de diferentes maneiras, a sermos ávidos; o mesmo estímulo nos dão as religiões, de diferentes maneiras. Enquanto isso é vantajoso, enquanto não é doloroso, continuamos pelo mesmo caminho; mas no momento em que a avidez se torna dolorosa, queremos resistir-lhe. Esta resistência é o que chamamos disciplina contra a avidez; mas ficamos livres da avidez, por meio da resistência, da sublimação, do refreamento? Todo ato da parte do "eu", no sentido de ser livre de avidez, é ainda avidez. Por conseguinte, nenhum ato ou reação da minha parte, relacionada com a avidez, constitui a verdadeira solução.

Antes de tudo, deve a mente estar tranqüila, não perturbada, para que se possa compreender qualquer coisa, principalmente aquilo que não conheço, aquilo que minha mente é incapaz de sondar, ou seja, como diz o autor desta pergunta — Deus. Para com-

preender qualquer coisa, qualquer problema complexo da vida, das relações, qualquer problema, enfim, deve a mente atingir uma tranqüilidade profunda. Pode esta tranqüilidade profunda ser atingida por meio de qualquer forma de compulsão? A mente superficial pode forçar-se, fazer-se tranqüila, mas esta tranqüilidade, sem dúvida, é a tranqüilidade da deterioração, da morte. É uma tranqüilidade incapaz de adaptação, flexibilidade, sensibilidade. A resistência, pois, não é o caminho.

Ora, perceber isso requer inteligência, não é verdade? Perceber que a mente, sob compulsão, se embota, é já o comêço da inteligência, não é? — Perceber que disciplina é mera sujeição a uma forma de ação imposta pelo temor, também é inteligência, não? É o que se subetende quando nos disciplinamos a nós mesmos: temos mêdo de não obter o que desejamos. Que acontece, quando disciplinais a mente, quando disciplinais vosso viver? Ela se torna muito rígida, não é verdade? — inflexível, sem ligeireza, inajustável. Não conheceis pessoas que se disciplinaram — se é que existem tais pessoas? O resultado óbvio é um processo de deterioração. Existe um conflito interior que se oculta, mas que continua vivo, ardente.

Vemos, pois, que a disciplina, que é resistência, só tem o efeito de criar hábito, e o hábito por certo não pode gerar inteligência. O hábito, o exercício, nunca pode criar inteligência. Uma pessoa pode adquirir destreza manual, exercitando-se ao piano o dia inteiro ou fazendo alguma coisa com as mãos; não pode, porém, prescindir da inteligência, para guiar as mãos; e estamos agora investigando o que é essa inteligência.

Considerais alguém muito feliz ou achais que êle se tenha realizado, e essa pessoa pratica certos atos: vós, que desejais igual felicidade, a imitais. Esta imitação se chama disciplina, não é? Imitais, com o fim de obter o que a outra pessoa obteve; copiais, para ser feliz, pensando que ela o é. Pode-se achar a felicidade por meio da disciplina? Pela prática de certa regra, pela prática de certa disciplina, de um modo de conduta, sois livre? Sem dúvida, é indispensável a liberdade, para descobrir alguma coisa, não é exato? Se desejais descobrir algo, tendes de ser livre interiormente, é óbvio. Sois livre, quando estais moldando vossa mente de determinada maneira, que chamais disciplina? Evidentemente, não o sois. Sois simples máquina, repetindo constantemente os mesmos atos, resistindo de acôrdo com determinada conclusão, de

terminado modo de conduta. A liberdade não pode vir por efeito de disciplina. A liberdade só pode surgir com a inteligência. E esta inteligência é despertada, ou melhor, possuís esta inteligência no momento em que percebeis que tôda forma de compulsão nega a liberdade interior ou exterior.

O primeiro requisito, não como disciplina, é evidentemente a liberdade; só a virtude pode dar essa liberdade. Avidez é confusão; cólera é confusão; malevolência é confusão. Ao *perceberdes* isso, estais livre dessas coisas; não mais lhes resistis, porque vem a compreensão de que só em liberdade podeis descobrir e que tôda forma de compulsão não é liberdade, não permite descobrimento. O que a virtude faz é dar-vos a liberdade. A pessoa não virtuosa é uma pessoa confusa. Se está em confusão, como pode descobrir alguma coisa? Como? A virtude, pois, não é o produto final de uma disciplina, mas a virtude é liberdade, e a liberdade não pode vir por meio de ação que não seja virtuosa, que não seja verdadeira em si. A dificuldade resulta de que, em geral, temos lido muito, temos seguido, superficialmente, muitas disciplinas — levantando-nos tôdas as manhãs a uma certa hora, sentando-nos em determinada postura, tentando controlar a mente de certa maneira, exercitando-nos sempre, sempre, disciplinando-nos — porque nos disseram que se as seguirmos durante um certo número de anos, alcançaremos, no fim, Deus. Posso estar me expressando rudemente, mas é esta a base do nosso pensar. Ora, Deus não vem tão fàcilmente assim. Deus não é uma simples coisa mercadejável: eu faço isto, tu me dás aquilo.

Quase todos nós estamos tão condicionados pelas influências externas, pelas doutrinas religiosas, pelas crenças, e pelo nosso desejo interior de alcançar alguma coisa, de ganhar alguma coisa, que nos é dificílimo pensar neste problema de maneira nova, sem referência a disciplina. Devemos, em primeiro lugar, perceber com muita clareza tudo o que a disciplina implica, como estreita a mente, como a limita, como a impele a determinada ação, por obra do nosso desejo, por obra da influência, etc. A mente condicionada, por mais "virtuoso" que seja êste condicionamento, não pode, de modo algum, ser livre e não pode, por conseguinte, compreender a realidade. Deus, a realidade, ou como quiserdes chamá-lo — o nome não importa — só pode manifestar-se quando há liberdade, e não há liberdade onde há compulsão, de ordem positiva ou negativa, determinada pelo temor. Não há liberdade se estais em busca

de um fim, porquanto estais prêso a êsse fim. Podeis estar livre do passado, mas o futuro vos prende, e isso não é liberdade. Só em liberdade pode-se descobrir alguma coisa: uma idéia nova, um sentimento nôvo, uma nova percepção. Qualquer forma de disciplina — que se baseia em compulsão — nega aquela liberdade, política ou religiosa; e uma vez que a disciplina, que significa sujeitar-se a uma ação com um fim em vista, uma vez que a disciplina prende, a mente nunca pode ser livre. Só pode funcionar por êste sulco, qual disco de gramofone.

Nessas condições, por meio de exercício, por meio de hábito, por meio de observância de um padrão, a mente pode alcançar o que tem em vista, mas não é livre, não pode, portanto, alcançar o imensurável. Estar cônscio de todo êste processo, dêste constante disciplinar, em obediência aos padrões da opinião pública ou de certos santos; estar cônscio de todo êste trabalho de ajustamento à opinião, seja a de um santo, seja a de um vizinho — tudo vem dar no mesmo — mediante exercícios, pelo emprêgo de certos métodos sutis de submissão, de negação, asserção, repressão, sublimação — tudo isso implicando obediência a um padrão — estar assim cônscio é já o comêço da liberdade, e daí nasce uma virtude. Esta virtude não é o cultivo de determinada idéia. A não-avidez, por exemplo, se a buscamos como um fim, já não é virtude, é? Isto é, se estais cônscio de não ser ávido, sois virtuoso? É o que estamos fazendo por meio da disciplina.

A disciplina, o ajustamento, o exercício, só servem para reforçar a consciência individual de *ser* alguma coisa. A mente pratica a não-avidez e, por conseguinte, não está livre da consciência de ser não-ávida, por esta razão ela não é, deveras, não-ávida; apenas vestiu uma capa nova, a que chama não-avidez. Pode-se observar êste processo em todos os seus aspectos; nossos motivos, nosso desejo de alcançar um fim, pelo ajustamento a um padrão, nosso desejo de estar em segurança, na observância de um padrão, tudo isso constitui apenas o movimento do conhecido para o conhecido, sempre dentro dos limites do próprio processo egocêntrico da mente. Perceber tudo isso, estar cônscio de tudo isso é o comêço da inteligência, e a inteligência nem é virtuosa nem não-virtuosa, pois não pode ser ajustada a um padrão de virtude ou de não--virtude. A inteligência traz liberdade — que não significa licenciosidade ou desordem. Sem esta inteligência não pode haver virtude; a virtude dá liberdade, e com a liberdade surge a reali-

dade. Se perceberes êsse processo na sua inteireza, vereis então que desaparecerá o conflito. Porque nos sentimos em conflito e desejamos dêle fugir, recorremos às várias formas de disciplina, de renúncia e ajustamento. Quando vemos em que consiste o processo do conflito, não há mais questão de disciplina, porque compreendemos, então, momento por momento, todo o mecanismo do conflito. Requer isso muita atenção e constante vigilância de nós mesmos. O curioso é que, embora não estejamos vigilantes tôdas as horas, há um processo de registro, sempre funcionando, interiormente, quando existe a intenção. A sensibilidade, a sensibilidade interior fica retratando o processo, tôdas as horas, e êsse retrato é projetado do interior, no momento em que estamos tranqüilos.

A questão, por conseguinte, não é de disciplina. A sensibilidade não pode ser efeito da compulsão. Podeis obrigar uma criança a fazer certa coisa, podeis pô-la em um canto, e ela ficar muito quieta; interiormente, no entanto, é provável que esteja em efervescência, olhando pela janela, fazendo alguma coisa para escapar. É isso o que estamos ainda fazendo. Assim, a questão da disciplina, de quem tem razão ou quem não tem razão, só pode ser resolvida por vós mesmos.

Além disso, temos mêdo de errar, pois queremos ser bem sucedidos. O temor está na base do desejo de sermos disciplinados, mas o desconhecido não pode ser apanhado na rêde da disciplina; ao contrário, o desconhecido exige liberdade, e não o padrão da vossa mente. Eis por que é essencial a tranqüilidade da mente. Quando a mente está cônscia de estar tranqüila, já não está tranqüila; quando a mente está cônscia de ser não ávida, de estar livre da avidez, ela se está reconhecendo na nova capa de não-avidez — mas isso não é tranqüilidade. Tal é a razão por que devemos compreender também o problema concernente à pessoa que controla e à coisa que é controlada. Não há dois fenômenos separados, mas um fenômeno conjunto: aquêle que controla e aquilo que é controlado são uma só coisa.

6. SÔBRE A SOLIDÃO

PERGUNTA: Começo a sentir-me só. Que devo fazer?

KRISHNAMURTI: O interrogante deseja saber por que se sente em solidão. Sabeis o que significa a solidão, estais cônscio dela? Du-

vido muito, porque todos nós vivemos mergulhados em nossas atividades, nos livros, relações, idéias, que nos impedem de estar cônscios da solidão. Que se entende por solidão? É uma sensação de estar vazio, de nada ter, de extraordinária incerteza, de não se estar ancorado em coisa alguma. Não é desespêro, nem desesperança, mas um sentimento de vácuo, de vazio, de frustração. Todos nós, por certo, conhecemo-lo; os ditosos e os desditosos, os que trabalham muito e os que estudam muito — todos o conhecem. É a sensação de uma dor real e persistente, dor que não pode ser abafada, por mais que tentemos abafá-la.

Acerquemo-nos mais uma vez dêste problema, para vermos o que de fato ocorre, o que fazemos, quando nos sentimos sós. Procurais fugir ao vosso sentimento de solidão; tentais prosseguir, engolfando-vos num livro, seguindo um guia, indo ao cinema, cooperando diligentemente em obras sociais, ou pintando, ou praticando devoções e rezas ou escrevendo um poema sôbre a solidão. É isso o que de fato se passa. Tornando-vos cônscios da solidão, da dor que ela causa, do temor extraordinário e insondável que a acompanha, buscais um meio de fuga, e êste meio de fuga se torna mais importante do que tudo, sendo por isso que vossas atividades, vosso saber, vossos deuses, vossos rádios são tão importantes, não é verdade? Quando se dá importância a valôres secundários, êles nos conduzem ao sofrimento e ao caos; os valôres secundários são, necessàriamente, valôres dos sentidos; a civilização moderna, baseada que está nestes valôres, proporciona-nos êsses meios de fuga — fuga através de nossas ocupações, família, nome, estudos, a arte, etc.; tôda nossa civilização está baseada nesta fuga, alicerçada nesta fuga. Isto é um fato.

Já tentastes alguma vez estar sós? Se o tentardes, vereis como isso é extraordinàriamente difícil e quão inteligentes precisamos ser, para podermos estar sós, porquanto a mente não nos deixa estar sós. A mente se inquieta, recorrendo aos costumeiros meios de fuga, e, por conseguinte, que estamos fazendo? Estamos procurando preencher êste vazio extraordinário com o conhecido. Achamos meios de estar ativos, de trabalhar para o bem-estar social. Estudamos. Ligamos o rádio. Estamos enchendo aquela coisa que não conhecemos, com as coisas que conhecemos. Tentamos preencher o vazio com conhecimentos variados, relações, coisas de tôda ordem. Não é exato isso? É assim que funcionamos, assim que existimos. Ora bem, depois de reconhecerdes o que estais fazendo, pensais

ainda que se pode encher aquêle vazio? Já tentastes todos os meios de preencher o vazio da solidão. Conseguistes preenchê-lo? Tentastes o cinema, infrutìferamente, e agora saís no encalço dos *gurus,* ou vos entregais aos livros, ou vos tornais muito ativos, socialmente. Conseguistes preencher o vazio, ou apenas o tapastes? Se o tapastes apenas, êle continua a existir, e portanto voltará. Se conseguis escapar-lhe de todo, sois trancados num hospício ou vos tornais extremamente embotados. É isso que está acontecendo no mundo.

Pode êsse vazio, êsse vácuo, ser preenchido? Se não, pode-se fugir dêle, escapar-lhe? Se já experimentamos um meio de fuga e vimos que é sem valor, todos os outros meios de fuga não são também sem valor? Não importa que preenchais o vazio com isto ou com aquilo. A chamada meditação é também uma forma de fuga. Pouco adianta mudar o meio de fuga.

Como então, descobrir o que se deve fazer a respeito da solidão? Isso só se pode descobrir quando desistis de fugir, não achais? Quando estais dispostos a fazer frente ao que *é* — o que significa que não deveis ligar vosso rádio, o que significa que deveis voltar as costas à civilização — então a solidão chega ao seu fim, porque se transformou completamente; já não é solidão. Se compreendeis *o que é, o que é,* então, é o real. Porque está sempre ocupada em evitar, em fugir, em recusar-se a ver *o que é,* a mente cria seus próprios obstáculos. Temos tantos obstáculos que nos impedem de ver, que não compreendemos *o que é* e fugimos, por isso, da realidade. Todos êsses obstáculos foram criados pela mente, para não ver *o que é.* Para ver *o que é,* torna-se necessária não só muita capacidade e muita vigilância de ação, mas, também, que volteis as costas a tôdas as coisas que construístes, ao vosso depósito no banco, ao vosso nome, e a tudo o que chamamos civilização. Quando se vê *o que é,* a solidão se transforma.

7. SÔBRE O SOFRIMENTO

PERGUNTA: Qual o significado da dor e do sofrimento?

KRISHNAMURTI: Que significa o sofrimento, a dor que sentis? A dor física tem sua significação, mas provàvelmente queremos re-

ferir-nos à dor psicológica, ao sofrimento psicológico, que tem significado muito diferente, em diferentes níveis. Qual o significado do sofrimento? Por que desejais achar o *significado* do sofrimento? Não quero dizer que êle não tenha significado; por isso vamos investigá-lo. Por que desejais achar a significação do sofrimento? Por que desejais saber por que sofreis? Fazendo a vós mesmo a pergunta "Por que sofro?", procurando a causa do sofrimento, não estais fugindo do sofrimento? Quando busco o significado do sofrimento, não o estou evitando, não estou fugindo dêle? O fato é que sofro; no momento, porém, em que a mente participa do fato, e digo "Ora, por quê?", atenuei a intensidade do sofrimento. Em outras palavras, queremos atenuar, aliviar, afastar e explicar o sofrimento. Isso por certo não nos dá compreensão do sofrimento. Se estou livre do desejo de fugir do sofrimento, começo a compreender sua significação.

Que é sofrimento? Uma perturbação, não é? — uma perturbação, em diferentes níveis — no nível físico e nos vários níveis do subconsciente. É uma forma aguda de perturbação, de que não gosto. Morreu meu filho. Em tôrno dêle — ou de minha filha, de meu marido, etc. — edificara tôdas as minhas esperanças. Tinha-o pôsto num sacrário, junto com tôdas as coisas que eu desejava que êle fôsse; era meu companheiro — e por aí além. Sùbitamente êle se foi. Em conseqüência disso, apareceu uma perturbação. A esta perturbação eu chamo sofrimento.

Como não gosto dêste sofrimento, pergunto "Por que sofro?"; digo: "Eu o amava tanto!", "Êle era...", "Eu tinha...", etc. Busco refúgio em palavras, rótulos, crenças, como o faz a maioria de nós. Estas coisas atuam como narcóticos. Se assim não procedo, que acontece? Estou simplesmente cônscio do sofrimento. Não o condeno, não o justifico; estou sofrendo. Posso então seguir seu movimento, não é? Posso assim seguir tôda a sua significação. Digo "seguir", no sentido de estar tentando compreender alguma coisa.

Que significa o sofrimento? Quem está sofrendo? Não: "*Por que há* sofrimento?" Não: "Qual é *a causa* do sofrimento?" — mas: "Que está realmente acontecendo?" Não sei se percebeis a diferença. Estou então apenas cônscio do sofrimento, não como se êle estivesse separado de mim, não como um observador que observa o sofrimento; êle faz parte de mim, isto é, a totalidade do meu ser sofre. Estou então apto a seguir seu movimento e ver

aonde êle me leva. Por certo, se assim procedo, êle se revela, não é verdade? Percebo então que eu estava interessado, sobretudo, em "mim mesmo", e não na pessoa amada. Ela tinha apenas a função de proteger-me do meu sofrimento, da minha solidão, da minha desdita. Como não sou determinada coisa, esperava que ela o fôsse. Mas, ela se foi, e eu fiquei abandonado, perdido, só. Sem ela, nada sou. Por isso, choro; não porque ela se foi, mas porque *eu* fiquei. Estou só. É muito difícil chegar-se a êste ponto, não achais? É realmente difícil reconhecê-lo, e não apenas dizer: "Estou só; como posso livrar-me desta solidão?" — o que é uma outra forma de fuga, pois devemos estar *cônscios* da solidão, "*ficar* com ela", observar seu movimento. Tomei isto apenas para exemplo. Aos poucos — se deixo êsse movimento desdobrar-se, revelar-se — percebo que sofro porque estou perdido; estou sendo chamado a dar atenção a uma coisa que não desejo olhar; apresenta-se-me, à fôrça, uma coisa que não tenho vontade de ver nem de compreender. Há inúmeras pessoas que podem ajudar-me a fugir, milhares de pessoas religiosas — assim chamadas — com suas crenças e dogmas e esperanças e fantasias: *karma,* a vontade de Deus, e tôdas as outras saídas que se nos oferecem. Mas, se posso ficar com o sofrimento, em vez de repeli-lo, em vez de circunscrevê-lo ou negá-lo, que acontece? Qual é o estado da minha mente, quando estou seguindo desta maneira o curso do sofrimento?

O sofrimento é simples palavra, ou uma coisa real? Se é uma coisa real, e não apenas uma palavra, então a palavra já não tem significação e só existe o sentimento de uma dor intensa. Dor, com relação a quê? A uma imagem, uma experiência, uma coisa que eu tinha ou que não tenho. Se a tenho, chamo-a prazer; se a não tenho, é dor. Por conseguinte, a dor, o sofrimento, estão em relação *com* alguma coisa. Essa coisa é apenas expressão verbal, ou uma realidade? Isto é, quando existe, o sofrimento está sempre em relação com alguma coisa. Não pode existir sòzinho. Exatamente como o temor, êle só pode existir em relação com alguma coisa: um indivíduo, um incidente, um sentimento. Estais agora plenamente cônscios do sofrimento. Está êsse sofrimento separado de vós e, portanto, sois apenas o observador que percebe o sofrimento, ou êsse sofrimento sois vós?

Quando não há o *observador* que sofre, o sofrimento está separado de vós? Vós *sois* o sofrimento. Não estais separado da dor, *sois* a dor. Que acontece, então? Já não lhe afixais um rótulo,

já não lhe dais nome, varrendo-a assim para um lado; sois simplesmente aquela dor, aquêle sentimento, aquela agonia. Quando a sois, que acontece? Quando não lhe dais nome, quando não há temor com relação a ela, o centro está em relação com ela? Se o centro está em relação com ela, está com mêdo dela. Tem então de agir e fazer alguma coisa a seu respeito. Mas, se o centro *é* ela, que fazeis então? Não há nada que fazer, há? Se a sois, e se não a estais aceitando, nem rotulando, nem afastando, se sois a coisa, que acontece? Dizeis então que sofreis? Por certo, ocorreu uma transformação fundamental. Não há mais "eu sofro", porque não há mais uma centro para sofrer, e o centro sofre porque nunca examinamos o que é êsse centro. Vivemos simplesmente de palavra em palavra, de reação em reação. Nunca dizemos: "Vejamos o que é essa coisa que sofre". Não podeis vê-lo mediante compulsão, disciplina. Deveis olhar com interêsse, com espontânea compreensão. Vereis, então, que o que chamamos sofrimento, dor, aquilo que evitamos e a disciplina, tudo desapareceu. Quando não há mais relação com a coisa, considerada como exterior a mim, não existe mais o problema; no momento em que estabeleço uma relação com ela, fora de mim, existe o problema. Enquanto considero o sofrimento como fato externo — sofro porque perdi meu irmão, porque não tenho dinheiro, por isso ou por aquilo — estabeleço uma relação com êle, e esta relação é fictícia. Mas se eu *sou* a coisa, se percebo o fato, então êle se transforma completamente e assume significado diferente. Há então atenção *plena, integrada,* e aquilo que se considera de maneira completa, é compreendido e, dissolvido, e, por conseqüência, não há mais temor e a palavra sofrimento deixa de existir.

8. SÔBRE O PERCEBIMENTO

PERGUNTA: Qual é a diferença entre percebimento e introspecção? E *quem* percebe, no percebimento?

KRISHNAMURTI: Vejamos primeiro o que se entende por introspecção. Por introspecção entende-se: olhar para dentro de si mesmo, examinar a si mesmo. Por que examino a mim mesmo? Com o fim de me aperfeiçoar, alterar, modificar. Faço a introspecção com o fim de me tornar alguma coisa, do contrário não a faria.

Não examinaríeis a vós mesmos, se não houvesse o desejo de vos modificardes, vos alterardes, vos tornardes uma coisa diferente do que sois. Esta é a razão evidente da introspecção. Sinto cólera, e recorro à introspecção, ao exame de mim mesmo, com o desejo de me livrar da cólera ou de modificá-la ou alterá-la. Onde há introspecção, que representa o desejo de alterar as reações do "eu", há sempre um fim em vista; quando êsse fim não é alcançado, há indisposição, depressão. Por conseguinte, a introspecção está invariàvelmente ligada à depressão. Não sei se já notastes que quando fazeis introspecção, quando olhais para dentro de vós mesmos, com o fim de vos modificardes, vem sempre uma onda de depressão. Há sempre uma onda de indisposição, que sois obrigado a combater; tendes de examinar-vos de nôvo, a fim de vencer aquela indisposição, etc. A introspecção é um processo em que não há libertação, porque é um processo de transformar *o que é* em algo que *não é*. É óbvio que acontece exatamente isto quando praticamos a introspecção, quando nos entregamos a essa peculiar atividade. Nessa atividade, há sempre um processo acumulativo; o "eu" está examinando uma coisa com o fim de modificá-la, e por isso há sempre um conflito dualista e, por conseguinte, um processo de frustração. Nunca há libertação e, manifestando-se a frustração, sobrevém a depressão.

O percebimento é coisa de todo diferente. Percebimento é observação sem censura. O percebimento traz compreensão, porque não há censura ou identificação, mas observação silenciosa. Se desejo compreender uma coisa, devo observá-la, não devo criticá-la, não devo condená-la, não devo desejá-la como um prazer ou evitá-la como um desprazer. Deve haver apenas a observação silenciosa do fato. Não há fim algum em vista, mas percebimento de cada coisa, logo que surge. Esta observação, e a compreensão dela decorrente, cessam logo que há censura, identificação ou justificação. A introspecção é auto-aperfeiçoamento, e por conseguinte, a introspecção é egocêntrica. O percebimento não é auto-aperfeiçoamento. Pelo contrário, êle é o fim do "eu", do "ego", com tôdas as suas idiossincrasias, lembranças, desejos e apetites. Na introspecção há identificação e censura. No percebimento não há censura nem identificação, por conseguinte, não há auto-aperfeiçoamento. Existe grande diferença entre as duas coisas.

O homem que deseja aperfeiçoar-se nunca pode achar-se em estado de percebimento, porque o aperfeiçoamento implica cen-

sura e a busca de um resultado. No percebimento, ao contrário, há observação, sem censura, sem o ato de rejeitar ou de aceitar. Êsse percebimento começa com as coisas exteriores, com o estar cônscio, estar em contacto com objetos, com a natureza. Primeiro, há o percebimento das coisas que me circundam — o que significa ser sensível aos objetos, à natureza, às pessoas, isto é, estar em relação com tôdas as coisas; e, depois, o percebimento de idéias. Êsse percebimento, essa sensibilidade para as coisas, para a natureza, as pessoas, as idéias, não constituem processos separados, mas, sim, é um processo unitário. É uma observação constante de tudo, de cada pensamento, cada sentimento, cada ação, à medida que surgem em nós mesmos. Como o percebimento não é condenatório, não há acumulação. Só condenamos quando temos um modêlo, o que implica acumulação e portanto auto-aperfeiçoamento. O percebimento se destina a compreender as atividades do "eu", do "ego", em suas relações com pessoas, idéias, e coisas. Êsse percebimento ocorre instante por instante, e por conseguinte, não pode ser praticado. Quando nos exercitamos numa coisa, ela se torna um hábito, e o percebimento não é hábito. A mente habituada é mente insensível. A mente que funciona na rotina de determinada ação está embotada, é inflexível, e o percebimento requer constante flexibilidade e vigilância. Isso não é difícil. É o que se faz quando temos interêsse numa coisa, quando intetessadamente observamos nosso filho, nossa espôsa, as plantas, as árvores, os pássaros. Observamos sem censura, sem identificação. Por conseguinte, nesta observação há comunhão completa; o observador e o objeto observado estão em completa comunhão. Isso acontece, com efeito, quando nos interessamos a fundo numa coisa.

Há pois grande diferença entre o percebimento e a introspecção, que visa o auto-aperfeiçoamento, a auto-expansão. A introspecção leva à frustração, a novos e maiores conflitos; o percebimento é um processo de libertação, em que nos desembaraçamos da ação do "ego"; é estarmos cônscios dos nossos movimentos diários, nossos pensamentos, nossa ações, estarmos cônscios também de outra pessoa, observá-la. Isto só se pode fazer quando amamos alguém, quando nos interessamos a fundo por uma coisa. Quando desejo conhecer a mim mesmo, a totalidade do meu ser, todo o conteúdo de mim mesmo e não apenas uma ou duas camadas, então, evidentemente, não deve haver condenação. Devo estar aberto para

cada pensamento, cada sentimento, tôdas as minhas disposições de espírito, todos os recalques; e, à medida que o percebimento se expande, mais e mais, estamos cada vez mais livres dos movimentos ocultos dos pensamentos, impulsos e desejos. O percebimento é liberdade, gera liberdade, produz liberdade, ao passo que a introspecção nutre o conflito, o processo egocêntrico, acarretando sempre frustração e temor.

O interrogante deseja também saber *quem* percebe. Quando tendes uma experiência profunda, de qualquer espécie, que está acontecendo? Quando tendes uma tal experiência, tendes consciência de estar experimentando? Quando estais irritado, na fração de segundo em que ocorre a irritação, ou o ciúme, ou a alegria, estais cônscio de que *vós* estais alegre, irritado? Só depois de terminar a experiência existe o experimentador e a coisa experimentada. O observador observa então a coisa experimentada, o objeto da experiência. No momento da experiência, não há observador nem coisa observada, há só o experimentar. A maioria de nós não está experimentando. Estamos sempre fora do estado de experimentar. Por isso perguntamos: "Quem é o observador? Quem percebe?" Ora, esta pergunta é errônea, não achais? No momento em que há experimentar, não há nem a pessoa que percebe nem o objeto que ela está percebendo. Não há observador nem coisa observada, mas só um estado de experimentar. Quase todos nós achamos dificílimo viver em estado de experimentar, porque êle requer extraordinária flexibilidade, muita agilidade, alto grau de sensibilidade. Tudo isso nos é negado quando estamos em busca de um resultado, quando desejamos bom êxito, quando temos um fim em vista, quando estamos calculando — tudo isso levando à frustração. O homem que nada pede, que não está em busca de um fim, que não aspira a um resultado, com tudo o que êste resultado implica, êsse homem se acha em estado de constante experimentar. Tudo tem então um movimento, uma significação; nada é velho, nada requentado, repetido, porque *o que é* nunca é velho. O desafio é sempre nôvo. Só a reação ao desafio é velha; o velho cria outros resíduos, que constituem a memória, o observador, que se separa da coisa observada, do desafio, da experiência.

Podeis experimentar isso, por vós mesmo, muito simples e fàcilmente. A próxima vez que estiverdes irritado ou enciumado, ou virdes que sois ávido, ou violento, ou o que quer que seja,

observai a vós mesmo. Neste estado, *vós* não existis. Há só aquêle estado de ser. No momento, no segundo subseqüente, vós lhe dais nome, aplicais-lhe um têrmo: "ciúme", "cólera", "avidez". Criastes, assim, imediatamente, o experimentador e a coisa experimentada. Quando há experimentador e coisa experimentada, procura o experimentador modificar a experiência, alterá-la, lembrar-se das coisas que com ela se relacionam, etc., mantendo dêsse modo a divisão entre si e a coisa experimentada. Se não dais nome a êsse sentimento — o que significa, que não estais buscando resultado algum, nem estais condenando, mas estais apenas silenciosamente cônscio do sentimento — vereis então que nesse estado de sentir, de experimentar, não há observador nem coisa observada, porque o observador e a coisa observada são um fenômeno conjunto e, por conseqüência, só há experimentar.

Assim, a introspecção e o percebimento são completamente diferentes. A introspecção leva à frustração e a mais conflito, porque nela está implícito o desejo de mudança, e mudança é, apenas, continuidade modificada. O percebimento é aquêle estado em que não há censura, nem justificação, nem identificação e por conseguinte não há experimentador nem coisa experimentada.

A introspecção constitui uma forma de auto-aperfeiçoamento, que nunca leva à verdade, sendo sempre um processo egocêntrico; ao passo que o percebimento é um estado no qual a verdade pode manifestar-se — a verdade relativa ao que *é*, a verdade singela da existência de cada dia. É só quando compreendemos a verdade da existência de cada dia, que podemos ir longe. Precisamos começar com o que está perto, para podermos ir longe, mas, em geral, queremos saltar, queremos começar longe de nós, sem compreendermos o que está perto. Compreendendo o que está perto de nós, veremos que não há distância a separar o que está perto do que está longe. Não há distância — o comêço e o fim são uma só coisa.

9. SÔBRE AS RELAÇÕES

PERGUNTA: Falais freqüentemente de relações. Que significação dais a isto?

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, não existe o estar isolado. Ser é estar em relação, e sem relações não há existência. Que entendemos por relações? Uma relação recíproca de desafio e reação

entre duas pessoas, entre vós e mim, o desafio que vós me lançais e que eu aceito ou a que reajo e, também, o desafio que vos lanço. As relações entre duas pessoas criam a sociedade; a sociedade não é independente de vós e de mim; a massa, em si, não é uma entidade separada, mas vós e eu, em nossas relações, criamos a massa, o grupo, a sociedade. Relações é o percebimento da reciprocidade entre duas pessoas. Em que se baseiam essas relações, geralmente? Não se baseiam na chamada interdependência, na assistência mútua? Pelo menos dizemos que elas são ajuda mútua, assistência mútua, mas na realidade, abstraindo das palavras, abstraindo da cortina emocional que estendemos uns diante dos outros, em que se baseiam elas? Na satisfação mútua, pois não? Se não vos agrado, vós vos livrais de mim, se vos agrado, vós me aceitais, como espôso, como vizinho, como amigo. Isto é um fato.

Que é isso a que se chama família? É evidentemente uma relação de intimidade, de comunhão. Na vossa família, nas vossas relações com vossa espôsa, vosso marido, há comunhão? Por certo, é isto que se entende por relações, não é verdade? Relações significa comunhão isenta de temor, liberdade para nos compreendermos uns aos outros, para nos comunicarmos diretamente. Relações, òbviamente, significa: estar em comunhão com outrem. Estais em comunhão? Estais em comunhão com vossa espôsa? Talvez estejais, fìsicamente, mas isso não são relações. Vós e vossa espôsa estais vivendo em lados opostos de uma muralha de isolamento, não é verdade? Tendes vossos interêsses e ambições pessoais, e ela tem os seus. Estais, os dois, vivendo atrás da muralha e vez por outra vos olhais por cima dela — a isso chamais estar em relação. Isto é um fato, não? Podeis engrandecê-lo, atenuá-lo, inventar novos conjuntos de palavras para o descreverdes, mas o fato é êste; vós e outra pessoa estais vivendo no isolamento e a essa vida de isolamento chamais relações.

Se há verdadeiras relações entre duas pessoas, vale dizer, se há comunhão entre elas, o que daí decorre é de enorme significação. Não há então isolamento; há amor, e *não* responsabilidade ou dever. Só as pessoas que vivem isoladas, atrás das suas muralhas, falam de dever e responsabilidade. O homem que ama não fala de responsabilidade: ama. Por conseguinte, divide com outro suas alegrias, seus sofrimentos, seu dinheiro. São assim vossas famílias? Há comunhão direta com vossa espôsa, com vossos filhos? Evidentemente, não há. Portanto, a família só

serve de pretexto para a continuação de nosso nome ou tradição, para nos dar o que desejamos, sexual ou psicològicamente, e se torna assim um meio de autoperpetuação, um meio de conservar o nome. Isto já é uma espécie de imortalidade, uma espécie de permanência. A família é também utilizada como meio de satisfação. Exploro outrem, sem piedade, no mundo dos negócios, no mundo político ou social, fora de casa, e em casa procuro ser bom e generoso. Que absurdo! Ou, o mundo me cansa, quero paz, e refugio-me no lar. Sofro no mundo e busco confôrto no lar. Servem-me pois as relações como meio de satisfação, o que significa que não desejo ser perturbado pelas minhas relações.

Procuramos relações, quando há satisfação mútua. Quando não encontramos essa satisfação, mudamos de relações ou nos divorciamos ou, se continuamos a viver juntos, buscamos a satisfação noutra parte ou passamos de uma relação para outra, até acharmos o que buscamos: a satisfação, o sentimento de proteção pessoal e confôrto. Afinal de contas, são estas as nossas relações no mundo. Tal é o fato. Procuram-se relações onde se encontra segurança, onde o indivíduo possa viver em estado de segurança, em estado de satisfação, em estado de ignorância — estados causadores de conflito, não é verdade? Se não me satisfazeis e estou em busca de satisfação, tem de haver conflito, naturalmente, porque ambos estamos procurando a segurança um no outro. Quando esta segurança se torna incerta, vós vos tornais ciumento, vos tornais violento, quereis possuir, etc. As relações, pois, redundam invariàvelmente em posse, condenação, em arrogantes exigências de segurança, de confôrto, de satisfação, e nisso, naturalmente, não há amor.

Falamos de amor, falamos de responsabilidades e deveres, mas de fato não existe amor. As relações estão baseadas na satisfação, cujos efeitos estamos observando na civilização atual. A maneira como tratamos nossas espôsas, nossos filhos, vizinhos, amigos, indica que nas relações não há, realmente, amor. Elas constituem simples busca de mútua satisfação. Assim sendo, qual é a finalidade das relações? Qual sua significação fundamental? Se observais a vós mesmo, nas relações com outros, não descobris que as relações constituem um processo de auto-revelação? Meu contacto convosco não revela meu próprio estado de ser, se estou bem cônscio, se estou bem vigilante, para perceber minhas reações, nas relações? As relações são, com efeito, um processo de

auto-revelação, vale dizer, um processo de autoconhecimento. Essa revelação nos apresenta muitos coisas desagradáveis, pensamentos e atividades desconfortáveis e inquietantes. Como não gosto das coisas que descubro, fujo das relações que são desagradáveis, para outras que sejam agradáveis. As relações, por conseguinte, têm muito pouca significação, quando estamos apenas em busca de satisfação mútua, mas se tornam extraordinàriamente significativas quando constituem um meio de auto-revelação e autoconhecimento.

Afinal, no amor não há relações, há? Só quando amais e esperais retribuição dêsse amor, há relação. Quando amais, isto é, quando vos dais inteiramente, completamente, não há relações.

Se amais, se existe um tal amor, êle é então uma coisa maravilhosa. Neste amor não há atrito, não há *um* e *outro,* há união completa. É um estado de integração, um ser completo. Existem dêsses momentos, dêsses momentos raros, felizes, festivos, em que reina um amor completo, uma comunhão completa. O que em geral acontece é que o importante não é o amor, mas "o outro", o objeto do amor; aquêle a quem damos nosso amor se torna importante, e não o próprio amor. Então, o objeto do nosso amor, por várias razões, biológicas ou verbais, ou em virtude de um desejo de satisfação, de confôrto, se torna importante, e o amor se retrai. Depois, a posse, o ciúme, as exigências, criam conflito, e o amor se retrai mais e mais. E quanto mais êle se retrai, tanto mais o problema das relações perde em significação e valor. Por conseguinte, o amor é uma das coisas mais difíceis de compreender. Êle não pode vir em virtude de uma exigência intelectual, não pode ser fabricado por variados métodos, meios e disciplinas. Êle é um estado de ser em que cessaram as atividades do "eu". Essas atividades não cessarão, se apenas procurais recalcá-las, evitá-las ou disciplina-las. Tendes de compreender as atividades do "eu" em tôdas as diferentes camadas da consciência. Há momentos em que realmente amamos, em que não há pensamento nem móvel algum; mas tais momentos são raríssimos. Porque raros, a êles nos apegamos, com a memória, criando uma barreira entre a realidade viva e a ação da nossa existência de cada dia.

Para compreender as relações, importa compreender em primeiro lugar *o que é,* o que realmente está sucedendo em nossa vida, em formas tão variadas e sutis; e compreender também o

que realmente significam as relações. As relações são auto-revelação. Porque não desejamos ser revelados a nós mesmos, nós nos refugiamos no confôrto e as relações perdem sua extraordinária profundidade, significação e beleza. Só pode haver relações verdadeiras quando há amor; amor, porém, não é busca de satisfação. Só existe amor quando há auto-esquecimento, comunhão completa, não entre dois, mas comunhão com o supremo, o que só pode acontecer quando o "eu" está olvidado.

10. SÔBRE A GUERRA

PERGUNTA: Como resolver o atual caos político e a crise que assola o mundo? Há alguma coisa que o indivíduo possa fazer para sustar a guerra que se aproxima?

KRISHNAMURTI: A guerra é a projeção espetacular e cruenta da nossa vida de cada dia, não é verdade? A guerra é mera manifestação exterior do nosso estado interior, uma ampliação das nossas ações de cada dia. Ela é mais espetacular, mas sanguinolenta, mais devastadora; é, porém, o resultado coletivo das nossas atividades individuais. Vós e eu, por conseguinte, somos responsáveis pela guerra. Que podemos fazer para pôr-lhe côbro? É óbvio que a guerra que contìnuamente nos ameaça, não pode ser sustada por vós nem por mim, porque ela já está em movimento, já está acontecendo, embora, por enquanto, se restrinja principalmente ao nível psicológico. Visto que já está em movimento, ela não pode ser contida; há interêsses consideráveis e muito numerosos, e todos já estão empenhados em defendê-los. Mas vós e eu, vendo a casa arder, podemos compreender as causas do incêndio, e afastar-nos, e construir outra casa noutro lugar, com materiais diferentes, não inflamáveis, que não possam produzir novas guerras. Eis tudo o que podemos fazer. Vós e eu podemos ver o que determina a guerra e depois, se estivermos interessados em sustá-la, começar a transformação de nós mesmos, que somos os causadores da guerra.

Há alguns anos, durante a guerra, fui procurado por uma senhora americana, que me disse ter perdido um filho na Itália e que desejava salvar seu outro filho, de dezesseis anos de idade. Conversando sôbre o assunto, sugeri-lhe que, para salvar o filho, ela deixasse de ser americana, deixasse de ser ambiciosa, de acumu-

lar riquezas, de aspirar ao poder e ao domínio, que se tornasse moralmente simples, não apenas simples em relação ao vestuário, às coisas exteriores, mas simples nos pensamentos e sentimentos, simples nas relações. Respondeu-me ela: "Isto é demais. O senhor pede o impossível. Isto eu não posso fazer, porque as circunstâncias são demasiado poderosas e não posso alterá-las." Por conseguinte, ela era responsável pela destruição do filho.

As circunstâncias podem ser controladas por nós, pois nós criamos as circunstâncias. A sociedade é o produto das relações, vossas e minhas, conjuntamente. Se nos modificarmos, em nossas relações, a sociedade se modificará; se ficarmos, apenas, contando com a legislação, com a compulsão, para a transformação da sociedade, enquanto no íntimo continuamos corruptos, enquanto no íntimo ambicionamos poder, posição, autoridade, causaremos a destruição no exterior, por mais caprichosa e cientìficamente que êle tenha sido construído. O interior sempre supera o exterior.

O que causa a guerra — religiosa, política ou econômica? Sem dúvida, é a crença; crença no nacionalismo, numa ideologia, num dogma. Se em vez de crença houvesse boa vontade, amor e consideração entre os homens não haveria guerras. Mas nós nos alimentamos de crenças, idéias e dogmas, fomentando, assim, o descontentamento. A presente crise é de natureza excepcional e, como entes humanos, ou temos de continuar pelo caminho do constante conflito, das guerras contínuas — resultado de nossas ações diárias — ou temos de ver quais são as causas da guerra e voltar-lhes as costas.

Evidentemente a causa da guerra é o desejo de poder, posição, prestígio, dinheiro; também a doença chamada nacionalismo, o culto de uma bandeira, e a doença da religião organizada, o culto de um dogma. Tais são as causas da guerra. Se vós, como indivíduo, pertenceis a qualquer das religiões organizadas, se sois ávido de poder, se sois invejoso, produzireis forçosamente uma sociedade fadada à destruição. Tudo portanto depende de vós, e não dos líderes, dos chamados estadistas, etc. Tudo depende de vós e de mim, mas parece que não o percebemos. Se chegássemos a sentir-nos verdadeiramente responsáveis por nossas ações, com que rapidez poderíamos pôr fim a tôdas as guerras, a tôdas estas terríveis tribulações! Mas, somos indiferentes. Tomamos três refeições ao dia, temos nossos empregos, nossos depósitos em bancos,

grandes ou pequenos, e dizemos "Pelo amor de Deus, não nos venhais perturbar, deixai-nos em paz." Quanto mais alto estamos, tanto mais desejamos segurança, permanência, tranqüilidade, tanto mais queremos que nos deixem em paz, que as coisas fiquem como estão. Mas as coisas não podem ser mantidas como estão, porque não há nada para manter. Tudo se está desintegrando. Não queremos encarar êste fato, reconhecer que vós e eu somos os responsáveis pelas guerras. Vós e eu podemos falar sôbre a paz, promover conferências, sentar-nos em tôrno de uma mesa, para discutir, mas, interiormente, psicològicamente, queremos poder, queremos posição, somos impulsionados pela avidez. Intrigamos, somos nacionalistas, escravos das crenças, dos dogmas, pelos quais estamos prontos a morrer e a entredestruir-nos. Pensais que êstes homens — que sois vós, que sou eu — podem ter paz, no mundo? Para têrmos paz, temos de ser pacíficos. Viver pacìficamente significa não criar antagonismo. A paz não é um ideal. Para mim um ideal é, simplesmente, fuga, uma maneira de evitar *o que é,* uma contradição ao que *é.* O ideal impede a ação direta sôbre *o que é.* Para ter paz, devemos amar, começar a viver, não uma vida ideal, mas vendo as coisas como são, e sôbre elas atuando, e as transformando. Enquanto cada um de nós estiver à procura de segurança psicológica, será destruída a segurança física de que necessitamos: alimento, roupa, morada. Estamos em busca da segurança psicológica, que não existe, e buscamo-la, se possível, através do poder, através da posição, através dos títulos, e do nomes — e tudo isto está destruindo a segurança física. Êste é um fato óbvio, como podereis observar.

Para implantar a paz no mundo, para pôr fim a tôdas as guerras, faz-se mister uma revolução no indivíduo, em vós e em mim. Sem esta revolução interior, a revolução econômica não terá significação, porque a fome é o resultado do desajustamento das condições econômicas, produzido pelos nossos estados psicológicos: a avidez, a inveja, a malevolência, a ânsia de posse. Para pôr fim ao sofrimento, à fome, à guerra faz-se necessária uma revolução psicológica, e poucos de nós têm disposição para tal. Estamos dispostos a conversar sôbre a paz, planejar legislações, criar novas Ligas, as Nações Unidas, etc.; mas não estamos dispostos a ganhar a paz, porque não queremos renunciar à posição, à autoridade, ao dinheiro, às propriedades, às nossas vidas estúpidas. Contar com os outros é inteiramente fútil; êles não podem trazer-nos a paz.

Nenhum chefe irá dar-nos a paz, nenhum govêrno, nenhum exército, nenhum país. O que trará a paz é a transformação interior, que levará à ação exterior. A transformação interior não significa isolamento ou retraimento da ação exterior. Pelo contrário, só pode haver ação correta quando há pensar correto, quando há autoconhecimento. Se não conheceis a vós mesmos, não há paz.

Para pôr fim à guerra exterior, tendes de pôr fim à guerra que está em vós mesmos. Alguns de vós balançarão a cabeça e dirão: "de acôrdo" — depois sairão, para fazer exatamente a mesma coisa que vêm fazendo há dez ou vinte anos. Vosso assentimento é apenas verbal e sem sentido, porque as misérias do mundo e as guerras não acabarão por causa de um assentimento ocasional. Só terão fim quando compreenderdes o perigo, quando compreenderdes vossa responsabilidade, quando não deixardes a tarefa a cargo de outra pessoa. Se compreenderdes o sofrimento, se reconhecerdes a necessidade de ação imediata, inadiável, haveis então de transformar a vós mesmos. Só virá a paz quando fordes pacíficos, quando viverdes em paz com vosso próximo.

11. SÔBRE O MÊDO

PERGUNTA: Como posso livrar-me do mêdo, que influencia tôdas as minhas atividades?

KRISHNAMURTI: Que se entende por mêdo? Mêdo de quê? Há várias qualidades do mêdo, e não precisamos analisar cada uma delas. Pode-se ver que o mêdo nasce quando é incompleta nossa compreensão da vida de relação. Não existem relações só entre pessoas, mas também entre nós e a natureza, entre nós e a propriedade, entre nós e as idéias; enquanto não forem perfeitamente compreendidas estas relações, tem de haver mêdo. A vida é relações. Ser é estar em relação; sem relações não há vida. Nada pode existir no isolamento; enquanto a mente estiver em busca de isolamento, tem de haver temor. O mêdo não é uma abstração; êle só existe em relação com alguma coisa.

A pergunta é a seguinte: como nos libertarmos do temor? Em primeiro lugar, qualquer coisa que é dominada, tem de ser dominada de nôvo, repetidas vêzes. Nenhum problema pode ser dominado e vencido em definitivo; pode ser compreendido,

mas não dominado. São dois processos completamente diferentes e o processo de dominar conduz a maior confusão, a um mêdo maior. Resistir, dominar, batalhar com um problema ou erguer defesas contra êle, significa apenas criar mais conflito; ao passo que se pudermos compreender o temor, examiná-lo profundamente, passo a passo, explorar-lhe todo o conteúdo, então o mêdo nunca mais voltará, sob forma alguma.

Como disse, o mêdo não é uma abstração; só existe em relação. Que se entende por mêdo? Fundamentalmente, temos mêdo, não é verdade? — mêdo de não ser, mêdo de não vir a ser. Ora, quando há o mêdo de não ser, de não progredir, ou o mêdo do desconhecido, da morte, pode êle ser dominado pela determinação, por uma conclusão ou escolha? Não pode, decerto. O mero recalcamento, a sublimação, ou a substituição, gera mais resistência, não é exato? Por conseguinte, o mêdo nunca pode ser vencido por qualquer forma de disciplina, qualquer forma de resistência. Cumpre reconhecer êste fato claramente, senti-lo, experimentá-lo: o mêdo não pode ser dominado por forma alguma de defesa ou de resistência, nem pode haver um estado livre de temor, como resultado da busca de uma solução ou de meras explicações intelectuais ou verbais.

Ora, de que temos mêdo? Temos mêdo de um fato ou de uma idéia relativa ao fato? Temos mêdo da coisa, tal qual, ou temos mêdo daquilo que pensamos que ela é? Consideremos, por exemplo, a morte. Temos mêdo do fato da morte ou da idéia da morte? O fato é uma coisa e a idéia outra. Tenho mêdo da palavra "morte", ou do fato em si? Porque tenho mêdo da palavra, da idéia, nunca chego a compreender o fato, nunca considero o fato, nunca estou em relação direta com o fato. Só quando estou em completa comunhão com o fato, não há temor. Se não estou em comunhão com o fato, há temor. E não estou em comunhão com o fato enquanto tenho uma idéia, uma opinião, uma teoria, *relativamente* ao fato. É necessário, portanto, que eu me esclareça bem se estou com mêdo da palavra, da idéia, ou do fato. Se me vejo frente a frente com o fato, nada há que compreender, nêle; estou em presença do fato, e sei como proceder. Se tenho mêdo da palavra, devo então compreender a palavra, examinar todo o processo do qual decorre a significação da palavra, do têrmo.

Por exemplo: uma pessoa teme a solidão, a dor, o sofrimento da solidão. Ora, êsse mêdo existe porque a pessoa, em verdade,

nunca encarou a solidão, nunca estêve em comunhão direta com ela. No momento em que alguém está completamente aberto para o fato da solidão, compreende o que ela é; mas se só se tem uma idéia, uma opinião a respeito do fato, baseado em conhecimento prévio, essa idéia, essa opinião, êsse conhecimento prévio *relativo* ao fato, cria o temor. O temor, evidentemente, é produto do dar nome, do designar, do projetar um símbolo para representar o fato; isto é, o temor não é independente da palavra, do têrmo.

Tenho uma reação, digamos, ligada à solidão, isto é, digo que tenho mêdo de ser nada. Temo o fato em si, ou êsse temor é despertado por um conhecimento prévio do fato, sendo êsse conhecimento a palavra, o símbolo, a imagem? Como pode haver temor em relação a um fato? Quando estou frente a frente a um fato, em comunhão direta com êle, posso olhá-lo, observá-lo, por conseguinte, não há mêdo dêste fato. O que causa mêdo é minha apreensão *relativamente* ao fato, o que o fato possa ser ou fazer.

Minha opinião, minha idéia, minha experiência, meu conhecimento relativo ao fato é que cria o temor. Enquanto houver verbalização do fato, que significa dar um nome ao fato e por conseguinte identificar-se com êle ou condená-lo; enquanto o pensamento estiver julgando o fato, na qualidade de observador, haverá temor. O pensamento é produto do passado, só pode existir por efeito da verbalização, dos símbolos, das imagens. Enquanto o pensamento estiver considerando ou traduzindo o fato, tem de haver temor.

Assim, é a mente que cria o temor, sendo a mente o processo do pensar. Pensar é verbalização. Não se pode pensar sem palavras, sem símbolos, imagens. Estas imagens, que são nossos preconceitos, que é o conhecimento antecipado, as apreensões da mente, projetam-se sôbre o fato, gerando o temor. Só há um estado livre de temor, quando a mente é capaz de observar o fato sem o traduzir, sem lhe dar nome, sem lhe pôr um rótulo. Isto é deveras difícil, porque os sentimentos, as reações, as ansiedades que temos, são logo identificados pela mente e ligados a uma palavra. O sentimento de ciúme é identificado por esta palavra. É possível não identificar um sentimento, olhar um sentimento sem lhe dar nome algum? É a atribuição de um nome ao sentimento, que lhe dá continuidade, que lhe dá fôrça. No momento em que dais um nome à coisa que chamais temor, dais-lhe fôrça. Mas se puderdes

encarar o sentimento sem lhe aplicar um têrmo, vê-lo-eis dissipar-se. Por conseguinte, se desejamos ficar completamente livres do mêdo, é essencial compreendermos integralmente êste processo de projetar símbolos, imagens e dar nomes aos fatos. Só pode haver libertação do temor, quando há autoconhecimento. O autoconhecimento é o comêço da sabedoria, a qual é o fim do temor.

12. SÔBRE O TÉDIO E O INTERÊSSE

PERGUNTA: Não tenho interêsse por coisa alguma, mas a maioria das pessoas está sempre ocupada em numerosos interêsses. Não preciso trabalhar, portanto não trabalho. Devo empreender algum trabalho útil?

KRISHNAMURTI: Tornar-vos um obreiro social, ou um obreiro político, ou um obreiro religioso — não é isso? Como não tendes mais o que fazer, vos tornais reformador! Se nada tendes que fazer, se estais enfadado, por que não ficais enfadado? Por que não ficar assim? Se sentis tristeza, *ficai* triste. Não procureis uma saída, porque o fato de estardes enfadado tem imensa significação, se fordes capaz de o compreender, de viver com êle. Se dizeis: "Sinto tédio, e, por isso, farei qualquer outra coisa", estais apenas procurando fugir ao tédio e, como a maioria de nossas atividades são fugas, causais muito mais malefício, socialmente e a todos os outros respeitos. É muito maior o malefício, quando fugis ao fato, do que quando permaneceis com êle. A dificuldade consiste em como permanecer com o fato, sem fugir dêle. Visto que a maioria de nossas atividades constituem um processo de fuga, é dificílimo desistirmos de fugir e encararmos o fato. Por conseguinte, folgo muito em saber que vos sentis verdadeiramente enfadado, e digo--vos: "Alto! Fiquemos aqui; vamos ver o que é isto. Por que fazer alguma coisa?"

Se estais enfadado, por que estais enfadado? Que coisa é essa que se chama tédio? Por que não tendes interêsse por coisa alguma? Há de haver razões e causas que vos embotaram: sofrimentos, fugas, crenças, atividades incessantes vos embotaram a mente e tornaram inflexível o vosso coração. Se pudésseis descobrir por que tendes tédio, por que não sentis interêsse por coisa alguma, então, por certo, resolveríeis o problema, não é verdade? O inte-

rêsse, despertado, passaria a funcionar. Se não vos interessa saber a razão por que estais enfadado, não podeis forçar-vos a sentir interêsse por uma atividade, só para fazer alguma coisa, como um esquilo que dá voltas na gaiola. Sei que é esta a espécie de atividade a que se entrega a maioria de nós. Mas podemos descobrir, interiormente, psicològicamente, a razão por que nos achamos neste estado extremo de tédio; pode-se ver por que a maioria de nós se acha neste estado: estamos esgotados, emocional e mentalmente; temos tentado tantas coisas, tantas sensações, tantos divertimentos, tantas experiências, que nos tornamos embotados, cansados. Aderimos a um grupo, fazemos tudo o que se nos prescreve, e depois o deixamos; passamos a outra coisa, para experimentar. Se não obtemos resultados com um psicólogo, procuramos outra pessoa ou um sacerdote e, se de nôvo somos mal sucedidos, passamos a outro instrutor, e assim por diante; estamos sempre em movimento. Êsse processo de constante tensão e relaxamento é exaustivo, não achais? Como tôdas as sensações, não tarda a embotar a mente.

Temos feito isso, passado de sensação para sensação, de excitação para excitação, até chegarmos a um ponto em que nos vemos verdadeiramente exaustos. Agora, percebendo isso, não empreendais mais nada; descansai! ficai quieto! Deixai a mente ganhar fôrças por si mesma; não a forceis. Assim como o solo se renova durante o inverno, assim também, quando deixamos a mente em repouso, ela se renova. É muito difícil, porém, deixar a mente em repouso, dar-lhe folga, depois de tudo isso, porque a mente quer estar sempre fazendo alguma coisa. Quando atingis o ponto em que realmente vos permitis ser exatamente como sois — enfadado, feio, repelente, ou o que fôr — então há possibilidade de fazer alguma coisa com relação ao fato.

Que acontece quando aceitais uma coisa, quando aceitais aquilo que sois realmente? Quando admitis que sois o que sois, que é do problema? Só há problema quando não aceitamos uma coisa tal como é e desejamos transformá-la — o que não significa que eu esteja advogando a resignação, a conformidade. Ao contrário, se aceitamos o que somos, vemos então que a coisa que nos fazia mêdo, a coisa a que chamávamos tédio, a coisa a que chamávamos desespêro, a coisa a que chamávamos mêdo, passou por completa transformação. Há uma transformação completa da coisa que temíamos.

Eis por que é importante, como disse, que compreendamos o processo, as maneiras do nosso pensar. O autoconhecimento não pode ser aprendido de outra pessoa, aprendido de um livro, de um credo, de uma psicologia, ou de um psicanalista. Êle tem de ser achado por vós mesmos, porque êle é *vossa* vida. Não ampliando e aprofundando êsse conhecimento do "eu", podeis fazer o que quiserdes, alterar quaisquer circunstâncias ou influências exteriores ou interiores — haverá sempre o campo de cultura do desespêro, da dor e do sofrimento. Para transcender as atividades egocêntricas da mente, deveis compreendê-las. E compreendê-las, é estar cônscio da ação nas relações, nas relações com coisas, com pessoas e com idéias. Nessas relações, que são o espelho, começamos a ver-nos a nós mesmos, sem nenhuma justificação ou censura e dêsse conhecimento mais amplo e mais profundo das tendências da nossa mente, podemos avançar mais além, sendo então possível estar a mente quieta, receber o real.

13. SÔBRE O ÓDIO

PEGUNTA: Para ser perfeitamente sincero, devo admitir que sinto ressentimento e, às vêzes, ódio, contra quase todo o mundo. Isto me torna a vida muito infeliz e dolorosa. Compreendo intelectualmente que sou o ressentimento, o ódio; mas sou incapaz de reagir contra êle. Podeis indicar-me uma forma de proceder?

KRISHNAMURTI: Que se entende por "intelectualmente"? Quando dizemos que compreendemos uma coisa intelectualmente, que queremos dizer? Existe essa coisa que denominais compreensão intelectual? Ou será que a mente apenas compreende palavras, visto que elas são o único meio de nos comunicarmos uns com os outros? Podemos compreender, em realidade, uma coisa, só verbalmente, mentalmente? É sôbre isto que devemos esclarecer-nos em primeiro lugar: se a chamada compreensão intelectual não é um empecilho à compreensão. A compreensão, por certo, é integral, não dividida, não parcial. Ou compreendo uma coisa, ou não a compreendo. Dizermos para nós mesmos: "compreendo intelectualmente" é, sem dúvida, erguer uma barreira à compreensão. Trata-se de um processo parcial e por conseguinte não há, absolutamente, compreensão.

A questão é esta: "Como posso eu, que estou cheio de ressentimentos, de ódios, como posso livrar-me dêste problema ou enfrentá-lo?" Como é que enfrentamos um problema? Que é um problema? Sem dúvida, um problema é uma coisa que causa perturbação.

Tenho ressentimentos, tenho ódio; odeio pessoas, e êsse ódio me faz sofrer. Estou cônscio disso. Que devo fazer? É um fator muito perturbador, na minha vida. Que devo fazer, como posso ficar de todo livre dêle, não desembaraçar-me dêle apenas alguns minutos, mas ficar por completo livre? Como consegui-lo?

Isso representa um problema para mim, porque me perturba. Se não fôsse perturbador, não seria problema algum, não é exato? Porque essa coisa me causa dor, perturbação, ansiedade, porque acho que ela é feia, quero livrar-me dela. Por conseguinte, o que me desagrada é a perturbação, não é? Dou-lhe nomes diferentes, em ocasiões diferentes e em diferentes estados de espírito; um dia o chamo por um nome, outro dia por outro, mas, bàsicamente, meu desejo é de não ser perturbado. Não é assim? Porque o prazer não causa perturbação, aceito-o. Não quero livrar-me do prazer, porque êle não traz perturbação — pelo menos por enquanto — mas o ódio, o ressentimento, são elementos perturbadores, na minha vida, e desejo livrar-me dêles.

Meu único interêsse é de não ser perturbado, e estou procurando uma forma de nunca ser perturbado. Por que *não* devo estar perturbado? *Tenho* de estar perturbado, para poder descobrir alguma coisa, não achais? Tenho de passar por tremendas comoções, agitações, ansiedades, para descobrir, não achais? Se não sou perturbado, fico dormindo; e talvez seja isso o que quase todos nós desejamos: ser acalmados, postos a dormir, afastar-nos de tôda perturbação, buscar o isolamento, a reclusão, a segurança. Se não me oponho à perturbação — de fato e não superficialmente — se não me oponho a ser perturbado, porque desejo *descobrir,* então minha atitude em relação ao ódio, ao ressentimento, sofre uma transformação. Se não me oponho a ser perturbado, então o nome já não tem importância, não é? A palavra "ódio" já não é importante, é? Ou o ressentimento contra outras pessoas é sem importância, não achais? Porque estou então experimentando diretamente o estado que chamo ressentimento, sem verbalizar essa experiência.

A cólera é um sentimento muito perturbador, como o são o ódio e o ressentimento; e bem poucos de nós experimentamos a cólera diretamente, sem a verbalizarmos. Se a não verbalizamos, se não a chamamos cólera, há então sem dúvida uma experiência diferente, não é verdade? Aplicando um têrmo a uma experiência nova, reduzimo-la ou fixamo-la no quadro do velho, ao passo que, se lhe não damos nome, há uma experiência que é compreendida diretamente, e esta compreensão produz uma transformação nesse experimentar.

Consideremos, por exemplo, a mesquinhez. Quase todos nós, quando somos mesquinhos, não percebemos êste fato — mesquinhos em coisas de dinheiro, sem generosidade, numa palavra, mesquinhos. Sabemos o que é mesquinhez. Pois bem, se estamos cônscios de ser mesquinhos, como iremos livrar-nos disso? Tornando-nos generosos? Não é êste o ponto importante. Ser livre de mesquinhez significa generosidade; não tendes de tornar-vos generosos. Naturalmente, devemos estar cônscios do fato. Podeis ser muito generosos quando fazeis vultoso donativo à vossa sociedade, aos vossos amigos, mas extremamente mesquinhos quando se trata de dar uma simples gorjeta — sabeis o que entendo por mesquinho. Estamos inconscientes da coisa. Mas, quando nos tornamos cônscios dela, que acontece? Fazemos grande esfôrço de vontade para sermos generosos; disciplinamo-nos para sermos generosos, etc. Mas, afinal de contas, o esfôrço da vontade faz ainda parte da mesquinhez, num círculo mais amplo; de modo que, se nada disso fazemos e só ficamos cônscios da significação da mesquinhez, sem lhe dar nome, vemos então ocorrer uma transformação radical.

Tende a bondade de experimentar. Primeiro, *temos* de estar perturbados; e é bem evidente que a maioria de nós não gosta de ser perturbada. Pensamos ter encontrado um padrão de vida — o Mestre, a crença, o que quer que seja — e nêle nos instalamos. É como ocupar um bom cargo burocrático e nêle ficar funcionando o resto da vida. Com a mesma mentalidade queremos lidar com certas qualidades de que desejamos livrar-nos. Não percebemos a importância de sermos perturbados, de estarmos inseguros interiormente, de não sermos dependentes. Por certo, só na insegurança se pode descobrir, se pode ver, se pode compreender. Queremos viver como um homem endinheirado: folgadamente; êle não será perturbado, *não quer* ser perturbado.

A perturbação é essencial à compreensão, e tôda tentativa de encontrar a segurança constitui obstáculo à compreensão. Quando queremos livrar-nos de uma coisa que nos perturba, criamos um obstáculo. Se pudermos experimentar um sentimento diretamente, sem lhe dar nome, creio que descobriremos nêle muita coisa. Então não há mais batalha com êsse sentimento, porque o experimentador e a coisa experimentada são um só, o que é essencial. Enquanto o experimentador verbalizar o sentimento, a experiência, estar-se-á separando dela, para atuar sôbre ela; tal ação é artificial, ilusória. Mas, se não há verbalização, o experimentador e a coisa experimentada são uma só coisa. Essa integração é necessária, e tem de ser encarada radicalmente.

14. SÔBRE A MALEDICÊNCIA

PERGUNTA: A maledicência tem valor como meio de auto-revelação, e principalmente como meio de revelar-me outras pessoas. Sèriamente falando, por que não aproveitar a maledicência, como meio de descobrir *o que é?* Não me arrepia a palavra "maledicência", só porque ela tem sido condenada através dos séculos.

KRISHNAMURTI: Por que será que gostamos de falar dos outros? Não é porque isso nos revela outras pessoas. E que necessidade há de que os outros nos sejam revelados? Por que desejamos conhecer os outros? Por que tanto interêsse pelos outros? Antes de tudo, por que gostamos de falar dos outros? É uma forma de desassossêgo, não achais? Como a preocupação, é indício de mente inquieta. Por que êsse desejo de intervir nos assuntos alheios, de saber o que os outros estão fazendo ou dizendo? É muito superficial a mente dada a essa bisbilhotice — é a mente indagadora, porém, malencaminhada. O interrogante parece pensar que os outros lhe são revelados pelo fato de se preocupar com êles, com seus atos, seus pensamentos, suas opiniões. Mas conhecemos os outros, se não conhecemos a nós mesmos? Podemos julgar os outros, se não conhecemos o funcionamento do nosso próprio pensar, a maneira como agimos, a maneira como nos comportamos? Por que êste interêsse excessivo a respeito de outrem? Não representará realmente uma fuga, êsse desejo de saber o que os outros estão pensando, sentindo, e falando? Não nos oferecerá êle um meio de

fugirmos a nós mesmos? Não haverá, também aí, o desejo de interferir na vida dos outros? Nossa vida já não é suficientemente difícil, suficientemente complexa, suficientemente dolorosa, sem cuidarmos da vida dos outros, sem interferirmos na vida de outrem? Sobra-nos tempo para pensar nos outros dessa maneira indiscreta, cruel, feia? Por que fazemos isso? Sabeis que todos o fazem. Pràticamente todos falam mal de alguém. Por quê? Creio, em primeiro lugar, que falamos dos outros porque não estamos bastante interessados no processo do nosso próprio pensar e do nosso próprio agir. Queremos saber o que os outros estão fazendo, talvez porque, para não o dizermos rudemente, desejamos imitá-los. Em geral, quando tagarelamos a respeito de outras pessoas, é para condená-las, mas convenhamos, caritativamente, que seja para imitá-las. Por que desejamos imitar os outros? Não indicará isso extraordinária superficialidade da nossa parte? Está sobremodo embotada a mente que necessita de estímulo e vai procurá-lo fora de si própria. Em outras palavras, a tagarelice é uma forma de sensação a que gostamos de entregar-nos, não é verdade? Pode ser uma sensação de espécie diferente, mas há sempre êsse desejo de estímulo, de distração. Se penetrarmos, de fato, esta questão, acabaremos nos encontrando com nós mesmos e, então, veremos como somos superficiais, quando buscamos excitação fora de nós, falando dos outros. Apanhai-vos, na próxima vez que estiverdes tagarelando a respeito de alguém; se tomardes consciência do fato, êle revelará muitas coisas a vosso próprio respeito. Não procureis atenuar o ato, dizendo que apenas sentis curiosidade pelos outros. Êle denota inquietação, um desejo de excitação, denota superficialidade, falta de interêsse real e profundo pelas pessoas, o qual nada tem em comum com o mero tagarelar a respeito delas.

O outro problema é: como acabar com a tagarelice. Esta é a questão imediata, não achais? Ao perceberdes que gostais de falar dos outros, como podeis pôr fim à tagarelice? Se se tornou um hábito, um mau costume, que persiste dia após dia, como pôr-lhe fim? Surgiu esta questão? Se percebeis que estais tagarelando, se ficais cônscio disso e de tôdas as conseqüências, perguntais então "Como acabarei com isso"? O hábito não se extinguirá por si mesmo, no momento em que estiverdes cônscio dêle? O "como" não se apresentará mais. Só há "como?" quando não há percebimento; o hábito de tagarelar denota falta de percebi-

mento. Experimentai-o por vós mesmo na próxima vez que estiverdes tagarelando, e vereis como parais imediatamente de tagarelar, assim que vos tornais cônscio do que estais falando, cônscio de que vossa língua está disparando convosco. Não é precisa a intervenção da vontade para detê-la. A única coisa necessária é estar cônscio, estar cônscio do que dizeis e percebeis o que isso subentende. Não há que condenar ou justificar a tagarelice. Tornai-vos cônscio dela, e vereis com que rapidez deixais de tagarelar. Porque êsse percebimento revela nossos modos de ação, nossa conduta, nosso padrão mental. Nesta revelação descobrimos a nós mesmos, o que é muito mais importante do que tagarelar sôbre o outros, sôbre o que estão fazendo, o que estão pensando, e como estão procedendo.

Quase todos nós, que lemos os diários, estamos cheios de maledicência, maledicência global. Sem dúvida, são meios de fuga de nós mesmos, da nossa mesquinhez, da nossa fealdade. Pensamos que, graças a um superficial interêsse nos acontecimentos mundiais, nos tornamos cada vez mais sensatos, cada vez mais capazes de cuidar das nossas vidas. Tudo isso, por certo, são maneiras de fugirmos de nós mesmos. Somos tão vazios, tão superficiais, em nós mesmos, e temos tanto mêdo de nós mesmos! Somos tão pobres interiormente, que a tagarelice tem o efeito de preciosa distração, uma fuga de nós mesmos. Procuramos preencher nosso vazio com ritos, com conhecimentos, com tagarelices, com reuniões partidárias, enfim, recorrendo a numerosos meios de fuga, e êsses meios de fuga se tornam importantíssimos, e não a compreensão do que *é*. A compreensão do que *é* exige atenção; sabermos que somos vazios, que sofremos, requer imensa atenção e não fuga. Em geral, porém, gostamos dessas fugas, porque são muito mais aprazíveis, mais agradáveis. Também, quando conhecemos exatamente como somos, torna-se muito difícil fazer alguma coisa em relação a nós mesmos. Êste é um dos problemas que temos de encarar. Não sabemos o que fazer. Quando sei que estou vazio, que sofro, não sei o que fazer, não sei como proceder a êsse respeito. É por isso que recorremos às fugas de todo o gênero.

A questão é: que fazer? É claro, naturalmente, que não se pode fugir, porque isso é extremamente absurdo e infantil. Mas quando vos vêdes em presença de vós mesmos, quando vos vêdes exatamente como sois, que deveis fazer? Primeiro, é possível não rejeitar ou justificar o que sois, mas, simplesmente, *ficar* com o

fato — o que sois? É difícil, porquanto a mente procura explicação, condenação, identificação. Se ela não faz nada disso e permanece tranqüila, está então apta a aceitar os fatos. Se aceito a minha côr escura, está encerrado o caso; mas, se desejo tornar-me mais claro, surge então o problema. Aceitar *o que é,* é dificílimo. Só é possível quando não há fuga, e a condenação ou a justificação constitui uma forma de fuga. Por conseguinte, ao compreendermos na sua inteireza o processo que nos faz tagarelar, e compreendermos como é absurdo, como é cruel, e tudo o que êle implica, ficamos então com o que somos; porém costumamos aproximar-nos do que somos com a intenção de destruí-lo ou de transformá-lo em outra coisa. Se, ao contrário, nos abeiramos do fato com a intenção de compreendê-lo, de ficar com êle, *completamente,* veremos que êle não é mais a coisa de que tínhamos mêdo. Há então a possibilidade de transformar *o que é.*

15. SÔBRE A CRÍTICA

PERGUNTA: Que lugar tem a crítica nas relações? Qual a diferença entre crítica construtiva e crítica destrutiva?

KRISHNAMURTI: Antes de mais nada, por que criticamos? Para compreender? Ou é simples vontade de irritar os outros? Se vos critico, compreendo-vos? Vem a compreensão como resultado de julgamento? Se desejo compreender, se desejo compreender não na superfície, mas a fundo, o inteiro significado de minha relação convosco, começo por criticar-vos? Ou me torno cônscio dessa relação entre vós e mim, observando-a em silêncio, abstendo-me de projetar minhas opiniões, minhas críticas, julgamentos, identificações ou censuras, observando em silêncio o que se está passando? Se não critico, que acontece? É provável que me ponha a dormir, não é? — o que não significa que não adormecemos quando censuramos os outros. Pode acontecer que isso se torne um hábito, e o hábito faz dormir. Vem-nos uma compreensão mais profunda e mais ampla, criticando os outros? Não importa se a crítica é construtiva ou destrutiva: isso não vem ao caso, por certo. Por conseguinte, a questão é esta: qual o estado da mente e do coração, necessário para que se possa compreender as relações? Qual é o processo da compreensão? Como compreendemos alguma coisa? Como compreendeis vosso filho, se sentis interêsse por

vosso filho? Observando-o, não é verdade? Observando-o, quando brinca, ou estudando-lhe as diferentes disposições de ânimo; abstendo-vos de projetar vossa opinião sôbre êle. Não dizeis que êle devia ser isso ou aquilo. Estais muito vigilante, não é verdade? — ativamente vigilante. Então, talvez comeceis a compreender a criança. Se estais constantemente a criticá-la, a injetar-lhe vossa própria personalidade, vossas idiossincrasias, vossas opiniões, determinando como êle deve ser ou como não deve ser, etc., criais, naturalmente, uma barreira nessas relações. Infelizmente, criticamos, quase todos nós, porque desejamos moldar, porque desejamos interferir. Dá-nos certo prazer, certa satisfação moldar uma coisa — as relações com o marido, o filho ou quem quer que seja. Vem-vos, daí, uma sensação de fôrça, sois vós "quem manda", e nisso há imensa satisfação. Ora, sem dúvida, em todo êsse processo não há compreensão das relações. A mera imposição, o desejo de moldar os outros pela norma especial de vossa idiossincrasia, vosso desejo, vossa vontade, tudo isso impede a compreensão das relações.

E há também a autocrítica. Criticar a si mesmo, condenar ou justificar a si mesmo, traz a compreensão própria? Quando começo a me criticar, não limito o processo da compreensão, da exploração? A introspecção, que é uma forma de autocrítica, nos revela o "eu"? O que torna possível a revelação do "eu"? A constante atitude analítica, meticulosa, crítica, não concorre, naturalmente, para revelá-lo. O que traz a revelação do "eu", em virtude da qual começamos a compreendê-lo, é o constante percebimento dêle, sem condenação e sem identificação alguma. Tem de haver certa espontaneidade; não podeis estar constantemente a analisá-lo, a disciplina-lo, a moldá-lo. Esta espontaneidade é essencial à compreensão. Se apenas limito, controlo, condeno, ponho têrmo ao movimento do pensamento e do sentimento, não é verdade? É no movimento do pensamento e do sentimento que posso descobrir alguma coisa — e não no simples contrôle. Quando se faz uma descoberta, é importante saber agir em relação a ela. Se atuo de acôrdo com uma idéia, um padrão, um ideal, ajusto, à fôrça, o "eu", a determinado padrão. Não há compreensão aí, não há possibilidade de transcender o "eu". Se posso observar o "eu" sem censura, sem identificação, é-me então possível transcendê-lo. Eis por que é totalmente errado todo o processo de aproximação a um ideal. Os ideais são deuses por nós mesmos

fabricados, e ajustar-nos a uma imagem projetada de nós mesmos, não é, por certo, libertação.

Nessas condições, só pode haver compreensão quando a mente está silenciosamente cônscia, observando — o que é muito diferente de estar, como tanto gostamos, ativos, agitados, criticando, condenando, justificando. Tal é a estrutura integral do nosso ser, e através da cortina das idéias, dos preconceitos, dos pontos de vista, das experiências, das lembranças, procuramos compreender. É possível nos livrarmos de tôdas estas cortinas e compreendermos diretamente? Por certo, é isso o que fazemos quando o problema é muito intenso; não percorremos todos êsses métodos e, sim, aplicamo-nos ao problema diretamente. A compreensão das relações só vem quando o processo de autocrítica é compreendido e a mente fica tranqüila. Se me estais escutando e tentando compreender, sem esfôrço demasiado, o que desejo transmitir-vos, há então possibilidade de nos entendermos; mas se estais contìnuamente criticando, opondo contìnuamente vossas opiniões, o que aprendestes nos livros, o que outro vos ensinou, etc., então vós e eu não estamos em relação, porque entre nós dois existe esta cortina. Se estamos ambos tentando descobrir a solução do problema — que se encontra no próprio problema — se estamos ardentemente interessados em aprofundá-lo, em descobrir a verdade que encerra, em descobrir o que êle é — estamos então em relação. Vossa mente está então vigilante e passiva, observando, para ver o que é verdadeiro, nêle. Por conseguinte, vossa mente tem de ser muito ágil, não deve estar ancorada em idéia ou ideal algum, em certo julgamento ou opinião, consolidada pelas vossas experiências pessoais. Vem a compreensão, sem dúvida, quando há rápida flexibilidade da mente, que está passivamente vigilante. Ela é então capaz de receptividade, é então sensível. Não é sensível à mente repleta de idéias, de preconceitos, de opiniões pró ou contra. Para compreender as relações, é necessária vigilância passiva — a qual não destrói as relações. Pelo contrário, ela torna as relações muito mais vitais, muito mais significativas. Há, então, nessas relações, uma possibilidade de verdadeira afeição; há nelas uma cordialidade, um aconchego, que não é mero sentimento ou sensação. Se pudermos entrar em contacto, numa relação desta natureza, com tôdas as coisas, nossos problemas serão então fàcilmente resolvidos — os problemas relativos à propriedade, à posse, porque nós somos aquilo que possuímos. O

homem que possui dinheiro, *é* o dinheiro. O homem que se identifica com a propriedade, *é* a propriedade, a casa, os móveis. Anàlogamente, com relação às idéias ou às pessoas; quando há vontade de possuir, não há relações. A maioria de nós quer possuir, porque nada mais tem se não possui coisas. Somos conchas vazias, se não possuímos alguma coisa, se não enchemos nossas vidas com móveis, música, conhecimentos, com isso, com aquilo. E essa concha, assim cheia, faz muito barulho, e a êsse barulho chamamos viver; isso nos satisfaz. Quando se dá a ruptura, a quebra dessa condição, vem o sofrimento, porque nos descobrimos sùbitamente a nós mesmos, tais como somos: conchas vazias, sem muita significação. Estar cônscio de todo o significado das relações é ação, e em resultado dessa ação, há possibilidade de verdadeiras relações, possibilidade de descobrir sua extraordinária profundeza, sua alta significação, e de saber o que é o amor.

16. SÔBRE A CRENÇA EM DEUS

PERGUNTA: A crença em Deus foi sempre poderoso incentivo para uma vida melhor. Por que negais a Deus? Por que não procurais reanimar a fé do homem na idéia de Deus?

KRISHNAMURTI: Consideremos êste problema com amplitude e de maneira inteligente. Eu não nego Deus; seria absurdo fazê-lo. Só o homem que não conhece a realidade se entretém com palavras sem significação. O homem que diz que sabe, não sabe. O homem que conhece a realidade, momento por momento, não tem meios de comunicar essa realidade. A crença é negação da verdade, a crença é um obstáculo à verdade; crer em Deus não é achar a Deus. Nem o crente nem o descrente acharão a Deus. Porque a realidade é o desconhecido, e vossa crença ou descrença dc desconhecido é simples autoprojeção, e por conseguinte não é real. Sei que credes e sei que isso tem muito pouca significação na vossa vida. Há muitas pessoas que crêem; milhões crêem em Deus e encontram consôlo nisso. Em primeiro lugar, por que credes? Credes porque isso vos dá satisfação, consôlo, esperança, e dizeis que essas coisas dão sentido à vida. Na realidade, vossa crença tem muito pouca significação, porque credes e explorais,

credes e matais, credes em um Deus universal e vos assassinais mùtuamente. O rico também crê em Deus; explora impiedosamente, acumula dinheiro, e depois manda construir uma igreja ou se torna filantropo.

Os homens que lançaram a bomba atômica sôbre Hiroxima disseram que Deus os acompanhava; os que voavam da Inglaterra para destruir a Alemanha, diziam que Deus era seu co-pilôto. Os ditadores, os primeiros ministros, os generais, os presidentes, todos falam de Deus e têm fé imensa em Deus. Estão prestando algum serviço tornando melhor a vida do homem? As mesmas pessoas que dizem crer em Deus, devastaram a metade do mundo, e o deixaram em completa miséria. A intolerância religiosa, dividindo os homens em fiéis e infiéis, conduz a guerras religiosas. Isso mostra nosso estranho senso político.

A crença em Deus é "poderoso incentivo para uma vida melhor"? Por que precisais de um incentivo para viver melhor? Ora, por certo, vosso incentivo deve ser vosso próprio desejo de viver com pureza e simplicidade, não achais? Se conferis tanta importância ao incentivo, não estais interessado em tornar a vida possível para todos: estais interessado ùnicamente no *vosso* incentivo, que é diferente do meu incentivo — e brigaremos por causa dos nossos incentivos. Se vivemos felizes e unidos, não porque cremos em Deus, mas porque somos humanos, compartilharemos os diferentes meios de produção, a fim de produzirmos, para todos, as coisas necessárias. Em virtude da nossa falta de inteligência, aceitamos a idéia de uma superinteligência, a que chamamos Deus; mas êsse Deus, essa superinteligência, não nos dará uma vida melhor. O que conduz a uma vida melhor é a inteligência; e não pode haver inteligência se há crenças, se há divisões de classes, se os meios de produção se encontram nas mãos de poucos, se há nacionalidades isoladas e governos soberanos. Tudo isso indica, por certo, evidente falta de inteligência, e é isso que nos está privando de uma vida melhor, e não a falta de crença em Deus.

Todos vós credes, de diferentes maneiras, mas vossa crença não tem realidade alguma. A realidade é o que sois, o que fazeis, o que pensais, e vossa crença em Deus é apenas uma fuga do vosso viver monótono, estúpido, e cruel. Além disso, a crença, invariàvelmente, separa os homens: temos o hinduísta, o budista, o cristão, o comunista, o capitalista, etc. A crença, a idéia, divide, não une

os homens. Será possível unir certo número de pessoas em um grupo, mas êste grupo se oporá a outro grupo. Idéias e crenças nunca são unificadoras, ao contrário, são fatôres de desavença, desintegração e ruína. Por conseguinte, vossa crença em Deus só está, na verdade, espalhando misérias pelo mundo. Ainda que vos tenha trazido momentâneo confôrto, na realidade ela trouxe mais sofrimentos e mais destruição, sob a forma de guerras, fome, divisões de classe, e as crueldades de certos indivíduos. Vossa crença, pois, é sem eficácia. Se deveras crêsseis em Deus, se isso fôsse uma experiência real, vossos semblantes irradiariam afeto, e não estaríeis destruindo vossos semelhantes.

Mas, que é a realidade, que é Deus? Deus não é a palavra; a palavra não é a coisa. Para conhecer aquilo que é imensurável, independente do tempo, a mente deve estar livre do tempo, o que significa que deve estar livre de todo pensamento, de tôdas as idéias relativas a Deus. Que sabeis de Deus ou da verdade? De fato nada sabeis daquela realidade. O que conheceis são só palavras, experiências de outrem, ou alguns momentos de experiências um tanto vagas, de vós mesmos. Isso, naturalmente, não é Deus, não é a realidade, não está fora da esfera do tempo. Para conhecer o que está além do tempo, é preciso compreender o processo do tempo, sendo o tempo pensamento, processo de "vir a ser", acumulação de conhecimentos. Aí está todo o fundo que constitui a mente; a mente, ela própria, é o fundo, consciente e inconscientemente, coletiva e individualmente. A mente, por conseguinte, deve estar livre do conhecido, o que significa que deve estar de todo silenciosa, sem ter sido *posta* em silêncio. A mente que alcança o silêncio como resultado, como conseqüência de determinada ação, exercício, disciplina, não é mente silenciosa. A mente que é constrangida, controlada, moldada, posta numa fôrma e obrigada a ficar quieta, não é mente tranqüila. Podeis conseguir, por certo período de tempo, forçar a mente a um silêncio superficial, mas essa mente não é tranqüila. A tranqüidade só pode vir quando se compreende todo o processo de pensamento, porque, compreender o processo é pôr-lhe fim, e o fim do processo de pensamento é o comêço do silêncio.

Só quando a mente se acha em silêncio completo, não só na superfície, mas no fundo, de ponta a ponta, tanto nos níveis superficiais como nos níveis mais profundos da consciência — só então pode o desconhecido manifestar-se na existência. O desco-

nhecido não é passível de ser experimentado pela mente; só o silêncio pode ser experimentado; nada mais senão o silêncio. Se a mente experimenta algo que não seja silêncio, está apenas projetando seus próprios desejos e portanto não está em silêncio; enquanto a mente não está silenciosa, enquanto o pensamento, sob qualquer forma, consciente ou inconsciente, se acha em movimento, não pode haver silêncio. Silêncio é liberdade, é estar livre do passado, do saber, da memória, tanto consciente como inconsciente. Quando a mente está silenciosa de todo, quando não está em uso, quando há o silêncio que não é produto de esfôrço, só então se manifesta o atemporal, o eterno. Êsse estado não é um estado de lembrança; não há nêle entidade que se recorda, que experimenta.

Por conseqüência, Deus ou a verdade — ou como quiserdes chamá-lo — é algo que se manifesta de momento a momento, e isso só pode acontecer num estado de liberdade e espontaneidade, e não quando a mente foi disciplinada, de acôrdo com uma padrão. Deus não é produto da mente, não é resultado de autoprojeção; só pode surgir quando há virtude, que é liberdade. Virtude é enfrentar o fato, *o que é*. E enfrentar o fato é um estado de bem-aventurança. Só quando a mente está repleta de felicidade, tranqüila, imóvel, sem nenhuma projeção de pensamento, consciente ou inconsciente — só então se manifesta o Eterno.

17. SÔBRE A MEMÓRIA

PERGUNTA: A memória, dizeis, é experiência incompleta. Tenho lembrança e impressões muito vívidas de vossas palestras anteriores. Em que sentido isso é experiência incompleta? Tende a bondade de explicar esta idéia minuciosamente.

KRISHNAMURTI: Que se entende por memória? Vai um indivíduo para a escola, enche-se de fatos, de conhecimentos técnicos. Se sois engenheiros, empregais a memória dos vossos conhecimentos técnicos para construir uma ponte. Esta é a memória de fatos. Há também a memória psicológica. Dissestes-me algo, agradável ou desagradável, que eu guardo; na próxima vez que vos vejo, encontro-me convosco, com essa memória, com a lembrança do que dissestes ou do que não dissestes. A memória tem duas facêtas: a psicológica e a fatual. As duas estão sempre relacionadas entre

si e portanto não claramente delimitadas. Sabemos que a memória fatual é imprescindível, como meio de ganharmos a vida, mas será imprescindível a memória psicológica? Qual é o fator que conserva a memória psicológica? Que nos faz lembrar-nos, psicològicamente, do insulto ou da lisonja? Por que conservamos certas lembranças e rejeitamos outras? É óbvio que guardamos as lembranças que nos são agradáveis e evitamos as desagradáveis. Se observardes, vereis que as lembranças desagradáveis são postas de parte mais ràpidamente do que as lembranças agradáveis. A mente é memória, em qualquer nível, seja qual fôr o nome que se lhe der; a mente é produto do passado, ela se funda no passado, que é memória, um estado condicionado. Pois bem, com essa memória enfrentamos a vida, enfrentamos cada desafio nôvo. O desafio é sempre nôvo e nossa reação sempre velha, porque produto do passado. Nessas condições, experimentar sem a memória é um estado, e experimentar com a memória, outro estado. Isto é, apresenta-se um desafio, que é sempre nôvo. Enfrento-o com a reação, com o condicionamento do velho. Então, que acontece? Absorvo o nôvo, e não o compreendo, uma vez que o experimentar do nôvo está condicionado pelo passado. Por conseguinte, só há compreensão parcial do nôvo, jamais compreensão completa. Só quando há compreensão completa de uma coisa ela não deixa cicatriz na memória.

Quando há desafio, que é sempre nôvo, vós o enfrentais com a reação, o velho. A velha reação condiciona o nôvo, desfigurando-o, dando-lhe uma tendência. Por isso nunca há compreensão completa do nôvo. Dêsse modo, o nôvo se absorve no velho, reforçando-o. Isso pode parecer abstrato, mas não é difícil, se o examinardes mais de perto e bem atentamente. A situação mundial na atualidade requer nova maneira de pensar, nova maneira de estudar o problema do mundo, que é sempre nôvo. Somos incapazes de o estudar de maneira nova, porque nos abeiramos dêle com a mente condicionada, com preconceitos nacionais, locais, domésticos e religiosos. Nossas experiências anteriores estão atuando como obstáculo à compreensão do nôvo desafio. Assim, prosseguimos cultivando e reforçando a memória, e o resultado é que nunca chegamos a compreender o nôvo, nunca enfrentamos o desafio em cheio, de maneira completa. Só quando somos capazes de enfrentar o desafio de maneira nova, sem ligação com o passado, é que êle nos prodigaliza seus frutos e suas riquezas.

Diz o interrogante: "Tenho uma lembrança e impressões muito vívidas de vossas palestras anteriores; em que sentido isso é uma experiência incompleta?" — Evidentemente, é uma experiência incompleta, se é apenas uma impressão, uma lembrança. Se compreendeis uma coisa que foi dita, se percebeis sua verdade, essa verdade não é lembrança. A verdade não é lembrança, porque a verdade é sempre nova, transforma-se constantemente. Tendes uma lembrança da palestra anterior. Por que a tendes? Porque estais usando a palestra anterior como um guia; não a compreendestes na íntegra. Quereis penetrar sua significação e, consciente ou inconscientemente, ela está sendo conservada. Se compreendeis uma coisa por completo, isto é, se percebeis integralmente a verdade contida numa coisa, vereis que não resta lembrança alguma. Nossa educação se limita ao cultivo da memória, ao fortalecimento da memória. Vossas praxes e ritos religiosos, vossas leituras e conhecimentos, são meios de reforçar a memória. Que entendemos por isso? Por que nos apegamos à memória? Não sei se já notastes que, quando alguém vai se tornando mais velho, gosta de voltar as vistas para o passado, suas alegrias, suas dores, seus prazeres; se é jovem, olha para o futuro. Por que fazemos isso? Por que que se tornou tão importante a memória? Pela razão simples e óbvia que não sabemos viver completamente no presente. Estamos usando o presente como o meio que nos leva ao futuro, e o presente, por conseguinte, não tem significação. Não podemos viver no presente, porque estamos usando o presente como passagem para o futuro. Porque eu vou me tornar alguma coisa, nunca tenho uma compreensão completa de mim mesmo, e a compreensão de mim mesmo, daquilo que sou, exatamente, agora, não requer cultivo da memória. Ao contrário, a memória é um empecilho à compreensão do que *é*. Não sei se já notastes que um nôvo pensamento, um nôvo sentimento, só pode manifestar-se quando a mente não está prêsa na rêde da memória. Quando há um intervalo entre dois pensamentos, entre duas lembranças, e êsse intervalo pode ser mantido, então, dêsse intervalo surge um nôvo estado de ser, que não é memória. Temos lembranças, e cultivamos a memória como meio de continuidade. O "eu" e o "meu" se tornam muito importantes, enquanto há cultivo da memória, e como quase todos somos constituídos de "eu" e "meu" tem a memória papel muito importante em nossas vidas. Se não tivésseis memória, vossa propriedade, vossa família, vossas idéias, não

seriam importantes, como tais. E, assim, para reforçar o "eu" e o "meu", cultivais a memória. Se observardes, vereis que há um intervalo entre dois pensamentos, entre duas emoções. Nesse intervalo, que não é produto da memória, há uma extraordinária liberdade, porque nêle estamos livres do "eu" e do "meu". Êsse intervalo é atemporal.

Consideremos agora o problema de outro modo. A memória, por certo, é tempo, não? A memória cria o ontem, o hoje e o amanhã. A lembrança do ontem condiciona o hoje e, por conseguinte, molda o amanhã. Quer dizer, o passado, através do presente, gera o futuro. Está em funcionamento um processo temporal que se chama vontade de "vir a ser". A memória é tempo, e através do tempo esperamos alcançar um resultado. Hoje sou escriturário, mas, com o tempo e oportunidade, serei o gerente, o proprietário. Portanto, preciso de tempo e com a mesma mentalidade dizemos: alcançarei a realidade, aproximar-me-ei de Deus. Por conseguinte, preciso do tempo para realizar meu objetivo, isto é, preciso cultivar a memória, por meio de exercícios, de disciplina, para tornar-me alguma coisa, realizar algo, ganhar algo, e isso significa continuidade no tempo. Através do tempo, esperamos alcançar o atemporal; através do tempo, esperamos conquistar o eterno. Isso é possível? Pode-se colhêr o eterno na rêde do tempo, com a ajuda da memória, que é coisa do tempo? Só existirá o atemporal, quando desaparecer a memória, que é o "eu", o "meu". Se percebeis esta verdade, isto é, que através do tempo o atemporal não pode ser compreendido ou recebido, podemos então examinar o problema da memória. A memória relativa a coisas técnicas é essencial, mas a memória psicológica, que mantém o "eu" e o "meu", que dá identidade e continuidade ao "eu", é coisa de todo prejudicial à vida e à realidade. Percebendo-se esta verdade, o falso desaparece; por conseguinte, não há retenção psicológica da experiência de ontem.

Vêdes um belo pôr de sol, uma bela árvore no meio do campo e no primeiro instante vos deleitais completamente, integralmente; mas voltais com o desejo de gozar de nôvo aquêle espetáculo. Que acontece, quando voltais com o desejo de tornar a gozá-lo? Não há mais deleite, porque a lembrança do pôr do sol que vistes ontem é que vos está fazendo voltar, que vos está impelindo, incitando, a gozar. Ontem não havia lembrança, apenas uma aprecia-

ção espontânea, uma reação direta. Hoje tendes o desejo de repetir a experiência de ontem. Isto é, a memória está intervindo entre vós e o pôr do sol, e por isso não há deleite, não há riqueza, não há plenitude de beleza. Ou, tendes um amigo que ontem vos disse alguma coisa — insulto ou lisonja — de que guardais a lembrança; com essa lembrança vos encontrais hoje com vosso amigo. Não vos encontrais realmente com o amigo — porque levais convosco a lembrança de ontem, a qual intervém. Dêsse modo continuamos a viver, rodeando-nos e às nossas ações, de lembranças, e por isso nunca há coisas novas, frescas. É esta a razão por que a memória torna a vida cansativa, monótona, e vazia. Vivemos em antagonismo uns com os outros, porque o "eu" e o "meu" são reforçados pela memória. A memória vem à vida pela ação no presente. Damos vida à memória com o presente, mas quando não damos vida à memória, ela se desvanece. A memória de fatos, de coisas técnicas, é uma necessidade óbvia; mas a memória como retenção psicológica é prejudicial à compreensão da vida, à comunhão.

18. RENDIÇÃO A "O QUE É"

PERGUNTA: Qual a diferença entre a rendição à vontade de Deus e o que dizeis a respeito da aceitação do que *é?*

KRISHNAMURTI: Há, por certo, enorme diferença, não? Render-se à vontade de Deus, supõe prévio conhecimento da vontade de Deus. Não vos submeteis a uma coisa que não conheceis. Se conheceis a realidade, não podeis render-vos a ela; deixais de existir; não há rendição a uma vontade superior. Se vos rendeis a uma vontade superior, essa vontade superior é uma projeção de vós mesmos, visto que o real não pode ser conhecido através do conhecido. Êle só pode vir à existência, quando o conhecido deixou de existir. O conhecido é criação da mente, porque o pensamento é resultado do conhecido, do passado, e o pensamento só pode criar o que conhece. Por conseguinte, o que êle conhece não é o eterno. Eis por que, quando vos rendeis à vontade de Deus, vos estais rendendo às vossas próprias projeções; isso pode ser agradável, confortador, mas não é o real.

A compreensão do que *é,* exige processo diferente; talvez a palavra processo não seja adequada, mas o que quero dizer é o seguinte: é muito mais difícil compreender *o* que é, exige mais inteligência, mais percebimento do que a mera aceitação de uma idéia, a mera submissão a uma idéia. A compreensão do que *é* não requer esfôrço; esfôrço é distração. Para compreender uma coisa, para compreender *o que é,* não podeis ser distraídos, não é verdade? Se desejo compreender o que dizeis, não posso estar ouvindo música, ouvindo barulho de gente lá fora, tenho de dar-vos tôda a minha atenção. Assim, é extraordinàriamente difícil e árduo estar cônscio do que *é,* porque nosso próprio pensar se torna uma distração. Nós não queremos compreender o que *é.* Olhamos *o que é* através dos óculos do preconceito, da censura ou da identificação, e é muito difícil tirarmos êsses óculos, para olhar *o que é.* Por certo, *o que é* é um fato, a verdade, e tudo o mais é fuga, não é a verdade. Para compreendermos *o que é,* tem de cessar o conflito da dualidade, porque a reação negativa de nos tornarmos uma coisa diferente do que *é,* é a negação do percebimento do que *é.* Se desejo compreender a arrogância, não devo passar ao oposto, não devo ser distraído pelo esfôrço de "vir a ser", nem sequer pelo esfôrço de tentar compreender o que *é.* Se sou arrogante, que acontece? Se não dou nome à arrogância, ela se extingue; vale dizer que a solução está no próprio problema, e não longe dêle.

Não se trata de aceitar *o que é;* não se aceita *o que é;* uma pessoa não *aceita* sua côr morena ou branca: trata-se de um fato. Só quando estamos tentando tornar-nos outra coisa, há o problema de aceitar. Quando reconheço um fato, ele deixa de ser importante; mas a mente que foi educada para fugir em múltiplas direções, é incapaz de compreender *o que é.* Sem compreender *o que é,* não se pode achar o que é real, e sem essa compreensão, a vida não tem significado, a vida é uma batalha constante, em que subsiste sempre a dor e o sofrimento. O real só pode ser compreendido quando se compreende *o que é. O que é* não pode ser compreendido, se há censura ou justificação. A mente que está sempre condenando ou identificando não pode compreender; só é capaz de compreender aquilo em cujo interior está aprisionada. A compreensão do que *é,* o percebimento do que *é,* revela profundezas extraordinárias, nas quais se encontra realidade, felicidade e alegria.

19. SÔBRE A ORAÇÃO E A MEDITAÇÃO

PERGUNTA: O anseio que se expressa na oração não é um caminho para Deus?

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, examinemos os problemas contidos nesta pergunta. Ela se refere à oração, à concentração e à meditação. Pois bem, que se entende por oração? Antes de mais nada, na oração há pedido, súplica, à entidade a que chamais Deus, realidade. Vós, como indivíduo, pedis, rogais, suplicais, buscando orientação de uma entidade a que chamais Deus; vossa atitude, por conseguinte, é a de quem procura uma recompensa, uma satisfação. Estais atribulado, individual ou nacionalmente, e rezais para obter orientação; ou estais confuso, e pedis luz, pedis socorro à entidade a que chamais Deus. Isso supõe que Deus, qualquer Deus — não estamos discutindo isso agora — vai dissipar a confusão que vós e eu criamos. Afinal, fomos nós que criamos a confusão, a miséria, o caos, a medonha tirania, a falta de amor, e desejamos que aquilo a que chamamos Deus ponha tudo novamente em ordem. Em outras palavras, desejamos que nossa confusão, nossas misérias, nosso conflito, sejam dissipados por alguém e pedimos a êsse alguém que nos traga luz e felicidade.

Ora, quando rezais, quando pedis e suplicais uma coisa, ela em geral se realiza. Quando pedis, recebeis, mas o que recebeis não criará ordem, pois o que recebeis não traz luz, não traz compreensão. Só pode dar satisfação, prazer, mas não traz compreensão , porque, quando pedis, recebeis aquilo que vós mesmos projetastes. Como pode a realidade, Deus, atender a vosso pedido especial? Pode o imensurável, o inefável, estar interessado em insignificantes preocupações, tribulações, confusões, criadas por nós mesmos? Por conseguinte, quem é que atende? Naturalmente, o imensurável não pode atender ao que tem medida, ao que é insignificante, pequeno. Mas, quem é que responde? Quando rezamos, estamos relativamente silenciosos, em estado de receptividade; então nosso próprio subconsciente produz uma clareza momentânea. Queremos alguma coisa, estamos ansiosos por ela e neste momento de anseio, de mendigar de joelhos, estamos suficientemente receptivos; a mente consciente, a mente ativa, está relativamente tranqüila, de maneira que o inconsciente nela se projeta e tendes a resposta desejada. Esta resposta, por certo, não veio da realidade, do imensurável — é o vosso próprio incons-

ciente que está respondendo. Não vos confundais, pois, não penseis que quando vossa oração é atendida, estais em contacto com a realidade. A realidade deve vir a vós, não podeis ir a ela.

Neste problema da oração está compreendido ainda outro fator: a resposta daquilo a que chamamos a voz interior. Como disse, quando a mente suplica, pede, está em relativa tranqüilidade; quando ouvis a voz interior, é vossa própria voz que se "projeta" naquela mente relativamente tranqüila. Ora, como pode isso ser a voz da realidade? A mente confusa, ignorante, que deseja, que pede, que roga, como pode ela compreender a realidade? A mente só pode receber a realidade quando está de todo tranqüila, sem pedir, sem desejar, sem ansiar, sem rogar, seja para si, seja para a nação ou para outra pessoa. Quando a mente está de todo tranqüila, quando cessou o desejo, só então a realidade pode manifestar-se. A pessoa que está pedindo, rogando, suplicando, ansiosa por uma orientação, achará aquilo que deseja, mas não será a verdade. O que receberá será a resposta das camadas inconscientes da sua própria mente, as quais se projetam no consciente; aquela voz tranqüila e suave que lhe dá orientação, não é o real, mas, tão-só, a resposta do inconsciente.

Há também, nesta matéria de oração, o problema da concentração. Para a maioria de nós, a concentração é um processo de exclusão. A concentração se faz mediante esfôrço, compulsão, direção, imitação; por conseguinte, é um processo de exclusão. Estou interessado na chamada meditação, meus pensamentos no entanto se distraem, e por isso fixo a mente num quadro, numa imagem, numa idéia, excluindo todos os demais pensamentos. Êsse processo de concentração, que é exclusão, é considerado como uma forma de meditar. É isso que fazeis, não é? Quando vos sentais para meditar, fixais a mente numa palavra, numa imagem, ou num quadro, mas vossa mente está divagando em tôdas as direções. Há constantes interrupções, causadas por outras idéias, outros pensamentos, outras emoções, que tentais expulsar; consumis vosso tempo batalhando contra os vossos pensamentos. A êsse processo chamais meditação. Isto é, tentais concentrar-vos numa coisa em que não vos interessais, e vossos pensamentos continuam a mutiplicar-se, a crescer, a interromper, e despendeis tôdas as vossas energias na luta por excluir, repelir, expulsar. Se conseguis concentrar-vos no pensamento escolhido, em determinado objeto, pensais então que afinal fôstes bem suce-

dido na meditação. Ora, sem dúvida, isso não é meditação, é? Meditação não é um processo exclusivo — exclusivo, no sentido de repelir, levantar resistência às idéias que invadem a mente. Oração não é meditação, e concentração, como processo de excluir, não é meditação.

Que é meditação? Concentração não é meditação, porque, quando há interêsse, é relativamente fácil concentrar-nos em alguma coisa. Um general, ao planejar a guerra, a carnificina, está muito concentrado. O homem de negócios que está amontoando dinheiro é muito concentrado, capaz mesmo de ser cruel, pondo de parte todos os outros sentimentos, para concentrar-se completamente naquilo que deseja. O homem que está interessado em qualquer coisa, está naturalmente, espontâneamente concentrado. Tal concentração não é meditação, é, apenas, exclusão.

Que é então meditação? Por certo, meditação é compreensão — o meditar do coração é compreensão. Como pode haver compreensão, se há exclusão? Como pode haver compreensão, quando há rôgo, súplica? No compreender há paz, há liberdade; uma coisa que compreendeis, dessa coisa estais liberto. O simples concentrar-se ou rezar não traz compreensão. A compreensão é a base mesma, o processo fundamental da meditação. Não precisais aceitar a garantia de minha palavra, pois basta examinardes a oração e a concentração, muito atenta e profundmente, para verdes que nenhuma das duas leva à compreensão. Levam apenas, à obstinação, a uma fixação, à ilusão. Ao contrário, a meditação, na qual há compreensão, há liberdade, clareza, integração.

Mas que entendemos por compreensão? Compreensão significa atribuir significado correto, valor correto a tôdas as coisas. Ser ignorante é atribuir falsos valôres; a essência mesma da estultícia é a falta de compreensão dos valôres corretos. A compreensão surge quando há valôres corretos, quando se estabelecem valôres justos. E como se estabelecem valôres corretos, o valor correto da propriedade, o valor correto das relações, o valor correto das idéias? Para que venham a existir valôres corretos, é preciso compreender o pensador, não é? Se não compreendo o pensador, que sou eu mesmo, o que escolho não tem significação, isto é, se não conheço a mim mesmo, então minha ação, meu pensamento, não tem fundamento algum. Por conseguinte, o autoconhecimento é o comêço da meditação — não o conhecimento que

buscais nos meus livros, que provém das autoridades, dos *gurus*, mas o conhecimento que nasce da auto-investigação, que é autopercebimento. A meditação é o comêço do autoconhecimento, e sem autoconhecimento não há meditação. Se não compreendo as tendências dos meus pensamentos, dos meus sentimentos, se não compreendo meus impulsos, meus desejos, minhas exigências, meu cultivo de padrões de ação, que são idéias — se não conheço a mim mesmo, não há base para o pensar. O pensador, que só pede, reza, ou exclui, sem compreender a si mesmo, acabará, inevitàvelmente, na confusão, na ilusão.

O comêço da meditação é autoconhecimento, que significa estar cônscio de cada movimento do pensamento e do sentimento; que significa conhecer tôdas as camadas da consciência, não só as camadas superficiais, mas também as ocultas, as atividades ocultas no fundo do inconsciente. Para conhecer as atividades profundamente escondidas, os impulsos, as reações, os pensamentos e sentimentos ocultos, tem de haver tranqüilidade na mente consciente, isto é, a mente consciente tem de estar tranqüila, para receber a projeção do inconsciente. A mente superficial, a mente consciente, está ocupada com suas atividades diárias, com ganhar a vida, com enganar os outros, com explorar os outros, com fugir dos seus problemas, enfim, com tôdas as atividades de nossa existência diária. Essa mente superficial tem de compreender a verdadeira significação de suas atividades, e dêsse modo, proporcionar tranqüilidade a si mesma. Ela não pode conseguir quietude, serenidade, pela mera regulamentação, pela compulsão, pela disciplina. Só pode conseguir quietude, paz, serenidade, pela compreensão das próprias atividades, pela observação, pelo percebimento dessas atividades, pelo percebimento da própria crueldade, de como se fala com um criado, com a espôsa, com a filha, com a mãe, etc. Quando a mente superficial, a mente consciente está plenamente cônscia de tôdas as suas atividades, graças àquela compreensão, ela se torna espontâneamente tranqüila, e não narcotizada pela compulsão, ou disciplinada pelo desejo; está, então, apta a receber as mensagens, as sugestões do inconsciente, das muitas e muitas camadas ocultas da mente — os instintos raciais, as memórias sepultadas, as atividades ocultas, as feridas profundas, ainda abertas. Só depois que tudo isso se projetar e fôr compreendido, depois que a consciência estiver de todo aliviada, não impedida por ferida ou memória alguma, está a mente apta a receber o eterno.

A meditação é autoconhecimento, e sem autoconhecimento não há meditação. Se não estais cônscios de vossas reações, a tôdas as horas, se não estais plenamente cônscios de vossas atividades diárias, o simples ato de vos fechardes num quarto e de vos sentardes diante de uma imagem do vosso *guru*, do vosso Mestre, para meditar, representa uma fuga, porque sem autoconhecimento não há pensar correto, e sem pensar correto o que fazeis não tem sentido, por mais nobres que sejam vossas intenções. Assim, a oração não tem significação, se não há autoconhecimento; mas quando existe autoconhecimento, existe pensar correto e, logo, ação correta. Quando há ação correta, não há confusão e, por conseguinte, nem súplica dirigida a alguém, para nos tirar dela. O homem que está plenamente cônscio, está meditando; não reza, porque não precisa de coisa alguma. Pela oração, pela disciplina, pela repetição, etc., pode-se conseguir certa tranqüilidade, mas tal tranqüilidade é só embotamento, redução da mente e do coração a um estado de cansaço. É uma maneira de narcotizar a mente. E a exclusão, a que chamais concentração, não conduz à realidade; nenhuma espécie de exclusão pode fazê-lo. O que produz a compreensão é o autoconhecimento e não é muito difícil estar vigilante se há a correta intenção. Se tendes interêsse em descobrir o processo integral de vós mesmos — não apenas a parte superficial, mas o processo total de todo o vosso ser — então é relativamente fácil. Se desejais, deveras, conhecer a vós mesmos, perscrutareis vossa mente e vosso coração, para conhecer todo o seu conteúdo, e quando há a intenção de conhecê-lo, êle será conhecido. Podeis então acompanhar, sem censura ou justificação, cada movimento do pensamento e do sentimento. Seguindo cada pensamento e cada sentimento que surge, produz-se uma tranqüilidade que não é forçada, que não é disciplinada, mas que resulta da ausência de problemas e de contradições. É uma tranqüilidade como a do lago sereno, numa tarde sem ventos. Quando a mente está tranqüila, aquilo que é imensurável se manifesta na existência.

20. SÔBRE A MENTE CONSCIENTE E A MENTE INCONSCIENTE

PERGUNTA: A mente consciente desconhece e teme a mente inconsciente. Vós vos dirigis principalmente à mente consciente, e isso basta? Vosso método pode efetuar a libertação

do inconsciente? Tende a bondade de explicar minuciosamente como se pode penetrar, de maneira completa, a mente inconsciente.

KRISHNAMURTI: Sabemos que há a mente consciente e a mente inconsciente, mas em geral só funcionamos no nível consciente, na camada superficial da mente; pràticamente tôda nossa vida se limita a isso. Vivemos na chamada mente consciente e nunca damos atenção à mente mais profunda, à mente inconsciente, de onde ocasionalmente nos vêm insinuações, sugestões. Essas sugestões são desprezadas, desvirtuadas ou traduzidas de acôrdo com as conveniências do momento. Ora, pergunta-se: "Vós vos dirigis em especial à mente consciente, e isso basta?" — Vejamos o que se entende por mente consciente. É a mente consciente diferente da mente inconsciente? Separamos o consciente do inconsciente, mas isso se justifica? É verdadeiro? Existe tal separação entre o consciente e o inconsciente? Existe uma barreira real, uma linha onde acaba o consciente e começa o inconsciente? Sabemos que essa camada superficial, a mente consciente, é ativa, mas êste é o único instrumento que está ativo, durante o dia? Se eu estivesse falando apenas à camada superficial da mente, então o que estou dizendo seria sem valor, sem significação. Entretanto, a maioria de nós se apega ao que foi aceito pela mente consciente, por que a mente consciente o considera ajustável a certos fatos óbvios, mas a mente inconsciente pode revoltar-se, e freqüentemente o faz, resultando daí um conflito entre a chamada mente consciente e o inconsciente.

Nosso problema, portanto, é êsse, não achais? De fato só existe um estado, e não dois estados representados pelo consciente e o inconsciente; só há um estado de ser, que é a consciência, embora a dividamos em consciente e inconsciente. Aquela consciência, porém, é sempre do passado, e nunca do presente. Só estais cônscio de coisas que já se passaram. Tomais consciência do que estou tentando transmitir-vos, um segundo depois, não é exato? Vós o compreendeis pouco depois. Nunca estais cônscio do agora. Observai vosso próprio coração e vossa mente, e vereis que a consciência está funcionando entre o passado e o futuro, e que o presente é simples passagem do passado para o futuro. A consciência, por conseguinte, é um movimento do passado para o futuro.

Se observardes vossa mente em função, vereis que o movimento para o passado e para o futuro é um processo em que o presente não existe. Ou é o passado como meio de fuga ao presente, que pode ser desagradável, ou é o futuro, como certa esperança que nos livra do presente. A mente, pois, está sempre ocupada com o passado ou com o futuro, jogando fora o presente. Isto é, a mente é condicionada pelo passado, condicionada como hinduísta, brâmane ou não-brâmane, cristã, budista, etc.; como essa mente condicionada se projeta para o futuro, é incapaz de encarar direta e imparcialmente um fato qualquer. Ou o condena e rejeita, ou o aceita e se identifica com êle. Essa mente, é óbvio, nunca será capaz de ver um fato como um fato. Tal é o nosso estado de consciência, que é condicionado pelo passado, e nosso pensamento é a reação condicionada ao desafio de um fato; quanto mais uma pessoa reage de acôrdo com o condicionamento criado pela crença, pelo passado, tanto mais se fortalece o passado. Êsse reforçamento do passado é, òbviamente, uma continuidade do mesmo, a que se dá o nome de futuro. Tal é, pois, o estado da nossa mente, da nossa consciência: um pêndulo que oscila entre o passado e o futuro. Tal é nossa consciência, que se constitui não só das camadas superficiais da mente, mas também das camadas mais profundas. A consciência não pode evidentemente funcionar em outro nível, visto que só conhece aquêles dois movimentos de recuo e avanço.

Se observardes com muita atenção, vereis que não há um movimento constante, mas que existe um intervalo entre dois pensamentos; ainda que seja por uma fração infinitesimal de segundo, existe um intervalo significativo no oscilar do pêndulo. Percebemos o fato de que nosso pensar está condicionado pelo passado, que se projeta no futuro. Desde que admitimos o passado, temos também de admitir o futuro, visto que não há dois estados representandos pelo passado e pelo futuro, mas só um estado, que inclui tanto o consciente como o inconsciente, tanto o passado coletivo como o passado individual. O passado coletivo e o individual, em reação ao presente, provocam certas reações, que criam a consciência individual. A consciência, pois, é produto do passado, que constitui todo o fundo da nossa existência. Quando temos o passado, temos inevitàvelmente o futuro, porquanto o futuro é apenas a continuação do passado, modificado, mas sempre passado. Nosso problema, por conseguinte, é de como efetuar

uma transformação nesse processo do passado, sem criar outro condicionamento, outro passado.

Diferentemente enunciado, o problema é êste: a maioria de nós rejeita determinada forma de condicionamento e encontra uma outra forma, um condicionamento mais amplo, mais significativo, mais agradável. Abandona uma religião e abraça outra, rejeita uma forma de crença e aceita outra. Essa substituição, evidentemente, não significa compreender a vida, sendo a vida relações. Nosso problema é de como ficarmos livres de todo condicionamento. Ou dizeis que é impossível, porque mente humana alguma pode estar livre de condicionamento, ou começais a experimentar, a indagar, a descobrir. Afirmando que é impossível, estais, evidentemente, fugindo à realidade. Vossa asserção pode basear-se em experiência, estrita ou vasta, ou na mera aceitação de uma crença, mas tal afirmativa é a negação da busca, da pesquisa, da investigação, do descobrimento. Para descobrir se é possível a mente estar de todo livre de qualquer condicionamento, tendes de ser livre, para investigar e descobrir.

Ora, digo que é, sem dúvida, possível a mente ficar livre de todo condicionamento; mas isso não significa que deveis aceitar minha autoridade. Se a aceitais nunca descobrireis coisa alguma porque isso será apenas mais uma substituição, sem significado algum. Digo que é possível, porque, para mim, é um fato, que posso demonstrar-vos verbalmente, mas, para achardes a verdade que êle encerra, vós mesmos tendes de experimentá-lo e de acompanhá-lo velozmente.

A compreensão do processo total do condicionamento não resulta de análise ou de introspecção, pois, quando temos o analista, êste mesmo analista faz parte do *fundo,* e sua análise, por conseguinte, é sem significação. Êsse é um fato que tendes de eliminar. O analista que examina, que analisa a coisa que está observando, faz parte também do estado condicionado e, por conseguinte, qualquer que seja sua interpretação, sua compreensão, sua análise, ela faz sempre parte do fundo. Vê-se pois que por êsse caminho não há saída, sendo necessário quebrar o fundo, porque, para enfrentar o desafio do nôvo, a mente tem de ser nova; para descobrir Deus, a verdade, ou como quiserdes chamar-lhe, a mente tem de estar fresca, não contaminada pelo passado. Analisar o passado, chegar a conclusões através de uma série de experiências, emitir asserções e negativas e tudo o mais, implica, essen-

cialmente, a conservação do fundo, de diversas maneiras. Percebendo a verdade daquele fato, descobrireis que o analista deixou de existir. Não há então uma entidade separada do fundo; há só o pensamento, constituindo o fundo, pensamento sendo reação da memória, tanto consciente como inconsciente, tanto individual como coletiva.

A mente é o resultado do passado que é o processo de condicionamento. Como é possível à mente ser livre? Para ser livre, deve a mente não só ver e compreender seu próprio oscilar de pêndulo entre o passado e o futuro, mas, também, perceber o intervalo entre pensamentos. Êsse intervalo é espontâneo, não é produzido por ação causal, desejo ou compulsão alguma.

Se observardes com muita atenção, vereis que, embora a reação, o movimento do pensamento pareça tão rápido, há vãos, há intervalos entre pensamentos. Entre dois pensamentos há um período de silêncio, que não se relaciona com o processo de pensamento. Observando-o, vereis que êsse período de silêncio, êsse intervalo, não é temporal, e o descobrimento dêsse intervalo, o pleno experimentar dêsse intervalo, liberta-vos do condicionamento — ou, melhor, êle não *vos* liberta, mas o que vem é a libertação do condicionamento. Assim, a compreensão do processo do pensar é meditação. Não estamos apenas examinando a estrutura e o processo do pensamento, que constitui o fundo da memória, da experiência, do conhecimento, mas estamos também tentando descobrir se a mente pode libertar-se do fundo. Só quando a mente não está dando continuidade ao pensamento, quando ela está tranqüila, numa tranqüilidade não produzida, não causada, só então pode vir a liberdade, um estado livre do fundo.

21. SÔBRE O SEXO

PERGUNTA: Conhecemos o sexo como uma inelutável necessidade física e psicológica, e êle me parece ser a causa fundamental do caos, na vida privada da presente geração. Como podemos lidar com êste problema?

KRISHNAMURTI: Por que será que tudo o que tocamos convertemos em problema? Fizemos de Deus um problema, fizemos do amor um problema, fizemos das relações e do viver um problema,

e fizemos do sexo um problema. Por quê? Por que tudo que fazemos é um problema, um horror? Por que estamos sofrendo? Por que se tornou o sexo um problema? Por que nos sujeitamos a viver cheios de problemas? Por que não liquidamos com êles? Por que não morremos para nossos problemas, em vez de os levarmos conosco, dia a dia, ano após ano? O sexo é, por certo, uma questão importante, mas há a questão primária: por que fazemos da vida um problema? O trabalho, o sexo, ganhar dinheiro, pensar, sentir, experimentar, enfim tôdas as atividades do viver — por que são um problema? A razão não será por que, essencialmente, pensamos sempre de determinado ponto de vista, de um ponto de vista fixo? Estamos sempre pensando de um centro para a periferia, mas, para a maioria de nós, a periferia é o centro, e por isso tudo o que tocamos é superficial. Mas a vida não é superficial; ela exige ser vivida com plenitude, e porque só estamos vivendo superficialmente, conhecemos apenas a reação superficial. Tudo o que fazemos na periferia, tem de criar inevitàvelmente um problema, e assim é nossa vida: vivemos na superfície e nos contentamos em viver aí, com todos os problemas do nível superficial. Os problemas existem, enquanto estamos vivendo na superfície, na periferia, sendo a periferia o "eu", com suas sensações, que podem ser exteriorizadas ou objetivadas, que podem ser identificadas com o universo, com a nação, ou outra coisa qualquer elaborada pela mente.

Enquanto estivermos vivendo na esfera da mente, tem de haver complicações, tem de haver problemas; isto é tudo o que sabemos. A mente é sensação, a mente é o resultado de sensações e reações acumuladas, e tudo o que ela toca está fadado a causar misérias, e confusão, e problemas sem conta. A mente é a causa real dos nossos problemas, a mente que funciona mecânicamente, noite e dia, consciente e inconscientemente. A mente é coisa superficialíssima e levamos gerações, levamos nossa vida inteira cultivando-a, tornando-a cada vez mais engenhosa, mais sutil, mais desonesta e tortuosa, coisas essas muito evidentes em tôdas as atividades da vida. A natureza mesma da mente é ser desonesta, tortuosa, incapaz de enfrentar os fatos, e eis aí o fator que cria os problemas, eis aí o cerne do problema.

Que entendemos por problema do sexo? É o ato, ou o pensamento relativo ao ato? Certamente não é o ato. O ato sexual não é problema algum para vós, assim como o comer não é pro-

blema para vós; mas se *pensais* no comer, ou noutra coisa qualquer, o dia inteiro, porque nada mais tendes em que pensar, o comer também se transforma em problema para vós. É o ato sexual um problema, ou o é o pensamento relativo ao ato? Por que pensais a seu respeito? Por que criais êste pensamento, como de fato o fazeis? O cinema, as revistas, os romances, as modas femininas, tudo está contribuindo para formar vosso pensamento sôbre o sexo. Por que o cria a mente, por que pensa a mente a respeito do sexo? Por quê? Por que se tornou êle uma questão central, na nossa vida? Quando há tantas coisas chamando, reclamando vossa atenção, dais tôda a atenção ao pensamento sôbre o sexo. Como acontece isso, por que estão as vossas mentes tão ocupadas com êle? Porque êle é um meio extremo de fuga, não é verdade? É um meio de completo auto-esquecimento. Temporàriamente, pelo menos durante aquêle momento, podeis esquecer-vos de vós mesmos; e não há outro meio de esquercerdes a vós mesmos. Qualquer outra coisa que fazeis na vida, realça a importância do "eu", do "ego". Vossa ocupação, vossa religião, vossos deuses, vossos líderes, vossas ações políticas e econômicas, vossas fugas, vossas atividades sociais, vossa adesão a um partido e rejeição de outro — tudo está encarecendo, reforçando o "eu". Isto é, como só há um ato no qual não se dá ênfase ao "eu", êste ato se torna um problema, não é verdade? Quando só existe um único ato, na vossa vida, que constitui última via de fuga, de completo auto-esquecimento, ainda que por uns poucos segundos, vos apegais a êle, porque é o único momento em que sois felizes. Qualquer outra coisa que vos interessa se transforma em pesadelo, fonte de sofrimento e de dor, e, nessas condições, vos apegais àquela coisa que vos dá o completo auto-esquecimento, a que chamais felicidade. Mas quando vos apegais, também êle se torna um pesadelo, porque desejais então ficar livre dêle, não quereis ficar-lhe escravizado. Por conseguinte, inventais — extraída também da vossa mente — a idéia de castidade, de celibato, e procurais observar o celibato, ser casto, pelo recalcamento, tudo isso operações da mente, visando a libertar-se do fato. Isso, mais uma vez, realça muito especialmente o "eu"; porque êle aí está tentando ser alguma coisa, e portanto vos vêdes de nôvo apanhado na rêde de tribulações, preocupações, esforços e dores.

O sexo se torna um problema sobremodo difícil e complexo, porque não compreendeis a mente que pensa a respeito do pro-

blema. O ato em si nunca pode ser um problema, mas o pensamento referente ao ato cria o problema. O ato, vós o salvaguardais; viveis licenciosamente, ou soltais as rédeas aos vossos apetites no matrimônio, fazendo de vossa espôsa uma prostituta, o que é tudo aparentemente muito respeitável e ficais satisfeitos em deixar as coisas como estão. O problema naturalmente só poderá ser resolvido quando compreenderdes todo o processo e tôda a estrutura do "eu" e do "meu": minha espôsa, meu filho, minha propriedade, meu carro, meu preenchimento, meu êxito. Enquanto não compreenderdes e dissolverdes tudo isso, o sexo permanecerá um problema. Enquanto fordes ambicioso, polìticamente, religiosamente, ou sob qualquer outro aspecto; enquanto estiverdes reforçando o "eu", o pensador, o experimentador, alimentando-o de ambições, quer no vosso próprio interêsse individual, quer no da pátria, do partido ou de uma idéia a que chamais religião; enquanto houver essa atividade de expansão do "eu", tereis o problema sexual. De um lado, estais criando, alimentando e expandindo vosso "eu"; do outro lado, tentais esquecê-lo, perdê-lo de vista, ainda que por um breve momento. Como podem êstes dois estados coexistir? Vossa vida é uma contradição: dando proeminência ao "eu" e procurando esquecer o "eu". O sexo não é um problema. Problema é essa contradição existente em vossa vida; e a contradição não pode ser anulada pela mente, porque a própria mente é contradição. Só pode ser compreendida a contradição, quando se compreende plenamente todo o processo da nossa existência diária. Freqüentar cinemas e apreciar mulheres projetadas na tela; ler livros que excitam o pensamento, folhear revistas cheias de gravuras de corpos seminus; vossa maneira de olhar as mulheres; os olhares furtivos que se encontram com os vossos — tôdas essas coisas estão, por vias tortuosas, estimulando a mente, enaltecendo o "eu"; e ao mesmo tempo vos esforçais para ser bondosos, afetivos, ternos. Essas duas coisas não podem andar juntas. O homem que é ambicioso, espiritualmente ou não, nunca deixará de ter problemas, porque êstes só acabarão quando o "eu" fôr esquecido, quando o "eu" se tornar inexistente; e êsse estado de inexistência do "eu" não é um ato de vontade, não é mera reação. O sexo se torna uma reação; quando a mente tenta resolver o problema, só o torna mais confuso ainda, mais inquietante e doloroso. O ato não é o problema; o problema é a mente, a mente que diz que precisa ser casta. A castidade não é coisa da mente. A mente

só é capaz de refrear suas próprias atividades, mas refreamento não é castidade. A castidade não é uma virtude; a castidade não pode ser cultivada. O homem que está cultivando a humildade, não é, por certo, um homem humilde; pode êle chamar humildade ao seu orgulho, mas é um homem orgulhoso, e por isso procura tornar-se humilde. O orgulho nunca pode tornar-se humildade, e a castidade não é coisa da mente. Não podeis tornar-vos casto. Só conhecereis a castidade quando houver amor em vós, e o amor não é produto da mente, nem faz parte da mente.

Logo, o problema do sexo, que tortura tanta gente, no mundo inteiro, não será resolvido enquanto a mente não fôr compreendida. Não podemos pôr fim ao pensar, mas o pensamento cessa quando cessa o pensador, e só deixa de existir o pensador, quando há compreensão completa do processo. Nasce o temor, quando há separação entre o pensador e seu pensamento; quando não há pensador, só então não há conflito no pensamento. O que está implícito não requer esfôrço para ser compreendido. O pensante vem à existência pelo pensamento; e o pensante, então, faz esforços para moldar, controlar os pensamentos, ou pôr-lhes fim. O pensante é uma entidade fictícia, uma ilusão da mente. Quando há compreensão do pensamento, como um fato, não há mais necessidade de pensar no fato. Se há percebimento simples, sem escolha, então tudo o que está implícito no fato começa a revelar-se, e o pensamento, como fato, termina. Vereis então que os problemas que nos estão corroendo o coração e a mente, os problemas de nossa estrutura social, podem ser resolvidos. O sexo então já não é mais problema; tem o lugar que lhe compete; não é nem uma coisa impura nem um coisa pura. O sexo tem seu lugar próprio; quando a mente lhe atribui lugar predominante, êle se torna um problema. A mente dá ao sexo lugar predominante, porque ela não pode viver sem alguma felicidade, e, assim, o sexo se torna um problema. Quando a mente compreende inteiramente seu próprio processo e, por conseguinte, se extingue, isto é, quando o pensar se extingue, há criação; é essa criação que nos faz felizes. Achar-se nesse estado de criação é bem-aventurança, porque êle é auto-esquecimento, em que não há reação procedente do "eu". Esta não é uma solução abstrata ao problema cotidiano do sexo: é a única solução. A mente nega o amor, e sem o amor, não há castidade. Fazeis do sexo um problema, só porque em vós não existe amor.

22. SÔBRE O AMOR

PERGUNTA: Que entendeis por amor?

KRISHNAMURTI: Descobriremos o que é o amor, se compreendermos o que o amor não é, porque, sendo o amor o desconhecido, só podemos aproximar-nos dêle depois de rejeitar o conhecido. O desconhecido não pode ser descoberto pela mente que está repleta do conhecido. O que vamos fazer é procurar compreender os valôres do conhecido, considerar o conhecido; e depois de o considerarmos pura e simplesmente, sem condenação, a mente se tornará livre dêle e saberemos, então, o que é o amor. Assim, devemos chegar-nos ao amor de maneira negativa, e não positiva.

Que é o amor, para a maioria de nós? Quando dizemos que amamos uma pessoa, que queremos dizer? Queremos dizer que possuímos a pessoa. Da posse nasce o ciúme, porque se eu o perder ou a perder, que acontecerá? Sentir-me-ei vazio, perdido. Por conseguinte, legalizo a posse, retenho-o ou retenho-a em meu poder. Do possuir a pessoa, resulta o ciúme, resulta o temor, e os inumeráveis conflitos inerentes à posse. Ora, posse não é amor, é?

O amor, por certo, não é um sentimento. Ser sentimental, ser emotivo, não é indício de amor, porque a sentimentalidade e a emoção não passam de meras sensações. A pessoa religiosa que chora por Jesus, por Krishna, por seu *guru* ou por outro qualquer, é apenas sentimental, emotiva. Está-se deixando dominar pela sensação, que é um processo de pensamento, e o pensamento não é amor. O pensamento é resultado da sensação; assim, a pessoa sentimental, emotiva, não pode, de modo algum, conhecer o amor. Não somos emotivos e sentimentais? A sentimentalidade, a emotividade, são apenas uma forma de auto-expansão. Estar cheio de emoção não é amor, por certo, porque uma pessoa sentimental pode ser cruel, quando seus sentimentos não são correspondidos, quando não pode dar expansão aos sentimentos. Uma pessoa emotiva pode ser incitada ao ódio, à guerra, ao morticínio. O homem sentimental, lacrimosamente religioso, êsse homem por certo não tem amor.

Perdão é amor? Que subentende o perdão? Vós me insultais, eu me ressinto; guardo na memória o insulto. Depois, forçado

pelas conveniências ou pelo arrependimento, digo, "perdôo-vos". Primeiro guardo, depois rejeito. Que significa isso? Que eu continuo a ser a figura central. Continuo a ser importante; sou eu quem está perdoando. Com essa atitude eu é que sou importante, não o homem que supostamente me insultou. Por conseguinte, quando acumulo ressentimentos, e depois rejeito êsses ressentimentos — e a isso chamo perdoar — não há amor. O homem que ama não guarda inimizade, tôdas essas coisas lhe são indiferentes. Arrependimento, perdão, um estado de relação em que há posse, ciúme, mêdo — nada disso é amor. São só coisas da mente, não é verdade? Enquanto a mente fôr o árbitro, não há amor, porque a mente só arbitra segundo seu interêsse de posse, e seu veredicto é sempre em favor da posse, sob diferentes formas. A mente pode apenas corromper o amor; não pode fazer nascer o amor; não pode oferecer beleza. Podeis escrever um poema sôbre o amor, mas isso não é amor.

Por certo, não há amor, quando não há verdadeiro respeito, quando não respeitamos os nossos semelhantes, seja nosso criado ou nosso amigo. Já notastes que não sabeis respeitar, que não sabeis ser benevolentes e generosos para com vossos criados, para com as pessoas ditas "subalternas"? Tendes respeito pelos que estão de cima, pelo patrão, pelo milionário, pelo homem que tem uma suntuosa residência e um título, pelo homem que pode dar-vos uma posição melhor, um emprêgo melhor, de quem podeis ganhar alguma coisa. Mas tratais a pontapés os que estão abaixo de vós; para êstes tendes uma linguagem especial. Por conseguinte, onde não há respeito, não há amor; onde não há compaixão, caridade, benevolência, não há amor. E como a maioria de nós se acha nesse estado, não temos amor. Não somos nem respeitosos, nem compassivos, nem generosos. Somos dominados pelo desejo de posse, cheios de sentimentos e emoções, que podem ser dirigidos para qualquer lado: para o assassínio, para a matança, ou para a unificação em tôrno de algum plano extravagante e ignorante. Em tais condições, como pode haver amor?

Só conhecereis o amor quando tôdas essas coisas tiverem cessado, acabado, quando não possuirdes, quando não fordes emocionalmente devotado a um objeto. Tal devoção é súplica, é busca de alguma coisa, de maneira diferente. O homem que reza não conhece o amor. Visto que tendes inclinação para a posse, visto que buscais um fim, um resultado, pela devoção, pela oração,

que vos faz sentimental, emotivo, não existe, naturalmente, amor; não há amor, é evidente, quando não há respeito. Podeis dizer que tendes respeito, mas vosso respeito é pelo superior, simples respeito inspirado pelo desejo de alguma coisa, ou o respeito do temor. Se sentísseis respeito, realmente, seríeis tão respeitoso para com os mais humildes como para os chamados superiores. Como não temos êste respeito, não temor amor. Quão poucos de nós são generosos, indulgentes, caridosos! Sois generosos, quando isto vos compensa; sois caridosos, quando esperais alguma retribuição. Quando essas coisas desaparecerem e deixarem de ocupar vossa mente, e quando as coisas da mente não mais encherem vosso coração, então haverá amor; e só o amor pode transformar a loucura, a insânia que vai pelo mundo hoje em dia — e não os sistemas, nem as teorias, quer da esquerda, quer da direita. Só amais realmente, quando não possuís, quando não sois invejoso, ávido, quando sois respeitoso, quando tendes compaixão e caridade, quando tendes consideração para com vossa espôsa, vossos filhos, vosso vizinho, vossos pobres criados.

O amor não pode ser pensado, o amor não pode ser cultivado, o amor não pode ser exercitado. A prática do amor, o exercitar da fraternidade está ainda dentro da esfera da mente e por conseguinte não é amor. Quando tudo isso tiver cessado, então nascerá o amor, sabereis então o que é amar. O amor não é então quantitativo, mas qualitativo. Não dizeis "amo o mundo inteiro"; quando sabeis amar a um só, sabeis amar o todo. Porque não sabemos amar a um só, nosso amor à Humanidade é fictício. Quando amais, não há nem um nem muitos: só há amor.

Só quando houver amor, poderão todos os problemas ser resolvidos, e conheceremos então sua bem-aventurança, sua felicidade.

23. SÔBRE A MORTE

PERGUNTA: Que relação tem a morte com a vida?

KRISHNAMURTI: Há separação entre a vida e a morte? Por que consideramos a morte como uma coisa separada da vida? Por que tememos a morte? E por que se têm escrito tantos livros sôbre a morte? Por que existe esta linha de demarcação entre a vida e a morte? Esta separação é real, ou apenas arbitrária, uma coisa da mente?

Quando falamos sôbre a vida, entendemos o viver como um processo de continuidade, em que há identificação. Eu e minha casa, eu e minha mulher, eu e meu depósito no banco, eu e minhas experiências passadas — eis o que entendemos por vida, não é verdade? O viver é um processo de continuidade, pela memória, consciente e inconsciente, com suas muitas lutas, incidentes, disputas, experiências, etc. Isso tudo é o que chamamos vida; em oposição a ela, há a morte, que põe fim a tudo isto. Tendo criado o oposto, que é a morte, e tendo-lhe mêdo, começamos a procurar a relação entre a vida e a morte. Se conseguimos transpor o intervalo com uma explicação, com a crença na continuidade, na vida futura, ficamos satisfeitos. Cremos na reencarnação ou em outra forma qualquer de continuidade do pensamento e procuramos então estabelecer uma relação entre o conhecido e o desconhecido. Procuramos ligar o conhecido ao desconhecido, tentando, dêsse modo, achar a relação entre o passado e o futuro. É o que estamos fazendo — não é? — quando indagamos se há alguma relação entre a vida e a morte. Queremos saber como lançar uma ponte entre o viver e o findar — tal é nosso desejo fundamental.

Ora, pode o fim, que é a morte, ser conhecido, enquanto vivemos? Se pudermos saber o que é a morte, enquanto vivemos, não teremos mais problema algum. É porque não podemos conhecer o desconhecido, enquanto vivemos, que lhe temos mêdo. Lutamos por estabelecer uma relação entre nós mesmos, que somos o resultado do conhecido, e o desconhecido, que chamamos morte. Pode haver relação entre o passado e uma coisa que a mente não pode conceber e que chamamos morte? Por que separamos as duas coisas? Não é porque nossa mente só pode funcionar na esfera do conhecido, na esfera do contínuo? Um indivíduo só se conhece como pensador, como agente dotado de certas lembranças de sofrimentos, de prazer, de amor, de afeição, de experiências várias; só se conhece como uma entidade contínua; do contrário, não teria lembrança de si próprio, como coisa existente. Pois bem, quando essa coisa acaba, chega ao fim, que chamamos morte, há o mêdo do desconhecido; queremos então atrair o desconhecido para o conhecido, e nosso esfôrço visa a dar continuidade ao desconhecido. Isto é, não queremos conhecer a vida, que inclui a morte; só queremos saber como continuar a existir, sem nunca chegar ao fim. Não queremos conhecer a vida e a morte, queremos saber apenas como continuar perenemente.

Aquilo que continua, não tem renovação. Nada de nôvo, nada de criador, pode haver no que tem continuidade, como é bem óbvio. Só quando termina essa continuidade, existe a possibilidade daquilo que é sempre nôvo. Mas êsse findar nos aterroriza; não vemos que só acabando pode haver renovação, criação, o desconhecido, e não transportando de dia para dia nossas experiências, nossas lembranças e nossas desventuras. Só quando morremos cada dia para tudo o que é velho, pode haver o nôvo. O nôvo não pode existir onde há continuidade, sendo o nôvo atividade criadora, o desconhecido, o eterno, Deus — ou como quiserdes chamá-lo. A pessoa, a entidade contínua que busca o desconhecido, o real, o eterno, nunca o encontrará, porque só pode achar aquilo que ela projeta de si mesma, e aquilo que ela projeta não é o real. Só findando, só morrendo, pode o nôvo tornar-se conhecido; e o homem que deseja achar uma relação entre a vida e a morte, estabelecer uma ponte entre o contínuo e o que êle pensa que existe além, está vivendo num mundo fictício, num mundo irreal, que é projeção de si próprio.

Ora bem, é possível, enquanto vivemos, morrer — que significa findar, tornar-se nada? Será possível, enquanto vivemos neste mundo, em que tudo é vir a ser mais ou vir a ser menos; onde tudo é um processo de ascensão, realização, alcançar resultados — é possível, num mundo assim, conhecer a morte? Será possível desaparecerem tôdas as lembranças — não a memória de fatos, a lembrança do caminho de casa, etc., mas o apêgo interior, por meio da memória, à segurança psicológica, às lembranças que acumulamos, armazenamos, e em que buscamos a segurança, a felicidade? É possível pôr fim a tudo isso — o que significa morrer cada dia, para que haja uma renovação amanhã? Só então se pode conhecer a morte, enquanto vivemos. Só neste morrer, neste findar, neste terminar da continuidade, há renovação, há a criação, que é eterna.

24. SÔBRE O TEMPO

PERGUNTA: Pode o passado dissolver-se de pronto ou isso invariàvelmente exige tempo?

KRISHNAMURTI: Somos o resultado do passado. Nosso pensamento se funda no dia de ontem e em muitos milhares de dias

passados. Somos resultado do tempo, e nossas reações, nossas atitudes atuais, são efeitos acumulados de muitos milhares de momentos, incidentes e experiências. O passado, pois é, para a maioria de nós, o presente, o que é um fato inegável. Vós, vossos pensamentos, vossas ações, vossas reações, são o resultado do passado. Pois bem, o interrogante deseja saber se êsse passado pode ser apagado de pronto, isto é, não no tempo, mas apagado imediatamente, ou é preciso tempo para que a mente se liberte, no presente, dêsse passado cumulativo? Importa compreender a questão, que é: já que cada um de nós é resultado do passado, com um fundo de inumeráveis influências, que variam constantemente, que se modificam sem cessar, é possível apagar êsse fundo, sem passar pelo processo do tempo?

Que é passado? Que entendemos por passado? Por certo, não nos referimos ao passado cronológico. Rerefimo-nos, certamente, às experiências acumuladas; ao acúmulo de reações, lembranças, tradições, conhecimentos; ao depósito subconsciente de inumeráveis pensamentos, sentimentos, influências e reações. Com todo êsse fundo, não é possível compreender a realidade, porquanto a realidade deve ser independente do tempo, deve ser atemporal. Não se pode pois compreender o atemporal com aquela mente que é produto do tempo. O interrogante quer saber se é possível libertar a mente, ou se a mente, que é resultado do tempo, pode deixar de existir imediatamente, ou se é necessário proceder a uma longa série de exames e análises, para libertar a mente do seu fundo. A mente *é* o fundo; a mente *é* resultado do tempo; a mente *é* o passado; a mente *não é* o futuro. Ela pode projetar-se no futuro, serve-se do presente como uma passagem para o futuro e, por conseguinte, permanece — o que quer que faça, qualquer que seja a sua atividade, sua atividade futura, sua atividade passada, sua atividade presente — na rêde do tempo. É possível à mente deixar de existir, de todo; é possível o processo de pensamento findar? Ora, como é óbvio, a mente tem muitas camadas; o que chamamos consciência tem muitas camadas, cada uma delas relacionada com a outra, cada camada dependente da outra, atuando recìprocamente uma sôbre a outra. A consciência, na sua totalidade, não está apenas experimentando, mas também dando nomes e acumulando lembranças. Tal é, na sua inteireza, o processo da consciência, não é?

Quando falamos de consciência, não entendemos o experimentar, o dar nome à experiência, e o depositar essa experiência na memória? Tudo isso, em diferentes níveis, constitui a consciência. Pode a mente, que é resultado do tempo, percorrer todo o processo da análise, passo a passo, a fim de se libertar do fundo, ou é possível libertar-se ela inteiramente do tempo, para observar a realidade diretamente?

Para ficarmos livres do fundo, dizem muitos analistas que temos de examinar cada reação, cada complexo, cada obstáculo, cada barreira, o que evidentemente implica um processo de tempo. Isto significa que o analista tem de compreender aquilo que está analisando e que não deve interpretar errôneamente o que analisa. Se interpretar falsamente o que analisa, chegará a conclusões errôneas e, por conseguinte, criará um nôvo fundo. O analista deve ser capaz de analisar seus pensamentos, sem o mais ligeiro desvio, e não deve perder um só passo da análise, porque dar um passo errado, tirar uma conclusão errada, significa tornar a estabelecer um fundo, numa ordem diferente, em nível diferente. Apresenta-se, também, êste problema: o analista é diferente daquilo que analisa? O analista e a coisa analisada não são um fenômeno conjunto?

Sem dúvida, o experimentador e a experiência são um fenômeno único, não são dois processos distintos; por conseguinte, consideremos, em primeiro lugar, a dificuldade de analisar. É quase impossível analisar todo o conteúdo da nossa consciência de modo a ficarmos livres por meio dêsse processo. Afinal, quem é o analista? O analista não é diferente, ainda que pense ser, daquilo que analisa. Êle poderá separar-se do que está analisando, mas o analista faz parte daquilo que analisa. Tenho um pensamento, tenho um sentimento — digamos que sinto cólera. A pessoa que analisa a cólera, faz parte da cólera, e por conseguinte o analista bem como a coisa analisada constituem um fenômeno conjunto, e nunca são duas fôrças ou dois processos separados. Nessas condições, é imensa a dificuldade de nos analisarmos, de nos desdobrarmos e estudarmos página por página, notando cada reação; é preciso um tempo incalculável. Portanto, não é por êste caminho que poderemos libertar-nos do fundo. Deve haver um caminho muito mais simples, um caminho mais direto, e é êsse caminho que vamos ver se descobrimos. Para o descobrirmos, temos de rejeitar tudo o que é falso; não podemos ficar agarrados a

essas coisas. A análise, pois, não é o caminho certo; temos de libertar-nos do processo da análise.

Que vos restará, então? Estais acostumado só com a análise, não é verdade? O observador observando — sendo o observador e a coisa observada um fenômeno conjunto — o observador tentando analisar — tal processo não o libertará do fundo. Se assim é, como de fato é, abandonareis êsse processo, não é verdade? Se virdes que estais seguindo um caminho errado; se reconhecerdes, não apenas verbal, mas realmente, que o processo é falso, que acontece então à vossa análise? Deixais de analisar, não é verdade? F que vos resta então? Observai, prestai atenção, e vereis como se pode estar livre do fundo, com a maior rapidez, com a maior presteza. Se aquêle não é o caminho certo, que caminho vos resta? Qual o estado da mente que está acostumada a analisar, a sondar, a perscrutar, a dissecar, a tirar conclusões, etc.? Sustando êsse processo, qual o estado da vossa mente?

Dizeis que a mente fica em branco. Continuai a investigar essa mente em branco. Em outras palavras, depois de abandonardes o que sabeis ser falso, que aconteceu à vossa mente? Afinal, o que abondonastes? Abandonastes o processo falso, resultante de um certo fundo, não foi? De um golpe, por assim dizer, abandonastes todo o processo. Por conseguinte, vossa mente, depois de abandonardes o processo analítico, reconhecendo-o falso, está livre do ontem, e portanto apta a observar diretamente, sem passar pelo processo do tempo, libertando-se, assim, logo, do fundo.

Expressando a questão de modo diferente: o pensamento é resultado do tempo, não? O pensamento é resultado do ambiente, de influências sociais e religiosas, sendo que tudo isso faz parte do tempo. Ora, o pensamento pode libertar-se do tempo? Isto é, o pensamento, que é resultado do tempo, pode deter-se e ficar livre do processo do tempo? O pensamento pode ser controlado, moldado; mas o contrôle do pensamento continua dentro da esfera do tempo, e, por conseguinte, nossa dificuldade é esta: como pode a mente, que é resultado do tempo, de muitos milhares de dias passados, ficar livre, instantâneamente, dêsse fundo tão complexo? Podeis ficar livre dêle, não amanhã, mas no presente, agora. Só será possível tal coisa, quando perceberdes o que é falso; e o falso é evidentemente o processo analítico, sendo êste a única coisa que possuímos. Quando o processo analítico fôr completamente sustado, não por coerção, mas pelo entendimento

da inevitável falsidade dêsse processo, vereis que vossa mente estará de todo dissociada do passado — o que não significa que tereis deixado de reconhecer o passado, mas, sim, que vossa mente não estará mais em comunhão direta com êle. Ela, pois, pode libertar-se do passado imediatamente, agora, e a dissociação do passado, esta completa libertação do ontem, não cronológica, mas psicològicamente, é possível. Ela, com efeito, representa a única maneira de compreender a realidade.

Expressado-o com mais simplicidade: quando desejais compreender uma coisa, qual é o estado da vossa mente? Quando desejais compreender vosso filho, quando desejais compreender alguém, compreender uma coisa que alguém está dizendo, qual é o estado da vossa mente? Não estais criticando, julgando o que o outro está dizendo; estais escutando, não é verdade? Vossa mente se acha num estado em que o processo de pensamento não está ativo, mas muito vigilante. Essa vigilância nada tem que ver com o tempo, não é verdade? Estais, apenas, em vigilância, passivamente receptivo e, entretanto, plenamente cônscio. E é só nesse estado que existe compreensão. Quando a mente está agitada, interrogando, preocupando-se, dissecando, analisando, não há compreensão. Quando há a intensidade necessária para a compreensão, a mente, por certo, está tranqüila. Isso, naturalmente, tem de ser experimentado por vós, pois não deveis fiar-vos na minha garantia; mas, podeis ver que quanto mais analisamos, tanto menos compreendemos. Podeis compreender certos fatos, certas experiências, mas o inteiro conteúdo da consciência não pode ser esvaziado pelo processo analítico. Quando vêdes o falso como falso, começais a ver o que é verdadeiro; e é a verdade que vos libertará do fundo.

25. SÔBRE A AÇÃO SEM IDÉIA

PERGUNTA: Para que a verdade possa manifestar-se, advogais a ação sem idéia. É possível agir sempre sem idéia, isto é, sem um fim em vista?

KRISHNAMURTI: Que é a nossa ação, no presente? Que entendemos por ação? Nossa ação — o que queremos fazer ou ser — está baseada em idéia, não é verdade? É só isso que sabemos; te-

mos idéias, ideais, promessas, várias fórmulas relativas ao que somos e ao que não somos. A base da nossa ação é a recompensa no futuro, ou o mêdo à punição. Sabemos disso, não é? Tal atividade causa isolamento, é egocêntrica. Tendes uma idéia de virtude, e de acôrdo com essa idéia viveis, agis, nas vossas relações. Para vós, as relações, coletivas ou individuais, representam uma ação dirigida para o ideal, para a virtude, para a realização, etc.

Quando minha ação se baseia num ideal, que é uma idéia — tal como "devo ser corajoso", "devo seguir o exemplo", "devo ser caritativo", "devo ter mentalidade social", etc. — essa idéia molda minha ação, guia minha ação. Todos dizemos: "Eis um exemplo de virtude que devo seguir", o que significa: "Devo viver de acôrdo com êle". A ação, pois, fica baseada nessa idéia. Entre a ação e a idéia há um intervalo, uma separação, um processo de tempo. Tal é o fato, não? Em outras palavras: "Não sou caritativo, não sou afetuoso, não há indulgência no meu coração, mas reconheço que devo ser caritativo." Há pois um vão entre o que eu sou e o que deveria ser; e estamos sempre tentando estabelecer uma ponte sôbre êsse vão. Essa é a nossa atividade, pois não?

Ora, que aconteceria, se não existisse a idéia? De um golpe, estaria eliminado o vão, não é verdade? Seríeis aquilo que *sois*. Dizeis: "Sou feio, devo tornar-me belo; que devo fazer?" — e isso é ação baseada em idéia. Dizeis: "Não sou compassivo; devo tornar-me compassivo". Introduzis, pois, a idéia, separada da ação. Por isso nunca existe ação verdadeira, baseada no que sois, mas apenas ação baseada no ideal: o que quereis ser. O homem estúpido diz sempre que vai tornar-se inteligente. Fica trabalhando, lutando, para vir a ser; nunca se detém, nunca diz "sou estúpido". Sua ação, por conseguinte, baseada que está em idéia, não é ação, absolutamente.

Ação significa operosidade, movimento. Mas quando tendes uma idéia, o que está funcionando é apenas a ideação, o processo de pensamento, em relação à ação. Se não há idéia, que acontece? Sois o que sois. Sois descaridoso, sois inexorável, cruel, estúpido, irrefletido. Podeis ficar com isso? Se podeis, vêde, então, o que acontece. Quando reconheço que sou descaridoso, estúpido, que acontece quando reconheço que o fato *é* êste? Não há caridade, não há inteligência? Quando reconheço minha falta de caridade, completamente e não de maneira verbal, não artificialmente, nesta

compreensão mesma do que *é*, não existe amor? Não me torno imediatamente caritativo? Se vejo a necessidade de andar limpo, a coisa é muito simples: lavo-me. Mas, se houver apenas o ideal de ser limpo, que acontece? Adia-se a limpeza, ou ela é superficial.

A ação baseada em idéia é superficial, não é, de modo algum, ação correta e, sim, pura ideação, mero processo de pensamento, a funcionar.

A ação que nos transforma, como entes humanos, a ação que traz regeneração, redenção, transformação — ou que nome quiserdes — tal ação não se baseia em idéia. É ação que independe de recompensa ou punição. Essa ação é atemporal, porque a mente, que é processo de tempo, processo de cálculo, que divide e que isola, nela não intervém.

Esta questão não é fácil de resolver. Em geral fazeis perguntas, e esperáis uma resposta: "sim" ou "não". É fácil fazer perguntas, como "Que entendeis por . . . ?" — e depois recostar-vos na cadeira para ouvir minha explicação; é muito mais difícil, porém, descobrir a resposta por vós mesmos, examinar o problema tão profunda e claramente, e sem nada deformar, que êle deixe de existir. Isso só pode acontecer quando a mente se acha verdadeiramente silenciosa, em presença do problema.

O problema, se o amamos, é tão belo como o pôr do sol. Se tomamos posição antagônica ao problema, nunca o compreenderemos. Quase todos nós somos antagônicos, porque temos mêdo do resultado, tememos o que possa acontecer, se prosseguirmos, e perdemos assim o significado e o alcance do problema.

26. SÔBRE O VELHO E O NÔVO

PERGUNTA: Quando vos ouço, tudo me parece claro e nôvo. Em casa prevalece a velha e fútil agitação. Que há de errado em mim?

KRISHNAMURTI: Que está sucedendo, de fato, em nossas vidas? Há constante desafio e reação. Assim é a existência, a vida, não é verdade? — constante desafio e reação. O desafio é sempre nôvo, a reação sempre velha. Encontrei-me ontem convosco, e hoje me

apareceis de nôvo. Estais diferente, estais modificado, mudastes, sois nôvo, mas eu guardo vosso retrato de ontem. Por conseguinte, faço o nôvo absorver-se no velho. Não vos vejo de maneira nova, tenho vosso retrato de ontem, e por conseguinte minha reação ao desafio é sempre condicionada. Aqui, durante estas palestras, provàvelmente, deixais de ser brâmane, cristão, membro de uma casta superior, ou seja o que fôr; esqueceis tudo isso. Estais apenas escutando, absorto, investigando. Retornando à vida costumeira, tornais ao velho "eu", estais de volta às vossas ocupações, vossa casta, vosso sistema, vossa família. Em outras palavras, o nôvo está sendo sempre absorvido pelo velho, pelos velhos hábitos, costumes, idéias, tradições. Nunca há o nôvo, porque estais sempre indo ao encontro do nôvo com o velho. O desafio é nôvo, mas o enfrentais com o velho. O problema que esta pergunta encerra é de como libertar o pensamento do velho, para que êle seja sempre nôvo. Quando vêdes uma flor, quando vêdes um rosto, quando vêdes o céu, uma árvore, um sorriso, como podeis vê-lo de maneira nova? Por que não sabemos vê-lo de maneira nova? Por que é que o velho absorve o nôvo e o modifica? Por que cessa o nôvo quando ides para casa?

As reações velhas procedem do pensador. O pensador não é sempre o velho? Visto que vosso pensamento está baseado no passado, quando vos encontrais com o nôvo, é o pensador que se encontra com êle, é a experiência de ontem que com êle se encontra. O pensador é sempre o velho. Voltamos assim ao mesmo problema, diferentemente formulado: Como libertar a mente de si mesma, na qualidade de pensador? Como erradicar a memória, não a memória fatual, mas a memória psicológica, que é acumulação de experiência? Sem se estar livre do resíduo da experiência, não pode haver o recebimento do nôvo. Libertar-nos do pensamento, estarmos livres do processo do pensamento para ir ao encontro do nôvo, é muito difícil, porque tôdas as nossas crenças, tôdas as nossas tradições, todos os nossos métodos educativos, são um processo de imitação, de cópia, de memorização, de formação do reservatório da memória. Esta memória está reagindo constantemente ao nôvo; à reação dessa memória chamamos pensar, e é êsse pensar que se encontra com o nôvo. Dêsse modo, como pode haver o nôvo? Só quando não há resíduo algum de memória pode haver coisas novas, e há sempre resíduo quando a experiência fica inacabada, não concluída, não terminada; isto é,

quando é incompleta a compreensão da experiência. Quando a experiência é completa, não deixa resíduo algum, e esta é a beleza da vida. O amor não é resíduo, o amor não é experiência, é um estado de ser. O amor é eternamente nôvo. Nosso problema, por conseguinte, é êste: podemos encontrar-nos com o nôvo constantemente, mesmo em casa? podemos sem dúvida, mas, precisamos fazer uma revolução no pensamento, no sentimento; só podemos ser livres quando cada incidente é compreendido de modo completo, momento por momento, quando se compreende cada reação inteiramente, e não quando apenas a olhamos superficialmente e a pomos de parte. Só se pode estar livre da acumulação de lembranças, quando cada pensamento, cada sentimento é completado, pensado até o fim. Em outras palavras, quando cada pensamento e cada sentimento é todo pensado, concluído, há um fim e um espaço entre êsse fim e o pensamento seguinte. Neste espaço de silêncio, há renovação, aparece um nôvo estado de criação.

Isto não é teórico, não é impraticável. Se procurardes pensar até o fim cada pensamento e cada sentimento, vereis como iso é extraordinàriamente prático na vida de cada dia, porque sois então novos e o que é nôvo perdura eternamente. Ser nôvo é ser criador e ser criador é ser feliz. O homem feliz não se preocupa em ser rico ou em ser pobre, não lhe importa o nível social, a casta ou a nação a que pertença. Êle não tem guias, nem deuses, nem templos, nem igrejas, e portanto não tem disputas nem inimizades.

Sem dúvida, esta é a maneira mais prática de resolvermos nossas dificuldades, no presente caos mundial. Não sendo criadores, no sentido em que estou empregando a palavra, somos anti-sociais, em todos os diferentes níveis da nossa consciência. Para alguém ser muito prático e eficiente nas relações sociais, nas relações com tôdas as coisas, precisa ser feliz; não pode haver felicidade, se nunca há um fim; não pode haver felicidade, se existe um constante processo de "vir a ser". Havendo fim, vem a renovação, renascimento, um estado de nôvo, alegria.

O nôvo se absorve no velho, e o velho destrói o nôvo, porque há um fundo, e a mente, o pensador está condicionado pelo seu pensamento. Para estar livre do fundo, das influências condicionadoras, da memória, é mister estarmos livres da continuidade. Há continuidade quando o pensamento e o sentimento não são con-

cluídos. Um pensamento se completa, quando é acompanhado até o fim, pois dessa maneira se põe têrmo a cada pensamento, a cada sentimento. O amor não é hábito, memória; o amor é sempre nôvo. Só pode haver encontro com o nôvo, quando a mente está fresca e a mente não está fresca enquanto há resíduo de memória. A memória é fatual, bem como psicológica. Não estou falando da memória fatual, mas da memória psicológica. Quando a experiência não é compreendida cabalmente, fica um resíduo, que é o velho, que é de ontem, coisa passada. O passado está sempre absorvendo o nôvo e, portanto, destruindo o nôvo. Só quando a mente está livre do velho pode encontrar-se com tôdas as coisas de maneira nova, e, nesse encontro, há alegria.

27. SÔBRE O DAR NOME

PERGUNTA: Como se pode estar cônscio de uma emoção, sem lhe dar nome, sem lhe pôr uma etiquêta? Se estou cônscio de um sentimento, parece-me que o reconheço, logo após sua manifestação. Ou entendeis alguma coisa diferente, quando dizeis: "Não deis nome!"?

KRISHNAMURTI: Por que damos nome a qualquer coisa? Por que afixamos um rótudo a uma flor, a uma pessoa, a um sentimento? Fazemo-lo, ou para comunicar a outrem nossos sentimentos, para descrever a flor, etc.; ou para nos identificarmos com êsse sentimento. Não é isso? Dou nome a uma coisa, a um sentimento, para comunicá-lo — "Estou irritado". Ou me identifico com o sentimento para reforçá-lo, ou para dissolvê-lo, ou para fazer qualquer coisa em relação a êle. Damos nome a uma coisa, a uma rosa, para o comunicarmos a outros; ou pensamos que, dando nome à coisa, a compreendemos. Dizemos: "Isto é uma rosa", olhamo-la ligeiramente, e passamos adiante. Dando-lhe nome, achamos que a compreendemos; classificamo-la e com isso pensamos ter compreendido tôda a significação e tôda a beleza da flor.

Dando nome a uma coisa, pusemo-la, apenas, dentro de uma categoria, e pensamos que a compreendemos; não a olhamos com mais atenção. Se, entretanto, não lhe damos nome, somos forçados a dar-lhe atenção. Isto é, olhamos a flor, ou o que quer que seja, de maneira nova, com uma nova qualidade de exame;

olhamo-la como se nunca a tivéssemos visto antes. Dar nome é maneira muito conveniente de nos desembaraçarmos das coisas e das pessoas — dizendo que são "alemães", "japonêses", "americanos", "hindus", podeis pôr-lhes as respectivas etiquêtas, e destruir as etiquêtas. Se não colocais etiquêtas nas pessoas, sois forçados a dar-lhes atenção, e então é muito mais difícil matar alguém. Podeis destruir a etiquêta com uma bomba, e vos sentirdes muito virtuoso; mas, se não colocais a etiquêta e sois, portanto, obrigado a olhar a coisa, individualmente — um homem, uma flor, um incidente, uma emoção — sois então forçado a considerar vossa relação com ela, e com a ação subseqüente. Assim, dar nome ou rótulo é maneira muito conveniente de "despachar" qualquer coisa — rejeitá-la, condená-la ou justificá-la. Êste é um aspecto da questão.

Qual é o núcleo de onde damos nome, qual é o centro que está sempre a dar nome, a escolher, a etiquetar? Todos nós sentimos a existência de um centro, de um núcleo, não é verdade? — de onde agimos, de onde julgamos, de onde damos nome. Que *é* êsse centro, êsse núcleo? Alguns gostam de pensar que se trata de uma essência espiritual, Deus, ou o que quiserdes. Averigüemos, pois, o que é êsse núcleo, êsse centro, que dá nome e que julga. Êsse núcleo, sem dúvida, é a memória, não é? — Uma série de sensações, identificadas e isoladas, circunscritas — o passado vitalizado pelo presente. Êsse núcleo, êsse centro alimenta-se do presente, pelo dar nome, rotular, lembrar-se.

Veremos mais adiante, à medida que o formos deslindando, que, enquanto existir êsse centro, êsse núcleo, não haverá compreensão. Só com sua dissolução, torna-se possível a compreensão, porque, afinal de contas, êsse núcleo é a memória, memória de várias experiências, a que se deram nomes, etiquêtas, identificações. Por causa dessas experiências que receberam nomes e rótulos, provenientes daquele centro, há aceitação ou recusa, determinação a ser ou a não ser, conforme as sensações, os prazeres e as dores da lembrança, da experiência. Aquêle centro, pois, *é* a palavra. Se não lhe dais nome, êle existe? Isto é, se não pensais em função de palavras, se não vois servis de palavras, podeis pensar? O pensar começa a existir por efeito da verbalização; ou a verbalização começa a existir em reação ao pensar. O centro, o núcleo, é a lembrança de inumeráveis experiências verbalizadas, de prazer e de dor. Observai a vós mesmos e vereis que as pala-

vras se tornaram muito mais importantes, as etiquêtas se tornaram muito mais importantes do que a substância; vivemos de palavras.

Para nós, palavras como "verdade", "Deus", tornaram-se importantíssimas; ou os sentimentos que estas palavras representam. Quando pronunciamos a palavra "americano", "cristão", "hindu", ou a palavra "cólera", *somos* a palavra que representa o sentimento. Mas não sabemos *o que é* êsse sentimento, porque a palavra se tornou importante. Quando vos denominais budista, cristão, que significa esta palavra, qual a significação subentendida na palavra que nunca examinastes? Nosso centro, o núcleo *é* a palavra, o rótulo. Se não dais importância ao rótulo e o importante é o que está *atrás* do rótulo, estais então apto a investigar. Mas se estais identificado com o rótulo e grudado a êle, não podeis ir por diante. Pois *estamos* identificados com o rótulo: a casa, a forma, o nome, ao mobília, o depósito no banco, nossas opiniões, nossos estimulantes, etc. Somos tôdas essas coisas — essas coisas, que representamos por nomes. As *coisas* se tornaram importantes, os nomes, os rótulos; por conseguinte, o centro, o núcleo *é* a palavra.

Não havendo palavra, não havendo rótulo, não há centro, não é verdade? Êste se dissolve, e fica um vazio, que não é o vazio do mêdo, coisa muito diferente. Há um sentimento de ser igual ao nada; porque retirastes todos os rótulos, ou, melhor, porque compreendestes a razão pela qual rotulais os sentimentos e as idéias, estais completamente nôvo, não é verdade? Não há centro algum de onde estais agindo. O centro, que é a palavra, foi dissolvido. O rótulo foi retirado, e onde estais vós, como centro? Continuais a existir, mas operou-se uma transformação. Essa transformação é um tanto assustadora, por isso não prosseguis, para ver o que ela ainda encerra; já estais começando a julgá-la, a dizer que gostais ou que não gostais dela. Não prosseguis, para compreender o que ainda está para vir; já estais julgando, o que significa que tendes um centro, de onde estais agindo. Por essa razão, estacionais, assim que começais a julgar; as palavras "gostar" e "não gostar" se tornam importantes. Mas que acontece quando não dais nome? Observais uma emoção, uma sensação, de maneira mais direta e, portanto, estais em relação muito diferente com ela, igual à que tendes diante de uma flor, quando lhe não dais nome. Sois *forçado* a olhá-la de maneira nova. Quando

não dais nome a um grupo de pessoas, sois obrigado a olhar cada rosto individualmente, e não mais considerais a todos como massa. Por êste motivo, sois muito mais vigilante, muito mais observador, muito mais compreensivo; tendes um sentimento mais profundo de piedade, de amor; mas, se os tratais, a todos, como a massa, não lhes dais maior atenção.

Se não lhe pondes rótulo, tendes de considerar cada sentimento, ao surgir. Quando lhe dais um rótulo, o sentimento é diferente do rótulo? Ou o rótulo desperta o sentimento? Refleti sôbre isto. Quando pomos um rótulo, em geral intensificamos o sentimento. O sentimento e o nomear são instantâneos. Se houvesse um intervalo entre o nomear e o sentir, poder-se-ia, então, descobrir se o sentimento é diferente do nomear, e estaríamos em condições de observar o sentimento sem lhe dar nome.

O problema é êste: como livrar-se de um sentimento a que se deu o nome, por exemplo, de "cólera"? Não pergunto como subjugar o sentimento, como refreá-lo, como sublimá-lo — porque tudo isso é tolo e infantil; pergunto como se pode ficar verdadeiramente livre dêle. Para nos livrarmos, de fato, do sentimento, temos de descobrir se a palavra é mais importante do que o sentimento. A palavra "cólera" tem mais importância do que o sentimento em si? E para descobrir isso tem de haver, necessàriamente, um intervalo entre o sentir e o dar nome. Esta é uma parte da questão.

Se não dou nome ao sentimento, isto é, se o pensamento não está funcionando apenas por efeito de palavras, ou se não penso em função de palavras, imagens ou símbolos, como o faz a maioria de nós — que acontece então? Por certo, a mente não é, então, apenas, o observador. Quando a mente não está pensando em função de palavras, símbolos, imagens, não há pensador separado do pensamento, que é a palavra. A mente está portanto quieta, não é verdade? — não foi *posta* quieta, *está* quieta. Quando a mente está de fato tranqüila, então os sentimentos que surgem podem ser atendidos incontinenti. Só quando damos nomes aos sentimentos e dêsse modo os fortalecemos, êles têm continuidade; depositam-se no centro, onde se lhes dão novos rótulos, seja para reforçá-los, seja para comunicá-los.

Quando a mente já não é o centro, representado pelo pensador, constituído de palavras, de experiências passadas — que são ape-

nas memórias, etiquêtas, armazenadas e dispostas em categorias, guardadas em escaninhos; quando a mente não está fazendo nenhuma dessas coisas, então, òbviamente, ela está tranqüila. Já não está amarrada, já não tem um centro, representado pelo "eu": minha casa, meu preenchimento, meu trabalho — o que são, ainda, palavras que dão ímpeto ao sentimento, reforçando a memória. Quando nenhuma dessas coisas acontece, a mente está muito tranqüila. Êsse estado não é negação. Pelo contrário, para alcançar êsse ponto, é preciso percorrer todo o caminho, o que representa uma emprêsa extraordinária, pois não significa simplesmente aprender algumas frases e repeti-las como um colegial — "não dar nome; não dar nome". Dar atenção a tôdas as particularidades do problema, experimentá-las, perceber como funciona a mente e alcançar, dêsse modo, o ponto em que já se não dá nome, o que significa que já não existe um centro separado do pensamento — todo êsse processo, por certo, constitui a verdadeira meditação.

Quando a mente está deveras tranqüila, é possível manifestar-se aquilo que é imensurável. Qualquer outro processo, qualquer outra busca da realidade é simples projeção individual, de fabricação própria, e, por conseguinte, irreal. Mas êsse processo é árduo, e exige que a mente esteja sempre cônscia de tudo o que nela se passa, interiormente. Para chegar a êsse ponto, não deve haver julgamento ou justificação, desde o comêço até o fim, mas isto não significa que êsse ponto seja um fim. Não se chega a nenhum fim, porque algo extraordinário continua a ocorrer. Isso não é uma promessa. Cabe-vos experimentar, penetrar em vós mesmos mais e mais e mais profundamente, para que tôdas as camadas que constituem o centro sejam dissolvidas, o que se pode fazer ràpidamente ou com vagar. É sobremodo interessante observar o processo da mente, ver como ela depende das palavras, como as palavras estimulam a memória ou ressuscitam e vitalizam a experiência morta. Nesse processo, a mente está vivendo no futuro ou no passado. Por êsse motivo as palavras têm uma significação extraordinária, tanto neurológica como psicològicamente. E peço-vos que não aprendais estas coisas de mim nem de um livro. Elas não podem ser aprendidas de outra pessoa nem achadas num livro. O que aprenderdes ou achardes num livro não será o real. Mas podeis experimentar, podeis observar a vós mesmos, em ação, observar-vos a pensar, ver de que maneira agis e com que rapidez dais nomes a um sentimento, logo que surge. E a observação do

processo, na sua totalidade, liberta a mente do seu centro. E a mente, então, estando tranqüila, pode receber aquilo que é eterno.

28. SÔBRE O CONHECIDO E O DESCONHECIDO

PERGUNTA: Nossa mente só conhece o conhecido. Que há em nós, que nos impele a buscar o desconhecido, a realidade, Deus?

KRISHNAMURTI: Vossa mente anseia pelo desconhecido? Há em nós algum impulso para o desconhecido, para a realidade, para Deus? Tende a bondade de refletir nisso sèriamente. O caso não é para se fazer retórica, mas exige uma investigação real. Existe um impulso interior em cada um de nós, em busca do desconhecido? Existe? Como se pode encontrar o desconhecido? Se não o conheceis, como podeis encontrá-lo? Existe um anseio de realidade, ou se trata apenas de um desejo do conhecido, ampliado? Compreendeis o que quero dizer? Conheci muitas coisas; elas não me deram felicidade, satisfação, alegria. De modo que desejo agora *outra coisa* que me dê uma alegria maior, maior felicidade, maior vitalidade. Pode o conhecido, que é a minha mente — pois minha mente *é* o conhecido, resultado do passado — pode essa mente buscar o desconhecido? Se não conheço a realidade, o desconhecido, como posso procurá-lo? Por certo, êle é que deve vir, não posso procurá-lo. Se vou em sua busca, o que procuro é uma coisa conhecida, uma coisa de mim projetada.

O problema não é de saber o que em nós existe, que nos impele a buscar o desconhecido, pois isto está bem patente. É o desejo de nos sentirmos mais seguros, mais permanentes, mais estabilizados e felizes; o desejo de fugir à agitação, à dor, à confusão. Êste é o nosso desejo evidente. Quando há êste impulso, esta ânsia, encontra-se um maravilhosa via de fuga, um refúgio maravilhoso — no Buda, no Cristo, em lemas políticos, etc. Isso não é a realidade, não é o incognoscível, o desconhecido. Por conseguinte, a ânsia do desconhecido deve cessar; a busca do desconhecido deve ser sustada, vale dizer, deve haver compreensão do conhecido cumulativo, que é a mente. A mente deve compreender a si mesma, *como* "o conhecido", porque é só êste que ela

conhece. Não se pode pensar em coisa que se desconhece. Só se pode pensar em coisa que se conhece.

A dificuldade é não deixar que a mente prossiga *através* do conhecido. Só é possível isso quando ela compreende a si própria e reconhece que todo o seu movimento provém do passado, que se projeta, através do presente, para o futuro. É um movimento contínuo do conhecido. Pode êsse movimento cessar? Só pode cessar quando o mecanismo do próprio processo fôr compreendido, quando a mente compreender a si mesma e suas atividades, tendências, fins, ocupações, exigências — não só as exigências superficiais, mas também os impulsos e motivos profundos, interiores. É tarefa muito difícil. Não é numa simples reunião, numa conferência, ou na leitura de um livro que vos esclarecereis. Pelo contrário, é precisa uma vigilância constante, uma compreensão constante de cada movimento do pensamento não só quando desperto, mas também durante o sono. Êsse processo deve ser total, e não esporádico, parcial.

A *intenção* também deve ser correta. Isto é, é preciso acabar com a superstição de que, interiormente, todos nós aspiramos ao desconhecido. É ilusão pensar que todos estamos em busca de Deus, porque não estamos. Não se precisa *procurar* a luz. Haverá luz, quando não houver mais escuridão, pois a escuridão não nos leva à luz. O que podemos fazer apenas é afastar as barreiras que causam a escuridão, e o afastamento dessas barreiras depende da nossa *intenção.* Se as estais afastando, *a fim de* verdes a luz, não estais então afastando coisa alguma; estais apenas substituindo a escuridão pela palavra "luz". Mesmo olhar além da escuridão ainda é uma fuga da escuridão.

Temos de considerar, não o que nos está impelindo, e sim, por que existe em nós tanta confusão, tanta agitação e tanto antagonismo, enfim tôdas as coisas estúpidas da nossa existência. Quando essas coisas não existem, então há luz, e não temos de procurá-la. Quando desaparece a estupidez, aparece a inteligência. Mas o homem que é estúpido e procura tornar-se inteligente, continua estúpido. A estupidez não pode ser transformada em sabedoria; só quando cessa a estupidez, surge a sabedoria, a inteligência. O homem que é estúpido e tenta tornar-se inteligente, sábio, nunca o será, evidentemente. Para saber o que é a estupidez, temos de compreendê-la, não superficialmente, mas completa e profundamente; temos de penetrar tôdas as diferentes ca-

madas da estupidez e, uma vez extinta a estupidez, surge a sabedoria.

Por conseguinte, cumpre descobrir, não se há algo *mais*, algo maior do que o conhecido, que nos impele para o desconhecido, e sim, perceber o que existe em nós, que está criando confusão, guerras, diferenças de classes, esnobismo, o desejo de fugir, através da música, da arte, e de muitos outros modos. Importa, sem dúvida, que as coisas sejam vistas como são e que voltemos a nós mesmos, para nos vermos exatamente como somos. Daí poderemos prosseguir. É então relativamente fácil lançar fora o conhecido. Quando a mente está em silêncio e já se não está projetando para o futuro, desejando alguma coisa; quando a mente está deveras tranqüila, profundamente em paz, desponta o desconhecido. Não é preciso procurá-lo. Não podeis chamá-lo. O que se pode chamar é o que já se conhece. Não se pode convidar um estranho; só se pode convidar alguém que já conhecemos. Mas vós não conheceis o desconhecido, Deus, a realidade, etc. Êle tem de vir. E só virá quando o terreno estiver em condições adequadas, quando o solo tiver sido lavrado; mas se lavrais *a fim de que* êle venha, neste caso não o tereis.

Nosso problema não consiste em procurar o incognoscível, e sim, em compreender o processo acumulativo da mente, que é sempre o conhecido. Esta é uma tarefa muito difícil, que requer atenção constante, vigilância constante, sem qualquer tendência para a distração, a identificação, a censura; é *ficar com o que é*. Só então pode a mente estar tranqüila. Não há quantidade de meditação, de disciplina, que possa tornar a mente tranqüila, no sentido real da palavra. Só depois de se acalmarem os ventos, o lago fica sereno. Não podeis *fazer* o lago ficar tranqüilo. Nossa tarefa não é a de perseguir o incognoscível, sim de compreender a confusão, o tumulto, a miséria existente em nós mesmos. E, então, vem à existência, impercetìvelmente, aquilo que traz a verdadeira felicidade.

29. VERDADE E MENTIRA

PERGUNTA: Como é que a verdade, segundo dizeis, quando repetida, se torna uma mentira? Que vem a ser, realmente, uma mentira? Por que é errado mentir? Não é êste

um problema profundo e sutil, em todos os níveis da nossa existência?

KRISHNAMURTI: Temos aqui duas perguntas e, por conseguinte, examinemos a primeira: quando uma verdade é repetida como é que ela se torna uma mentira? Que é que repetimos? Pode-se repetir uma compreensão? Compreendo uma coisa, posso repeti-la? Posso verbalizar, mas o que repito não é, por certo, a experiência. Ficamos enredados na palavra e perdemos a significação da experiência. Se tivestes uma experiência, podeis repeti-la? Podeis querer repeti-la, podeis ter o desejo de sua repetição, sua sensação, mas uma vez verificada a experiência, ela está acabada, *não pode* ser repetida. O que se pode repetir é a sensação, e a palavra correspondente, que dá vida à sensação. Como, infelizmente, quase todos nós somos propagandistas, estamos enredados na repetição da palavra. Vivemos, pois, de palavras e negamos a verdade. Considerai, por exemplo, o sentimento de amor. Pode-se repeti-lo? Quando ouvis as palavras "ama teu próximo", isso é uma verdade para vós? Só é uma verdade quando realmente amais vosso próximo; e êsse amor não pode ser repetido, só a palavra. Entretanto, quase todos nos damos por felizes, satisfeitos, com a repetição: "ama teu próximo" ou "não sejas ávido". Assim, a verdade de outrem ou a experiência real que tivestes, não se torna uma realidade, através de mera repetição. Pelo contrário, a repetição impede a realidade. A simples repetição de certas idéias não é a realidade.

A dificuldade que aí se encontra é de compreender a questão, sem pensar em função do oposto. A mentira não é algo que se opõe à verdade. Pode-se ver a verdade do que estou dizendo, não em oposição ou contraste — mentira ou verdade — mas percebendo, simplesmente, que em geral repetimos sem compreender. Por exemplo, temos examinado a questão do dar nome e não dar nome a um sentimento, etc. Muitos de vós, por certo, repetireis o que se disse, pensando ser a verdade. Nunca repetireis uma experiência, se se trata de uma experiência direta. Podeis comunicá-la a outrem, mas quando se trata de uma experiência *real,* as sensações que a sustentavam, o conteúdo emocional em que se apoiavam as palavras, dissipou-se inteiramente.

Tomemos, por exemplo, a idéia de que o pensador e o pensamento são um só. Ela pode ser uma verdade para vós, que a experimentastes diretamente. Se eu vo-la repetisse, ela não seria

verdadeira, seria? — verdadeira, não como oposto de falsa, bem entendido — ela não seria *real* e, sim, pura repetição, e portanto destituída de significação. Com efeito, pela repetição criamos um dogma, construímos uma igreja, e aí nos refugiamos. A palavra e não a verdade se torna "a verdade". A palavra não é a coisa. Para nós, a coisa é a *palavra;* sendo assim é necessário o máximo cuidado para não repetir uma coisa que não se compreenda realmente. Se compreendeis uma coisa, podeis comunicá-la; mas as palavras e a memória, perderam seu conteúdo emocional. Por conseguinte, compreendendo-se isto, na conversação ordinária, tanto nossa perspectiva como nosso vocabulário se modificam.

Como estamos buscando a verdade através do autoconhecimento, e como não somos meros propagandistas, importa compreender êste ponto. Pela repetição, uma pessoa se mesmeriza com palavras ou sensações, deixa-se enredar em ilusões. Para livrar-se delas, é essencial experimentar diretamente, e para experimentar diretamente, temos de estar cônscios de nós mesmos, no processo da repetição dos hábitos, das palavras, das sensações. Êste percebimento dá-nos uma liberdade extraordinária, de modo que pode haver uma renovação, um experimentar constante, um constante estado de nôvo.

A outra pergunta é: "Que vem a ser, realmente, a mentira? Por que é errado mentir? Não é êste um problema profundo e sutil, em todos os níveis da nossa existência?"

Que é a mentira? Uma contradição, não achais? uma autocontradição. Pode-se contradizer consciente ou inconscientemente; a contradição pode ser deliberada ou inconsciente; a contradição pode ser muito, muito sutil ou óbvia. Quando é muito grande a brecha aberta pela contradição, ou a pessoa se torna desequilibrada, ou então percebe a brecha e trata de remendá-la.

Para compreender bem êste problema — o que é a mentira, e por que mentimos — devemos examiná-lo sem pensar em função do oposto. Podemos observar o problema da contradição existente em nós mesmos, sem fazer esforços para não sermos contraditórios? Nossa dificuldade, quando examinamos esta questão, consiste em que temos sempre muita pressa em condenar a mentira; mas, a fim de compreendê-la, podemos considerá-la, sem indagar o que é a verdade e o que é a mentira, porém, sim, o que é a contradição. Por que contradizemos? Por

que existe em nós a contradição? Não há um esfôrço para vivermos de acôrdo com um padrão, de acôrdo com um modêlo — uma constante aferição de nós mesmos com um padrão, um esfôrço constante para *sermos* alguma coisa, seja aos olhos de outrem, seja aos nossos próprios olhos? Existe um desejo — não é verdade? — existe um desejo de seguir alguma norma. Quando não estamos em harmonia com essa norma, há contradição.

Por que temos um padrão, um modêlo, para aferição, uma idéia a que procuramos corresponder? Por quê? Porque desejamos estar em segurança, evidentemente, porque desejamos estar protegidos, ser benquistos, tidos em bom conceito, etc. *Aí* se acha a semente da contradição. Visto que estamos procurando alcançar um certo alvo, tentando *ser* alguma coisa, *não pode deixar de haver* contradição; por conseguinte, tem de haver essa brecha entre o falso e o verdadeiro. Êste ponto é importante, como vereis, se o examinardes com vagar. Não quero dizer que não haja o falso e o verdadeiro; mas por que existe a contradição em nós? Não é porque estamos procurando *ser* alguma coisa, ser nobres, bons, virtuosos, e criadores, ser felizes, etc.? No próprio desejo de *ser* alguma coisa, há uma contradição: não ser outra coisa. É esta contradição que é tão destrutiva! Se uma pessoa é capaz de completa identificação com alguma coisa, com *isto* ou com *aquilo,* a contradição cessa; quando nos identificamos completamente com uma coisa, resulta daí egocentrismo, resistência — o que produz desequilíbrio, como é bem óbvio.

Por que existe contradição em nós? Fiz alguma coisa, que não desejo seja descoberta; pensei alguma coisa que não corresponde ao padrão — isso me põe num estado de contradição, e não gosto dêsse estado. Sempre que há aferição com algum padrão, tem de haver temor, e é o temor que contradiz. Mas, se não há "vir a ser", se não há esfôrço para *ser* alguma coisa, não existe então o sentimento de temor; não há mais contradição ou mentira, em nós, em nível algum, consciente ou inconsciente; nada mais há para reprimir ou para ostentar. Como a maior parte das nossas vidas se constitui de diferentes disposições de ânimo, nossas atitudes variam em conformidade com essas disposições de ânimo — e isto é contradição. Desaparecendo o estado de ânimo, nós somos o que somos. Essa contradição é que é verdadeiramente importante, e não o fato de dizer ou não dizer mentiras inocentes e polidas. Enquanto existir essa

contradição, teremos uma existência superficial, com temores superficiais, que temos de encobrir — de onde as mentiras inocentes e tudo o mais. Consideremos esta questão, sem indagar o que é mentira e o que é verdade, sem êstes opostos; examinemos o problema da contradição existente em nós mesmos — o que é dificílimo, porquanto, já que dependemos das sensações, quase tôda a nossa existência é contraditória. Dependemos de lembranças, de opiniões e temos muitos temores, que desejamos encobrir. E quando a contradição se torna insuportável, perdemos a cabeça. Queremos paz, e tudo o que fazemos produz a guerra, tanto no seio da família, como externamente. Ao invés de compreendermos o que cria conflito, procuramos, mais e mais, tornar-nos uma coisa ou outra, o oposto, aumentando assim a brecha.

É possível compreender por que existe a contradição em nós — não só superficialmente, mas muito mais a fundo, isto é, psicològicamente? Antes de tudo, percebemos que levamos uma vida contraditória? Queremos a paz, e somos nacionalistas; queremos evitar os males sociais, e cada um de nós é individualista, limitado, egocêntrico. Vivemos em constante contradição. Por quê? Não é porque somos escravos da sensação? Isto não é para ser rejeitado ou aceito. A questão requer profunda compreensão das coisas que estão latentes na sensação, ou seja, os desejos. Queremos muitas coisas, tôdas em contradição entre si. Usamos muitas máscaras contraditórias; pomos uma máscara, quando convém, e a retiramos quando se torna mais vantajoso e conveniente usar outra máscara. É êsse estado de contradição que cria a mentira. Em oposição a esta criamos a verdade. Mas, por certo, a verdade não é o oposto da mentira. O que tem oposto não pode ser a verdade. O oposto contém seu próprio oposto e por conseguinte não é a verdade, e para compreender êste problema profundamente, devemos estar cônscios de tôdas as contradições em que vivemos. Quando digo "amo-te", isso subentende ciúme, inveja, ansiedade, temor, numa palavra, contradição. Essa contradição é que precisa ser compreendida, e só podemos compreendê-la quando dela estamos cônscios, cônscios sem censura ou justificação — observando-a, apenas. Para podermos observá-la passivamente temos de compreender por completo os processos de justificação e de censura.

Não é fácil observar passivamente uma coisa; mas quando temos a compreensão dela, começamos a perceber todo o processo

que determina as variações do nosso sentir e pensar. Quando se percebe o inteiro significado da contradição em nós existente, opera-se uma mudança extraordinária: sois vós mesmo e não uma coisa que estais *tentando ser.* Já não estais seguindo um ideal, procurando a felicidade. Sois o que sois e daí podeis continuar. Não há então possibilidade de contradição.

30. SÔBRE DEUS

PERGUNTA: Vós atingistes o real. Podeis dizer o que é Deus?

KRISHNAMURTI: Como sabeis que atingi o real? Para sabê-lo, seria necessário que vós também o tivésseis alcançado. Não estou dando uma resposta sutil. Para conhecer uma coisa deveis estar em relação com ela; deveis ter tido também a experiência, pessoalmente e, por conseguinte, vossa afirmação de que alcancei a realidade, não tem, evidentemente, sentido. Que importa, se eu a alcancei ou não? O que estou dizendo não é verdadeiro? Ainda que eu seja o mais perfeito dos homens, se o que digo não é verdadeiro, por que me dais atenção? Ora, por certo, meu atingimento da realidade nada tem que ver com o que estou dizendo, e o homem que venera outro homem, por ter êsse outro alcançado a realidade, está, em verdade, rendendo culto à autoridade e, por conseguinte, nunca encontrará a verdade. Nenhuma importância tem compreender o que se diz sôbre a realidade, ou conhecer o homem que a atingiu, não achais?

Sei que a tradição manda "acompanhar o homem que atingiu a realidade". Mas como saber que êle a atingiu? O que se pode fazer é acompanhá-lo; mas, mesmo isso é dificílimo, hoje em dia. Há muito pouca gente boa — no genuíno sentido da expressão — gente que não esteja à procura de alguma coisa, atrás de alguma coisa. Os que estão buscando alguma coisa, ou desejando algama coisa, são exploradores, e, portanto, é muito difícil achar-se um companheiro para amar.

Idealizamos os indivíduos que alcançaram a realidade, e esperamos que êles nos dêem alguma coisa — o que constitui uma relação falsa. Como se pode estar em comunhão com um homem que atingiu a realidade, quando está ausente o amor? Esta a nossa dificuldade. Em tôdas estas discussões, não nos amamos

realmente uns aos outros; somos desconfiados. Desejais alguma coisa de mim: instrução, atingimento do real, ou minha companhia — e tudo isso indica que não amais. Como desejais alguma coisa, estais aqui para explorar. Quando amamos, realmente, uns aos outros, a comunhão é instantânea. Então não importa mais que vós tenhais alcançado a realidade e eu não, ou que estejais num plano superior ou inferior. Como nossos corações estão murchos, Deus se tornou extraordinàriamente importante. Isto é, desejais conhecer a Deus, porque perdestes a melodia do vosso coração, e saís atrás do cantor, pedindo-lhe que vos ensine a cantar. Êle poderá ensinar-vos a técnica, mas a técnica não conduz à criação. Não sois músico pelo simples fato de saberdes cantar. Podeis conhecer todos os passos de uma dança, mas se não há criação no vosso coração, estais apenas funcionando como máquinas. Não podeis amar, se vosso fim é ùnicamente alcançar um resultado. Não existe aquilo que chamamos ideal, que é apenas um alvo para ser alcançado. A beleza não é objeto que se alcance; ela é a realidade, agora, não amanhã. Quando há amor, compreende-se o desconhecido, sabe-se o que é Deus, e não se precisa de ninguém para ensiná-lo. Esta é a beleza do amor. Êle é, em si, a eternidade. Como não temos amor, queremos que alguém, ou Deus, no-lo dê. Se amássemos deveras, sabemos como seria diferente êste mundo? Seríamos verdadeiramente felizes. Por conseguinte, não colocaríamos nossa felicidade em coisas, na família, em ideais. Seríamos felizes e, conseqüentemente, as coisas, as pessoas e os ideais, não dominariam nossas vidas. Tudo isso é secundário. Porque não amamos e porque não somos felizes, pomos nosso interêsse nas coisas, pensando que elas nos trarão a felicidade, e uma das coisas em que pomos nosso interêsse é Deus.

Desejais que eu vos diga o que é a realidade. Pode o indescritível ser pôsto em palavras? Pode-se medir o imensurável? Pode-se aprisionar o vento na mão? Se o fazeis, é o vento? Se medis o que é imensurável, é o imensurável? Se o formulais, é o real? Naturalmente que não, pois no momento em que descreveis algo que é indescritível, êle não é mais o indescritível. Do momento em que traduzis o incognoscível no conhecido, êle deixa de ser o incognoscível. Entretanto, é isso o que buscamos, sequiosamente. Queremos sempre *saber*, pois teremos então a possibilidade de continuar a existir, a possibilidade — assim pensa-

mos — de conquistar a felicidade final, a permanência. Queremos saber por que não somos felizes, por que estamos lutando, insanamente, por que estamos exaustos, degradados. No entanto, ao invés de reconhecermos o fato simples — que *somos* entes degradados, estúpidos, cansados, agitados — queremos fugir do conhecido para o desconhecido, que por sua vez se torna o conhecido; dêsse modo, nunca podemos achar a realidade.

Conseqüentemente, ao invés de perguntar quem atingiu o real ou o que é Deus, por que não aplicais tôda a vossa atenção e vigilância ao que *é?* Encontrareis então o desconhecido, ou, melhor, êle virá ao vosso encontro. Se compreenderdes o que é conhecido, experimentareis aquêle silêncio extraordinário, não provocado, não forçado, aquêle vazio criador, no qual, e só nêle, a realidade pode surgir. A realidade não pode vir àquele que está em "vir a ser", lutando; só pode vir àquele que está em *ser,* que compreende o que *é.* Vereis, pois, que a realidade não está ao longe; o desconhecido não está longe de nós; êle se acha em *o que* é. Assim como a solução de um problema se encontra no problema, assim também a realidade se encontra em *o que é;* se pudermos compreender *o que é,* conheceremos então a verdade.

É sobremodo difícil ter consciência da estupidez, da avidez, da malevolência, ambição, etc. O fato mesmo de estar cônscio do que *é,* é a verdade. O que nos liberta é a verdade, e não a luta para ser livre. A realidade, pois, não está distante de nós, mas nós a colocamos a distância, porque desejamos que ela nos sirva de continuidade pessoal. Ela está aqui, agora, imediatamente. O eterno, ou o atemporal, existe agora, e o agora não pode ser compreendido pelo homem que está aprisionado na rêde do tempo. Para libertar o pensamento do tempo, é preciso ação; a mente porém, que é indolente, preguiçosa, cria sempre novos empecilhos. Essa libertação só é possível pela meditação correta, que significa ação completa — não ação contínua, e a ação completa só pode ser compreendida pela mente que compreende o processo da continuidade, que é memória — não a memória fatual, mas a memória psicológica. Enquanto funcionar a memória, a mente não poderá compreender *o que é.* Nossa mente, entretanto, o nosso ser total, se torna extraordinàriamente criador, passivamente vigilante, ao ser compreendida a significação do findar, porque no findar há renovação, ao passo que na continuidade há morte, decomposição.

31. SÔBRE A COMPREENSÃO IMEDIATA

PERGUNTA: Pode-se compreender instantâneamente a verdade de que estais falando, sem preparo anterior?

KRISHNAMURTI: Que entendeis por verdade? Não usemos uma palavra cujo significado desconhecemos. Empreguemos uma palavra mais simples, uma palavra mais direta. Pode-se compreender, entender, um problema diretamente? É isto o que se subentende na pergunta, não achais? Pode-se compreender *o que é,* imediatamente, agora? Compreendendo *o que é,* compreende-se o significado da verdade; mas dizer que é preciso compreender a verdade, tem muito pouco sentido. Pode-se compreender um problema diretamente, plenamente, e ficar-se livre dêle? Eis o que esta subentendido nesta pergunta, não é? Pode-se compreender uma crise, um desafio, imediatamente, perceber todo seu significado, e ficar livre dêle? O que se compreende não deixa vestígio; por conseguinte, a compreensão, ou a verdade, é o fator que liberta. Pode-se ser libertado, agora, de um problema, de um desafio? A vida é uma série de desafios e reações, e se vossa reação a um desafio fôr condicionada, limitada, incompleta, então o desafio deixa sua marca, seu resíduo, que se consolida ainda mais com o próximo desafio. Há, pois, constante memória residual, acumulações, cicatrizes; com tôdas estas cicatrizes quereis ir ao encontro do nôvo, e por isso nunca vos encontrais com o nôvo. Conseqüentemente, nunca chegais a compreender um desafio, nunca vos libertais de um desafio.

O problema, a questão é: se posso compreender um desafio completamente, diretamente; sentir tôda a sua significação, seu perfume, sua profundeza, sua beleza, e sua fealdade — e dêsse modo ficar livre dêle. Um desafio é sempre nôvo, não é? O problema é sempre nôvo. Um problema que tivestes ontem, por exemplo, sofreu tamanha modificação que, ao vos encontrardes hoje com êle, já é nôvo. Mas vós o enfrentais com o velho, porque o enfrentais sem transformar mas apenas modificando vossos pensamentos.

Deixai-me expressá-lo de maneira diferente. Ontem me encontrei convosco. Neste ínterim, vós mudastes. Sofrestes uma modificação, mas continuo a conservar vosso retrato de ontem. Encontro-me hoje convosco com o retrato que tenho de vós, e por conseguinte não vos compreendo; só compreendo o retrato, on-

tem adquirido. Se desejo compreender-vos, agora, que estais modificado, alterado, preciso afastar, preciso livrar-me do retrato de ontem. Em outras palavras, para compreender um desafio, que é sempre nôvo, tenho também de enfrentá-lo de maneira nova; não deve haver resíduo algum de ontem; tenho, pois, de dizer adeus ao dia de ontem.

Afinal, que é a vida? É uma coisa sempre nova, não é verdade? Uma coisa que se está sempre transformando, sempre criando um sentimento nôvo. Hoje jamais é igual a ontem, e esta é a beleza da vida. Podemos, vós e eu, enfrentar cada problema de maneira nova? Podeis, chegando em casa, encontrar-vos com vossa espôsa e com vosso filho de maneira nova, corresponder ao desafio de maneira nova? Nunca o podereis, se estais carregado das lembranças de ontem. Por conseguinte, para compreender a verdade de um problema, de uma relação, tendes de chegar a êle de uma maneira nova — não "de espírito aberto", que nada significa. Tendes de chegar a êle sem as cicatrizes das lembranças de ontem — o que significa que, ao surgir cada desafio, deveis estar cônscio de tôdas as reações de ontem, porque, estando cônscio do resíduo de ontem, das lembranças, elas se desvanecerão sem luta e, por conseguinte, vossa mente estará nova.

Pode-se perceber a verdade imediatamente, sem preparo? Digo que sim, não baseado em alguma fantasia minha, em alguma ilusão; mas experimentai, pisicològicamente, e o vereis. Tomai qualquer desafio, qualquer incidente insignificante — não aguardeis uma crise séria — e vêde como reagis a êle. Estai bem cônscio dêle, das vossas reações, das vossas intenções, das vossas atitudes, e haveis de compreendê-las, haveis de compreender o vosso fundo. Asseguro-vos que o podeis fazer imediatamente, se lhe derdes tôda a atenção. Se investigardes o significado completo do vosso fundo, êle vos será revelado e alcançareis, assim, de um golpe, a compreensão do problema. A compreensão nasce do agora, do presente, que é sempre atemporal. Ainda que seja amanhã, é sempre *agora.* O simples fato de adiar, de preparar-nos para receber o que virá amanhã, priva-nos da compreensão do que *é* (do que existe) *agora.* Por certo, podeis compreender diretamente *o que é* (o que existe) agora, não podeis? Para compreender o *que é,* tendes de estar livre de perturbação, de distração, tendes de dedicar-lhes vossa mente e vosso coração. Êle deve ser vosso único interêsse no momento, e completamente. Então, *o que é* vos re-

vela tôda sua profundeza, tôda sua significação, e ficais, portanto, livre do problema.

Se desejais conhecer a verdade, a significação psicológica da propriedade, por exemplo, se desejais deveras compreendê-la diretamente, agora, como chegareis a ela? Sem dúvida, deveis sentir-vos em afinidade com o problema; não deveis ter-lhe mêdo, não deve haver credo algum, solução alguma entre vós e o problema. Só quando estiverdes em relação direta com o problema, descobrireis a solução. Se já entrais com uma solução, se julgais, se tendes alguma relutância psicológica, o resultado, então, é que o adiais, que vos preparais para compreender amanhã o que só *agora* pode ser compreendido. Por conseguinte, nunca compreendereis. O percebimento da verdade não requer preparo; preparo implica o tempo, e o tempo não é o meio de se compreender a verdade. O tempo é continuidade e a verdade é atemporal, descontínua. A compreensão é descontínua, ocorre de momento a momento, sem deixar resíduos.

Receio estar fazendo a coisa parecer muito difícil. Ela é fácil, simples de compreender, se a quiserdes *experimentar*. Se vos pondes a sonhar, a meditar a seu respeito, ela se torna muito difícil. Quando nenhuma barreira existe entre vós e mim, eu vos compreendo. Se há franqueamento de minha parte, compreendo-vos diretamente — e êsse estado nada tem que ver com o tempo. O tempo me conduzirá à receptividade? O preparo, os sistemas, a disciplina tornar-me-ão assim aberto para convosco? Certo que não. O que me levará a êsse fraqueamento é a minha intenção de compreender. Desejo estar aberto, porque nada tenho que ocultar, porque nada temo; por conseguinte estou aberto, há comunhão imediata, há a verdade. Para se receber a verdade, conhecer sua beleza, suas delícias, é necessária receptividade instantânea, não anuviada de teorias, de temores, de soluções.

32. SÔBRE A SIMPLICIDADE

PERGUNTA: Que é simplicidade? Significa ver claramente as coisas essenciais, e rejeitar tudo o mais?

KRISHNAMURTI: Vejamos o que a simplicidade *não é*. Não digais: "Isto é negação" ou "Dizeis-nos algo positivo". Esta é

uma reação infantil, irrefletida. Os que vos oferecem o "positivo" são exploradores; oferecem-vos uma coisa que desejais, e com isso vos exploram. Não vamos fazer nada disso. Vamos tentar descobrir a verdade sôbre a simplicidade. Para isso, tendes de rejeitar, de dar as costas às idéias, e observar de maneira nova. O homem que muito tem, receia a revolução, interior e exterior.

Vejamos o que *não é* simplicidade. A mente complexa não é simples, é? A mente sutil não é simples; a mente que trabalha para a consecução de um fim, uma recompensa, ou é inspirada pelo temor, esta mente não é simples, é? A mente que está carregada de conhecimentos, não é simples; a mente que está paralisada pelas crenças, não é tampouco simples, não achais? A mente que se identifica com algo maior e luta por conservar essa identidade, não é simples. Pensamos que ser simples é possuir apenas uma ou duas tangas; queremos a ostentação exterior de simplicidade, e com ela nos iludimos muito fàcilmente. Eis por que o homem que é muito rico venera o homem que renunciou.

Que é simplicidade? Pode a simplicidade consistir na rejeição das coisas não essenciais e na procura das essenciais — o que implica escolha? Que significa essa escolha — escolha das coisas essenciais e rejeição das coisas não essenciais? Que é êsse processo de escolher? Quem é a entidade que escolhe? A mente, pois não? Não importa como a chameis. Dizeis: "Escolherei *isto*, que é essencial." Como sabeis o que é essencial? Ou tendes um padrão, representado pelo que outras pessoas disseram, ou a experiência própria vos diz que certa coisa é essencial. Podeis confiar em vossa experiência? Quando escolheis, vossa escolha está baseada no desejo, não é verdade? O que chamais "essencial" é aquilo que vos dá satisfação. E voltais, assim, ao mesmo processo, não é verdade? Pode a mente confusa escolher? Se o faz, sua escolha tem de ser confusa.

Por conseguinte, a escolha entre o essencial e o não essencial não é simplicidade: é conflito. A mente em conflito, em confusão, nunca pode ser simples. Depois de abandonar tudo isso — observando atentamente as coisas falsas, os estratagemas da mente, tornando-vos bem cônscios de tudo — sabereis por vós mesmos o que é simplicidade. A mente limitada pela crença não pode ser simples. A mente imobilizada pelo saber não é simples. A mente distraída por coisas como Deus, mulheres, música, não é simples. A mente prêsa à rotina do escritório, dos ritos, das orações, não é

simples. Simplicidade é ação, sem idéia. Mas isto é raríssimo, significa ação criadora. Porque não há criação, somos focos de malefícios, desgraças e destruição. A simplicidade não pode ser cultivada nem experimentada. Ela vem — como uma flor que desabrocha — no momento oportuno; vem, quando se compreende todo o processo da existência e das relações. Porque nunca pensamos a seu respeito, porque nunca a observamos, não estamos cônscios dela; damos valor às exteriorizações de poucas posses, mas isso não é simplicidade. A simplicidade não pode ser achada, e nada tem a ver com escolha entre o essencial e o não essencial. Só vem à existência quando não mais existe o "eu"; quando a mente não está tôda entregue a especulações, conclusões, crenças, ideações. Só essa mente livre, pode achar a verdade. Só ela pode receber o imensurável, o inefável. E aí está a simplicidade.

33. SÔBRE A SUPERFICIALIDADE

PERGUNTA: Como pode uma pessoa superficial tornar-se séria?

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, precisamos estar cônscios de que somos superficiais, não achais? Que significa ser superficial? Essencialmente, significa ser dependente, não é? Depender de estímulo, desafio, depender de outra pessoa, depender psicològicamente de certos valôres, certas experiências, certas lembranças — não é isso que faz a superficialidade? Se preciso ir à igreja tôdas as manhãs ou uma vez por semana, para me elevar, para obter ajuda, isso não me faz superficial? Se tenho de observar certos ritos para manter meu senso de integridade ou recuperar um sentimento que outrora possuí, isso não me faz superficial? Não me faz superficial o fato de identificar-me inteiramente com uma nação, com um plano, ou um determinado grupo político? Ora, êsse processo de dependência é uma evasão, uma fuga de mim mesmo; essa identificação com o maior é a negação daquilo que sou. Mas não posos negar o que sou; devo compreender o que sou, e *não* procurar identificar-me com o universo, com Deus, com um certo partido político, ou o que quer que seja. Tudo isso leva a um pensar superficial; e do pensar superficial resulta sempre uma atividade perenemente nociva, seja na escala mundial, seja na escala individual.

Antes de mais nada, reconhecemos que estamos fazendo estas coisas? Não o reconhecemos. Justificamo-las. Dizeis": "Que farei, se deixar de fazer estas coisas?" Estarei em situação pior, minha mente far-se-á em pedaços. Agora, pelo menos, luto por algo melhor." Quanto mais lutamos, tanto mais superficiais somos. Tenho de reconhecer isso, em primeiro lugar, não achais? Esta é uma das coisas mais difíceis do mundo: perceber o que sou, reconhecer que sou estúpido, superficial, estreito, invejoso. Se vejo o que sou, se o reconheço, tenho então um ponto de partida. A mente superficial, sem dúvida, é aquela que foge ao que *é;* para não fugir é preciso árdua investigação, o repúdio da inércia. Quando sei que sou superficial, já existe um processo de aprofundamento desde que eu não queira modificar a superficialidade. Se a mente diz: "Sou medíocre, e vou examinar bem isso, procurar compreender na sua inteireza a mediocridade, sua influência limitadora" — há neste caso possibilidade de transformação. Mas, se a mente que é medíocre, ao reconhecer-se medíocre, procura ser não medíocre, aplicando-se a leituras, freqüentando reuniões, viajando, mantendo-se em atividade incessante, qual um macaco, essa mente continua sempre medíocre.

Vê-se, pois, que só haverá uma revolução verdadeira, se nos aplicarmos corretamente a êste problema. A correta apreciação do problema inspira confiança extraordinária, a qual vos garanto que move montanhas — as montanhas dos nossos preconceitos e condicionamentos. Se estais cônscio de ter a mente superficial, não tenteis torná-la profunda. A mente superficial não pode conhecer as grandes profundidades. Pode ela ser dotada de grande saber e cultura, ser capaz de citar palavras — conheceis bem todo o equipamento da mente superficial e sempre ativa. Mas, se sabeis que sois superficial, sem profundeza, se estais cônscio da superficialidade, e observais tôdas as suas atividades, sem julgar, sem condenar, logo vereis que a coisa superficial desapareceu de todo, sem ter sido necessário atuar sôbre ela. Isso exige paciência, vigilância, e não um desejo ansioso de resultado, de consecução. É só a mente superficial que necessita de consecução, de resultado.

Quanto mais cônscio estiverdes dêsse processo, tanto mais fàcilmente descobrireis as atividades da mente; mas cumpre observá-las sem procurar pôr-lhes fim, porque, buscando um fim, vemo-nos de nôvo emaranhados na dualidade do "eu" e "não eu", a qual dá continuidade ao problema.

34. SÔBRE A TRIVIALIDADE

PERGUNTA: Com que deve a mente manter-se ocupada?

KRISHNAMURTI: Eis um ótimo exemplo de como nasce o conflito: o conflito entre o que *deveria ser* e *o que é*. Primeiro, determinamos *o que deveria ser*, o ideal, e depois procuramos viver de acôrdo com êsse padrão. Dizemos que a mente deveria ocupar-se com coisas nobres — a abnegação, a generosidade, a benevolência, o amor; êsse, o padrão, a crença, o que *deveria* ser, a obrigação — e procuramos depois viver de acôrdo com isso. Põe-se, assim, em andamento um conflito entre a projeção — *o que deveria ser* — e a realidade — *o que é* — e esperamos através dêsse conflito, ser transformados. Quando empenhados nessa luta pelo que *deveria* ser, sentimo-nos virtuosos, sentimo-nos bons, mas qual é mais importante: o que *deveria ser* ou *o que é?* Com que estão ocupadas nossas mentes — de fato e não ideològicamente? Com trivialidades, não é exato? Com nossa aparência pessoal, nossas ambições, nossa avidez, inveja, com a maledicência, a crueldade. A mente vive num mundo de trivialidades, e a mente trivial que cria um padrão nobre, continua, sem embargo, trivial, não achais? A questão não é o com que a mente deve ocupar-se, mas se a mente pode libertar-se de tôdas as suas trivialidades. Se estamos atentos, por pouco que seja, se investigamos um pouco, é-nos possível conhecer nossas trivialidades: o incessante palrar, o incessante tagarelar da mente, suas preocupações com isso ou com aquilo, sua curiosidade em relação ao que os outros estão fazendo ou não estão fazendo, seu esfôrço para alcançar certo resultado, suas tentativas de autoengrandecimento, etc. É com isso que vivemos ocupados, e sabemo-lo muito bem. Isso pode ser transformado? Êste é o problema, não? Perguntar com o que deve a mente ocupar-se é pura falta de maturidade. Pois bem, estando cônscio de que minha mente está ocupada com superficialidades, pode ela ser libertada dessa condição? A mente, por sua própria natureza, não é trivial? Que é a mente, senão um resultado da memória? Memória de quê? Memória, como possibilidade de sobrevivência, tanto física como psicológica, pelo desenvolvimento de certas qualidades, certas virtudes, acumulações de experiências, estabilização nas próprias atividades. Não é trivial isso? A mente, como resultado da memória, do tempo, é, intrìnsecamente, trivial.

Que pode ela fazer para libertar-se de sua própria trivialidade? Pode fazer alguma coisa? Vêde bem a importância que isso tem. Pode a mente, que é atividade egocêntrica, libertar-se dessa atividade? Não pode, evidentemente; tudo o que ela fizer será sempre trivial. Poderá a mente especular acêrca de Deus, idear sistemas políticos, inventar crenças; mas continuará na esfera do tempo, a passar de uma lembrança para outra, sempre dentro de seu limitado círculo. Pode a mente quebrar essa limitação? Ou ela, a limitação, se quebra apenas quando a mente está tranqüila, quando não está ativa, quando reconhece as próprias trivialidades, por mais importantes que as haja imaginado? Quando a mente, tendo reconhecido suas trivialidades, está plenamente cônscia delas e, portanto, de fato tranqüila — só então há a possibilidade de cessarem as trivialidades. Enquanto estiverdes indagando com o que a mente deve ocupar-se, estará ela ocupada com trivialidades... construindo uma igreja, rezando, freqüentando santuários. A mente é, por natureza, mesquinha, pequena, e se apenas dizemos que ela é mesquinha, não lhe dissolvemos a mesquinhez. Temos de compreendê-la; a mente tem de reconhecer suas atividades, e no processo dêsse reconhecimento, no percebimento dessas trivialidades que ela mesma, consciente ou inconscientemente, fabrica, a mente se torna quieta. Nessa quietude há um estado criador, e é êste o elemento que opera a transformação.

35. SÔBRE A TRANQÜILIDADE DA MENTE

PERGUNTA: Por que falais da tranqüilidade da mente, e que tranqüilidade é esta?

KRISHNAMURTI: Não é necessário, se desejamos compreender qualquer coisa, que a mente esteja tranqüila? Se temos um problema, preocupamo-nos com êle, não é verdade? Examinamo-lo, analisamo--lo, desmontamo-lo, na esperança de compreendê-lo. Ora, pode--se compreender pelo esfôrço, pela análise, pela comparação, por qualquer forma de luta mental? A compreensão, decerto, só pode vir quando a mente está muito quieta. Dizemos que quanto mais lutarmos com a questão da fome, da guerra, ou qualquer outro problema humano, quanto mais pelejarmos com ela, melhor

a compreenderemos. Mas isso é verdade? Tem havido guerras, continuamente, através dos séculos, conflitos entre indivíduos e entre sociedades; a guerra, interior e exterior, está sempre presente. Acabaremos com estas guerras, com êstes conflitos, por meio de um nôvo conflito, de novas lutas, e de planos engenhosos? Ou só é possível compreender o problema quando o encararmos diretamente, quando em presença do fato? Pode-se encarar o fato sòmente quando não há agitação de espécie alguma, interposta entre a mente e o fato; por conseguinte, não é importante, se desejamos compreender, que a mente esteja quieta?

Perguntareis, inevitàvelmente: "Como pode a mente ser tranqüilizada?" Esta é a reação imediata, não? Dizeis: "Minha mente está agitada, e como posso mantê-la quieta?" Pode qualquer sistema tornar a mente tranqüila? Pode uma fórmula, uma disciplina, quietar a mente? Pode, sim; mas quando se faz a mente ficar quieta, isso é quietude, tranqüilidade? Ou a mente fica apenas enclausurada numa idéia, numa fórmula, numa frase? Não está morta, esta mente? Eis por que a maioria das pessoas que procuram ser espirituais — supostamente espirituais — estão mortas; porque tendo exercitado a mente para a tranqüilidade, aprisionaram-se numa fórmula. Sua mente, é bem óbvio, não está quieta, mas apenas refreada, recalcada.

Só está quieta a mente, depois de perceber a verdade de que só é possível ter a compreensão na tranqüilidade; de que, se desejo compreender-vos, tenho de estar quieto, não devo ter reações em relação a vós, tenho de abrir mão de tôdas as minhas conclusões, minhas experiências, e olhar-vos face a face. Só então, libertada a mente do condicionamento que lhe impus, sou capaz de compreensão. Quando percebo esta verdade, minha mente está tranqüila — e não há mais o problema de como tornar a mente tranqüila. Só a verdade pode libertar a mente da ideação. Para perceber a verdade, a mente tem de reconhecer o fato de que, enquanto estiver agitada, não terá compreensão. A quietude, a tranqüilidade da mente não é resultado do esfôrço da vontade, nem da ação do desejo; se é, a mente está fechada, isolada, é mente morta e, portanto incapaz de adaptabilidade, flexibilidade, ligeireza. Essa mente não é criadora.

O problema, pois, não consiste em tornar a mente tranqüila, e, sim, em perceber imediatamente a verdade de cada problema

que surge. É como um lago que se torna sereno quando cessam os ventos. Nossa mente está agitada porque temos problemas e, para evitar os problemas, procuramos quietar a mente. Ora, êsses problemas foram projetados pela mente, pois não há problemas separados da mente e enquanto a mente projetar qualquer concepção da sensibilidade, praticar qualquer forma de tranqüilidade, nunca estará tranqüila. Quando a mente reconhece que só na tranqüilidade pode haver compreensão, ela se torna, então, muito tranqüila. Essa quietude não é imposta, não é disciplinada; é uma quietude que não pode ser compreendida pela mente quando agitada.

Muitos dos que buscam a tranqüilidade mental, retiram-se da vida ativa, para uma aldeia, para um mosteiro, para as montanhas, ou se recolhem às suas idéias, fecham-se numa crença, evitam as pessoas que possam causar-lhes perturbações. Êsse isolamento não é tranqüilidade mental. O fato de encerrar a mente numa idéia ou de evitar as pessoas que nos complicam a vida não produz a tranqüilidade mental. Só vem essa tranqüilidade, quando não há processo de isolamento, mediante acumulação, mas uma compreensão completa de todo o processo das relações. A acumulação envelhece a mente; só quando a mente é nova, fresca, quando está livre do processo de acumulação, só assim existe a possibilidade de alcançar a tranqüilidade mental. A mente não está, então, morta; está sobremodo ativa. A mente que está tranqüila é a mais ativa das mentes e se quiserdes experimentar, penetrar a fundo, vereis que na tranqüilidade não há projeção de pensamento. O pensamento, em todos os níveis, é reação da memória, e o pensamento nunca pode achar-se em estado de criação. Pode expressar capacidade criadora, mas o pensamento em si nunca pode ser criador. Quando há silêncio pode-se ver que nessa tranqüilidade mental, que não é um resultado, há uma atividade extraordinária, uma ação extraordinária que nunca pode ser conhecida pela mente agitada por pensamentos. Nessa tranqüilidade, não há formulação, não há idéia, não há memória; essa tranqüilidade é um estado de criação que só pode ser experimentado quando há uma compreensão completa do processo integral do "eu". De outro modo, a tranqüilidade nenhuma significação tem. Só nessa tranqüilidade, que não é resultado, pode ser descoberto o eterno, aquilo que está além do tempo.

36. SÔBRE O SIGNIFICADO DA VIDA

PERGUNTA: Vivemos, mas não sabemos por quê. Para muitos de nós, a vida parece não ter significação. Podeis dizer-nos qual é a significação e a finalidade da vida?

KRISHNAMURTI: Por que fazeis esta pergunta? Por que me pedis que vos diga qual é o significado da vida, a finalidade da vida? O que entendemos por vida? A vida tem significado, finalidade? Viver não é, em si, a própria finalidade? Por que desejamos mais? Sentimo-nos tão insatisfeitos com a vida, nossa vida é tão vazia e insípida, é tão monótono fazer a mesma coisa sempre e sempre, que desejamos mais, desejamos algo que esteja acima das coisas que fazemos. Sendo nossa vida diária tão vazia, tão monótona, tão insignificante, tão enfadonha, tão intoleràvelmente estúpida, dizemos que a vida deve ter uma significação mais rica. Aí está por que fazeis esta pergunta. Por certo, o homem que vive em plenitude, o homem que vê as coisas como são e se contenta com o que tem, não é confuso, é esclarecido e, por conseguinte, não pergunta qual é a finalidade da vida. Para êle, o próprio viver é o começo e o fim. Nossa dificuldade resulta de que, ao percebermos quanto é vazia nossa vida, queremos dar-lhe uma finalidade e por ela lutar. Tal finalidade para a vida só pode ser um mero produto intelectual, sem realidade alguma. Quando a finalidade da vida é procurada pela mente estúpida, pela mente embotada, por um coração vazio, essa finalidade há de ser, também, vazia. Nosso objetivo, portanto, é de tornar a vida rica, não de dinheiro, etc., mas interiormente rica, o que em si nada tem de misterioso. Se dizeis que a finalidade da vida é ser feliz, que a finalidade da vida é achar a Deus, não há dúvida de que êsse desejo de achar a Deus é uma fuga à vida, e vosso Deus apenas uma coisa conhecida. Só podemos encaminhar-nos para um objetivo que conhecemos; se construís uma escadaria para a coisa a que chamais Deus, essa coisa por certo não é Deus. A realidade só pode ser compreendida quando se vive, não quando se foge. Buscando uma finalidade para a vida, estais realmente fugindo, e não sabeis o que é a vida. A vida é relações, a vida é ação, nas relações. Se não compreendo as relações, ou se vejo confusas as relações, procuro um significado mais rico. Por que são tão vazias nossas vidas? Por que estamos tão sós, tão frustrados? Porque nunca nos examinamos interiormente, para nos

compreendermos. Nunca admitimos para nós mesmos que é só esta vida que conhecemos e que, por conseguinte, ela precisa ser compreendida, plena e completamente. Preferimos fugir de nós mesmos e por isso buscamos a finalidade da vida, separadamente das relações. Se começarmos por compreender a ação, que são nossas relações com pessoas, com a propriedade, com as crenças e as idéias, veremos que as relações trazem sua recompensa própria. Não precisamos procurá-la. É o mesmo que procurar o amor. Pode-se achar o amor, procurando-o? O amor não é cultivável. Só encontrareis o amor nas relações, e não fora das relações. Porque não temos amor, desejamos uma finalidade para a vida. Quando há amor, que é sua própria eternidade, não há mais a busca de Deus, porque o amor é Deus.

Porque as nossas mentes estão cheias de conhecimentos técnicos e de murmúrios supersticiosos, achamos vazias nossas vidas e buscamos uma finalidade fora de nós mesmos. Para encontrar a finalidade da vida, temos de transpor a porta de nós mesmos; consciente ou inconscientemente, evitamos enfrentar as coisas como são em si mesmas, e por isso queremos que Deus no abra uma porta, que está além. A pergunta sôbre qual é a finalidade da vida só pode ser feita pelos que não amam. O amor só pode ser encontrado na ação, que são as relações.

37. SÔBRE A CONFUSÃO DA MENTE

PERGUNTA: Tenho ouvido tôdas as vossas palestras e lido todos os vossos livros. Com a maior sinceridade venho perguntar-vos qual pode ser a finalidade da minha vida, se, como dizeis, todo pensamento tem de cessar, todo o saber suprimido e tôdas as lembranças esquecidas? Como relacionar êsse estado de ser — o que quer que êle seja, segundo vós — com o mundo em que vivemos? Que relação tem um tal existir com nossa triste e dolorosa existência?

KRISHNAMURTI: Queremos saber o que é êsse estado que só pode existir quando já não existe conhecimento e não existe conhecedor; queremos saber qual a relação que êsse estado pode ter com nosso mundo de cotidiana atividade, de obrigações diárias. Sabemos o

que é nossa vida atualmente: uma coisa triste, dolorosa, cheia de temores, e nada permanente; sabemo-lo muito bem. Queremos saber qual a relação que aquêle outro estado pode ter com êste — e, se abandonarmos todo nosso saber, se nos tornarmos livres de tôdas as nossas lembranças, etc., qual será a finalidade da vida.

Qual é a finalidade da vida, como hoje a conhecemos? — não teòricamente, mas positivamente? Qual a finalidade da nossa existência de cada dia? Permanecer vivos, não é isso? — malgrado tôdas as tribulações, todo o sofrer e confusão, guerras, devastações, etc. Podemos inventar teorias, dizer: "Não devia ser assim; portanto deve haver outra coisa." São teorias apenas e não fatos. O que conhecemos é confusão, dor, sofrimento e antagonismos intermináveis. Sabemos, também, se estamos um pouco atentos, como nascem estas coisas. A finalidade da vida, em cada momento, em cada dia, é a de nos destruirmos e nos explorarmos, quer como indivíduos, quer como coletividades humanas. Em nossa solidão, em nossa desgraça, procuramos servir-nos uns dos outros, fugir de nós mesmos — apelando para divertimentos, deuses, o saber, e todo gênero de crenças e de identificação. Tal é a finalidade, consciente ou inconsciente, do nosso viver atual. Existirá outra finalidade, mais profunda, mais ampla, fora dessa esfera, uma finalidade que não seja de confusão, de aquisição? Êsse estado livre de todo esfôrço tem alguma relação com nossa vida de cada dia?

Êsse estado, certamente, não tem relação alguma com nossa vida. Como pode tê-la? Se minha mente está confusa, cheia de agonias, solitária, como pode relacionar-se com alguma coisa não produzida por ela própria? Como pode a verdade estar em relação com a mentira, com a ilusão? Não queremos admitir isso, porque nossa esperança, nossa confusão nos faz crer em algo que é maior, mais nobre, algo que dizemos estar em relação conosco. Em nosso desespêro, buscamos a verdade, esperando que com o descobrimento da verdade, desaparecerá nosso desespêro.

Pode-se ver, pois, que a mente confusa, a mente aflita, a mente que está cônscia de sua própria inanidade, sua própria solidão, nunca achará o que está além de si. O que está além da mente só se manifestará quando as causas da confusão e do sofrimento forem compreendidas e dissolvidas. O que tenho dito e pregado, até hoje, é que devemos compreender a nós mesmos, porque sem autoconhecimento, não existe *a outra coisa*. Sem o

autoconhecimento, *a outra coisa* é apenas ilusão. Se pudermos compreender o processo total de nós mesmos, momento por momento, veremos, uma vez esclarecida nossa confusão, surgir *a outra coisa.* Então, o experimentar dessa coisa terá uma relação com o mundo em que vivemos. Mas o mundo em que vivemos nunca poderá pôr-se em relação com aquela coisa. Se estamos do lado de cá da cortina, na escuridão, como podemos ter a experiência da luz, da liberdade? Uma vez, porém, alcançada a experiência da luz, podemos pô-la em relação com êste mundo em que vivemos.

Se nunca conhecemos o amor, mas só lutas, misérias, conflitos infindáveis, como podemos experimentar aquêle amor que nada tem em comum com essas coisas? Uma vez conhecido o amor, já não precisamos ter o trabalho de procurar aquela relação. Então, o amor, a inteligência, entram em ação. Mas, para se experimentar êsse estado têm de extinguir-se todo o saber, tôdas as lembranças acumuladas, tôdas as atividades egocêntricas, para que a mente não seja mais capaz de projetar sensações. Então, com a experiência dêsse estado, haverá ação neste mundo.

Sem dúvida, esta é a finalidade da existência — transcender a atividade egocêntrica da mente. Depois de experimentar êsse estado que não é mensurável pela mente, então essa própria experiência efetuará uma revolução interior. Então, havendo amor, não haverá mais problema social. Não há mais problemas, quando há amor. Porque não sabemos amar, temos os problemas sociais e sistemas filosóficos para resolvê-los. Digo que êsses problemas nunca serão resolvidos por sistema algum, nem da esquerda, nem da direita, nem do centro. Só serão resolvidos — nossa confusão, nosso sofrimento, nossa autodestruição — quando pudermos experimentar aquêle estado que não é projetado de nós mesmos.

38. SÔBRE A TRANSFORMAÇÃO

PERGUNTA: Que entendeis por transformação?

KRISHNAMURTI: É bem óbvia a necessidade de uma revolução radical. A crise mundial a exige. Nossas vidas a exigem. Nossos incidentes, desejos, atividades, anseios de cada dia, a exigem.

Nossos problemas a exigem. Faz-se necessária uma revolução fundamental, radical, porque tudo ruiu ao redor de nós. Embora, aparentemente, exista ordem, observa-se um lento declínio, uma lenta decomposição. A onda da destruição está superando constantemente a onda da vida.

É necessária, pois, uma revolução, mas não a revolução baseada em idéia. Tal revolução é apenas um prolongamento da idéia, e não uma transformação fundamental. Revolução baseada em idéia provoca morticínios, devastações, caos. Do caos não se pode extrair a ordem. Não se pode produzir deliberadamente o caos, para esperar dêsse caos tirar a ordem. Não sois os eleitos de Deus, para criar a ordem, da confusão. Êsse modo de pensar é muito falso, próprio daqueles que estão provocando mais e mais confusão, com o fim de estabelecer a ordem, baseados na suposição de que, tendo em mãos o poder, terão todos os meios de estabelecer a ordem. Em vista da catástrofe que estamos presenciando — a constante repetição das guerras, o incessante conflito entre classes, entre pessoas, a horrível desigualdade econômica e social, a desigualdade de capacidades e talentos, o abismo que se abre entre os que são muito felizes, livres de perturbações, e os que se debatem nas malhas do ódio, do conflito e do sofrimento — em vista de tudo isso, há necessidade de uma revolução, há necessidade de uma transformação completa, não achais?

Esta transformação, esta revolução radical é uma coisa final, ou uma coisa que se verifica de momento em momento? Sei que gostaríamos que fôsse a coisa final, porque é muito mais fácil pensar em têrmos de distância. No fim, seremos transformados, no fim, seremos felizes, no fim encontraremos a verdade — mas, neste ínterim, continuemos a luta. Por certo, a mente que está pensando em têrmos referentes ao futuro, é incapaz de agir no presente; não está ela procurando a transformação e, sim, apenas, evitando a transformação. Que entendemos por transformação?

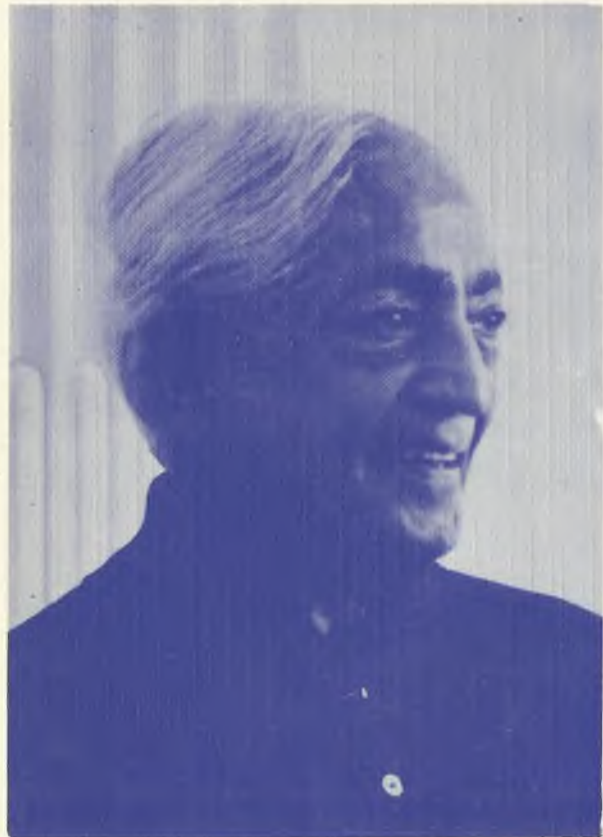
A transformação não está no futuro, não pode estar no futuro. Ela só pode realizar-se agora, momento por momento. Assim sendo, que entendemos por transformação? Ora, é muito simples: é ver o falso como falso, e o verdadeiro como verdadeiro. Ver a verdade no falso, e ver o falso naquilo que foi aceito como verdade. Ver o falso como falso e o verdadeiro como verdadeiro, é transformação, porque quando se vê uma coisa claramente, como verdade, esta verdade liberta. Quando se vê que

uma coisa é falsa, esta coisa falsa se extingue. Quando se vê que as cerimônias são vãs repetições, quando se percebe a verdade a respeito desta coisa e não se justifica a coisa, há transformação, não há? — porque é mais um grilhão que se desfaz. Quando se vê que a distinção de classes é falsa, gera conflitos, cria miséria, divisão entre os homens, se se percebe a verdade a êsse respeito, essa própria verdade liberta. O próprio percebimento dessa verdade é transformação, não achais? Se, rodeados que estamos de tantas coisas falsas, percebermos sua falsidade, momento por momento, haverá transformação. A verdade não é cumulativa. Ela se apresenta momento por momento. O que é cumulativo, o que se acumula, é a memória, e através da memória nunca se achará a verdade, porque a memória pertence ao tempo, ao passado, ao presente e ao futuro. O tempo, que é continuidade, nunca achará aquilo que é eterno. A eternidade não é continuidade. O que tem duração não é eterno. A eternidade se acha no momento. A eternidade está no agora. O agora nao é reflexo do passado, nem continuação do passado através do presente, para o futuro.

A mente desejosa de transformação futura, ou que vê a transformação como um alvo final, nunca achará a verdade, porque a verdade é uma coisa que tem de vir de momento em momento, que tem de ser descoberta sempre de nôvo; não pode haver descobrimento pela acumulação. Como se pode descobrir o nôvo, levando-se a carga do velho? Só com o desaparecimento dessa carga, se descobre o nôvo. Para descobrir o nôvo, o eterno, no presente, momento por momento, é necessário ter a mente extraordinàriamente vigilante, que a mente não esteja em busca de resultado algum nem ocupada em vir a ser. A mente que está empenhada em vir a ser, jamais conhecerá a felicidade completa do contentamento; não o contentamento da complacência, não o contentamento por um resultado alcançado, mas o contentamento que vem quando a mente percebe a verdade em *o que é,* e a falsidade em *o que é.* A percepção dessa verdade é de cada momento, e essa percepção é retardada pela verbalização do momento.

A transformação não é um fim, um resultado. A transformação não é um resultado. Resultado implica resíduo, uma causa e um efeito. Onde há causalidade, tem de haver efeito, necessàriamente. O efeito é simplesmente o resultado do vosso desejo de transformação. Quando desejais ser transformado, estais ainda

pensando em têrmos de vir a ser; quem está empenhado em vir a ser não pode saber o que é *ser*. A verdade é *ser*, de momento a momento; e a felicidade que continua, não é felicidade. A felicidade é aquêle estado de ser que é atemporal. O estado atemporal só pode vir quando há um descontentamento tremendo — não o descontentamento que se canalizou em certa via, por onde se evade, mas o descontentamento que não tem saída, que não tem qualquer via de fuga, que não está em busca de preenchimento. Só então, nesse estado de supremo descontentamento, pode a realidade manifestar-se. Esta realidade não pode ser comprada, ou vendida, ou repetida. Não pode ser colhida nos livros. Ela tem de ser encontrada a cada momento, no sorriso, na lágrima, debaixo da fôlha morta, nos pensamentos erradios, na plenitude do amor.

O amor não é diferente da verdade. O amor é aquêle estado em que o processo de pensamento, como tempo, se imobilizou completamente. Onde há amor, há transformação. Sem amor, nada significa a revolução, porque a revolução, nesse caso, é simples destruição, decomposição, miséria crescente. Onde há amor, há revolução, porque o amor é transformação, momento por momento.

KRISHNAMURTI

Enriquecido com um prefácio de Aldous Huxley sobre a importância do pensamento de Krishnamurti, A PRIMEIRA E ÚLTIMA LIBERDADE aborda uma temática ampla, que se estende da questão da integridade individual às questões institucionais com que hoje se defrontam aqueles de nós suscetíveis às soluções simbólicas e esquemáticas dos problemas. Superados os símbolos e as falsas associações, a busca da verdade pura em estado de perfeita liberdade torna-se, para o leitor e para Krishnamurti, uma empresa comum de tremenda importância, empresa para cuja execução este livro propõe o itinerário básico.